UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

SILVIO ROGERIO DOS SANTOS

“As palavras de incentivo que o sistema dá”: disputas em torno do projeto pedagógico, estético, político e ideológico da produção cultural das periferias em São Paulo.

Campinas

2024

SILVIO ROGERIO DOS SANTOS

“As palavras de incentivo que o sistema dá”: Disputas em torno do projeto pedagógico, estético, político e ideológico da produção cultural das periferias em São Paulo.

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção o título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Christiano Key Tambascia
Coorientadora: Dra. Taniele Cristina Rui

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO SILVIO ROGERIO DOS SANTOS, E ORIENTADA PELO PROF. DR. CHRISTIANO KEY TAMBASCIA.

Campinas

2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

Sa59p

Santos, Silvio Rogerio dos, 1975-
"As palavras de incentivo que o sistema dá" : disputas em torno do projeto pedagógico, estético, político e ideológico da produção cultural das periferias em São Paulo / Silvio Rogerio dos Santos. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Christiano Key Tambascia.
Coorientador: Taniele Cristina Rui.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Periferias. 2. Produção cultural. 3. Neoliberalismo. 4. Conflito social. 5. Poder (Ciências sociais). I. Tambascia, Christiano Key, 1976-. II. Rui, Taniele Cristina, 1982-. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: "The words of encouragement that the system gives" : disputes surrounding the pedagogical, aesthetic, political and ideological project of cultural production in São Paulo's peripheries
Palavras-chave em inglês:
Peripheries
Cultural production
Neoliberalism
Social conflicts
Power (Social sciences)
Área de concentração: Antropologia Social
Titulação: Mestre em Antropologia Social
Banca examinadora:
Christiano Key Tambascia [Orientador]
Maria Livia de Tommasi
Marco Alejandro Tobón Ocampo
Luiz Gustavo Freitas Rossi
Data de defesa: 15-03-2024
Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: https://orcid.org/0000-0002-3326-1499
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/6780525210553340

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 15 de Março de 2024, considerou o candidato Silvio Rogerio dos Santos aprovado.

Prof. Dr. Christiano Key Tambascia – Presidente da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. Marco Alejandro Tobón Ocampo.

Profa. Dra. Maria Lívia de Tommasi.

Prof. Dr. Luiz Gustavo Freitas Rossi.

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Secretaria de Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Dedico a todos os condenados da terra; à minha família, humana e animal, de casa e da rua, aos que se foram, aos que estão e aos que virão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (processo nº 130759/2020-1) e ao Fundo de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e a Extensão (processo nº 3541/23), pelo suporte financeiro prestado, sem o qual não seria possível desenvolver esta pesquisa, tal como foi feita.

A todo momento, durante minha vida, creio que foi uma rede de solidariedade que me trouxe até o dia de hoje. Essa rede foi fundamental também, para a elaboração desta pesquisa. Tal rede é e foi fundamental para além da elaboração desta pesquisa, ao também me propiciar momentos de cuidado, saúde mental e companheirismo, além de reflexões e aprendizados para a vida. De antemão, agradeço a todas as pessoas envolvidas direta e indiretamente neste processo. Em especial aos coletivos Ecoativa, Imargem, Perifatividade e Poesia na Brasa, tal como suas gentes.

Agradeço à Universidade Estadual de Campinas, ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, aos departamentos de Antropologia, Sociologia e Ciência Política por estes treze anos de formação acadêmica nas áreas que compõem as Ciências Sociais. Agradeço imensamente ao professor John Manuel Monteiro (*in memorian*) por me apresentar não só a antropologia, mas também os debates políticos que cabiam a esta disciplina, em Antropologia I. Agradeço ainda a Ernenek Mejía (que foi PED da disciplina de Antropologia I) que, para além de monitor da disciplina, se tornou um grande amigo, me instigando a refletir politicamente sobre a antropologia, tal qual, Mariana Petroni, que também foi PED de outra disciplina que cursei com o Professor John.

Agradeço imensamente a meu orientador e minha coorientadora – fundamentais tanto em mais este processo, como em minha estada na Unicamp – Christiano Key Tambascia e Taniele Cristina Rui, por todo apoio, dedicação, atenção, cuidado e respeito para comigo. Mais do que orientador e coorientadora, vocês são pessoas incríveis. Sem vocês, tudo isso seria muito mais dificil, com certeza. Vocês estão entre as pessoas mais humanas que pude conhecer na Unicamp. Muito obrigado por acreditarem em mim mais do que eu mesmo e por toda paciência ao longo destes anos. Especialmente ao Chris, que me acompanha desde meu segundo ano na Unicamp e que deu o pontapé inicial na minha vida de pesquisador, quando

eu nem imaginava que poderia ser um. À Taniele, para além de tudo, da parceria extraclasse e afins, fica minha eterna gratidão por me apresentar aquilo que mais me chama a atenção na antropologia, que é a antropologia urbana.

Agradeço aos colegas e professores do departamento de Sociologia pelas excelentes disciplinas e diálogos, que agregaram em muito na minha formação. Em especial os professores Fernando Lourenço, Mário Medeiros, Mariana Chaguri, Michel Nicolau e Sávio Cavalcanti. Ao Mário Medeiros – enquanto meu orientador de iniciação científica – agradeço ainda pela paciência e por todo o aprendizado em meus anos iniciais como pesquisador. Agradeço ainda as excelentes professoras Márcia Cunha, Danielle Motta e Daniela Vieira pelas disciplinas ofertadas por estas enquanto eu cursava o bacharel em Sociologia, também na Unicamp.

Agradeço aos e às camaradas funcionários e funcionárias do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, sem as quais seria impossível usar a biblioteca, as salas de aulas, os banheiros e todos os espaços comuns aos estudantes de graduação e pós-graduação. Meus mais sinceros agradecimentos ao Beneti, ao Santos, ao Benê, ao Sr. Luís, ao Ricardo, ao Guilherme, à Cecília, ao Sandro, ao Kiwi, à Marli e a Sônia. Para além do cuidado com o espaço do Instituto e para conosco, sua amizade e ensinamentos me são muito valorosos e gratificantes. Agradeço também aos funcionários da Dac – em especial ao Hugo – e também a todos amigos e amigas que fiz ao longo destes anos entre os funcionários terceirizados no restaurante universitário. Que suas condições de trabalho se tornem dignas o quanto antes e que vocês possam usufruir desta universidade tanto quanto nós, já que são o pilar fundamental da mesma.

Agradeço imensamente às assistentes sociais Cibele Papa Palmeira e Vanilda Soares Santos, por todo apoio e ajuda ao longo destes anos. Principalmente à Cibele, que me acompanha dede o dia em que cheguei na Unicamp. Sem sua atenção e dedicação, como também de todo o Sae, não teria conseguido permanecer e realizar meus interesses acadêmicos.

Agradeço às coletividades que formaram esta pesquisa e que me formaram como pesquisador: os coletivos Poesia na Brasa, Perifatividade, Imargem e Ecoativa. Que possamos seguir trocando e fortificando o diálogo franco, em firmeza permanente. Um grande abraço para Vagner Souza, Michell Chellmí JEP, Sidnei das Neves, Samanta Biotti, Sônia Bischain,

Matheus Verne, Thayame Porto, Paulo Rams, Ana Fonseca, Vinão Alô Brasil, Diego Soares, Glaucia Dantas, Adriana Santos, Terno Maciel, Helen Clavel, Negro D, Felipe Rasta, Wellington "Tim" Néri, Vanilson Fifo, Eduardo Freire, Jaison Pongiluppi Lara, Luciana Santos, Eric Felipe, Vittori Gama, Kleber Luís e Alan "Zas" Amaro. Vocês foram fundamentais para esta pesquisa, como o são para além dela.

Agradeço aos e às minhas camaradas e cúmplices, os quais seguimos juntos ao longo dos anos antes da universidade. Aos que permaneceram e aos que optaram por ir. Especialmente à Ruivo Lopes, Elaine Campos, Luiz Claudio pela troca ao longo dos anos. Agradeço ainda à Alex Pantoja por toda parceria que nunca faltou, mesmo com a distância e as obrigações com meus "sobrinhos". Agradeço também à Douglas Fusco que nunca deixou a distância ser uma pedra no caminho de nossa amizade, nem quando esteve morando em outro país.

Agradeço aqueles e aquelas que se formaram nas mesmas ruas que eu, naquele longínquo Jardim Eliana, no extremo sul de São Paulo: Alan Amaro, Alex Amaro, Rogério Meloni, Richarles, Rejane, Renata *(in memoriam)*, Fred, Cássio *(in memoriam)*, Eduardo, Evair, Jair, Edinaldo, Célia, Leandro "Filhão", Junior, Elvis, Vladimir, aos irmãos "Di Dé Lê" (Edivaldo, Décio e Leandro).

Agradeço minhas "irmãs em armas", pelas quais sou grato até hoje, pelo nosso pequeno círculo de leitura: Maria Aparecida, Adriana Lima, Adriana Cristina e Erica Araújo. Vocês foram fundamentais no meu processo de sobrevivência! E cada um de nós, sabemos o quão importante esse "clube" foi em nossas vidas.

Agradeço aos/às meus filhos e filhas postiças/os do Grajaú: Erick Chucky, Bruno Lima, Bruno Morais, Denis Morais, Marcelo Cunha *(in memoriam)*, Magno Cunha, Daniella Almeida, Dayane, Marcela, Bruna, Silmara e Sabrina. Agradeço também a filharada que adotei na Unicamp: Gustavo Reis, Matheus Daleste, Samuel Vicente, Victor Formaginni e Nathaly Eusébio.

Aos meus e minhas camaradas de oficio e de vida, agradeço imensamente por todos esses anos na Unicamp. Sem a presença de vocês nesse caminho, muito dele não seria "caminhável". Muito obrigado aos queridos/as e grandiosos/as Marco Tobón, Pedro Fermin, Rafael Monpean, Fernando Matias, Frantz Rosseau, Diumettre Jean, Charles Vagner, Agnus Lauriano, Mateus Oliveira, Murilo Van Der Laan, Aline Morais, Amanda Gonçalves Serafim,

Gabriela Goulart, Katiane Shishito, Nathália Barros, Ianca Almeida, João Rodrigo, Ingrid Possari, Rodolfo Faria, Maurício Moisés, Jorge Eduardo, Marina Padilha, Christian Ribeiro e Marina Vieira. Agradeço ainda a todas as pessoas que conviveram comigo na moradia, onde entre desentendimentos e encontros, aprendi muito e sigo aprendendo.

Agradeço especialmente ao Movimento Anarcopunk de São Paulo e a movimentação Straight Edge Política de São Paulo, tal qual o Rap Nacional, que me formaram politicamente durante as décadas de 1990/2000. O que aprendi nesses espaços, nenhuma escola me foi capaz de ensinar.

Por fim e mais importante, agradeço minha mãe, Maria Helena, pela presença constante e incondicional em minha vida, e por ter feito o melhor que pode por mim e por meus irmãos, os quais também sou eternamente grato por serem meus pais, minhas referências e inspiração. Principalmente Jean Marin e Sandro Noel por, desde muito cedo, assumirem tarefas das quais não tinham obrigação. Agradeço também ao Edmundo Oliveira e Paulo Henrique, e ao meu pai, Noel Oliveira, por todas as experiências, dificuldades e outras coisas que atravessamos juntos. Sem essa experiência familiar, com todos os seus êxitos e reveses, eu não seria quem sou.

- Há tantas revoluções hoje, que todo mundo é revolucionário. Os ricos, os pobres, a direita, a esquerda, os jovens, os velhos, os mendigos, os banqueiros... mano... como é lindo! Todos, aos mesmo tempo, em uma revolução atrás da outra. Nunca imaginei que veria tantas revoluções durante a minha vida inteira. As revoluções são tão rápidas que as pessoas nem tem tempo de implementar as mudanças, porque... "Você não soube? Tem uma nova revolução acontecendo". Outro dia fui comprar um tênis numa loja da Nike, e vi na parede, em letras garrafais: "O nosso povo importa". E eu pensei "Mano, que sensação boa!" Estou na minha loja de tênis predileta e ouço: "Eu sei que você viveu uma vida longa e que nem sempre foi fácil, mas, nos seus 54 anos mano, eu quero dizer: eu te amo!" Pensei: "Puxa, que sentimento bom!". Pensei: "Obrigado, Nike!". Aí, eu peguei um par de tênis e o preço era $139,99 dólares. Aí eu pensei: "Achei que a Nike me amasse, que apreciasse a minha vida. O que aconteceu aqui?".

- Hum...

- Olhei na loja e vi vários negros se sentindo bem também. Vi vários brancos, também se sentindo bem. Alguns até fazendo pose, gesticulando e tirando fotos do lado das letras garrafais na parede. Hahahaha!

- Hahahaha

- É verdade! Tive um sentimento e pensei: "Vai se foder, Nike! Você está pouco se fodendo pra nada nem pra ninguém! Mulçumanos chineses costuram esses tênis à sete centavos a hora e meu rabo negro importa? Me dá um tempo, porra!". (Diálogo entre Rue e Ali, extraído da minissérie Euphoria, da HBO, no episódio Trouble Don't Last Always, 2020.)

RESUMO

Esta pesquisa se insere na discussão sobre a produção cultural das periferias, seus agentes e suas reverberações no campo político e social. A partir do acompanhamento das atividades de quatro coletivos periféricos de São Paulo – o Coletivo Poesia na Brasa, que atua na Vila Brasilândia; o Coletivo Perifatividade, que atua na região do Fundão do Ipiranga; o Centro Cultural Ecoativa e o Coletivo Imargem, que atuam no Grajaú – foi investigado como são interpretadas e mobilizadas as proposições levantadas pelos coletivos culturais das periferias nos tempos atuais, partindo do pressuposto da existência de um projeto pedagógico, estético e político e ideológico por parte destes coletivos. Este, enunciado no momento do surgimento dessa movimentação, a mais de vinte anos atrás. Para tanto – através do método etnográfico – foram reconstituídos de forma analítica, aspectos históricos e formas de organização, acompanhando as ações desenvolvidas por estes grupos – assim como suas repercussões tanto no local onde atuam, como no espaço público – no intuito de conseguir uma compreensão mais substancial desse fenômeno. Ao refletir sobre a produção cultural das periferias, esta pesquisa integra uma discussão mais ampla sobre as intersecções entre cultura, poder, subjetividades, transformações e conflitos contemporâneos no fazer político nas cidades.

Palavras – chave: Periferias; Produção cultural; Neoliberalismo; Conflitos sociais; Poder (Ciências Sociais).

ABSTRACT

This research is part of the discussion on cultural production in the peripheries, its agents and its reverberations in the political and social field. Based on monitoring the activities of four São Paulo peripheral collectives – the Poesia na Brasa Collective, which operates in Vila Brasilândia; the Perifatividade Collective, which operates in the Fundão do Ipiranga region; the Ecoativa Cultural Center and the Imargem Collective, which operate in Grajaú – were investigated to see how the propositions raised by cultural collectives from the peripheries are interpreted and mobilized today, based on the assumption that these collectives have a pedagogical, aesthetic, political and ideological project. This was enunciated at the time of the emergence of this movement more than twenty years ago. To this end – using the ethnographic method – we have analytically reconstructed, historical aspects and forms of organization were reconstructed, following the actions developed by these groups – as well as their repercussions both in the place where they operate and in the public space – in order to achieve a more substantial understanding of this phenomenon. By reflecting on the cultural production of the peripheries, this research is part of a broader discussion on the intersections between culture, power, subjectivities, transformations and contemporary conflicts in the political making of cities.

Keywords: Peripheries; Cultural production; Neoliberalism; Social conflicts; Power (Social Sciences).

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01- Mapa dos bairros e distritos de São Paulo 38

Imagem 02 - Hora do lanche na Ecoativa de férias 43

Imagem 03 - Passeio ciclístico com o Balsaturismo 47

Imagem 04 - Lateral da Casa Ecoativa na Ilha do Bororé 54

Imagem 05 - Cartaz de evento na Casa Ecoativa 57

Imagem 06 - Frente do Ateliê da Margem, no Jardim Gaivotas 76

Imagem 07 - Copa Jogo de Letras: Turma do Baffô x Millyanos 80

Imagem 08 - Perifatividade em campo na Copa Jogo de Letras 83

Imagem 09 - Público presente na confraternização do Sarau da Brasa 90

Imagem 10 - Sarau da Brasa abrindo os trabalhos da noite com seus tambores 95

Imagem 11 - Capa da revista Veja São Paulo, de junho de 2018 127

Imagem 12 - Divulgação de curso oferecido na Ecoativa 161

Imagem 13 - Livros publicados pelo coletivo Perifatividade 166

Imagem 14 - Últimos livros lançados pelo coletivo Poesia na Brasa 170

Imagem 15 - Primeiros livros lançados pelo coletivo Poesia na Brasa 171

Imagem 16 - Arrecadação e entrega de cestas de alimentos org. na AMIB/Ecoativa 174

Imagem 17 - Entrega de cestas básicas pelo Perifatividade no Telecentro Sacomã 175

Imagem 18 - Doação de cestas básicas na aldeia Tekoa Itakupé, no Jaraguá, pelo coletivo Poesia na Brasa 178

Imagem 19 - Print de tela do título de um artigo do portal do Instituto Artemísia 186

TRILHA SONORA (POR ORDEM DE APARIÇÃO)

Introdução

Faixa 01 - Voz ativa (Racionais MC's), por Dexter, Djonga e Coruja BC1, Produzida por KL Jay & DJ Will (2020).

Faixa 02 - Conheço meu lugar, por Belchior, do album *Era uma Vez um Homem e Seu Tempo* (1979).

Faixa 03 - Vida Loka Pt.2, por Racionais MC's, do album *Nada Como Um Dia Após O Outro Dia* (2002).

Faixa 04 - California Über Alles, por Dead Kennedys, do album *Fresh Fruit For Rotting Vegetables* (1980).

Faixa 05 - Homem na estrada, por Racionais MC's, do album *Raio X Brasil* (1993).

Faixa 06 - Mano na porta do Bar, por Racionais MC's, do album *Raio X Brasil* (1993).

Faixa 07 - A voz do Brasil/Assassinato sem morte, por GOG, do album *Vamos apagá-los com nosso raciocínio* (1993).

Faixa 08 - Negro limitado, por Racionais MC's, do album *Escolha seu caminho* (1992)

Faixa 09 - Click, Clack, Bang, por Conexão do Morro, do album *Saiam da mira dos tiras* (1998).

Faixa 10 - É o crime!, por GOG, do album *Tarja Preta* (2004).

Faixa 11 - H. Aço, por DMN, do album *H. Aço* (1997).

Faixa 12 - Meu cordial brasileiro, por Belchior, do album *Era uma Vez um Homem e Seu Tempo* (1979).

Faixa 12 - Tightwire, por Four Walls Falling, do album *Food for worms* (1994).

Capitulo I

Faixa 13 – Fórmula Mágica da paz, por Racionais MC's, do album *Sobrevivendo no Inferno* (1997).

Faixa 14 - El Buen Borincano, por Tarancón, do album *Gracias a La Vida* (1976).

Faixa 15 - Grajauex, por Criolo, do album *Nó na Orelha* (2011).

Faixa 16 - Babel, mundo das feras, por Rebelião Mental (Jones Font'seca e Terra Preta) do single *Babel, mundo das feras* (2004).

Faixa 17 - Desordem mundial, por Metropolixo, do album *Resistência Anarcopunk* (1997).

Faixa 18 - Fio Maravilha, por Jorge Ben, do album *Ben* (1972).

Faixa 19 - Perifativos, por Perifatividade e Pânico Brutal, do album *Coletânea Perifatividade Volume 3* (2017).

Faixa 20 - Tambores da Brasa, por Poesia na Brasa, do album *Radio Sessions Brasil* (2012)

Faixa 21 - Nosso manifesto, por sarau da Brasa e Samba do Congo, do album *Nossa Quebrada* (2018).

Capítulo II

Faixa 22 - Matemática na prática, por GOG, do album *Das trevas à Luz* (1998).

Faixa 23 - Da ponte pra cá, por Racionais MC's, do album *Nada Como Um Dia Após O Outro Dia* (2002).

Faixa 24 - Matemática na prática, por GOG, do album *Das trevas à Luz* (1998).

Faixa 25 - Falcão, por MV Bill, do album Falcão, *Falcão, o Bagulho É Doido* (2006).

Capitulo III

Faixa 26 - Showbizz, por Ba Kimbuta, do single *Showbizz* (2017).

Faixa 27 - Capítulo 4, versículo 3, por Racionais MC's, do album *Sobrevivendo no Inferno* (1997).

Faixa 28 - Tira a bala, Família GOG, do album *Fábrica da Vida* (2001).

Faixa 29 - A Imagem da face, por Brado'm'Bando, do album *O Povo do Horizonte* (2008).

Faixa 30 - Antigamente Quilombos, hoje Periferias, por Z'África Brasil, do album *Antigamente Quilombos, hoje Periferias* (2002).

Capítulo IV

Faixa 31 - Propaganda, por Nação Zumbi, do album *Nação Zumbi* (2002).

Conclusão

Faixa 32 - Esquiva da esgrima, por Criolo, do album *Convoque seu Buda* (2024)

Faixa 33 - Reflexo Cru, por Ba Kimbuta, do album *Universo Preto Paralelo* (2012).

Faixa 34 - 11 de Setembro, por Dead Fish, do album *Labirinto da memória* (2024).

Faixa 35 - Jogo Sujo, por Abuso Sonoro, do compacto *Jogo Sujo* (1994).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 19
As encruzilhadas da cultura: daquilo que move e constitui a pesquisa 19
Entre becos e vielas da cultura: daquilo que move e constitui o pesquisador 25
CAPÍTULO I 37
DOS COLETIVOS, PESSOAS, CAMINHOS E SENTIDOS 37
1.1 Numa ilha, no extremo sul de São Paulo, uma casa de ecologia ativa 40
Cena I - Ecoativa de Férias 6 40
Visita ao Mirante do Bororé com Balsaturismo 44
1.2 Sobre os tijolos desta casa ecológica 50
1.3 - Uma imagem da margem no extremo da zona sul 69
Cena II – Nas margens da cidade, um ateliê. 69
Uma entrevista às margens da represa Billings 71
1.4 Sobre a composição da imagem do Imargem 73
1.5 – No Fundão do Ipiranga, a periferia na atividade 77
Cena III – Uma copa literária 77
1.6 – Sobre uma periferia em atividade 81
1.7 – Na Vila Brasilândia, um braseiro poético 87
Cena IV – Uma confraternização (em brasa!) nos tempos da pandemia 87
1.8 – Sobre o acender de um braseiro 91
CAPÍTULO II 99
NOTAS SOBRE O PROJETO PEDAGÓGICO, ESTÉTICO, POLÍTICO E IDEOLÓGICO DA PRODUÇÃO CULTURAL DAS PERIFERIAS EM SÃO PAULO 99
2.1 - O projeto pedagógico, estético e político da literatura marginal/periférica e sua reverberação "da ponte pra cá e da ponte pra lá" 99
Da ponte pra cá 99
Da ponte pra lá: "Nóis é ponte e atravessa qualquer rio!" 105
CAPÍTULO III 114
**DOS PARADOXOS CULTURAIS: CULTURA, AGÊNCIA, IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO E SOBREVIVÊNCIA DOS "SUJEITOS PERIFÉRICOS NO "GIRO NEOLIBERAL"" 114

Cultura e Agência.....115

As palavras de incentivo que o sistema dá: A "periferia neoliberal".....132

Identidade, representação e sobrevivência no "Giro Neoliberal" 143

CAPÍTULO IV.....154

A ECONOMIA DA CULTURA E A CULTURA DA ECONOMIA NA PRODUÇÃO CULTURAL DAS PERIFERIAS.....154

O turismo Ecoativo na Imargem.....157

A economia perifativa.....164

A economia em brasa.....168

Economia, pandemia e futuro 173

CONCLUSÃO 180

A ARTE QUE LIBERTA NÃO PODE VIR DA MÃO QUE ESCRAVIZA ? - REFLEXÕES SOBRE CULTURA, CIDADANIA E A FAVELA COMO POTÊNCIA 180

Peri, feria. Não fere mais? – Coletivos culturais das periferias, financiamentos e empreendedorismo.....182

A potência da "Favela S.A".....190

Personalismo, representatividade, a favela como negócio e a mentalidade empreendedora: Um novo colonialismo? Algumas questões. 195

BIBLIOGRAFIA 202

ANEXO - MODELOS DE ENTREVISTAS APLICADOS AOS INTERLOCUTORES DE PESQUISA 218

INTRODUÇÃO

As encruzilhadas da cultura: daquilo que move e constitui a pesquisa

"Nossos irmãos estão desnorteados
Ahn, entre o prazer e o dinheiro desorientados
Brigando por quase nada, migalhas, coisas banais
Prestigiando a mentira, as falhas, desinformados demais".
(Voz ativa (Racionais MC's), regravada em 2020 por Dexter,
Djonga e Coruja BC1, Produzida por KL Jay & DJ Will)

Este trabalho tem por propósito investigar a relação que a cultura produzida nas periferias estabelece com o poder público e privado, seus impactos e reverberações nos coletivos e no espaço periférico, sobretudo a partir da década de 2010 em diante. A partir da interlocução com quatro coletivos culturais das periferias de São Paulo, sendo eles o coletivo Poesia na Brasa, o coletivo Perifatividade, a Casa Ecoativa e o coletivo Imargem – os quais serão apresentados e discutidos ao longo da dissertação –, pretendo discutir as transformações ocorridas nos últimos anos no que diz respeito às propostas políticas e culturais do fazer cultural nas periferias. Para tanto, parto da hipótese de que aquilo que a antropóloga Érica Peçanha do Nascimento chamou de "*projeto pedagógico, estético e político"* (NASCIMENTO, 2009), ao qual eu acrescento o caráter ideológico, está em disputa, reverberando novos conflitos.

Essa pesquisa é um desdobramento de um trabalho anterior, uma iniciação científica, onde tive contato com a produção cultural das periferias, principalmente sua produção literária, através de coletivos – em especial os citados Poesia na Brasa e Perifatividade – que se organizavam em torno da chamada Literatura Marginal/Periférica[1] da região metropolitana

[1] Embora não haja uma unanimidade na definição da literatura produzida hoje nas periferias, optei por fazer uso do termo Literatura Marginal/Periférica usado por Nascimento (2009), por entender que essa definição é a mais comum e a mais reconhecida tradicionalmente não só pela academia, mas também pelos próprios agentes dessa produção. Porém, como faz a própria antropóloga, cabe apontar que alguns escritores da Literatura Marginal/Periférica, como Nelson Maca e Allan da Rosa propõem nomenclaturas diferentes, como Literatura Divergente e Literatura das Periferias. Para uma maior compreensão desta discussão, ver os capítulos 2 e 3 do livro "Vozes Marginais na Literatura" (2009) de Érica Peçanha, os capítulos 1 e 2 do livro "A descoberta do insólito - Literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960 - 2000)" (2013) de Mário Medeiros, o artigo de Eleilson Leite "Marcos fundamentais da Literatura Periférica em São Paulo" (2014) e a introdução do livro "Cuidado com os Poetas - Literatura e Periferia na cidade de São Paulo" de Lucía Tennina (2017).

de São Paulo. O objetivo daquele trabalho era entender como se davam as relações entre os coletivos literários as periferias e o "sistema" (termo êmico, entendido na pesquisa como o poder público e privado) após quase vinte anos do surgimento dessa movimentação literária (SANTOS, 2019). Naquele contexto, foram realizadas, além do levantamento bibliográfico, entrevistas e o acompanhamento de diversas atividades de meus interlocutores à época, como a realização de fóruns, debates e reuniões. Acrescentou-se a isso, ainda, o acompanhamento de notícias em jornais e revistas (físicos e virtuais) não só sobre meus interlocutores como também sobre outros agentes ligados à produção cultural das periferias. Ao final daquele trabalho, diversas outras questões surgiram. As novas configurações em torno dos financiamentos e parcerias para a realização da produção cultural das periferias foi a que mais me chamou a atenção. Esse aspecto orientou a dissertação de mestrado aqui presente, em que busco entender essas novas disposições entre a produção cultural das periferias e o poder público e privado, tal como seus desdobramentos.

Como afirmado acima, esta dissertação aprofunda análises que foram realizadas em uma iniciação científica que se estendeu por três anos e rendeu uma monografia[2] defendida em 2019. Já nessa época, ao acompanhar as mobilizações de meus interlocutores e outros indivíduos e coletivos envolvidos com a produção cultural das periferias, me deparei com debates, conversas e situações que denotavam visivelmente uma heterogeneidade de pensamentos e ações, mas principalmente controvérsias em relação ao discurso político mobilizado pela grande maioria desses agentes culturais das periferias, qual seja, de uma crítica contra o sistema e suas estruturas, do combate às desigualdades e injustiças e de uma unidade das periferias a partir de seus coletivos e sua gente. Um discurso aguerrido, que remetia diretamente à história dos marginalizados e à uma tradição de lutas e de movimentos populares nas periferias de São Paulo, principalmente no que tange aos princípios enunciados no surgimento da Literatura Marginal/Periférica, dos saraus organizados e em seus manifestos[3] que serviram como base para toda uma mobilização e crescimento posterior

[2] A monografia, intitulada de "O sistema é a bomba e o pavio: o projeto da literatura marginal/periférica revisto à partir dos coletivos Poesia na Brasa e Perifatividade em São Paulo", ganhou uma menção honrosa no XXVIII Concurso Fausto Castilho de Monografias - 2020" do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, está disponível para download em: https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1161981. Acesso em 12/01/2024.

[3] Os manifestos em questão, são: "Terrorismo Literário" de Ferréz (2005) e o "Manifesto da antropofagia periférica" de Sérgio Vaz (2007).

daquilo que viria a ser chamado de cultura de periferia[4]. Ainda que durante a Iniciação Científica eu tenha ficado atento à importância desta questão, nesta pesquisa de mestrado pude aprofundar algumas das reflexões a respeito da percepção dos sujeitos que produzem cultura na periferia de São Paulo sobre algumas transformações importantes acerca das oportunidades de financiamento dos projetos coletivos e individuais em que estes estavam envolvidos ou buscavam se envolver de alguma maneira.

Dessa forma, é interesse desta pesquisa indagar sobre as transformações ocorridas nestes últimos anos, no contexto da produção cultural das periferias em São Paulo, e suas implicações tanto no fazer político da cidade, quanto no fazer cultural, considerando as relações de poder aí existentes. Neste sentido, é fundamental considerar o entendimento que meus interlocutores têm destas questões e como mobilizam, atualmente, aquilo que Nascimento (2009) chamou de *"projeto pedagógico, estético e político"* no contexto da produção cultural das periferias de São Paulo. Esse projeto, segundo um dos pressupostos dessa pesquisa, está em disputa. Ademais, no que tange esse pressuposto da disputa, acrescento ainda a importância de pensar sobre o viés ideológico ao projeto enunciado por Nascimento, que subjaz à produção cultural das periferias.

Apesar da enorme discussão sobre ideologia nas ciências humanas, a partir de seu entendimento como *"ciência das ideias"* por Antoine Destutt de Tracy (WOLF, 2001) com diversas definições que vão desde a falsa consciência apontada (MARX, 2007), passando pelos *"aparelhos ideológicos do Estado"* (ALTHUSSER, 1992) e as leituras de sua relação com a cultura (GEERTZ, 2008; WILLIAMS, 1979, 2007; WOLF, 2001), o aspecto que melhor serve aos interesses desta pesquisa, se refere ao conceito tal como elaborado pelo filósofo italiano Antonio Gramsci e desenvolvido pela crítica. Ideologia, no sentido adotado nesta dissertação, segue o conceito expresso no respectivo verbete do Dicionário Gramsciano, significando uma *"visão ou concepção de mundo concebida num sentido mais amplo"*[5] (LIGUORI e VOZA, 2017, p. 401). Ainda, de acordo com o verbete, *"cada camada social tem sua consciência e sua cultura, isto é, sua ideologia". (...) A ideologia identifica um grupo ou camada social. O termo se articula em uma família de lemas que é também uma*

[4] Cultura de periferia é um termo usado tanto por ONGs, pelo poder público e/ou privado, como por parte dos produtores culturais das periferias para designar a cultura produzida nas periferias. Para maiores informações ver Aderaldo (2017).

[5] A partir daqui, as citações textuais de autores no corpo do texto, dentro dos parágrafos, acontecerão entre aspas e em itálico.

família de conceitos: ideologia, filosofia, visão ou concepção de mundo, religião e fé (em sentido crociano), conformismo, senso comum, folclore, linguagem" (LIGUORI e VOZA, 2017, idem). Ou seja, recupero aqui o sentido original do conceito para refletir sobre as formas de compreensão sobre o mundo de meus interlocutores de pesquisa.

De forma reflexiva semelhante, ainda é do interesse desta pesquisa discutir também o modo que o conceito de cultura é mobilizado não apenas entre meus interlocutores, mas também pelas agências de fomento, sejam elas públicas ou privadas. Por fim, é de igual relevância para esta pesquisa entender as práticas e subjetividades estimuladas na intersecção entre política, cultura e periferias. Assim, através de todos esses anos de pesquisa e acompanhamento da produção cultural das periferias – partindo inicialmente da produção literária e hoje acompanhando coletivos que produzem cultura nas mais distintas linguagens e com uma heterogeneidade de discursos e práticas políticas – o ponto crítico de análise desta pesquisa tem sido a mobilização do empreendedorismo junto à produção cultural das periferias. Mobilização, esta, performada não só por parte do poder público, mas também por parte de instituições privadas que "financiam" tais produções e por parte dos próprios produtores culturais das periferias.

Um ponto crucial nesse processo atual da pesquisa, assim como no anterior, foi e ainda é a reflexão etnográfica produzida a partir do trabalho de campo e as formas como o realizei. Mesmo com a pandemia[6], com suas imposições e restrições, o campo – ainda que realizado a conta gotas, com um misto de vontade, desespero e receio – trouxe perspectivas potentes sobre como a realidade têm se apresentado cada vez mais complexa nesse caldo espesso que é a cultura produzida nas periferias. No plano mais amplo, da relação entre política e cultura, é preciso considerar o corte de verbas[7] e a diminuição de projetos, o fim de parcerias e financiamentos públicos, bem como os cortes significativos em editais[8], mas também a readequação de diversas atividades para o modo virtual e online. Entretanto, é

---

[6] O campo desta pesquisa foi realizado entre os meses de agosto de 2020 à fevereiro de 2022.

[7] "Bolsonaro bloqueia quase R$ 1 bilhão da Educação, Cultura e Esportes". Brasil de Fato (31/07/2019): https://www.brasildefato.com.br/2019/07/31/bolsonaro-bloqueia-quase-rdollar-1-bi-da-educacao-cultura-e-esportes. Acesso em: 12/01/2024.

[8] "São Paulo: Congelamento de verba para cultura impacta periferias, dizem ativistas". Brasil de Fato (16/05/2017): https://www.brasildefato.com.br/2017/05/16/sao-paulo-congelamento-de-verba-para-cultura-impacta-periferias-dizem-ativistas. Acesso em: 12/01/2024.

igualmente importante refletir sobre transformações no cotidiano vivido por meus interlocutores de pesquisa: as periferias regredindo brutalmente ao passado da fome, do desemprego e da escassez de direitos mais básicos como saúde e alimentação. Ambas as frentes, vítimas do projeto de desmonte de um governo federal covarde, agravado pela pandemia do vírus da Covid-19. É importante ressaltar a velocidade destas transformações: isto ocorreu no intervalo de quatro anos (2019 – 2022), em que as conquistas que eram celebradas nas periferias foram contrapostas com uma percepção de que parecem ter retrocedido em quase quarenta anos.

Esta pesquisa que, inicialmente foi pensada para acontecer com a realização de um trabalho etnográfico de seis meses ininterruptos de campo em três regiões da cidade de São Paulo – o distrito do Grajaú, no extremo sul; o Fundão do Ipiranga[9], na região sudeste; e a Vila Brasilândia, na zona norte -, também se readequou ao momento, adaptando-se consideravelmente ao modo virtual, seja acompanhando lives, redes sociais e demais atividades de meus interlocutores e outros agentes culturais das periferias, seja realizando entrevistas via Google Meet e outras plataformas digitais de comunicação online. No entanto, realizei este trabalho etnográfico sem perder as esperanças de uma mudança positiva na sociedade como um todo, a fim de também de poder realizar um trabalho de campo, ainda almejado.

Desta forma, fiz algumas incursões à campo – mediadas pela flexibilização do isolamento social – bem tímidas, se comparadas ao projeto inicial. Para além das atividades virtuais, oferecidas somente por dois dos coletivos interlocutores (Poesia na Brasa e Perifatividade), consegui acompanhar algumas atividades presenciais de cada grupo: Uma atividade de confraternização após um ano de pandemia/isolamento social – em dezembro de 2021 – e um sarau no pós pandemia – em março de 2022 – com o Poesia na Brasa; duas atividades esportivas durante a flexibilização na pandemia – nos meses de setembro e outubro de 2021 – e um sarau pós pandemia – em Abril de 2022 – com o Perifatividade; e uma atividade de três dias, além de um passeio turístico de base comunitária com a Ecoativa – em janeiro de 2022 –, ao final do isolamento social. Algumas outras atividades não bateram com meu estado de saúde, onde tive suspeita de Covid-19 por duas vezes, e não consegui

[9] O "Fundão do Ipiranga" é como os moradores da região do Ipiranga nomeiam a mesma. Ela compreende os bairros Jardim Clímax, Parque Bristol, Jardim São Savério, Jardim Maristela, Boqueirão, Heliópolis e Vila das Mercês.

comparecer às mesmas, como foi o caso de uma atividade com o Imargem, durante a flexibilização.

Sobre as entrevistas, vale apontar que foram divididas em dois grupos: dez entrevistas realizadas com as figuras-chave de cada coletivo e seis realizadas com pessoas (o público) que frequentavam ou frequentaram em algum momento, as atividades organizadas por estes coletivos. As entrevistas com o público frequentador foram realizadas mediante a indicação dos próprios integrantes dos coletivos. A ideia inicial era entrevistar um número maior de pessoas parte do público frequentador, no entanto por questões explicadas anteriormente, acabei por realizar essas entrevistas com duas pessoas indicadas por cada coletivo. Dentre os tópicos da entrevista, além de reconstituir a trajetória das pessoas entrevistadas, busquei entender a relação das mesmas com a cultura produzida nas periferias, os coletivos culturais, a representatividade, o empoderamento e o empreendedorismo[10].

A despeito das possibilidades abertas pelas ferramentas digitais (empregadas pelo antropólogo, mas também por seus interlocutores de pesquisa para a manutenção de suas atividades culturais), vale reiterar a potência do campo presencial, mesmo diante de condições incomuns, permeadas pela incerteza e apreensão, mas principalmente pela perda de entes queridos. É digno de nota assinalar que a despeito das dificuldades e da dor que o contexto político dos últimos anos impôs, as pessoas me receberam em suas casas, locais de trabalho e nos espaços onde organizavam suas atividades, para falar sobre suas histórias, trajetórias, sonhos, angústias e perspectivas sobre seu fazer cultural nas periferias. As trocas, a intimidade, o estranhamento, o reconhecimento, as convergências e dissonâncias são de grande valia tanto para a confecção desta pesquisa como para a construção deste indivíduo que a escreve. Sou muito grato a essas pessoas não só por construírem comigo esta pesquisa, mas também e principalmente pela generosidade e confiança para com minha pessoa. Dito isto, vamos aos meandros da pesquisa.

Durante a iniciação científica, tive por interlocutores os integrantes de dois coletivos culturais das periferias – O coletivo Perifatividade e o coletivo cultural Poesia na Brasa. Em ambos, a principal atividade era a organização de saraus e outras atividades ligadas ao que se convencionou denominar de Literatura Marginal/Periférica. Paralelamente à pesquisa com

[10] Os roteiros de entrevista estão disponíveis, em anexo, ao final deste trabalho.

estes sujeitos, passei a acompanhar, também, o universo midiático que diz respeito à Literatura Marginal e Periférica de São Paulo – afinal, parte da força das disputas e tensões que me proponho a analisar nesta dissertação é produzida em uma arena pública (e pelo fato de ser pública). Assim, foi importante refletir sobre as notícias veiculadas em diversos meios de comunicação e que envolviam as mobilizações em torno não apenas desses coletivos como também de diversos outros atores e questões relacionadas ao tema da produção cultural das periferias, em especial, a literária.

Entre becos e vielas da cultura: daquilo que move e constitui o pesquisador

"O que é que pode fazer o homem comum, neste presente instante
Senão sangrar, tentar inaugurar, A vida comovida,
Inteiramente livre e triunfante?"
(Conheço meu lugar, Belchior, 1979)

Faz oito anos que tomei alguma coragem para tentar ser pesquisador, na empreitada de exercer o ofício em torno da produção cultural das periferias. E são sete anos desde que comecei a pesquisar de fato, tal tema. E foi tal qual um dito popular do lugar que eu vim, *"o bagulho é doido e o processo é lento"*, pode acreditar. Foi doido não exatamente pela qualidade/quantidade deste trabalho, mas por derivar de uma realidade a qual certos tipos de pessoas como eu, passaram, passam e, possivelmente, irão passar, com todos seus desafios sociais, raciais e geracionais. E como dizia Frantz Fanon, *"[c]ada geração, numa relativa opacidade, deve descobrir sua missão, cumpri-la ou traí-la"* (FANON, 2022, pág. 207). Espero estar cumprindo a minha. Mas sob certos olhares, posso estar traindo-a. Que as leituras comprometidas feitas pelos sujeitos próximos de meu campo de estudos – que mais do que livros, também leem o mundo e lutam para construir uma nova humanidade fora dos ditames estabelecidos da modernidade – batam o martelo.

Esta parte da introdução, que num primeiro olhar poderia ser percebida como uma espécie de autoetnografia, não o é. Também não se trata de "autenticar" minha escrita ou torná-la um "retrato fidedigno" da realidade das periferias. Antes de tudo, esta é uma interpretação crítica de um cientista social que nasceu e viveu a maior parte de sua vida numa das maiores periferias de São Paulo, no extremo sul desta metrópole. Entretanto, creio que minhas escolhas analíticas podem ser justificadas para além destas reflexões. Estas dizem respeito principalmente a algumas leituras que foram feitas de meus trabalhos anteriores, em que era questionado – sem que se soubesse de minha origem racial e social – se não deveria

ter vivido em uma periferia ou ter contato “mais orgânico” com algum movimento cultural para afirmar determinadas coisas que afirmo. Ou ainda, dizem respeito às leituras que outros intelectuais periféricos fizeram de mim, julgando que eu estava reproduzindo discursos da academia, desconectados da realidade. As ponderações sobre estas posicionalidades, por fim, também decorrem da reflexão feita sobre alguns discursos que ouvi sobre “não ser mais da periferia”, em discussões no campo. Trata-se de uma fala de antigos conhecidos, a fim de deslegitimar minha crítica à lógica neoliberal que sequestra subjetividades; Fala feita em resposta às visões que não pude deixar de compartilhar em vários momentos durante a pesquisa com meus interlocutores, ainda que esta mesma crítica também encontre legitimidade por certos sujeitos nas periferias. Estas notas iniciais mostram-se relevantes na medida em que este tensionamento sobre algumas fronteiras, especialmente entre a academia e este universo da periferia, deixam mais evidentes alguns dos sentidos constituídos sobre questões centrais de minha pesquisa: cultura, arte, política, mas também outros capitais sociais que são mobilizados, muitas vezes, em termos contrastantes.

Disto isto, é necessário trazer à tona esta trajetória também marcada pelo acesso, ainda que precário, à cultura, em seu sentido mais amplo. Acesso que possibilitou, dentre tantas coisas, minha formação política, crítica, humana e de caráter. Que possibilitou, ainda, me entender enquanto pessoa, em minhas posições de classe e raça, e como agente do meu tempo e da minha responsabilidade. No fundo da zona sul, na metade da década de 70, foi onde nasci e cresci, tendo vivido lá basicamente toda minha vida. Rebento de família nordestina e interracial, fui o quarto de cinco crias de um casal de Sergipanos: um homem afro-indígena e uma mulher visualmente branca, mas sem “brasão familiar”. Esta última, por sua vez, queria que os filhos estudassem, para ter uma vida e um emprego melhor do que os que ela teve. E brigou, inclusive com seu esposo, para que isso acontecesse. Um dos filhos espanou, deu uns tropeços complicados na vida e foi embora de casa mais cedo. Mesmo assim, e após meu pai nos deixar, essa mulher não arredou o pé. Para viver com ela, tinha que estudar, dentre outras obrigações. Mas ela mesmo, só tinha o quarto ano do Mobral.

Essa mulher – popularmente conhecida por minha genitora – era (e ainda é, para minha sorte!) muito “criteriosa”. A rua, a diversão e afins, para nós, filhos, eram mediadas pelos afazeres domésticos. Algo peculiar para a criação de filhos homens, principalmente, na época. E fazia o que podia, mesmo sem muito sucesso, para que ficássemos em casa e não na rua. Até mesmo quando, atenta aos trabalhos de escola, ela passava um sermão sobre ir e

voltar da rua para a casa. Com o tempo, comprou uma Enciclopédia Cultural Tese, dessas que eram vendidas de porta em porta nos anos 80, em 18 volumes, para evitar nossas idas às bibliotecas. Até porque as bibliotecas eram longe de nossa casa: a mais perto ficava no distrito de Santo Amaro. Na época, não havia bibliotecas nem na escola e nem no bairro em que morávamos. Assim, a dona genitora se esforçava para unir o útil ao agradável e tentar "tomar as rédeas das suas crias". Ela tinha medo pela gente, naquele Jardim Eliana dos anos 1980 e 1990, lá no fundão do distrito do Grajaú, onde vivíamos.

O bairro era muita treta, já na época. Vários "vida lokas da história"[11] forneciam relatos criminais que corriam o bairro. Inclusive um de nós, filhos da dona genitora em questão. A baratinha e os camburões[12] tocavam o terror na quebrada. A primeira era cotidiana, fazia ronda. A segunda, quando aparecia, todo mundo corria pra dentro de casa, esperando o pior. A juventude preta e periférica masculina era o alvo, como o é até hoje. Mas ainda não corriam termos como "necropolítica" para definir analiticamente essa política de violência cotidiana e estrutural, ou então "vidas nuas", que eu veria na universidade, muitos anos mais tarde. E ainda não havia o nome de certas coisas, como o racismo, a desigualdade, a injustiça social, o capitalismo e o imperialismo, que eu iria aprender com os punks e os rappers logo menos, no final dos anos 1980 e início dos 1990. Essas coisas aconteciam e "era assim mesmo, porque éramos pobres e pretos", como sempre ouvia.

Além da enciclopédia tese, na minha pré-adolescência, descobri que tinha uma outra biblioteca em casa. Uma biblioteca viva. Meu segundo irmão mais velho, gostava muito de ler e escrever, além de ser um *precursor do heavy metal* no bairro. Gostava muito de literatura, de romance e poesia. Além de música e de história. Todas minhas referências sobre rebeldia e política vieram dele, inegavelmente. No entanto, apesar de gostar de história, quando cursou o ensino superior foi fazer Comunicação Social, mas nunca trabalhou na área. Esse curso foi pago pela dona genitora, numa faculdade local, a OSEC (atual Unisa). Era uma vontade que ele tinha, apesar de minha família não ter condição. Lembro de como foi a negociação para que pudesse estudar. Ele não teria mais dinheiro para sair e a *dona genitora*

---

[11] Faço aqui uma referência ao personagem "Dimas, o bandido (...) primeiro vida loka da história" da música Vida Loka Pt.2 do Racionais M'cs, presente no álbum "Nada como um dia após o outro dia", de 2002.

[12] "Veraneio da Rota e Fusca 'Baratinha': carros da PM-SP que nem marcas têm..." – UOL (10/06/21): https://www.uol.com.br/carros/noticias/redacao/2021/06/10/veraneio-da-rota-e-fusca-baratinha-joias-da-pm-sp-que-nem-montadoras-tem.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 13/01/2024.

não lhe compraria mais nenhum *luxo*. O *luxo* era dinheiro para comprar cigarros, sair e comprar discos. Era uma espécie de pagamento por meu irmão trabalhar com ela, vendendo Tupperware (Tapauér para os íntimos). Era esse irmão que me apresentava músicas, desde metal, punk, mpb até música brega. Ele falava das letras, das histórias dos artistas, das músicas que faziam referências a livros que, sempre que podia, também me mostrava. E sim, além da enciclopédia tese, meu irmão mais velho, que trabalhava de mecânico com um tio nosso, assinava o círculo do livro[13].

Essa assinatura, me permitiu o acesso a vários clássicos. Desde autores nacionais, como José Louzeiro, até autores como Aldous Huxley. Daí para Stephen King, Adelaide Carraro, Rubem Fonseca, Augusto dos Anjos, Álvares de Azevedo e Carolina de Jesus, entre outros e outras autoras, foi um pulo. Mas era a combinação de música e livro que fazia brilhar meus olhos. A combinação que mais me marcou nessa época, no final dos anos 80, foi o contato com a citação do clássico do George Orwell, "1984" na letra de *California Uber Alles*[14] da banda punk estadunidense *Dead Kennedys*[15]. A relação da letra com a literatura e os aspectos totalitários da política contidas ali, me cativaram nessa época de descobertas. Para minha sorte, ou não, meu irmão tinha este livro, que eu li vorazmente e caiu na minha cabeça como um tijolo, literalmente. Tal relação me levou até o livro *Brasil: Nunca Mais!*, que tratava da ditadura militar no Brasil e me apresentou a questão dos direitos humanos como um valor em nada abstrato, no contexto em que constituía-me como sujeito. Vale citar ainda que esse meu irmão foi filiado ao PCB (Partido Comunista Brasileiro) durante um tempo, tendo passado a frequentar reuniões do PC do B (Partido Comunista do Brasil) depois, e circulado com algumas pessoas do PT (Partido dos Trabalhadores) da nossa região também.

[13] O Círculo do livro foi um clube de assinatura de livros que funcionou de 1973 até o final da década de 1990, chegando a possuir 800 mil associados. Para maiores informações ver Reis e Musse (2021).

[14] "California Über Alles' é uma porrada política". Bem Rock (31/07/20): Disponível em: https://bemrock.com/2020/07/31/california-uber-alles-e-uma-porrada-politica/. Acesso em 13/01/2024.

[15] O Dead Kennedys foi uma banda de punk rock estadunidense criada em 1979, bastante conhecida por suas letras altamente politizadas e sarcásticas. Para maiores informações ver Ogg (2014).

E foi esse mesmo irmão que, nos anos 90, me levou para o movimento Anarcopunk[16], para o Straight Edge[17] e para o Anarquismo e o Vegetarianismo. Tudo de uma vez só.

Como muitos de meus interlocutores e de outros escritores das periferias relataram, ler na quebrada nunca foi fácil. E para mim não era diferente. Retraído, impopular entre as garotas, ruim no futebol e com pavor do crime, os livros e a música se tornaram minha válvula de escape. Mas não escapei de ser chamado de "viado", "louco", "doido", "estranho", "esquisito" e afins, tanto por homens como por mulheres. Andar com um livro na mão, fora da escola, nessa época era um tanto quanto incomum na quebrada. Mas não, isso não significa que eu era melhor ou pior que meus semelhantes. E nem que sofri horrores por isso. Oras, se tratava de uma particularidade complexa: livros sempre estiveram associados com a escola para a gente. E a escola não era algo assim exatamente estimulante. Nunca me senti representado na escola. Nunca senti que eu aprendia algo para a vida na escola. Isso só começou a mudar quando me envolvi com o punk e o anarquismo, no começo do ensino médio, quando encontrei uma direção para minhas frustrações e questões que não cabiam em casa. Foi a partir do meu envolvimento com o punk e o anarquismo que a importância do conhecimento passou a tomar um sentido mais estrito. Até porque, a busca por conhecimento, a vontade de estudar, ler e desenvolver um senso crítico, nunca foi permitida para pessoas como nós, da minha família, ou do meu bairro. Nunca fomos estimulados para tal. Muito pelo contrário.

Eis que já quase na metade dos anos 1990 (pra ser mais exato, em 1994), um disco de rap – com letras contundentes contra o racismo, a violência policial e o assassinato de jovens pretos e pobres – caiu na nossa mão, em casa. Eu já estava bastante engajado com o movimento Anarcopunk e o Straight Edge, bem como fazia parte de coletivos culturais, artísticos e políticos. As letras deste disco eram legítimas etnografias do momento histórico, retratando fielmente o cotidiano violento das periferias, e foram produzidas por um grupo de jovens também das periferias. O nome deles eram Racionais Mc's. E o nome do disco era Raio X Brasil. *"Homem na Estrada"* e *"Mano na Porta do Bar"*, músicas do álbum, se tornaram hinos, naquele meio em que vivia, mas que também alcançaram outros espaços

[16] Surgido na Inglaterra, ao final da década de 70, Movimento Anarcopunk é uma derivação mais politizada do punk, com forte influência do anarquismo. Para maiores detalhes sobre o Anarcopunk em São Paulo, ver Ribeiro (2019).

[17] Nascido nos EUA, mais precisamente em Washington DC, o Straight Edge é uma derivação do punk que tem como pilares o não uso de drogas e a não prática de sexo promíscuo. Para mais detalhes, ver Bittencourt (2014).

marcados por violência e desigualdade. Nunca ninguém tinha falado da periferia daquele jeito, nem os próprios punks que, até então, ainda eram periféricos. Esse foi o momento que alguns de nós, punks, começaram a prestar atenção no rap. Em casa, inevitavelmente, também começamos a ouvir rap, a contragosto da genitora. Diferentemente do punk, as relações raciais e a negritude eram temáticas centrais para este grupo musical. Novamente, a relação entre música e mundo dos livros se fez presente. Porém, de forma renovada. Além de diversas capas de discos de rap, com os cantores portando livros e armas – como a emblemática capa de "Vamos apagá-los... com o nosso raciocínio" (GOG, 1993) ou "Escolha seu caminho (Racionais MC's, 1992) – as referências nas músicas eram outras, daquelas com as quais estava acostumado, ampliando meus horizontes. As letras falavam sobre *"sair da mira dos tiras"*(CONEXÃO DO MORRO, 1998), sobre *"o crime de ser consciente na voz arrogante"* (GOG, 2004), ou ainda sobre a necessidade de *"ser mais um braço, um guerreiro, arregaço. Contra o poder ser a pedra no sapato. Sem marra, mentira, incerteza, sem falha"* (DMN, 1999).

Esta trajetória de descobertas é fundamental para entender o espaço em que me constituí como pesquisador, pavimentando as referências que orientaram meu fazer etnográfico e a reflexividade crítica que está por detrás da maneira como mobilizei a literatura acadêmica. Por exemplo, foi através do Rap/Hip Hop que li sobre Malcolm X, Panteras Negras, Zumbi dos Palmares. Foi a partir do Rap/Hip Hop que conheci intelectuais e intérpretes atentos aos cruzamentos entre cultura, política e posição social, como Leci Brandão, Benedita da Silva, Sueli Carneiro, Geledés (Instituto da Mulher Negra), MNU (Movimento Negro Unificado), Abdias do Nascimento. Foi desta forma que tomei contato mais próximo com a luta antirracista, junto ao movimento negro. Já nessa época, ouvir música era uma extensão de ler e vice-versa. Parecia impossível você ouvir uma música e não se envolver de alguma maneira com aquele universo de referências críticas, que era retratado nas letras e na composição. Nesta época também tive contato com diversos coletivos, bem como com o campo da produção de fanzines, além de uma retomada na militância anarquista, através da participação em grupos de estudo, por exemplo. É importante destacar que isto tudo ocorria sobretudo fora da escola e dos demais espaços institucionais do saber. Este foi um dos maiores momentos de potência e transformação da minha vida, não se igualando a nenhum outro nesse sentido. O conhecimento tinha uma aplicação prática, ainda que essas práticas também carregassem muitas contradições consigo.

E foi justamente esse caminho e principalmente essa combinação, de livros e música, que me deu subsídios para entrar na universidade, após quinze anos de minha formação no ensino médio. É possivel que você pense, “Porra, demorou tudo isso? Esse tal acúmulo seu aí não serviu pra muita coisa, hein?”. Mas os fatos são outros. Sou de uma geração em que a universidade pública era um país distante, com um idioma e pessoas muito distintas, mais do que ela é hoje. Não era feito para as pessoas de onde eu vim. A escola pública nos estimulava, no máximo, a arrumar um emprego e olhe lá! E a sobrevivência, com uma família pobre de sete pessoas, era primordial na minha casa. Já no ensino médio, comecei a trabalhar fora de casa. Antes disto eu trabalhava no âmbito familiar, ajudando minha mãe com a casa e com a venda de bugigangas. O estudo universitário era um luxo que a gente não podia se dar e muito menos pagar, na época. Até porque minha mãe já havia feito das tripas coração para pagar a faculdade que meu irmão fez. Meu outro irmão, mais velho, que também conseguiu começar um curso de Administração, mesmo já trabalhando, não conseguiu terminar porque não conseguia mais pagar. A urgência da vida apontava para outros caminhos que, mesmo a contragosto, tive que seguir. Mesmo tentando alterar a rota. Já eu, ao acessar a universidade pública, diferente deles, pude me dedicar mais ao estudo, mesmo com todas as questões que implicam ser um bolsista de auxílios sociais numa universidade pública

Eis que então, no ano de 2007, decidi voltar a estudar oficialmente. Já havia programas de ingresso acadêmico, como o PROUNI (Programa Universidade para todos) ou o FIES (Fundo de Financiamento Estudantil) e afins, para que fosse possível ingressar em uma instituição de ensino particular, mas eu queria estudar em uma universidade pública. Já mais consciente sobre o que era a universidade, eu achava injusto ter estudado a vida toda em escolas públicas e ter que pagar para fazer o ensino superior, enquanto as crianças ricas que não tinham passado um terço do que vivi, e que sempre estudaram em colégios particulares, com acesso a tudo e mais um pouco, fizessem da universidade pública seu habitat natural, quase que privado.

O contato com a cultura me possibilitou essa trajetória. Me deu consciência crítica para fazer algumas escolhas, dentre as poucas que tive ao longo do caminho. Me auxiliou a trilhar o caminho das pedras, até que eu percebesse que além de machucar meus pés, as pedras também poderiam ser atiradas *“contra quem me dá duro, com o dedo na cara, me mandando calar”* (BELCHIOR, 1979).

Mas antes que isso se transforme numa história de superação individual, meritocrática, tão a gosto das estruturas de poder, tão em voga e tão difundida também pelos meus iguais, é preciso se fazer um parênteses. Tive o privilégio de ter alguma estrutura familiar, ainda que bem complexa, e de ter contato com livros e discos desde cedo, não exclusivos ao ambiente escolar. Tive o privilégio de conviver com irmãos mais velhos que se interessavam por cultura e pude fazer o uso disto do melhor jeito que pude, em meio a muitas forças contrárias. Foi justamente a cultura que me fez ter uma compreensão do que estava contra mim: a concentração de renda e de terra, a desigualdade, o racismo, o sexismo, o machismo, a violência material, física e subjetiva, o capitalismo, o colonialismo, o imperialismo. Foi o acesso à cultura e a relação que estabeleci com a mesma que me municiou, me informou e me formou para sobreviver no inferno destinado aos de minha origem social e racial. Foi a cultura que me possibilitou entender que só me organizando – como os zapatistas – "desde abajo y a la izquierda" com os meus iguais, poderia ter uma vida digna.

Mas não, a cultura não me salvou. O Punk não me salvou. O Rap/Hip-Hop não me salvou. A leitura não me salvou. A música não me salvou. A cultura me levou ao caminho da autodeterminação e não da salvação. São coisas diferentes. A salvação, para além de seu tom religioso – com todo respeito – pressupõe um salvador, um herói, pressupõe um líder. Pressupõe alguém maior do que o sujeito à salvação. Pressupõe e opera numa hierarquia onde o salvo sempre está à mercê da decisão daquele que o salvou ou de uma nova salvação. Esse sentido do termo limita, assim, o senso crítico, a tomada de decisão e a autonomia. Em outras palavras, a salvação para além de estimular uma ascese individual nos moldes weberianos, não emancipa. "*A salvação para um rebelde é como escravidão"* (FOUR WALLS FALLING, 1994), dizia a canção de uma banda de hardcore. A salvação muitas vezes tira nossa responsabilidade cotidiana, na transformação do mundo, ao sempre demandar as ações a outrem. Esse tipo de salvação, de personalismo, é um dos males arraigados na cultura política brasileira, em meu entendimento. E sofremos essa ideia até hoje, pois seja no campo da esquerda ou da direita, estamos sempre à espera de um "messias" ou de um "Dom Sebastião" para nos redimir, leve ele esse nome ou não.

A cultura, reitero, é uma possibilidade. Possibilidades são justamente isto: às vezes boas, às vezes más. A cultura, em seus variados sentidos, como sugere Roy Wagner (2010) também está na base do colonialismo. A cultura também está na base da submissão, da

aceitação, da conformação. A cultura também refreia conflitos fundamentais. A cultura também é instrumento de dominação, de controle, de manutenção das desigualdades de toda ordem. Uma das principais críticas à antropologia, a qual concordo, foi seu uso pelos países imperialistas para conhecer, estudar, dominar e colonizar tudo aquilo que não era Ocidente[18] (ALMEIDA, 2021; MONTEIRO, 2021; REINHARDT & CESARINO, 2018). A cultura ocidental, progressista ou não, humanista ou não, ainda busca enquadrar aquilo que não entende numa visão limitada e cômoda e que gere lucro (simbólico ou material) para si. Basta ver os discursos provenientes de sujeitos à frente do Estado francês e de tantos outros (mas também de muitos de seus intelectuais) sobre a situação dos países africanos que colonizou[19]. A cultura, ou sua "promoção" nas favelas cariocas, ajudou na consolidação das UPPs, garantindo a "confiança" das instituições financeiras em instalar suas agências bancárias lá e oferecer linhas de crédito para a população, "fortalecendo a economia local" (DE TOMMASI, 2013). Em nome da cultura, o "turismo de favela[20]" – que se assemelha em muito com um "safari humano" – acontece nos morros cariocas e serve de modelo pelas periferias do Brasil. Mas as mortes, assassinatos e ascensão das milícias, assim como outras desigualdades estruturais, seguiram de vento em popa, bem fortalecidas também, inclusive pela cultura. Aliás, muito mais fortalecidas do que toda essa "cidadania" trazida pelo empoderamento da favela – noção que foi inevitável não ter que refletir ao longo da minha pesquisa, considerando uma certa instrumentalização da noção de cultura neste contexto.

Olhando para esse quadro, vale a pena refletir sobre o uso da cultura na gestão da pobreza, na manutenção das desigualdades. Inclusive do uso da própria cultura produzida nas periferias, com esse fim, ainda que essa possa não ser a intenção de seus produtores. Vale a pena pensar que, nos últimos anos, com a escalada conservadora mundial e também no Brasil, a cultura esteve/está em disputa. Lembro-me bem de, em 2017, assistir uma palestra de Kim Kataguiri – uma das lideranças do MBL (Movimento Brasil Livre) e atual deputado

---

[18] "A Antropologia é filha do colonialismo?" GEAC - ANTROPOLOGIA CRÍTICA (22/03/2021): https://maquinacrisica.org/2021/03/22/a-antropologia-e-filha-do-colonialismo/. Acesso em: 13/01/2024.

[19] "A França perdeu a África e Macron simplesmente não consegue aceitar". Brasil 247 (23/09/2023): https://www.brasil247.com/ideias/a-franca-perdeu-a-africa-e-macron-simplesmente-nao-consegue-aceitar. Acesso em: 13/01/2024.

[20] "Curiosidade sobre como vivem pobres alimenta turismo nas favelas". Folha de São Paulo (19/11/2023): https://www1.folha.uol.com.br/colunas/perifaconnection/2023/10/curiosidade-sobre-como-vivem-pobres-alimenta-turismo-nas-favelas.shtml. Acesso em: 13/01/2024.

federal pelo União Brasil por São Paulo – falar na Unicamp que, a partir de 2018 o MBL iria trabalhar sua frente cultural, em oposição a cultura "esquerdista". Poderíamos nos perguntar, entretanto: o que a periferia tem a ver com isso?

Na última década do século passado, um fenômeno social surge. Derivadas de políticas internacionais e da inoperância do Estado brasilero frente às desigualdades, diversas ONG's se tornaram a linha de frente no combate à violência e à pobreza nos espaços periféricos. Sejam organizações da sociedade civil, sejam organizações ligadas a empresas ou instituições financeiras nacionais e internacionais, são estas associações que se encarregam do combate à pobreza e às desigualdades nas periferias, muitas vezes "gerenciando" as urgências desse campo no lugar do Estado. Junto com este movimento, vale lembrar, começaram também as privatizações de empresas e serviços estatais, durante o governo federal do então presidente e sociólogo, Fernando Henrique Cardoso (PSDB, 1995 – 2003). Aliás, é no primeiro ano de seu mandato que a então primeira dama e antropóloga, Ruth Cardoso, cria o programa *"Comunidade Solidária"* (DAGNINO, 2004), oficializando de fato, a atuação do terceiro setor nas políticas públicas destinadas à população pobre e marginalizada.

É nesse contexto, ao final da década de 90, que a produção cultural das periferias começa a dar seus primeiros passos rumo a um reconhecimento, a partir da cultura produzida nesses espaços. Já no início da década seguinte, os saraus periféricos ganham a cena, se multiplicando pelas periferias e até por regiões centrais de São Paulo e mesmo do país. Vale lembrar que a Cooperifa[21], um dos coletivos culturais das periferias de maior popularidade nacional, lança sua primeira antologia poética já com financiamento privado, em parceria com o Instituto Itaú Cultural em 2004 (NASCIMENTO, 2011). Isto ocorre um ano após o lançamento do VAI (Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais)[22] que, nesse momento, era a única verba pública destinada para a produção cultural das periferias. Ainda na década de 90, os movimentos sociais e suas lideranças – a maioria ligada ao PT –

[21] A Cooperifa é um Coletivo Cultural idealizado por Sérgio Vaz, fundado em 2001 na Zona Sul de São Paulo. Após várias mudanças, o sarau hoje se localiza no "Bar do Zé Batidão", no Taboão da Serra (NASCIMENTO, 2011).

[22] Segundo o blog do VAI, "O Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais - VAI, foi criado pela lei 13.540 e regulamentado pelo decreto 43.823/2003, com a finalidade de apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões do Município desprovidas de recursos e equipamentos culturais." Maiores informações em: https://programavai.blogspot.com/p/sobre-o-vai.html. Acesso em: 13/01/2024.

começaram um movimento de adentrar mais e mais para a política institucional, para a máquina burocrática estatal. Esse movimento tem seu ápice durante o primeiro governo Lula, em que até o movimento social mais radical do Brasil, o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra), puxa o freio de mão nas ocupações para não fazer frente ao Governo de centro-esquerda que ganhara as eleições presidenciais. Um pacto social é feito e, com ele, as relações de poder se rearranjam.

A cultura popular e feita nas periferias, principalmente, ganha uma valorização nunca antes vista. O antagonismo social, resultante da desigualdade estrutural brasileira, é substituído por uma ideia de cidadania pautada principalmente no acesso ao consumo (inclusive cultural) e na responsabilidade individual, onde "cada um faz sua parte". A gestão do social, carregada de uma mentalidade empresarial, com jargões próprios como protagonismo, ação social, cidadania cultural e afins substituem termos como solidariedade, autodeterminação, suprimindo a pouca e não menos importante, e problemática, organização popular. Essa, por sua vez, passa a ser um recurso social capturado e gerido pelas ONG's e demais associações governamentais e não governamentais e convertida em ações de impacto social. Seja através da cultura, do protagonismo das mulheres, dos jovens, negros ou idosos e até mesmo das crianças: ou seja, de grupos não hegemônicos no contexto social brasileiro. A produção cultural das periferias também não conseguiu escapar dessa lógica. A capacitação de indivíduos e coletivos produtores de cultura nas periferias para acessarem editais de financiamento público e privado também se constrói imbuída de um discurso neoliberal bem a gosto dos grupos "progressistas", em que, ao invés de fomentar o senso crítico e organizar a revolta como pressupõe seu *projeto pedagógico, estético e político* (NASCIMENTO, 2009), parece ter buscado na verdade se inserir no mesmo mercado cultural que sempre os marginalizou. E como não poderia deixar de ser, uma inserção precarizada e para poucos.

Assim, estes são temas que perpassam a pesquisa e o pesquisador, este também fruto de um mínimo acesso à cultura e da cultura das periferias, ainda que décadas antes deste período que marca a atuação dos grupos aqui estudados. Um pesquisador que, de uma visão romântica e por vezes essencialista, passou a ter uma visão mais crítica a partir do campo de pesquisa, das relações pessoais em seu bairro de origem e do acompanhamento de discussões sobre a cultura periférica tanto com seus agentes, quanto com políticos e instituições promotoras da cultura e de políticas públicas destinadas à cultura produzida nas periferias. Mas que também tentou, a partir da pesquisa, superar uma distância geracional e cuidar para

que a crítica não se tornasse um ressentimento saudosista da minha própria experiência. Mas que também tentou, a partir da pesquisa, superar uma distância geracional e cuidar para que a crítica não se tornasse um ressentimento saudosista da minha própria experiência. Em tempos que a cultura feita nas periferias busca alçar espaços de poder, abrindo mão de sua radicalidade e enfrentamento em troca da representatividade estéril, onde até a direita em ascensão tem seus representantes periféricos, a disputa ideológica está, talvez mais que nunca, posta na mesa.

CAPÍTULO I

DOS COLETIVOS, PESSOAS, CAMINHOS E SENTIDOS

"Cada lugar, um lugar, cada lugar, uma lei
Cada lei uma razão, eu sempre respeitei
Qualquer jurisdição, qualquer área
Jardim Santo Eduardo, Grajaú, Missionária".
(Fórmula Mágica da Paz, Racionais MC's, 1997)

Estimulado pelo acúmulo de minha pesquisa anterior, com questões levantadas ao longo de imersões em campo nos últimos anos, e por situações paradoxais que acompanhei para além do campo – as quais discutirei no capítulo três –, optei, para compor esta pesquisa, fazer a retomada da interlocução com os coletivos Perifatividade e Poesia na Brasa, analisados durante minha Iniciação Científica, e acrescentei à investigação um terceiro coletivo, que acabou por me levar ainda a um quarto grupo. Estes são, respectivamente, a Casa Ecoativa e o coletivo Imargem, também já mencionados anteriormente. Assim, minha circulação se deu entre a zona norte (na Vila Brasilândia, com o Poesia na Brasa), a zona sul (na Ilha do Bororé e no Jardim Gaivotas, com a Casa Ecoativa e o Imargem) e na zona sudeste (Fundão do Ipiranga, com o Perifatividade) de São Paulo, em algumas periferias destas regiões. Tal escolha, no que se refere a meus antigos interlocutores, se deu pelo fato destes já demonstrarem diferenças não só entre si, no que tange sua organização, interesses políticos e culturais, além da distinção entre ambos no que se refere à organicidade em seus locais de atuação, mas também no trato com o poder público e privado, principalmente naquilo que condiz ao financiamento de suas atividades. Ou seja, a multiplicação de espaços em que os sujeitos se vêem desafiados a pensar e agir sobre questões mais gerais e amplas, permite destacar o caráter diverso – e muitas vezes agonístico – do meu campo de pesquisa.

A escolha por uma interlocução com os integrantes da Casa Ecoativa se deu justamente pelo aparente contraponto que existe em relação aos demais interlocutores dos outros grupos, a distinção que a casa ocupa dentro do próprio distrito do Grajaú, por se localizar em um espaço também heterogêneo, uma APA (Área de Proteção Ambiental) , e pelo fato de a casa ser um ponto cultural histórico na região, sendo o embrião de diversas mobilizações culturais locais, como, por exemplo, a cena Rap/Hip Hop. Soma-se a isso o fato

de o Grajaú ter se tornado uma espécie de bairro empreendedor[23], onde os negócios e a cultura se misturam de um modo particular. Tanto a Casa Ecoativa como o Imargem aparecem como referências do empreendedorismo no Grajaú em diversas matérias de jornais e meios de comunicação eletrônicos, tal qual pesquisas acadêmicas (COSTA, 2022).

Mapa dos bairros de São Paulo. Fonte: São PauloMap360°

[23] "Grajaú é distrito mais empreendedor de SP, aponta estudo". Estadão (05/12/22): https://expresso.estadao.com.br/sao-paulo/2022/12/05/grajau-e-distrito-mais-empreendedor-de-sp-aponta-estudo/#:~:text=Graja%C3%BA%20%C3%A9%20distrito%20mais%20empreendedor%20de%20SP%2C%20aponta%20estudo&text=De%20acordo%20com%20o%20Mapa,na%20zona%20sul%20da%20cidade. Acesso em 14/01/2024.

Parti do princípio de que uma nova imersão etnográfica entre esses grupos, agora durante o mestrado, tornaria possível uma análise densa destas diferenças de atuação e organização entre os diversos coletivos que buscam recursos públicos e privados para o desenvolvimento de atividades culturais e artísticas em São Paulo. Considerar esta complexidade foi fundamental para o estudo das formas como o discurso do empreendedorismo parece rearranjar o próprio campo em que já realizava pesquisas. É importante ressaltar que o coletivo Imargem aparece como parte do campo por possuir integrantes em comum com a Casa Ecoativa, pelo fato deste coletivo ser um dos responsáveis pela reestruturação pela qual passou a casa e pelas demais atividades que desenvolvem em comum, assim como a partilha de editais e a realização de parcerias. Ou seja, esses coletivos e seus integrantes formam uma rede em que é possível acompanhar a constituição de um sistema de disputas e alianças em torno ou em contraponto às possibilidades percebidas de "fazer cultura periférica".

Este primeiro capítulo tem como objetivo situar os grupos que tomaram parte desta pesquisa, bem como apresentar alguns dos principais interlocutores de pesquisa, para que seja possível vislumbrar de forma mais clara quais são os sujeitos que fazem parte do campo estudado. Da mesma forma, buscarei delinear a forma como algumas das instituições com as quais estes sujeitos estabelecem relações, na busca por recursos para desenvolverem suas atividades, colocam-se como entes com objetivos de atuação bastante específicos, mesmo que inseridos entre esferas aparentemente antagônicas: entre o público e o privado, entre a busca por lucro e propagado incentivo à responsabilidade social e ambiental. Espero com isso tornar mais evidentes algumas das análises sobre algumas dinâmicas adotadas pelos sujeitos com os quais trabalhei nestes anos: ao mesmo tempo políticas, culturais e econômicas, em escalas amplas, de políticas públicas, mas também em escalas ínfimas, referentes às experiências e trajetórias particulares das pessoas envolvidas.

Dito isto, começo a apresentação dos interlocutores desta pesquisa, reproduzindo alguns registros de meu caderno de campo, retratando eventos que participei com cada coletivo. Assim, todos os tópicos sobre a trajetória dos coletivos e suas gentes, serão precedidos de cenas em campo. Optei por incluir longos trechos descritivos do caderno de campo, já que diversas informações importantes sobre o funcionamento dos coletivos aqui analisados foram sendo colhidas em meio à minha participação em atividades corriqueiras e cotidianas, bem como em conversas informais.

1.1 Numa ilha, no extremo sul de São Paulo, uma casa de ecologia ativa

Cena I - Ecoativa de Férias 6

"Yo no tengo la culpita
oigan queridos hermanos
de nacer en esta islita
y de ser buen borincano"
(El Buen Borincano, Grupo Tarancón, 1976)

,

Eu ainda não havia tido a possibilidade de acompanhar alguma atividade presencial da Casa Ecoativa, desde o começo da pesquisa. Em função da pandemia, a casa estava com as atividades suspensas, funcionando apenas como entreposto para o recebimento e entregas de cestas básicas durante os dois primeiros anos de pandemia. Assim, fazer campo estava cada vez mais distante do horizonte. No entanto, seguindo as redes sociais da casa, percebi que eles haviam anunciado uma mini programação de férias para janeiro de 2022. Mandei uma mensagem para o Jaison, que me explicou como seria uma atividade voltada para as crianças, com brincadeiras e afins, durante quatro dias, com início dia 19 (quarta feira) e indo até o dia 22 (sábado). Nessa conversa, Jai ainda me falara de uma atividade organizada pelo grupo Balsaturismo e parceria com o Café na Mata (ambas iniciativas contam com integrantes e parceiros da Ecoativa). Essa atividade se tratava de um passeio ciclístico pela Ilha do Bororé, onde além do passeio, as pessoas inscritas teriam direito a um café da manhã e almoço na ilha, com produtos tradicionais de lá. Logo me prontifiquei a participar também. Esse passeio seria no dia 23 de janeiro, num domingo.

Assim, durante os dois dias antes do campo, me preparei, arrumei uma bicicleta para facilitar meu trajeto até a Ilha do Bororé, arrumei meus gravadores e caderno e deixei tudo esquematizado para os próximos dias. Assim, no dia 19, por volta das 12h40, me dirigi à Casa Ecoativa. No entanto, durante o trajeto, acabei por encontrar pessoas às quais não via há mais de dez anos e não tive como me furtar de conversar. Isso me atrasou um bom tempo, fazendo com que eu chegasse na Ecoativa às 13:40. Voltar à Ilha de bicicleta, que era algo que sempre fazia quando morava na região, foi muito nostálgico. A ilha tem um encanto próprio, e as vivências que ela me proporcionou ao longo dos 35 anos que vivi ali, surgiram como um turbilhão na minha memória. O trajeto até chegar à ilha tem muitos marcos saudosos pra mim: a escola em que estudei o fundamental e médio; as chácaras que pulávamos os muros para nadar nas piscinas e pegar frutas do pé, a quadra da escola, que

hoje é um depósito, e a própria ilha, que me viu crescer e que a vi crescer em habitantes e movimentação, mas diminuir em vegetação. A ilha é uma APA, um cinturão de mata atlântica no extremo sul de São Paulo. Quando criança, sempre ia com meu pai e outros pais e crianças, pescar e afins, nas margens da Billings.

Cheguei à casa, e as atividades já tinham começado. A criançada já estava a milhão pela casa, que conta com uma área externa bem grande. Devia haver pela casa umas trinta e cinco/quarenta pessoas entre a maioria de crianças, algumas mães e pais, além dos educadores da casa, que eram dois, Jaison (mais conhecido por Jai) e o Emerson, um antigo morador, que frequentava a Ecoativa quando jovem e estava lá como voluntário. A atividade Ecoativa nas férias se tratava de receber as crianças da região do Grajaú e afins para passar as tardes brincando na casa, em diversas atividades lúdicas. Nada de tela, de celular e nem coisas do gênero. Se tratava de brincadeiras ao ar livre, como as brincadeiras de rua em qualquer periferia, muito comuns nos anos 1980 e 1990. Pega-pega, esconde-esconde, queimada, corre cotia, bicicleta, futebol, vôlei e outras mais, além da cobiçada pintura com tintas orgânicas, feitas de terra, popularmente conhecida entre os pequenos como “tinta de terra”.

As crianças e jovens não paravam um segundo. E, apesar da faixa etária diferente, pois havia desde criancinhas de três anos até adolescentes de quinze anos, o entrosamento deles era ótimo. Lógico que nas conversas, os adolescentes ficavam entre si, e as crianças também. Mas nas brincadeiras e no cuidado, todos estavam juntos. Para mim, distante do bairro há muito tempo e já acostumado a ver as crianças e adolescentes tendo no celular seu principal passatempo, foi curioso ver as crianças passarem a tarde ali e o celular sendo apenas um acessório usado para se comunicar com os familiares, em alguns momentos.

Em meio às brincadeiras, aproveitei para dar uma circulada pela casa, para ver sua organização. Esta, por sua vez, é uma casa grande, bem na entrada do terreno que é cercado por grades de arame comum, não o farpado. A casa se localiza bem próximo à margem da represa Billings, e é a terceira das três primeiras construções do lado esquerdo da rua, assim que se sai da balsa, usada para atravessar a ilha. Na entrada, há uma sala relativamente grande, onde se encontram alguns bancos para sentar e que também abriga a exposição de alguns artistas gráficos/plásticos da região. Ao lado direito desta sala, há mais dois quartos, onde um é uma pequena biblioteca, e o outro é um quarto onde se guarda materiais de oficina

e outras atividades. Na biblioteca, vi vários livros sobre economia, marketing, direito e questões fundiárias. Além destes, havia ainda algumas coisas sobre literatura brasileira, principalmente de autores como Machado de Assis, Aluísio Azevedo e outros clássicos. Não encontrei nenhum livro sobre literatura marginal ou negra, nem de autores mais conhecidos nesse meio. Mas havia alguns livros sobre a Ecoativa, sobre o Imargem e sobre alguns coletivos da região, além de livros de projetos como o Redes e Ruas[24], por exemplo. No fundo da sala, se encontrava a cozinha, onde Luciana (Lú, como é chamada pelos frequentadores) se encarregava de fazer o lanche da tarde para a criançada.

Por volta das 16h00, o lanche das crianças foi servido. Todas se sentaram em círculo, no gramado ao lado da casa, onde conversaram sobre o sentimento do dia, de estar na casa brincando e se divertindo. Tal conversa foi estimulada por Jai. As respostas, na sua grande maioria, foram de que estavam felizes. Mas também houve respostas como "estou cansado", "estou com fome", "estou ansiosa pela chuva" e outras mais. No entanto, no início da conversa, quando Jai perguntava se as crianças tinham gostado, onde todas responderam unanimemente com um "sim" bem alto, ocorreu uma situação curiosa. Jai, na sequência, perguntou "E o que vocês querem fazer amanhã?" e uma das crianças respondeu "Eu quero acordar vivo!". Foi uma resposta em tom de ironia e deboche, mas fiquei refletindo sobre seu significado no contexto da região e do momento em que vivemos, de pandemia.

[24] "'Redes e Ruas' irá incentivar projetos de cultura e ocupação do espaço público em SP" Rede Brasil Atual (19/08/2014): https://www.redebrasilatual.com.br/radio/2018redes-e-ruas2019-ira-incentivar-projetos-de-cultura-e-ocupacao-do-espaco-publico-em-sp/. Acesso em: 15/01/2024.

Hora do lanche na Ecoativa de férias. Foto do autor (Janeiro de 2022)

Depois do lanche e da roda de conversa com as crianças, estas voltaram às brincadeiras, de modo mais autônomo, subindo nas árvores, brincando no balanço de pneu e queimada. Enquanto isso, eu e Jai começamos a conversar e ele foi me falando sobre as exposições que estavam na casa, de artistas locais, reconhecidos dentro do grafite e afins e que, segundo ele, “tinham ganhado o mundão”. Falou sobre os primeiros editais que participaram como Ecoativa, depois da retomada da casa e recontou a história dessa retomada. Que tanto ele, como todos que entrevistei sobre a Ecoativa, fizeram questão de salientar. Fiquei com a impressão de que esta era uma história que gerava algum orgulho entre eles, mas também que remetia a um capital cultural para a casa e seus atuais integrantes. Jai também me falou sobre os coletivos locais que já não mais existem, os que ainda continuam e as pessoas que saíram tanto da Ecoativa (principalmente durante a pandemia) como de outros coletivos, para “agilizar seus corres”. Em nenhum momento se foi falado sobre se haviam movimentos sociais na região, ou ainda se havia algum tipo de relação com estes. No entanto, algumas figuras da comunidade eram citadas em tom de exaltação, como o

pai de Emerson, que era um motorista de ônibus da linha local e antigo morador da Ilha, e Eduardo Freire, um dos fundadores da Ecoativa, ao final da década de 90.

Em meio a conversas informais, Jai fez alguns comentários acerca da visibilidade da Ecoativa. Ele disse que *"A casa Ecoativa está bem nas matérias de revista, mas muita gente saiu, foi fazer seus corres, ganhar o mundo. Estão faltando educadores. Nesse evento, por exemplo, só estamos eu e a Lú, de oficiais e o Emerson que colou para dar uma força. Além do apoio de algumas pessoas locais. Tá foda!".* Tal comentário me deu a impressão de que a casa estaria passando por dificuldades de organização, além da questão da pandemia. Ainda assim, tinha visibilidade "para fora". A ideia pegava bem. No entanto, outros projetos de ex-integrantes, como Tim, estão vingando. Tal é o caso das atividades do Ateliê Imargem que organizou uma vaquinha online para iniciar as atividades da "Praça de aulas nas margens do Grajaú[25]".

Outra coisa interessante é a organicidade da casa com as pessoas locais. Ao menos nesta atividade, como dito anteriormente, havia muitas crianças da Ilha, como dos bairros do Jardim Lucélia, Eliana e Cocaia. A alimentação das crianças, para a atividade do dia, foi custeada por doações de pessoas locais e variou todos os dias. Nesse primeiro dia, as crianças comeram um patê de atum com cenoura, tomaram suco de cambuci, uma fruta local, e tiveram maçã como sobremesa. E com direito a repeteco. Por volta das 16h45, o tempo começava a ficar meio nublado e algumas crianças já estavam indo embora, enquanto um casal de pais chegava. Nesse momento, receoso de tomar chuva, fui me despedindo do pessoal e rumando ao local onde estava minha bicicleta. A peguei e fui para a balsa, atravessá-la para retornar para a casa de minha mãe, muito feliz pela oportunidade de campo, mas já cansado e um tanto curiosos pelos próximos dias.

Visita ao Mirante do Bororé com Balsaturismo

Como havia sido avisado por Jai, quando conversamos sobre minha ida para acompanhar as atividades de férias da Ecoativa, no domingo aconteceria um passeio de

[25] O projeto se refere a criação de uma praça de educação ao ar livre, de bio-construção, no Jardim Gaivotas, uma das margens da represa Billings. Mais informações em: https://www.instagram.com/imargem/p/CW54AOzlgra/?utm_medium=share_sheet. Acesso em: 15/01/2024.

bicicleta ao Mirante do Bororé. O passeio, organizado pelo Balsaturismo[26], formado por Daniel, Andreia e Bruno contaria com o custo de R$50,00, em que estariam incluídos além da manutenção das bicicletas - caso necessário - o café da manhã e o almoço. Ambos os integrantes do Balsaturismo são ligados direta ou indiretamente à Ecoativa. Seja pela parceria com o Café na Mata, que pertence à família de Jai, seja pelo fato de frequentarem ou terem frequentado a Ecoativa, ou ainda por serem ex-moradores da Ilha do Bororé, como Daniel Casper, que mora em Curitiba. Sua companheira, Andréia, no entanto, não é nascida e também foi moradora da Ilha. Bruno, outro dos monitores, também não era morador da ilha, mas morava no bairro do Lago Azul, também no Grajaú.

O ponto de encontro seria no Café na Mata, às 09h00. Eu e Matheus (um amigo que estudou na Unicamp, morador da Zona Leste, a quem eu havia convidado ao evento) chegamos uns dez minutos antes. Fomos os primeiros a chegar e, na sequência, um casal que também iria ao pedal, chegou. Uns vinte minutos depois, duas garotas que iam conosco, chegaram. Tomamos café com tapioca e cuscuz e suco de cambuci, que é uma fruta da região. Conversamos um pouco, e Casper nos chamou a todos e foi nos passando algumas informações sobre o percurso e sobre os cuidados durante o caminho. Disse para andarmos sempre no sentido do tráfego, próximos à guia e para evitarmos pedalar no meio da rua. Também recomendou que andássemos preferencialmente em fila, no máximo em dupla, mas que sempre ficássemos atentos à movimentação dos carros. Nos disse ainda que, por medida de segurança, ele e Bruno iam alterar entre a dianteira e a traseira do grupo, para que ninguém ficasse para trás e para ajudar em qualquer eventualidade, assim como para garantir a segurança do grupo. Feitas as recomendações e avisos, pegamos nossas bicicletas e capacetes e iniciamos o passeio.

Em menos de cinco minutos de pedal, tivemos nossa primeira parada, em um dos marcos históricos da ilha. Se tratava de uma igreja católica fundada em 1904, por uma comunidade alemã que vivia na ilha. As pessoas pediram para tirar algumas fotos, o que foi acatado pelos monitores do passeio. Assim, voltamos ao pedal, dessa vez para valer, sem

[26] O projeto Balsaturismo foi criado com a intenção de atrair moradores da grande São Paulo e região, para conhecer um pedaço da mata atlântica ainda pouco explorada, com circuitos na Ilha do Bororé, no extremo sul do Grajaú. O passeio ainda conta com a visita à Parques Ambientais, Mirantes com paisagens deslumbrantes, tudo isso em um agradável passeio de bicicleta, com instrutor de percurso, auxílio mecânica e incluindo um delicioso café da manhã e almoço com sucos nativos da região. Maiores informações em: https://sites.google.com/view/wwwbalsaturismocom/in%C3%ADcio. Acesso em: 15/01/2024.

muitas paradas mais. Fomos pedalando em ritmo médio, com os monitores falando sobre a ilha e sobre alguns pontos turísticos, além de curiosidades. Uma delas é que na ilha havia uma chácara, ou melhor, um casarão que foi pensado para ser um cassino, No entanto, nunca chegou a funcionar oficialmente por falta do alvará, que não foi obtido pelo fato da região se tratar de uma APA (Área de Proteção Ambiental). Ao que consta, depois o casarão virou um sítio de produção de orgânicos, recentemente. Outra curiosidade, segundo Bruno, é que muitos dos sítios da região serviram para a locação de filmes pornográficos feitos clandestinamente. Segundo o monitor, em função de questões relacionadas à violência e estupro de menores, além de pedofilia, foi descoberta uma rede que operava na ilha e a mesma foi desmantelada. A maior das curiosidades, para mim, foi o fato de a ilha inicialmente ser um loteamento entre pessoas ricas, que simplesmente cercaram diversos alqueires de terra na ilha e disseram "É meu!", como disse Bruno.

Durante o percurso, mesmo com todas as curiosidades contadas para nós, "turistas", em nenhum momento foi contada a história das mobilizações na ilha por infraestrutura como ônibus, saneamento básico, escola, posto de saúde, asfalto e até mesmo a Ecoativa. Nem o "mural memória"[27] da ilha, que conta uma história a partir de uma linha do tempo, sobre a ilha do Bororé, foi tido como uma das paradas turísticas. Nem mesmo foi falado sobre o tal turismo de base comunitária. Mas o discurso das belezas da ilha era o mote da visita, assim como à referência aos artistas e a cultura da região, que tem por referência o artista Criolo. Inclusive, a música deste tocava sem repetir, em versões instrumentais, estilo lo-fi, como música ambiente, no Café na Mata. A presença do empreendedorismo cultural e turístico também era evidente. Bruno, mais uma vez, ao falar das curiosidades da ilha, sempre reforçava que fez cursos de turismo e de empreendedorismo. Chegou a afirmar para Matheus que também fez cursos no Sebrae e Senac de capacitação para turismo comunitário. Em nenhum momento a *pandemia* pareceu ser uma questão para além de atrapalhar as atividades de turismo.

[27] "Mural Memória" – Agentes Marginais (Julho de 2013): https://agentesmarginais.blogspot.com/p/mural-memoria.html. Acesso em: 15/01/2024.

Passeio ciclístico com o Balsaturismo. Foto do autor (Janeiro de 2022)

Assim, chegamos na bifurcação de caminhos para a segunda balsa e para o mirante. Seguimos para o mirante, numa trilha de terra com muitos pedregulhos, ora descida, ora subida, que dificultava muito pedalar, principalmente pelos eventuais deslizes dos pneus nas pedras que facilitava em muito uma possível queda. Mesmo a bicicleta em que eu estava sendo uma mountain bike, ainda deslizei muito pela estrada de terra. Já o pessoal que estava com as bicicletas fixas ou speed, tiveram que descer diversas vezes das bicicletas, durante este trecho da trilha. Passados mais uns vinte minutos, chegamos ao mirante, que ficava em uma das margens da represa Billings, na Ilha do Bororé. Chegando no mirante, na estrada principal, já havia uma faixa do “Clube do Bigode”, ao lado da entrada de uma chácara.

Bigode, que também era dono do bar no mirante. Um grande e único bar do mirante. Com mesas, sinuca, almoço, cervejas e “tira gostos” dos mais diversos.

Assim que chegamos no mirante, por volta das 11h45, já havia muitas pessoas lá. Não estava lotado, mas já havia ao menos umas cinquenta pessoas. Todas sem máscaras, mas também não estavam aglomeradas. Estavam separadas em pequenos grupos. Um desses grupos estava numa plataforma do mirante; uma espécie de píer, mas que não dava para a represa. Parecia ser um local que as pessoas usavam para tirar fotos. E era isso que esse grupo estava fazendo. Estavam em torno de umas quinze pessoas, todas de branco ou em tons claros, tirando fotos. E dominaram o píer basicamente todo o tempo em que estivemos no mirante. Depois descobrimos que se tratava de uma cerimônia de noivado. Bruno, um dos monitores, nos levou ao redor do mirante, para conhecermos suas extremidades. Além deste píer, onde acontecia a cerimônia de noivado, havia outros dois ao lado deste. Um na esquerda e outro na direita. E diferentemente do primeiro, estes davam para a represa. No entanto, estavam bem castigados, sendo que um deles não dava nem para subir direito. Assim, optamos por ficar em terra firme mesmo.

Subimos de volta para o píer central e fomos ao bar, tomar uma cerveja. No entanto, não havia nem cerveja de 600 ml e muito menos de litro. Como estava com muita sede, e sem beber álcool, optei por uma cerveja sem teor alcoólico. Tomamos cerveja dentro do bar, que estava praticamente vazio, e depois fomos para fora. Nos deitamos na grama e ficamos conversando um pouco, enquanto iam chegando mais pessoas ao mirante. Olhando com mais atenção depois, me deu a impressão que ali era uma espécie de praia. Havia pessoas com cadeira de sol, com almoço (tipo frango com farofa), algumas pessoas nadando na represa e até mesmo pessoas navegando de canoa, lancha e jet ski. Parecia mesmo um lugar de turismo. Inclusive no que diz respeito à sujeira. Não estava extremamente sujo, mas ainda assim, era perceptível os dejetos deixados pelas pessoas. Passado mais alguns minutos, nos organizamos para voltar.

No caminho de volta, assim que saímos do mirante, passamos por alguns carros cheios de gente em direção ao mirante. Logo atrás, vinha um grupo de motos, “puxando o grau”. Logo passamos do trecho de terra e pedregulhos, muito mais rápido do que na ida. Chegamos ao asfalto, com uma subida considerável e fomos andando a pé, até o ponto de ônibus próximo, onde já começava uma descida. Assim que todos se reuniram no ponto,

Daniel deu algumas recomendações sobre a volta e fomos pedalando. Como eu já conhecia o caminho há muito, e estava a fim de sentir a brisa da ilha em meu rosto, desci as ladeiras em alta velocidade, esperando os demais em pontos estratégicos. Sempre adorei fazer isso, quando ia pedalar na ilha. Paramos mais umas duas vezes, para tirar algumas fotos e logo chegamos à descida final, que dava um impulso até quase o Café na Mata. Mais uma vez, peguei todo esse impulso. E logo chegamos ao café.

Ao chegar, soubemos que acontecera um imprevisto com o gás do café e que o almoço ia atrasar um pouco. Assim, nos ofereceram um suco, por conta do café e falaram dos lanches e coisas que poderíamos comprar caso estivéssemos com muita fome. Assim, comprei um sorvete de palito (o que não ajudaria muito com minha tosse, mas estava com muito calor) e enquanto eu o chupava, a comida ficou pronta. O sorvete era de frutas locais, com um estilo meio gourmetizado, informando que era feito com frutas orgânicas. Mas fiquei na dúvida se se tratava de uma sorveteria local, ainda que não tenha conseguido coletar essa informação. Os pratos foram servidos, um por um, e começamos a comer. Um casal que estava conosco, não esperou, pois tinha combinado um almoço na casa de uns amigos. Ficamos só eu, Matheus, os instrutores e as garotas que conhecemos no dia, Patrícia e Camila. Ambas moravam fora do extremo sul. Uma na Barra Funda e outra no Campo Belo.

O almoço era bem servido, para minha surpresa. Arroz, salada, farofa, feijão e panquecas de cogumelo com queijo. Enquanto comíamos, o pessoal foi falando do café, do seu surgimento, que tudo que era vendido ali era feito com produtos locais e de produtores locais: cachaças, cervejas, geleias, polpas e afins. Ou seja, tudo era feito apoiando produtores locais e fortalecendo a economia da região. Enquanto isso, Daniel Casper falou sobre seu trabalho de xilogravura, reforçando que era um artista da região e dizendo que era comum o pessoal que visitava o Café comprar seus quadros. No entanto, desta feita, ninguém comprou, apesar das moças terem curtido seu trabalho. Passado mais um tempo, acabamos de comer, eu e Matheus, e ele me perguntou se já queria ir embora. Como a balsa tinha acabado de liberar os carros, eu disse a ele para esperarmos a próxima balsa. Nisso as garotas – que estavam comendo dentro do café, enquanto nós estávamos nas mesas de fora – nos perguntaram se já íamos embora. Respondi que sim, e que ia esperar a próxima balsa. Conversamos mais um pouco e descemos rumo à balsa. Uma das garotas estava de carro e logo perguntei para ela se poderia dar uma carona para Matheus, que ia para o terminal Grajaú. Infelizmente, ela disse que não caberia mais uma pessoa e uma bicicleta dentro do

seu carro, já que ela não tinha suporte externo para colocar as bicicletas e já estava levando Camila e sua bicicleta no carro. Então atravessamos a balsa e fomos até onde elas haviam estacionado o carro. Nos despedimos e subimos sentido Jardim Eliana. No caminho, elas passaram por nós, em um carro grande, buzinando e acenando. Chegamos à rotatória do Jardim Eliana e me despedi de Matheus, informando o trajeto que ele teria que fazer e desci sentido Parque Residencial Cocaia.

1.2 Sobre os tijolos desta casa ecológica

"Que contamina a ovelha e a colheita...
Eu! Parte dos que tiram água de pedra
Tu! Parte da população que não enverga
Ele! Que assiste a cena de dentro da tela
Eu, tu, ele na Babel, mundo das feras!"
(Babel Mundo das feras, Rebelião Mental (Jones Font'seca e terra Preta), 2004)

A Casa Ecoativa se localiza na Ilha do Bororé, na altura do número 7225, na Estrada de Itaquaquecetuba, extremo sul de São Paulo. A Ilha, um cinturão verde remanescente da Mata Atlântica, contrasta não só com a própria cidade de São Paulo, mas com o próprio senso comum sobre as periferias na zona sul de São Paulo. A ilha é o que se pode chamar de uma periferia rural, localizada na capital. Por se tratar de uma Área de Proteção Ambiental e de mananciais – com vegetação, fauna e flora abundantes, no meio de bairros superpopulosos, marcados por uma grande densidade urbana periférica, inclusive às margens da própria represa Billings que a cerca – a Ilha do Bororé se distingue visivelmente de seus bairros vizinhos, já bem urbanizados. Diferentemente das periferias consolidadas, com agências bancárias, McDonalds, lojas, pubs, linhas de trem, terminais de ônibus, e das periferias ainda marcadas pela escassez em infraestrutura e equipamentos públicos, a ilha apresenta um ar bucólico, típico das cidades interioranas, onde se pode encontrar ao mesmo tempo ônibus e carroças puxadas por cavalo, pescadores, agricultores rurais e um cotidiano livre do estresse típico das cidades. Em entrevista realizada em maio de 2021, Eduardo Freire Santana, uma das principais lideranças populares que fundaram a Ecoativa, remonta um pouco dessa história, que irei apresentar abaixo.

Antes de tudo, cabe aqui discorrer um pouco sobre a figura de Eduardo. Homem, 55 anos, branco, cisgênero, heterossexual e migrante nordestino, "Dú" como é conhecido, morou em diversas periferias em São Paulo, principalmente na zona sul, após sua família chegar da

Bahia, nos anos 70. Desde cedo, aos doze anos, como muitos moradores das periferias, teve que encarar todo tipo de trabalho: foi vendedor de picolé, ajudante de pedreiro, metalúrgico e até mesmo vendedor de cachorro-quente. Foi a partir dessa experiência de trabalho que Eduardo começou a tomar consciência de sua realidade. Através de seu primeiro emprego de carteira assinada – numa metalúrgica no ano de 1983, aos catorze anos – Eduardo teve contato com o movimento sindical, ao qual se filiou e onde passou por sua primeira experiência de greve em 1985. E, consequentemente, sua primeira experiência com a violência física, praticada pela polícia. No ano seguinte, Eduardo ingressou no ensino médio e participou da fundação do grêmio estudantil na Escola Estadual Professor José Vieira de Moraes, onde tomou parte da UMES (União Municipal dos Estudantes Secundaristas de São Paulo). Nessa época, ainda integrou o Centro de Estudos em Educação – Vereda[28], até que, mais uma vez, se mudou. Desta vez do Capão Redondo para a Ilha do Bororé, em 1990, onde começou a se organizar politicamente na região e, mais tarde, onde viria a ser um dos fundadores da Casa Ecoativa. Foi nessa época que o conheci, em meio à movimentação cultural e política do Grajaú, da qual eu também fazia parte. Atualmente, Eduardo – casado e com um filho – trabalha como educador social na Rede Cidadã[29], no Rio Grande do Sul, como me contou, em entrevista realizada pelo Google Meet em maio de 2021. Sobre sua entrada no movimento humanista, Dú conta que

> (...) Eu com um amigo do Vieira de Moraes, o Gerson, a gente montou um grupo de estudo, que era [sobre] política e filosofia, e também ciências – que a gente chamava de ciências ocultas na época, por que a gente queria saber de tudo um pouco né? Então a gente ficou nesse grupo de estudo por alguns meses, que estudava política, filosofia e essas coisas mais transcendentais, que ainda não têm resposta, que vai para além da religião. E nesse contexto, apareceu lá a Gilma - que é uma pessoa do movimento -, e o Péricles - que também era do colégio -, apresentando para mim o movimento humanista,

[28] Segundo informações de sua página, "[o] VEREDA foi criado em 1982, por um grupo de educadores reunidos em torno do educador Paulo Freire, quando de sua volta ao Brasil. Embora atento à educação como um todo, a presença de Paulo Freire foi decisiva para que a Educação de Jovens e Adultos ganhasse um lugar de destaque na instituição. Suas primeiras ações estiveram ligadas à educação popular e envolveram grupos que atuavam na alfabetização de jovens e adultos, no trabalho com mulheres e outras práticas sociais na maioria ligadas às Comunidades Eclesiais de Base. Com a democratização, o VEREDA passou também a assessorar a educação de jovens e adultos, junto a movimentos sociais e a algumas secretarias da educação, prioritariamente nas ações de formação". Maiores informações em: http://forumeja.org.br/book/export/html/2945. Acesso em: 15/01/2024.

[29] Segundo informações em sua página, "[a] ONG Rede Cidadã é uma entidade de assistência social sem fins lucrativos especializada na geração de trabalho e renda, principalmente para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Fundada em 2002, a organização desenvolve programas e projetos no Brasil e no exterior em parceria com os setores público e privado, totalizando cerca de 100 mil contratações em quase 20 anos de atuação". Maiores informações em: https://www.redecidada.org.br/a-rede-cidada/. Acesso em: 15/01/2024.

> que na época não se chamava o movimento humanista. Era "o movimento". Era meio escondido assim, porque também tinha esse contexto da ditadura chilena e argentina, onde ele surgiu, né? E aí, o Péricles me conhecia muito bem e disse "cara é a tua cara, isso aqui. O que você está pesquisando aí, essa coisa de juntar a ação política com autoconhecimento, com algo transcendental". E aí quando eu conheci o movimento, falei "caramba, é isso mesmo que estou tentando desenvolver com o meu colega!". Aí fiz uma reunião com esse grupo de estudo, e a gente viu, "bom, a gente vai continuar só nós aqui, ou vamos aderir a esse movimento, que parece que já está há vinte anos – na época, porque ele começou em 79, né? – com essa busca?" Aí a gente resolveu aderir ao movimento. Foi uma decisão minha pessoal, mas também desse meu amigo. E aí de lá até então, estou participando do movimento, com essa pesquisa, né? Tanto nas ações sociais e no estudo de sistemas políticos, do que poderia ser mais interessante para a sociedade humana, e também nessa busca e estudo mais pessoal, mais transcendental, né? Enfim, então eu comecei uma militância um pouco mais ideológica, um pouco mais temática. E nesse contexto, nunca deixei de atuar no movimento sindical, porque sempre trabalhei. Sempre trabalhando, então sempre tava com um pé no sindicato. E estudando também, com um pé no movimento estudantil. E nesse contexto, tomei contato também com o movimento ambientalista, pelas preocupações ambientais. E justamente nesse contexto meu pai resolve morar no Bororé, né? (Eduardo Freire, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 24/05/2021).

Fruto das lutas populares na Ilha do Bororé, a Ecoativa foi criada oficialmente no ano de 1999. Nesse momento, a ilha sofria muito com a falta de estrutura, com a falta de telefones públicos, com a falta de posto de saúde e com um transporte coletivo escasso e muito precarizado, dentre outros problemas. Este é o momento quando Eduardo Freire, já morando na ilha, juntamente com outras pessoas, se organizou em torno de pautas críticas sociais para a reivindicação de infraestrutura para a região. Eduardo já vinha de uma trajetória de mobilização social intensa, até chegar no movimento humanista[30] (ou "o movimento", como seus integrantes costumam se referir ao mesmo), o qual integra até hoje. Com essa bagagem, além de se organizar politicamente na ilha, Eduardo, seguindo as proposições do movimento humanista, se envolve também com a cultura no distrito do Grajaú, participando do fórum de cultura da Capela do Socorro[31]. Nesse fórum, diversos agentes culturais e militantes sociais da Capela do Socorro – responsável na época também pela região do Grajaú – se

[30] Segundo informações contidas na página do grupo, "[e]ssa corrente de pensamento, que se encontra exposta na obra de Silo e na de diversos autores que nela se inspiraram, implica também um sentimento e uma forma de viver, expressa-se em diversos campos do fazer humano, dando origem a diversos organismos e frentes de ação. Todos eles se aplicam em seus campos específicos de atividade com um objetivo comum: humanizar a Terra. Desse modo, têm em comum a metodologia da Não-violência Ativa e a proposta de mudança pessoal em função da transformação social". Maiores informações em: https://www.humanistmovement.net/?lang=por&secc=. Acesso em: 15/01/2024.

[31] O fórum de cultura da Capela do Socorro foi um desdobramento da regional Capela do Socorro (órgão da prefeitura de São Paulo, mais tarde conhecido como sub prefeitura) que administrava as demandas da região. Maiores informações em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/capela_do_socorro/. Acesso em: 15/01/2024.

encontravam para discutir pautas, agendas e políticas culturais para a região. Dessa forma, a partir dessa articulação, Eduardo e os demais integrantes do coletivo na época fizeram da casa Ecoativa um ponto de profusão cultural na região.

Inicialmente, a casa funcionava sem financiamento e de modo cooperativo e auto gestionário. Como Eduardo conta em entrevista cedida para esta pesquisa, em concomitância com os objetivos do movimento humanista e as demandas da comunidade da Ilha do Bororé, surgiu a ideia de criarem um espaço na ilha para aglutinar a vida cultural da região e a movimentação política do bairro, além de servir para a realização das discussões sobre a preservação do meio ambiente, pensando especificamente no caso da ilha, que é um pedaço de Mata Atlântica. No entanto, a casa, apesar de ter surgido da ideia de ocupar um dos imóveis construídos pela EMAE[32], acabou sendo criada oficialmente numa parceria entre esta empresa, a Secretaria do Verde e Meio Ambiente, a Prefeitura e os moradores organizados, sendo a primeira das três casas localizada na margem esquerda após a travessia da primeira balsa[33], cedida para a criação da Ecoativa, e a segunda, para a sede da AMIB (Associação dos Moradores da Ilha do Bororé).

Apesar disso, a casa, que começa a pensar uma programação voltada para a cultura local, com atividades como rodas de capoeira, apresentação de violeiros, teatro e também apresentações de rap/hip hop, o faz sem verba pública, sem conseguir abrir todos os dias porque, segundo seus organizadores, não havia sido possível contratar nenhuma pessoa com recursos do poder público para trabalhar no local, deixando o mesmo "ao léu". É por este motivo que Eduardo e os articuladores da AMIB, juntamente com os agentes culturais locais, se organizam para manter atividades ao menos todos os finais de semana e mais pontualmente durante a semana. Vale dizer que, nesta época, a casa permanecia fechada a maior parte do tempo, durante a semana, pelo fato de que todos seus integrantes ou colaboradores trabalhavam fora. Dito de outra forma, a Ecoativa funcionava de modo muitas vezes voluntário e de forma autogestionária e não gerava renda para seus integrantes e nem

[32] De acordo com informações contidas na página da empresa, "[a] EMAE - Empresa Metropolitana de Águas e Energia S.A. tem suas origens em 1899 com a fundação da The São Paulo Railway, Light and Power Company Limited, em Toronto, Canadá, e com o decreto nº 3.349, assinado pelo Presidente da República Campos Salles, que autorizou a empresa a funcionar no Brasil". Maiores informações em: http://www.emae.com.br/conteudo.asp?id=Historico. Acesso em: 15/01/2024.

[33] Para chegar até a Ilha do Bororé, bem como para atravessar seu território, é necessário realizar a travessia de três balsas que atravessam a represa Billings.

para a própria casa. Se tratava de uma militância social/cultural nos moldes tradicionais, daqueles que eram mais comuns ainda durante os anos 90 – em que a remuneração pela militância estava fora do horizonte, mas em que, independentemente da falta de recursos, ainda que de forma precária algumas vezes, as atividades aconteciam –, ignorada pelo poder público e sem financiamentos ou parcerias privadas. Mas com a dedicação e o engajamento político de seus integrantes.

Lateral da Casa Ecoativa na Ilha do Bororé - Foto do autor (Janeiro de 2022)

É com essa configuração – uma formalização perante o poder público e uma gestão comunitária e participativa/coletiva com os agentes políticos e culturais da região – que a casa se tornou um ponto de cultura na região do extremo sul da cidade de São Paulo. E assim ela funcionou até meados de 2006, propiciando à região um local de encontro e formação política, social e cultural, que enfrentou grandes dificuldades de gestão, dado o pouco apoio a ela destinado, mas que ao mesmo tempo mobilizava os moradores da ilha e de seu entorno, de forma contundente, configurando inclusive uma cena cultural potente. A casa se tornou um ponto de referência do Hip Hop na região, sendo um espaço embrionário para vários artistas locais desta cena, como Criolo, Pacto Latino, Robsoul, Terra Preta, entre outros e outras

artistas, além de grafiteiros que ganharam algum reconhecimento para além do Grajaú, como Jerry Batista e os irmãos Tim e Mauro Néri[34].

Desses artistas, o mais reconhecido é o rapper Criolo, que após quase desistir da carreira[35], lançou o disco "Nó na Orelha" em 2011 e ganhou repercussão mundial, o que também chama a atenção do mercado cultural para o Grajaú. Outro rapper que ficou conhecido para além dessa região é o MC Terra Preta, ex-integrante do Rebelião Mental e do Clube do Berro, antigos grupos de rap da região do Grajaú. Em 2008, Terra participou do programa Ídolos no SBT, onde conquistou o primeiro lugar. Sua carreira começou a ganhar alguma repercussão depois disto, mas, no entanto, não se tornou um artista popular como Criolo. O Pacto Latino foi o antigo grupo de rap de Criolo, que após sua dissolução, derivou em diversos outros grupos da região, como o Xemalami (Xeque Mate La Misión). Robsoul, além de rapper, é educador e militante de diversos movimentos sociais na região e se mantém dentro da cena do rap independente. No que se refere aos grafiteiros, Mauro e Tim são fundadores do coletivo Imargem, e Jerry foi um dos responsáveis por colocar em evidência a cena do graffiti do Grajaú. Todos estes artistas foram frequentadores da Ecoativa, além de se encontrarem apenas na casa, já que, diferentemente do convencional, os grafiteiros do Grajaú vieram da cena rock nacional e não do rap. É somente a partir dos encontros na Ecoativa que esses grafiteiros passam a ter contato com o rap, como afirmou Tim, em entrevista cedida para essa pesquisa, em junho de 2021, no Ateliê da Margem, localizado no bairro Jardim Gaivotas.

O Hip Hop virou uma presença constante nas atividades dos finais de semana na casa. É durante esses anos, de 1999 a 2006, que futuros integrantes tanto da Ecoativa como de outros coletivos culturais da região, como o Imargem, passam a frequentar a casa. No entanto, ao fim de 2006, por conta de questões pessoais, Eduardo mudou-se para o Rio Grande do Sul e a Ecoativa ficou sem seu principal articulador, a pessoa responsável por

---

[34] Segundo matéria do TNT Lab, "[f]ilho de migrantes baianos que se encontraram na periferia de São Paulo, Mauro Neri cresceu em uma região marcada por conflitos de moradia, meio ambiente e violência. Aprendeu a desenhar copiando histórias em quadrinhos e, graças ao apoio de uma professora (Maria Vilani, mãe do rapper Criolo), foi introduzido ao universo das artes. Apesar de ter se graduado em Licenciatura de Artes Visuais, considera que só se tornou um artista quando, sob a influência de 'caras que nunca tinham feito faculdade', os grafiteiros Niggaz e Jerry Batista, começou a expressar sua verdade nos muros". Maiores informações em: https://www.tntenergydrink.com.br/lab/tecnologia/a-veracidade-do-grafiteiro-mauro-neri-da-silva/. Acesso em 15/01/2024.

[35] "Depois de 20 anos no rap, Criolo lança primeiro álbum de canções". Folha de São Paulo (30/03/2011): https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3003201114.htm. Acesso em: 15/01/2024.

estimular a organização das atividades ao seu redor, deixando explícita a fragilidade estrutural que a casa nunca deixou de ter, apesar da vitalidade cultural que demonstrou durante muitos anos. Ainda se tratava de uma iniciativa que não teve vida própria quando deixou de ser organizada pelo principal agente que ajudou a constituí-la. A casa, então, passou a ficar fechada por mais tempo, abrindo muito pontualmente, para um coletivo local que estava surgindo. Esse coletivo era o recém-formado Imargem, que começava a ocupar a casa, timidamente, quando conseguiam realizar alguns projetos.

No período de 2006 a 2014, a casa permaneceu a maior parte do tempo fechada, sem uma programação contínua de atividades aos finais de semana, como anteriormente, e sem pessoas que assumissem a casa diretamente, como afirmou Tim, em entrevista para esta pesquisa. No entanto, com o decorrer do tempo, e as atividades pontuais do Imargem continuando a acontecer, um pequeno grupo de pessoas se reuniu em torno dessas movimentações. Em 2014, com a notícia de que a antiga Casa Ecoativa se transformaria num posto policial, os integrantes do Imargem, juntamente com outros agentes culturais que se encontravam na casa, resolveram ocupar uma das três casas da EMAE. Como a primeira casa[36] já estava para se tornar um posto policial por demanda dos moradores da região, então foi decidido ocupar a terceira das casas, aproveitando a curadoria na região do Grajaú feita por Mauro para o evento cultural Virada Sustentável[37] na região. Como programação[38] da Virada, foram mobilizados diversos agentes sociais e culturais da região e de fora para realizarem um mutirão de reforma na casa Ecoativa[39], que alcançou muita repercussão em algumas mídias sociais. É a partir desse mutirão que a casa retomou suas atividades

[36] A Ecoativa é uma das três casas pertencentes à EMAE, localizadas à margem esquerda da Estrada de Itaquaquecetuba, onde a primeira das casas foi a primeira Casa Ecoativa. Após a paralisação das atividades da casa por oito anos, a EMAE e o poder público cederam a casa para a criação de um posto policial. Ao saber disso, os ativistas culturais ocuparam a casa e no final, após negociações, terminam por ficar na terceira casa. Assim, a ordem das casas fica a seguinte: a primeira virou um posto policial da guarda ambiental; a segunda é a sede da AMIB e a terceira virou a atual Ecoativa.

[37] "A Virada Sustentável" é um movimento de mobilização para a sustentabilidade que organiza o maior festival sobre o tema no Brasil. (...) Envolve articulação e participação direta de organizações da sociedade civil, órgãos públicos, coletivos de cultura, movimentos sociais, equipamentos culturais, empresas, escolas e universidades, entre outros, com o objetivo de apresentar uma visão positiva e inspiradora sobre a sustentabilidade e seus diferentes temas para a população, além de reforçar as redes de transformação e impacto social existentes nas diferentes cidades." Maiores informações em: https://www.viradasustentavel.org.br/o-que-e-a-virada. Acesso em: 15/01/2024.

[38] A programação da Virada sustentável em questão pode ser vista aqui: https://imagemdamargem.blogspot.com/2014/08/imargem-recebe-virada-sustentavel-e.html. Acesso em 15/01/2024..

[39] Um momento pré-ocupação da casa foi registrado nesse vídeo, produzido para a campanha de divulgação da Virada Sustentável 2014, intitulado de "# Viresuacidade – Mutirão Conexões – Ocupação | VS2014." Maiores informações em: https://www.youtube.com/watch?v=Ye1K64bFOzo. Acesso em: 15/01/2024.

oficialmente e quando muitos dos agentes presentes no mutirão assumiram a coordenação da casa oficialmente, juntamente com o Imargem. Um desses agentes, conhecido por Jai – se tornou uma figura importante nessa nova configuração da casa, já que nenhuma das pessoas que estava ocupando a casa até então era moradora da ilha. Jai, como morador, viria cumprir muito bem esse papel.

Cartaz de evento na Casa Ecoativa – Acervo Eduardo Freire

No período de 2006 a 2014, a casa permaneceu a maior parte do tempo fechada, sem uma programação contínua de atividades aos finais de semana, como anteriormente, e sem pessoas que assumissem a casa diretamente, como afirmou Tim, em entrevista para esta pesquisa. No entanto, com o decorrer do tempo, e as atividades pontuais do Imargem continuando a acontecer, um pequeno grupo de pessoas se reuniu em torno dessas movimentações. Em 2014, com a notícia de que a antiga Casa Ecoativa se transformaria num posto policial, os integrantes do Imargem, juntamente com outros agentes culturais que se encontravam na casa, resolveram ocupar uma das três casas da EMAE. Como a primeira casa[40] já estava para se tornar um posto policial por demanda dos moradores da região, então foi decidido ocupar a terceira das casas, aproveitando a curadoria na região do Grajaú feita por Mauro para o evento cultural Virada Sustentável[41] na região. Como programação[42] da Virada, foram mobilizados diversos agentes sociais e culturais da região e de fora para realizarem um mutirão de reforma na casa Ecoativa[43], que alcançou muita repercussão em algumas mídias sociais. É a partir desse mutirão que a casa retomou suas atividades oficialmente e quando muitos dos agentes presentes no mutirão assumiram a coordenação da casa oficialmente, juntamente com o Imargem. Um desses agentes, conhecido por Jai – se tornou uma figura importante nessa nova configuração da casa, já que nenhuma das pessoas que estava ocupando a casa até então era moradora da ilha. Jai, como morador, viria cumprir muito bem esse papel.

Jai, ou Jaison Pongiluppi Lara – homem branco, cisgênero e heterossexual, de 32 anos – nasceu em São Paulo, na Vila São José, no distrito do Grajaú. No entanto, desde a infância,

---

[40] A Ecoativa é uma das três casas pertencentes à EMAE, localizadas à margem esquerda da Estrada de Itaquaquecetuba, onde a primeira das casas foi a primeira Casa Ecoativa. Após a paralisação das atividades da casa por oito anos, a EMAE e o poder público cederam a casa para a criação de um posto policial. Ao saber disso, os ativistas culturais ocuparam a casa e no final, após negociações, terminam por ficar na terceira casa. Assim, a ordem das casas fica a seguinte: a primeira virou um posto policial da guarda ambiental; a segunda é a sede da AMIB e a terceira virou a atual Ecoativa.

[41] "A Virada Sustentável" é um movimento de mobilização para a sustentabilidade que organiza o maior festival sobre o tema no Brasil. (...) Envolve articulação e participação direta de organizações da sociedade civil, órgãos públicos, coletivos de cultura, movimentos sociais, equipamentos culturais, empresas, escolas e universidades, entre outros, com o objetivo de apresentar uma visão positiva e inspiradora sobre a sustentabilidade e seus diferentes temas para a população, além de reforçar as redes de transformação e impacto social existentes nas diferentes cidades." Maiores informações em: https://www.viradasustentavel.org.br/o-que-e-a-virada. Acesso em: 15/01/2024.

[42] A programação da Virada sustentável em questão pode ser vista aqui: https://imagemdamargem.blogspot.com/2014/08/imargem-recebe-virada-sustentavel-e.html. Acesso em 15/01/2024..

[43] Um momento pré-ocupação da casa foi registrado nesse vídeo, produzido para a campanha de divulgação da Virada Sustentável 2014, intitulado de "# Viresuacidade – Mutirão Conexões – Ocupação | VS2014." Maiores informações em: https://www.youtube.com/watch?v=Ye1K64bFOzo. Acesso em: 15/01/2024.

é frequentador da Ilha do Bororé, onde moravam seus avós, como disse em entrevista cedida para esta pesquisa. Ainda em sua infância, seus pais retornaram para a Ilha do Bororé, onde Jai passou a viver, até hoje. Em seu próprio depoimento, Jai afirmou que é *"(...) cria dos coletivos culturais desse território, da rua também, nesses letramentos urbanos. Nesse território que é a mancha entre a urbe com o campo, com essa conversa do rural. Então a Ecoativa vai aparecer já na minha formação também, enquanto criança e adolescente, como um espaço de convivência"*. Tendo estudado até o ensino médio, na Escola Estadual Professor Adrião Bernardes, localizada na Ilha do Bororé, Jai se define como autodidata. Apesar disso, realizou alguns cursos técnicos, como designer gráfico – onde chegou a trabalhar numa gráfica – e de permacultura, que é uma das atividades com a qual trabalha até hoje. Ainda sobre sua formação, Jai afirma

> (...) sou autodidata. Estudei até o terceiro ano do Ensino Médio, aqui no Adrião (Adrião Bernardes, escola localizada na Ilha do Bororé). Aí fui fazer permacultura, trabalho com designer gráfico e trabalhos mais de escrever projetos... Não fiz nenhum curso da academia (Universidade). Aí é [minha] formação autodidata e formação empírica, mesmo né? Da rua e da experiência do fazer, né? E aí junta essa coisa de gestão de espaços, mais gestão de pessoas, escrever projetos... Então, quando você cuida do espaço, mantém espaço, olha para tudo, você cria esse acúmulo de gestão, né? O que faz me colocar hoje no cargo que eu estou, de gestão de um serviço público... É... vem dessa trajetória, né? Do fazer. (Jaison Pongiluppi Lara, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 30/05/2021).

Além de ser atualmente o principal articulador da Casa Ecoativa, Jai trabalha com cultura e educação, como gerente de um CCA (Centro da Criança e do Adolescente)[44], no SUAS (Sistema Único de Assistência Social)[45], atuando na região de Parelheiros, que também é uma APA (Área de Proteção Ambiental) e na escola Adrião Bernardes, na Ilha do Bororé. Ou como ele mesmo diz, se caracterizando com um "entusiasta do tema territórios educativos", atualmente Jai também trabalha com agricultura familiar e economia solidária através do *Café na Mata*, onde mobiliza o acúmulo que obteve ao longo dos anos trabalhando

---

[44] Segundo o Portal da Prefeitura de São Paulo, o Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) tem por objetivo geral "[o]ferecer proteção social à criança e adolescente, em situação de vulnerabilidade e risco, por meio do desenvolvimento de suas potencialidades, bem como favorecer aquisições para a conquista da autonomia, protagonismo e cidadania, mediante o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários". Maiores informações em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/protecao_social_basica/. Acesso em 15/01/2024.

[45] De acordo com o portal do Governo Federal, "[o] Sistema Único de Assistência Social (Suas) é um sistema público que organiza os serviços de assistência social no Brasil". Maiores informações em: https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/suas/servicos-e-programas/o-que-e. Acesso em 15/01/2024.

com agricultura urbana, na implementação de hortas escolares e permacultura nas escolas, bem como com cultura, na valorização do patrimônio cultural e material da comunidade, mobilizando também a origem de sua família, que vem da agricultura familiar. Inaugurado durante a pandemia, o *Café na Mata* – que é da propriedade da família de Jai – localiza-se em frente à Casa Ecoativa, no número 8550 da Estrada de Itapecerica. Além de oferecer uma gastronomia típica da região, com bebidas e alimentos orgânicos, o Café organiza exposições de artistas locais, feiras de produtos orgânicos e é o ponto de encontro de diversos coletivos locais que trabalham com o assim chamado *turismo de base comunitária*, como o projeto *Balsaturismo*. É notável que a articulação entre o Imargem, a Casa Ecoativa e demais coletivos, como o citado *Balsaturismo,* configuram além de uma rede de solidariedade, uma rede econômica e um circuito de turismo local, mobilizados por estes agentes. Sobre essas articulações, Jai aponta a importância da mesma, ao falar de sua relação com a AMIB e sobre como o fato da mesma ser uma OSCIP, foi estrategicamente importante:

> (...) Tem sempre essa mescla entre grupos, que é importante entender que a Ecoativa, juridicamente, ela é até da Associação de Moradores da AMIB, né? Ela... O CNPJ... essa representatividade, a gente tenta não duplicar criando uma nova, mas sim a de legítima da AMIB. Eu sou diretor da AMIB, eu passo à, muito novo, integrar... Eu ocupo, quase, a associação de moradores, no final da ata. Com a retomada da Ecoativa, - eu nem fazia a parte da AMIB - a gente teve que sentar e conversar, e no final da ata, *a gente convida Jaison Pongiluppi a ser o* – quase que eu ocupo assim – *diretor de cultura e meio ambiente da AMIB*, por causa desse trabalho. Aí sento com a EMAE, converso com a EMAE; sento com a Secretaria do Verde e converso com a Secretaria do Verde; Vou pro Conselho Gestor da APA e vai rolando essa novela toda que não termina, mano! Mas a gente ainda é uma ocupação cultural. Está ali a minuta de contrato, que é... A gente está no novo MROSC... Estamos com a cooperação.... O que eles fazem mesmo? É um contrato que elas [EMAE e SMV] tem que fazer com a gente, que é um acordo de cooperação técnica. Está lá, para os dois jurídicos assinarem, e tanto a presidente da EMAE, quanto a presidente da Secretaria do Verde, não sela. Então, novelas da ocupa cultural. Então ainda é uma ocupação. Não tem nada legal. Talvez, legítimo (Jaison Pongiluppi Lara, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 30/05/2021).

Atualmente, além de Jai, a Ecoativa tem por integrantes Tim, Daniel, Andréia Emerson, Paolo, Adriele, Fifo, Valéria, Gabriela e Luciana. É interessante apresentá-los aqui rapidamente para que se possa ter uma ideia mais concreta deste coletivo atualmente. Luciana Aparecida dos Santos, ou Lú, como é chamada popularmente, faz parte da Ecoativa há seis anos, sendo a integrante com mais tempo na casa, depois de Jai e Tim. Aos 39 anos, se apresenta como mãe solo de quatro filhos, moradora da Ilha do Bororé, empreendedora, afro-

indígena e do gênero feminino. Nascida em São Bernardo do Campo, Luciana se mudou para a Ilha do Bororé aos seis anos. Seu contato com a Casa Ecoativa, segundo ela contou em entrevista cedida para esta pesquisa em janeiro de 2022, se deu quando estudava na escola Adrião Bernardes. Segundo Luciana: *"Eu estava na escola – me lembro como se fosse hoje! Eu estava no pátio da escola, e o Eduardo Freire, junto com outras pessoas da organização, eles tinham proposto para a gente escolher um nome, para o espaço e o nome que ganhasse, ia ganhar um livro contando a história da Ilha do Bororé. Isso era o máximo, na época, para a gente! E o nome escolhido foi Casa Ecoativa. E eu participei desse momento"*. No entanto, Luciana só viria acompanhar de perto a movimentação cultural da região e da Ecoativa anos depois, quando seus filhos entraram na escola Adrião Bernardes, a partir da participação nas atividades desenvolvidas em parceria com a casa, *"possibilitando o desemparedamento da escola"*, nas palavras de Luciana. Em depoimento para esta pesquisa, Luciana relembra o momento exato em que se aproximou da Ecoativa:

> (...) através dos meus filhos fazerem parte da mesma escola, rolou esse vínculo, né? com a Ecoativa, de eu vir conhecer o espaço através dos meus filhos... E também por fazer parte de uma... Ter feito parte, por oito meses, de uma cooperativa de doces aqui do bairro, chamada Mulheres Solidárias da Ilha do Bororé, que vinham vender no sarau. Então, a minha aproximação foi tanto por trabalho quanto pela questão dos meus filhos. E eu fui só me aproximando e comecei a ser uma freelancer. Daí, comecei a observar o que era a cena de cultura dentro do território, a partir disso. A partir dos meus filhos, e a partir de uma oportunidade de trabalho. (...) O Sarau de cordas foi o diferencial. Foram as aulas através do Adrião Bernardes, que aproximavam a gente da escola, a família da escola. E algumas atividades na escola, me fizeram a começar a encontrar as pessoas da Ecoativa nesse percurso, a estar mais próxima. Mas o que me trouxe nesse momento foi o sarau de cordas mesmo. O sarau de cordas, pela questão financeira de estar aqui, e foi uma coisa muito superficial, porque eu fiquei com essa cooperativa apenas oito meses e eu acho que eu participei de dois sarau. Depois disso me abriu uma oportunidade para que eu viesse estar aqui de forma própria, com meu próprio trabalho que era Lu doce Lu, né? Doces da Lu. E eles foram observando meu trabalho. Eu estava sempre disponível, ajudando e semeando, né, dentro dessa possibilidade. (Luciana Aparecida dos Santos, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 27/01/2022).

Tendo estudado até o ensino médio, Luciana possui, entretanto, inúmeros cursos profissionalizantes. Apesar de seu campo de atuação ser a alimentação orgânica e sustentável, Luciana formou-se em um curso de eletricista pelo *SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas)*[46] e em confecção de perucas pelo *Instituto Hera*[47], dentre

[46] De acordo com informações contidas em seu portal, o SEBRAE "(...) é uma entidade privada que promove a competitividade e o desenvolvimento sustentável dos empreendimentos de micro pequenas empresas – aqueles com

outros. Mas, segundo Luciana, foi a partir de seu ingresso no projeto *O que cabe no meu Prato*[48], incubado na Casa Ecoativa, que sua relação com o tema da alimentação, que já lhe interessava, ficou mais séria. Ao optar por sair do trabalho para terminar seus estudos, a partir do projeto citado, Luciana foi selecionada pela *Empreende Aí*[49] para fazer um curso de cinco meses no *Cubo Itaú*[50], onde seu negócio foi uma das propostas finalistas. A partir de então, mesmo diante de muitos reveses que relata ter vivido ao longo desta trajetória, Luciana mergulhou profundamente no ramo da alimentação sustentável, alcançando muita visibilidade. Ela participou de uma Web série do projeto *Alimento e Poder*, além de ter participado duas vezes em programas da *Rede Globo*, sendo um deles o *Pequenas Empresas e Grandes Negócios*. Além disso, Luciana deu oficinas e cursos, serviu sua culinária para personalidades como a esposa do ator Rodrigo Santoro, Mel Fronckowiak, e teve seu trabalho

---

faturamento bruto anual de até R$ 4,8 milhões. Atuando com foco no fortalecimento do empreendedorismo e na aceleração do processo de formalização da economia por meio de parcerias com os setores público e privado, programas de capacitação, acesso ao crédito e à inovação, estímulo ao associativismo, incentivo a educação empreendedora na educação formal, feiras e rodadas de negócios". Maiores informações em: https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais_adicionais/conheca_quemsomos. Acesso em: 16/01/2024.

[47] Segundo seu portal, "[o] Instituto Hera foi criado em 2013 a partir da iniciativa de amigos, médicos ginecologistas, que sentiram a necessidade de um espaço voltado para o atendimento qualificado à saúde da mulher. (...) Na mitologia grega, Hera é a deusa do casamento, e rege a fidelidade conjugal. Quando retratada, Hera pode ostentar na sua mão uma romã, símbolo da fertilidade, possui uma coroa de ouro, e é representada por um pavão. Ela usava uma pena do seu pássaro para marcar os locais que protegia. O Instituto Hera recebeu este nome e como logotipo a pena do pavão, simbolizando a proteção da deusa ao ambiente que destina-se ao cuidado integral da mulher". Maiores informações em: https://www.ihera.com.br/quem-somos/; Acesso em: 16/01/2024.

[48] De acordo com informações do portal Navegando nas Artes, é "[a]través de vivências mão na massa, [que] o projeto [O que cabe no meu prato] propõe a reflexão sobre alimentação para além do simples "matar a fome". Acreditamos que nossos hábitos alimentares englobam muitos fatores em nossas vidas e podem sim ser cultuados como posicionamentos político, social, ambiental e principalmente de preocupação com a saúde de tod@s que se dispõem a abrir mão do consumo linear (demanda, consumo e descarte) e decidem fechar ciclos em suas vidas com uma alimentação que encha os olhos, nutra o corpo e transborde o coração". Maiores informações em: https://www.navegandonasartes.com.br/associacao/. Acesso em: 16/01/2024.

[49] De acordo com informações do site da Empreende Aí, este grupo caracteriza-se desta forma: "Impacto social, transformação de vida e empreendedorismo formam a nossa história e essência. A Empreende Aí, escola de negócios da periferia para a periferia, há 8 anos impulsiona empreendedores populares para realizarem seus sonhos e a garantirem emancipação financeira. Todo o processo acontece por meio de metodologia própria presencial e on-line e de metodologias cocriadas com parceiros". Maiores informações em: https://www.empreendeai.com.br/#visao. Acesso em 16/01/2024.

[50] De acordo com informações de sua página, "[o] Cubo Itaú é uma comunidade internacional que, desde 2015, realiza a curadoria de startups em fase de tração e com alto potencial de escalabilidade para impulsionar os negócios e a economia. Aqui, geramos densidade ao reunir na mesma rede de conexão empreendedores experientes, corporações em constante inovação, os principais investidores do mercado e talentos dos mais diversos segmentos para atender a alta demanda por conhecimento tech". Maiores informações em: https://cubo.network/institucional. Acesso em: 16/02/2024.

apresentado até na *COP* 26 (26th Conference of the Parties)[51] em 2021. Embora tenha passado por muitas dificuldades e muitos recomeços, Luciana – que também é integrante do *MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens)*[52] –, se considera uma pessoa resiliente, graças ao movimento cultural ao qual faz parte. Ela relata que em muitos momentos, *"as pessoas me viam dando um close, dando mais de catorze mil visualizações. mas ninguém sabia que eu não tinha nem cinco reais no bolso"*. E complementa: *"Eu acho que isso faz a gente ser muito mais panc[53]. Uma panc que ela nasce assim, de forma.... sozinha. Ela vai se virando, ela vai caçando água e ela vai sobrevivendo, e ela vai alastrando. Essa questão do movimento cultural, ela traz muito isso"*.

É durante esta nova gestão da casa, diferentemente da anterior, que a Ecoativa começa a buscar financiamentos e parcerias públicas e privadas para realização de suas atividades. Dentre as parcerias estão as empresas *Leroy Merlin*, a *Fundação Casas Bahia - Via Varejo*, *Zurich Seguros*, além do *Goethe Institut*, o *Instituto Alana* e o *Instituto Tomie Ohtake*. Sobre essas parcerias com entidades do setor privado, vale informar aqui a forma como se apresentam publicamente, sobretudo no tocante às suas contribuições sociais, pelas quais recebem incentivos fiscais do Estado. Chamo atenção para esta questão porque é usual, no campo de captação de recursos que todos os coletivos aqui estudados estão inseridos, que os objetivos financeiros destas empresas são de alguma maneira atenuadas, em termos de percepção pública, com discursos sobre responsabilidade social e com anúncios de contrapartidas de cunho cultural. A forma de apresentação de suas operações não estritamente comerciais é bastante similar e de suma importância para compreender alguns dos entrecruzamentos em que os coletivos, em busca de recursos para suas atividades, são constituídos: ao mesmo tempo chamando atenção para o incentivo da atenuação da desigualdade social, para o combate à degradação ambiental e também para o estímulo ao empreendedorismo. Veremos que estes são temas recorrentes nas narrativas de sujeitos e instituições que compõem as bases dos financiamentos culturais aqui estudados. É possível

---

[51] "O que é a COP26? Entenda a importância do encontro". Brasil de Fato (31/10/21): https://www.brasildefato.com.br/2021/10/31/o-que-e-a-cop26-entenda-a-importancia-do-encontro. Acesso em: 16/01/2024.

[52] Para maior compreensão sobre o MAB, indico a tese "Cerzindo o Tecido Social - Ressignificações do bordado arpillera e a vida de atingidas por Belo Monstro", de Ralyanara Freire (2022).

[53] Luciana se refere aqui, realizando um trocadilho com a palavra "punk", no sentido de realçar dificuldades do percurso, às Plantas Alimentícias Não Convencionais (Pancs).

perceber uma espécie de borramento das fronteiras entre o mundo empresarial e o campo dos movimentos culturais periféricos, também entrevistos, como veremos adiante, entre as esferas dos mundos privado e público. Um exemplo interessante é este depoimento de Jai:

> (...) então, talvez a gente, ou talvez eu, Jai, a gente vai acreditar num movimento de que possa haver um diálogo. Quando eu falo isso, é dos setores. Então, a gente não acha que a sociedade civil sozinha vai conseguir, e a Ecoativa é a mestra para falar disso, não é a sociedade civil sozinha que vai conseguir. Não é o setor público sozinho com as políticas públicas que vai conseguir e nem são as empresas que vão salvar. É talvez o diálogo entre essas três. Ela [a Ecoativa] põe para conversar com a sociedade civil, que é a comunidade. E aí pode ser que a comunidade organize uma OSCIP – como a AMIB – que é uma organização da sociedade civil de interesse público, que é um passo acima da ONG, ou uma associação. Então a gente também acredita nesse diálogo. Então nem demoniza a empresa que é setor 2.0, que pode fazer alguma coisa, que está ali, interessada. Itaú... Mano, uma [Fundação] Tide Setúbal. Os caras têm muito dinheiro. Os caras têm que colocar dinheiro na... É muito dinheiro que os caras têm, né mano? Alana, a gente tem projeto com o Instituto Alana, o programa Criança e Natureza... Mano, é muito branco, né, galera muito branca, mas não tem cara... Eu acho que não tem como não fazer, não estar dialogando. A gente já fez com o Goethe Institut, que é o instituto Alemanha-Brasil... É... Itaú Cultural. É... Tomie Ohtake... Então... Só que eu acho que assim, o protagonismo da periferia é... E essa reivindicação da gente como criadores de tecnologia é inegociável. Quando a gente for fazer uma parada, acho que tem que estar tudo muito.... é... Então, assim a gente faz, começa a produzir trabalho. Então, a gente acredita que é um movimento social, mas que desse espaço não cria-se projetos, porque a gente acredita que... que o projeto é o palco! Como sempre existiu, para ter os sonhos ali, os desejos e os projetos da comunidade. É um projeto de alimentação? é um projeto de livro? é um projeto de xilogravura? O que é que esteja ali, você pode gerar renda com isso, né? Então, a gente não pode... é... Quando a gente fala da economia criativa, porque tem como produzir de um jeito legal, gerando renda e criando um desenvolvimento legal, bacana, com princípios éticos, né?. Então, é a mesma coisa com a agricultura e o turismo, os setores de trabalho. Muito depende dos seus princípios, do que você está colocado ali. (...) se você tiver uma agricultura regenerativa, com cooperativa, com todo mundo que vai ganhar você gera desenvolvimento local, compatibiliza com uma coisa legal. Aí a agricultura pode ser boa. Você vê? A agricultura pode ser boa e ruim, e outra coisa é o turismo. Você pode ter o turismo predatório, que vai acabar com o território, vai colocar todo mundo que trabalha ali, no subemprego... Quem tem dinheiro... Isso é clássico no Brasil. É só ver Bahia, Chapada Diamantina, quem é o dono dos hotéis são franceses. E quem está limpando o banheiro do bagulho é o nativo, que nasceu lá! Então o turismo pode ser terrivelmente predatório. Agora, se a gente falar no turismo de base comunitária, de produção comunitária... Então depende muito do princípio ético que você vai colocar ali, naquele mesmo, naquele mesmo ramo. Então, a gente faz um diálogo com as empresas, com o setor público, como política pública, e a sociedade civil organizada. Os coletivos autônomos, que não tem uma representação jurídica, né? E aí, a gente vai se organizando, muito forte também com o coletivo, Imargem que vira uma associação, e então tem uma representatividade jurídica e AMIB que já existe, que é a associação de moradores, né? E aí é uma associação, não deixa de ser essa parte da organização da sociedade civil, e faz diversos amarrações com o poder público – especialmente AMIB – mais com vereadores, muito mais pro lado

> do PT, historicamente de esquerda. Vai precisando desses atores também, né? Da discussão política – partidária. Precisa mano, porque é onde você tem a reunião... é onde você vai criar poder, discutir política pública, mano! (Jaison Pongiluppi Lara, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 30/05/2021).

Neste sentido, vale frisar que a Leroy Merlin é uma empresa do ramo de materiais para construção, de origem francesa, que chegou ao Brasil em 1998. Segundo seu setor de responsabilidade social, *"[a] Leroy Merlin considera o planeta a nossa casa, por isso, nossa missão é contribuir para que todos possam melhorar o seu lar. Nossa cultura interna e jeito de fazer negócio, nos incentivam a assumir, diariamente, desafios com compromissos voltados ao desenvolvimento econômico, ambiental e social, através de iniciativas que despertem a consciência cultural, promovam o acesso à direitos e valorizem a pluralidade brasileira"*[54].

Já a Fundação Casas Bahia – Via Varejo – de acordo com informações contidas no portal do GIFE (Grupo de Institutos, Fundações e Empresas) – foi *"[f]undada em 1961, e (...) tem como propósito contribuir com o desenvolvimento social cultural e a diminuição das desigualdades sociais no Brasil, beneficiando milhares de pessoas por ano, partindo de dois pilares de atuação que geram grande impacto social: a) Valorizar Pessoas, Identidades e Cultura Local - Visa contribuir com a ampliação das oportunidades de acesso à educação, fomento à negócios sociais inclusivos, a difusão da cultura periférica das comunidades de alta vulnerabilidade social do entorno das lojas e a mobilização social que permeia as atividades por meio do engajamento da sociedade civil e dos colaboradores voluntários da Via Varejo; b) Fomentar o Empreendedorismo - Apoio aos empreendedores para que fortaleçam seus negócios, contribuindo ativamente para o desenvolvimento local e ampliação das possibilidades de inclusão dos cidadãos na sociedade por meio de projetos de capacitação para microempreendedores de regiões periféricas"*[55].

A Zurich Seguros, por sua vez, de acordo com sua página na internet, é *"(...) uma das seguradoras globais mais experientes do mundo. Com cerca de 56 mil funcionários, oferecemos uma ampla gama de produtos e serviços de ramos elementares e de vida em mais*

---

[54] Maiores informações em: https://www.leroymerlin.com.br/atitudes_sustentaveis/responsabilidade_social. Acesso em: 16/01/2024.

[55] Maiores informações em: https://gife.org.br/associados/fundacao-casas-bahia/. Acesso em: 16/01/2024.

de 210 países e territórios. Atendemos pessoas físicas e jurídicas – de pequenas empresas a multinacionais. Trabalhamos para estar também entre as empresas mais responsáveis e de maior impacto no mundo. (...) O investimento na comunidade é parte integrante da nossa estratégia de sustentabilidade, tendo como objetivo ajudar a construir comunidades mais resilientes, agregando valor além de nossa atividade comercial principal. Também consideramos importante assumirmos a responsabilidade pelo impacto que nossas operações têm sobre o meio ambiente. Por isso, tomamos medidas para reduzir as emissões de carbono de nossas próprias operações para ajudar a mitigar as mudanças climáticas, reduzir o consumo de energia e conservar recursos naturais valiosos"[56].

O Goethe Institut, como *"(...)[i]nstituto Cultural da República Federal da Alemanha, de atuação global"*, possui uma rede global, com 158 institutos ao redor do mundo, em 98 países, empenhada em "*prol do entendimento entre a Alemanha, a Europa e o mundo"*. A partir do intercâmbio cultural e da promoção do idioma e da cultura alemã, o instituto atua em parcerias com empresas nacionais e estrangeiras, e conta "*com apoio institucional do Ministério das Relações Exteriores"*, atuando juridicamente e politicamente de forma autônoma, sem vínculos partidários. No Brasil, os principais objetivos do instituto são: "*a) a atualização da imagem da Alemanha no Brasil; b) a apresentação da cultura alemã contemporânea* e, *c) a inserção da língua e da cultura alemãs no sistema educacional brasileiro"*[57].

Com uma história que remete a mobilizações populares na década de 90, o instituto Alana é uma das áreas de atuação da fundação Alana. Através da "*[c]omunicação, advocacy*[58] *e informação para os direitos das crianças e adolescentes"*, o instituto "*trabalha com programas próprios, projetos e parcerias para, assim, garantir condições para o desenvolvimento integral da infância em seus diferentes espaços de vivência"*. Como uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, o Instituto Alana tem por missão *"honrar*

---

[56] Maiores informações em: https://www.zurich.com.br/pt-br. Acesso em: 16/01/2024.

[57] Maiores informações em: https://www.goethe.de/ins/br/pt/ueb/auf.html. Acesso em: 16/01/2024.

[58] Segundo o portal Politize! o "termo tem origem na palavra advocare, do latim, que significa ajudar alguém que está em necessidade. Em inglês, deriva do verbo to advocate. Entretanto, a tradução literal em português, advogar, traz uma conotação em demasiado jurídica (...). Advocacy, na atualidade, é utilizado como sinônimo de defesa e argumentação em favor de uma causa. É um processo de reivindicação de direitos que tem por objetivo influir na formulação e implementação de políticas públicas que atendam às necessidades da população. Maiores informações em: https://www.politize.com.br/advocacy-o-que-e/. Acesso em: 16/01/2024.

a criança", promovendo "*a responsabilidade coletiva em relação ao cuidado e à proteção da infância. Fortalecendo, assim, as relações familiares, o poder público e as instituições presentes nos tempos e espaços de formação da criança"*. Ademais, tem por valores a busca de "*uma agenda comum por um mundo mais plural, inclusivo e igualitário para todas as crianças. Privilegiando, dessa forma, o interesse público com pilares na democracia, nos direitos humanos, na justiça social e na sustentabilidade socioambiental"*[59].

Por fim, o Instituto Tomie Ohtake, fundado em 2001, é "*um instituto cultural dedicado às artes visuais e seus cruzamentos com a educação, a arquitetura e o design, sempre aberto ao diálogo com outras linguagens e temas contemporâneos"*. Através da vocação em *[a]brir caminhos na arte e na vida*, o instituto promove uma intersecção entre as artes visuais, a arquitetura e o design e a educação, a partir de "*projetos de educação, premiações e programas formativos, difundindo conhecimento e criando conexões para trabalhar em parceria com instituições nacionais e internacionais"*, em todo território nacional. Tal *vocação também assume intenções públicas naquilo que forma e contribui para a sociedade. Por isso, nos consideramos um ser-escola que concebe e desenvolve projetos formativos ambiciosos, sendo referência para educadores: sejam os que vão ao Instituto ou os que o encontram em diferentes cidades do Brasil*[60].

Para além dessas parcerias, no que diz respeito ao turismo de base comunitária, que é uma das fontes de renda da Casa Ecoativa – que conta com diversos roteiros turísticos como o roteiro gastronômico e cultural, o de agricultura de base familiar, o percurso educador, o náutico e o de trilhas – há também colaborações com a citada Rede Sesc, onde a casa já recebeu visitações de todas as unidades da rede SESC[61] São Paulo; com as agências de turismo *Vivejar*[62] e *Toca da Onça*[63]; com o Greenpeace; e com a extinta *Casa Samambaia*[64],

---

[59] Maiores informações em: https://alana.org.br/instituto-alana/. Acesso em: 16/01/2024.

[60] Maiores informações em: https://www.institutotomieohtake.org.br/historia/. Acesso em: 16/01/2024.

[61] Segundo site da instituição, "[o] SESC, Serviço Social do Comércio, foi criado em 1946, como compromisso de que empresários do setor colaborariam com o cenário social por meio de ações que beneficiassem empregados e seus familiares com melhores condições de vida e desenvolvimento de suas comunidades de residência. Com o passar do tempo, esse trabalho foi estendido a toda a população, como forma de cooperar com a sociedade e contribuir para a igualdade social." Maiores informações em: https://www.sesc.com.br/institucional/o-sesc/sesc/. Acesso em: 16/01/2024.

[62] Segundo informações contidas em sua página, a Vivejar "[é] uma empresa social que incentiva o turismo responsável, o empoderamento feminino e o impacto positivo nas comunidades e destinos visitados". Maiores informações em: https://vivejar.com.br/sobre/quem-somos/. Acesso em: 16/01/2024.

em Pinheiros. Através destas visitas a Ecoativa já recebeu sujeitos participantes de intercâmbios de catorze nacionalidades diferentes, inclusive estudantes das universidades de *Harvard* (EUA) e de *Cambridge* (Reino Unido). No que tange ao financiamento público, também é importante ressaltar que a Ecoativa também se valeu desta outra forma de captação de recursos, para além daquele advindo da iniciativa privada. Por exemplo, a Ecoativa foi contemplada com os editais *VAI, VAI Tec (Programa de Valorização de Iniciativas Tecnológicas)*[65], *Proac* e com a *Lei de Fomento às Periferias*[66].

Acompanhar a Ecoativa foi fundamental para esta pesquisa no sentido de entender – a partir do coletivo – a dinâmica das relações construídas nesse território, entre as pessoas, os coletivos e sua rede de captação de recursos, tanto nas parcerias públicas como naquelas estabelecidas com o setor privado. Assim, pude ter maior visão sobre a infraestrutura de ações, redes, articulações e parcerias, além do caráter político e ideológico que as permeiam. Algo que, após de mais de dez anos fora do Grajaú, só acompanhava pelos meios virtuais.

---

[63] Criada na zona sul de São Paulo, a agência de ecoturismo Toca da Onça oferece roteiros nas Áreas de Proteção Ambiental (APAs), a Capivari-Monos e Bororé-Colônia. Maiores informações em: https://agtocadaonca.wixsite.com/site. Acesso em: 16/01/2024.

[64] Localizada na Vila Madalena, a Casa Samambaia foi idealizada por tres mulheres (uma diretora de comunicação, uma produtora de cinema e uma diretora de arte, todas da classe média alta paulistana). A casa tinha o intuito de funcionar como uma espécie de "co-working" cultural, um empreendimento que pudesse abranger desde mostras culturais, bazares e até mesmo o aluguel de salas para ateliês e afins. Para maiores informações ver a matéria "Início, meio e fim: a história da Casa Samambaia e a experiência de empreender quase só com paixão". DRAFT (23/11/17): https://www.projetodraft.com/inicio-meio-e-fim-a-historia-da-casa-samambaia-e-a-experiencia-de-empreender-quase-so-com-paixao/. Acesso em: 16/01/2024.

[65] Segundo o portal da Secretaria do Desenvolvimento e Trabalho da Prefeitura de São Paulo, "[o] O Vai Tec - Programa de Valorização de Iniciativas Tecnológicas - é um programa municipal gerido pela ADE SAMPA em parceria com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Trabalho (SMDET). O Vai Tec tem como objetivo o apoio a empreendedores(as) jovens de baixa renda para que transformem suas ideias inovadoras em negócios tecnológicos sustentáveis. Ao longo das etapas, são promovidos encontros para sensibilizar os jovens para o empreendedorismo, palestras, workshops e mentorias, além de apoio financeiro para os projetos selecionados pelo Edital. O programa está em sua oitava edição, em que serão selecionados 24 projetos que receberão R$ 42.500". Maiores informações em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento/espaco_do_trabalhador/?p=256406. Acesso em: 16/01/24.

[66] De acordo com as informações contidas no portal da secretaria de cultura da cidade de São Paulo, "o Programa de Fomento à Cultura da Periferia, instituído pela Lei 16.496/16, tem o objetivo de apoiar financeiramente coletivos artísticos culturais que atuam há 3 anos ou mais nas periferias de São Paulo. As propostas de Plano de Trabalho podem durar até 24 meses e as inscrições são feitas através de Editais anuais, com previsão de lançamento sempre em junho de cada ano." Maiores informações em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/index.php?p=27841#:~:text=O%20Programa%20de%20Fomento%20%C3%A0,nas%20periferias%20de%20S%C3%A3o%20Paulo. Acesso em 16/01/2024.

1.3 - Uma imagem da margem no extremo da zona sul

Cena II – Nas margens da cidade, um ateliê.

"Às margens, o marginal.
A nova ordem mundial".
(Desordem mundial, Metropolixo, 1997)

Saí da casa de minha mãe, no Parque Residencial Cocaia, por volta das 10h00, e fui andando até o Jardim Gaivotas, que é o bairro seguinte ao Cocaia, onde fica o Ateliê do Imargem. Por WhatsApp, combinei com Tim de nos encontrarmos lá, já que a Casa Ecoativa estava fechada em função da pandemia, abrindo somente para a doação de cestas básicas. Vale dizer que a sugestão do Ateliê da Margem como local de encontro partiu da parte de Tim. Diferentemente da Casa Ecoativa, o Ateliê estava funcionando como local de reuniões e atividades, como cursos e oficinas online durante a pandemia. Tim foi o meu primeiro contato de campo no Grajaú, e a partir dele surgiram os nomes das pessoas que futuramente seriam entrevistadas.

Tim é um conhecido de longa data. Não posso dizer que somos grandes amigos, mas sempre nos encontrávamos nas movimentações culturais do Grajaú. Principalmente no cenário do Rap/Hip Hop. Na época em que toquei em uma banda no Grajaú, sempre nos víamos e frequentávamos os mesmos circuitos. Um desses circuitos era a Ecoativa. Já ao final dos anos 1990, quando a casa começou suas atividades, ela reunia as pessoas que eram envolvidas com cultura de alguma forma. Eu estava muito envolvido com o anarquismo e o anarcopunk/straight edge na época, e cheguei a organizar uns eventos lá. Um grande amigo que também foi Anarcopunk deu aulas de capoeira lá, inaugurando as atividades da casa. Outro vizinho, envolvido com o Rap/Hip Hop, organizava eventos lá também, com outras pessoas, como o DJ Jefferson. Jefferson, que trabalhava como bicheiro (apontador de jogos do bicho), era um morador da Ilha do Bororé e o primeiro DJ da ilha. Foi um dos principais responsáveis pela entrada do Rap/Hip Hop na casa, além de ser o único com um equipamento

de som mínimo para realizar os eventos. Esses últimos eventos em particular, alavancaram de certa forma, o cenário do Rap/Hip Hop no Grajaú, na época. Quase todos os finais de semana aconteciam shows e demais atividades lá. Durante um tempo, já na primeira metade dos anos 2000, eu organizava o projeto de biblioteca da casa, mas infelizmente, por conta do trabalho, só conseguia fazê-lo uma vez por semana. Nessa época, Tim era uma das pessoas que acompanhavam os eventos da casa. Mais tarde viria a ser uma das pessoas que organizavam eventos na casa também e depois, um dos responsáveis pela retomada casa Ecoativa, em 2014, como vimos no tópico anterior.

Mas voltando ao meu trajeto, até chegar no ateliê, demorei cerca de vinte minutos porque fui andando até lá. Nesse meio tempo, fiquei prestando atenção nas pessoas e no uso ou não de máscara por parte delas. Parecia haver uma geografia, uma espacialidade que delimita o uso ou não de máscaras. Nos ônibus, diferente do que já tinha visto em Campinas, todos usavam máscaras. Próximos aos pontos de ônibus e no centrinho do bairro, no caso aqui, o Jardim Gaivotas, a grande maioria estava de máscara. Entretanto, ao adentrar no bairro, em suas ruas estreitas que mais parecem vielas, as pessoas estão sem máscaras nas ruas. Não vi nenhuma aglomeração, mas as pessoas e as crianças que brincavam nas ruas, estavam todas sem máscaras. Inclusive, algumas crianças corriam de uma casa para outra, sem máscara. Já na beira da represa Billings, também se encontravam senhoras e senhores sem máscaras.

O Ateliê da Margem fica bem próximo à represa. Menos de um quilômetro. É uma espécie de casa coletiva que, apesar fazer referência aos seus idealizadores, o coletivo Imargem, funciona como uma sede, um local de encontro para outros coletivos e agentes culturais da região. Não sei se por conta da pandemia ou se essa é a lógica da casa mesmo. Por vezes, algumas pessoas almoçam lá. Tim me fala que antes da pandemia o ateliê oferecia oficinas e afins, mas que agora, no entanto, se limitava a servir como um local para a galera fazer e/ou participar de reuniões e demais atividades online, não abrindo o espaço para o público no momento. A casa possui uma grande garagem, onde ficam umas canoas usadas para navegar na represa. O terreno ainda conta com três pequenos cômodos na frente, sem portas entre si. Ainda há um quintal no meio e na parte de trás, há um sobrado de dois andares e uma área de serviço no fundo, onde ficam algumas bicicletas usadas pelas pessoas do ateliê e para passeios pela região. Tim mesmo é uma pessoa que só anda de bicicleta.

No piso térreo do sobrado se encontrava uma bagunça organizada: corantes naturais, terra, sacos plásticos, baldes e toda espécie de materiais. Ali era o local de fazer as tintas orgânicas usadas nas oficinas, segundo Tim. No andar de cima, havia uma biblioteca e uma mesa com algumas cadeiras. Parecia ser uma sala de estudos ou de reuniões. Mais tarde descobri que, tanto as atividades na biblioteca como as demais, se tratava de um projeto do PROAC 16/2019[67], com o qual o grupo foi contemplado, e portanto uma das atividades era a organização de um *co-working* no espaço. No andar de baixo, na entrada, havia uma estante também, com alguns livros de literatura e outros sobre o Imargem e suas parcerias e ações. Ainda no primeiro cômodo, havia também uma mesa grande e uma cozinha na lateral, além de um banheiro. Pelo que entendi, a mesa é onde o pessoal geralmente fazia refeições por lá. Nesse dia, eu acabei almoçando com o pessoal e conversando com outras pessoas. Reparei que só uma garota se envolvia com os afazeres domésticos e a preparação da comida. Fiquei imaginando se seria uma pessoa contratada ou não. No entanto, outras vezes que fui lá, havia outra garota cozinhando.

Durante o almoço, conversei com um rapaz chamado Alex, que havia sido aluno de um amigo, o Alan, que é professor de história numa escola da região. Ele me disse da importância do "professor Alan" para o seu contato e envolvimento com a cultura na região, dentre outras coisas. No meio da conversa, Tim me convidou para uma ação que ele estava organizando. Se tratava de um "rolê" de bicicleta até o Jardim Marsilac, onde uma das bicicletas estaria com uma caixa de som e um pendrive, com áudios informativos, frases curtas, mas de cunho reflexivo sobre a pandemia, que ficariam tocando durante o passeio e na concentração que aconteceria depois. Apesar de estar interessado, infelizmente não pude comparecer, por estar com uma crise de sinusite/rinite no dia e muita dor de cabeça. Já era pouco mais de 14h00 quando fui embora, andando novamente. Mas, antes, já havia combinado com Tim de voltar ao ateliê na semana seguinte para fazer uma entrevista com ele.

Uma entrevista às margens da represa Billings

[67] Maiores informações em: https://vaievemproducoes.com/download-de-material-grafico/atelie-da-margem/. Acesso em: 16/01/2024.

Eu havia combinado com Tim para chegar às 16h00 no Ateliê da Margem, no Jardim Gaivotas, no extremo da zona sul em São Paulo, que é também uma das margens da represa Billings, que contorna a região. Embora estivesse na casa de minha mãe, que mora no bairro vizinho, acabei saindo um pouco atrasado. No entanto, acabei indo de ônibus, o que me fez chegar a tempo, por volta das 16h05. Tim chegou uns quinze minutos depois. Estava de bicicleta, seu meio de transporte cotidiano. Estava vindo de Parelheiros, onde estava participando de outra atividade.

Conversamos um pouco e Tim me disse que havia esquecido a chave do Ateliê, onde faríamos a entrevista. Como ele estava com sede, fomos atrás de algum lugar para comprar água. Depois descemos até o final da rua, na margem da represa e ficamos ali, conversando e admirando o lugar. Eu mesmo não conhecia ali. Fazia muito tempo desde que estive nesse bairro pela última vez. Fiquei um pouco chocado, pois estava acontecendo uma obra, onde muitas casas da beira da represa tinham sido destruídas. Como é uma área de mananciais, perguntei a Tim do que se tratava, pois me lembro das remoções na região, quando morei lá. Tim, com naturalidade, me disse que se tratava da obra de um parque linear da prefeitura e que as casas estavam sendo removidas em função disto. Perguntei se houve alguma mobilização dos moradores e ele me respondeu que *"não, pois havia sido tudo tranquilo e o pessoal aceitou a proposta da prefeitura, para sair dali, mediante um auxílio aluguel ou transferência para um conjunto habitacional popular"* e que *"o parque linear ficaria muito bom ali, e possibilitaria várias aulas e atividades ao ar livre"*. Achei estranho, mas não quis investigar sobre, ali naquele momento. Deixei para me informar depois, com outras pessoas.

Por fim, optamos por fazer a entrevista na beira da represa, sentados num tronco de árvore. Antes de começarmos, Tim já foi me pedindo desculpas, pois teria um compromisso às 18h00. E já eram quase 17h00. Decidimos, então, ao menos começar a entrevista, pois a minha previsão era de que a mesma durasse ao menos umas três horas. Desta feita, apresentei a pesquisa para Tim, falei das burocracias, do termo de livre consentimento o qual ele deveria ler e assinar antes da entrevista começar. Tim me abriu um sorriso e disse *"então a coisa agora é séria, né?"* Eu sorri de volta e lhe expliquei o porquê do termo, como uma exigência do comitê de ética. E, sentados em tronco de árvores, às 16h45, finalmente começamos de fato a entrevista, com a vista para a represa. O tronco da árvore também não estava ali à toa. Havia sido derrubado durante as remoções das casas para a construção do parque linear do Jardim Gaivotas, como dito anteriormente. Tim me havia dito também que as obras

começaram antes da pandemia, mas que em função da mesma, haviam parado, sendo retomadas só recentemente. Ele fez uma pequena reflexão sobre as remoções, mas em sua opinião, parecia já algo dado, sem volta, que não valia a pena se preocupar com.

Seguimos na entrevista e, num primeiro momento, apesar da paisagem idílica, com um morador local, pescando de barco, com seu cachorro, e ao mesmo tempo peculiar, em meio a destroços de construção e de demolição de casas, Tim não parecia confortável. Pelo menos essa foi minha primeira impressão. Mas conforme o papo ia rolando, ele foi se soltando mais. Assim, a entrevista foi seguindo, sem maiores problemas, além do frio que já começava a fazer, ali na beira da represa. No entanto, o tempo passou rápido e quando percebemos já eram 18h00. Optamos então por encerrar ali, já que Tim tinha um compromisso para o qual já estava atrasado. Desliguei o gravador, guardei minhas coisas e fomos andando até o ponto. Nesse meio tempo, Tim me contava sobre algumas "tretas" em relação ao machismo e ao racismo nos coletivos culturais das periferias, inclusive na própria Ecoativa, e sobre o conservadorismo nas periferias. Chegamos ao ponto e nos despedimos, e segui para casa de minha mãe.

1.4 Sobre a composição da imagem do Imargem

O Coletivo Imargem foi fundado em 2006, por Mauro Neri e outros grafiteiros da região, como o próprio irmão de Mauro, Wellington Neri, mais conhecido como Tim. Filho de retirantes baianos e nascido no Grajaú – no Jardim Lucélia – em 1984, Tim chegou a cursar Comércio Exterior, fez cursos aduaneiros, cursos de idiomas, como alemão e inglês, bem como trabalhou como Office Boy numa grande empresa multinacional, como afirmou em entrevista para esta pesquisa, em junho de 2021. É neste momento que começou a ter contato mais significativo com algumas cenas culturais na periferia, sobretudo através das bandas de rock – tanto ouvindo quanto acompanhando uma banda de um primo seu –, que começou a acompanhar mais de perto, e percebeu que não se identificava de fato com o curso de Comércio Exterior que então realizava. Nessa época, além de começar a se interessar mais detidamente na cena musical de sua região, Tim também já desenhava, mesmo que despretensiosamente. Tim contou que certo dia, ao conhecer alguns grafiteiros do Grajaú, visita o Beco do Batman, conhecida travessa que exibe diversos trabalhos de grafiteiros no bairro da Vila Madalena em São Paulo, o que, segundo ele, "abre sua mente". Na narrativa de Tim sobre sua trajetória e algumas guinadas e mudanças de percurso que ele faz questão de

assinalar, tudo parece convergir para que saísse do emprego e largasse o curso de Comércio Exterior, se graduando mais tarde em Artes Plásticas. Tim contou que ele e seu irmão Mauro, bem como outros grafiteiros que conheciam, todos vindos da cena roqueira, começaram a se aproximar mais da cena hip hop local, sobretudo a partir da atuação do *Instituto Pólis*[68], apoiando encontros de hip hop na Casa Ecoativa, que iria ser a base de criação do Imargem, coletivo em que Tim é o principal articulador e liderança atualmente.

Nas palavras de Tim, o coletivo foi criado a partir da movimentação dos grafiteiros locais como Jerry Batista e Niggaz[69], além da movimentação cultural em torno da Ecoativa. Em especial, é resultado das atividades envolvendo os grupos de rap/hip hop locais. O coletivo tem, por principal atividade, a realização de obras ligadas às artes plásticas como o grafitti e a promoção de discussões e oficinas sobre ecologia e ocupação dos espaços públicos a partir da margem, das periferias. Segundo Tim, em entrevista cedida para esta pesquisa em junho de 2021, no Ateliê da Margem, *"o Imargem foi um dos primeiros grupos da região do Grajaú a se beneficiar de um edital, quando muitos dos artistas locais ainda não haviam se apropriado da ideia dos editais"*. Tim se refere ao PROAC, que o coletivo acessou logo após a sua criação, enquanto um coletivo formal. Posteriormente, o coletivo participou de diversos outros editais públicos como o VAI. Mas é com a participação do coletivo na Virada Sustentável em 2013, quando o Imargem é contratado para fazer uma curadoria do evento na região do Grajaú, que o mesmo é colocado definitivamente no mapa do campo da cultura da cidade de São Paulo, tal como reconhecido pelos sujeitos e instituições ligados aos recursos de financiamento culturais e, a partir disso, ganhando também visibilidade local entre os jovens.

Nesse momento, o coletivo já gozava de certa repercussão, em parte legitimada pela trajetória de Mauro, que passou uma temporada na Europa, estudando artes plásticas e

---

[68] "Desde sua fundação, em 1987, o Pólis tem a cidade como lócus de sua atuação. A defesa do Direito à Cidade está presente em suas pesquisas, trabalhos de assessoria ou de avaliação de políticas públicas, sempre atuando junto à sociedade civil visando o desenvolvimento local na construção de cidades mais justas, sustentáveis e democráticas. São mais de 30 anos de atuação com equipes multidisciplinares de pesquisadores que também participam ativamente do debate público em torno de questões sociais urbanas". Maiores informações em: https://polis.org.br/polis/o-que-e-o-polis/. Acesso em: 16/01/2024.

[69] O portal Periferia em Movimento caracteriza Niggaz desta forma: "[m]orador do Grajaú, no Extremo Sul de São Paulo, Niggaz foi um precursor do graffiti, sendo o primeiro grafiteiro a cruzar a fronteira entre a periferia e o centro de São Paulo. Ele morreu em maio de 2003, nas águas da represa Billings, e foi um dos ícones do muralismo e do graffiti da cidade". Maiores informações em: http://periferiaemmovimento.com.br/niggaz-da-hora-livro-retrata-lenda-do-graffiti/. Acesso em: 16/01/2024.

conhecendo a cena do graffiti europeu, mas também, em parte, através da atuação do coletivo em diversas intervenções pela cidade, tornando-o conhecido para além da região sul de São Paulo. Mauro ainda ganhou muito reconhecimento com o projeto Cartograffiti[70]. Dentre as produções das quais o coletivo produziu e participou, ainda consta o curta produzido em 2011, "Grajaú, onde São Paulo começa"[71] . Uma das intervenções mais conhecidas do grupo é o evento Niggaz, que acontece desde 2004, durante a semana de aniversário do grafiteiro que dá nome ao evento, falecido em 2003 e um dos grandes expoentes do graffiti no Grajaú. Durante esse evento, geralmente aos finais de semana, o Imargem sempre convida diversos grafiteiros e grafiteiras para celebrar o artista, realizando diversos murais pela região do Grajaú, ano após ano.

Vanilson da Silva, homem negro, cisgênero, 38 anos, nascido no Capão Redondo, mudou-se para o Jardim Eliana, no Grajaú, ainda criança. Após uma experiência na empresa de informática Microsoft, onde havia conseguido a vaga mediante aos cursos profissionalizantes que realizou, Fifo – como é conhecido – abandonou a empresa e o curso de Sistemas de Informação, ainda no quarto semestre, que fazia na Uniban. Desempregando e vivendo de bicos, Fifo começou a circular mais pelo bairro e a acompanhar a arte e a cultura da região, como o Rap e o grafitti. Em 2013, ao tomar contato com as intervenções do Imargem, viu ali uma possibilidade de se envolver com algo que lhe interessava mais que computadores: *"o campo da cultura"*. *"Eu não entendia muito bem assim, o que era um coletivo, não fazia nem ideia, disso tudo. Entendia que a cultura era transmitida pela arte, né? Pela música, o Rap que, pelo menos aqui no Grajaú, é muito forte. É uma referência né, o rap. O próprio grafitti também. Eu estudei na creche em frente a casa do Niggaz, então, pra mim já era ver essa arte como referência*. Assim, começou a frequentar outros espaços como o parque linear do Lago Azul, onde aconteciam algumas atividades, como apresentações musicais e afins.

---

[70] De acordo com o blog do projeto, o "Cartograffiti é um projeto coordenado pelo Agente Marginal Mauro Sergio Neri da Silva. E tem o co-patrocínio da Secretaria Municipal de Cultura, por meio do edital Arte na Cidade, consiste em uma série de intervenções em 21 locais estratégicos em um recorte especifico no mapa da cidade de São Paulo". Maiores informações em: http://projetocartograffiti.blogspot.com/p/apresentacao.html. Acesso em 16/01/2024.

[71] O curta, dirigido por João Cláudio de Sena, é "[a]rticulado a partir da ideia de um 'street movie', o filme conduz sua narrativa a partir dos percursos e inquietações de vários artistas que vivem no Grajaú, bairro carente e um dos mais populosos, situado no extremo sul da cidade de São Paulo. Fugindo dos estereótipos da violência e pobreza, o documentário busca construir a imagem deste imenso bairro paulistano, com mais de 600 mil habitantes, através da produção artística e de sua peculiaridade geográfica". Maiores informações em: https://lisa.fflch.usp.br/node/1711. Acesso em: 16/01/2024.

Frente do Ateliê da Margem, no Jardim Gaivotas - Foto do autor (Março de 2021)

Desta forma, foi se aproximando mais de Tim, perguntando sempre sobre as atividades e como este fazer para se articular junto com o pessoal, até que por fim, entrou para o Imargem. Fifo então foi *entendendo o que era um coletivo, como era essa coisa da diplomacia que o coletivo faz, o que cada um precisa fazer, se tem ou não hierarquia, e entender mais ou menos o movimento*, como relata em entrevista para esta pesquisa. Já em 2014, Fifo enviou um edital de agente comunitário cultural, com o qual foi contemplado e começa a produzir um cine clube na região, chamado *Cine Ocas*. Em 2014, com a ocupação de retomada da Ecoativa, Fifo passa a participar da gestão da casa, a qual se afastou em 2019. Atualmente Fifo mora na Zona Leste, mas segue atuando na Zona Sul, como educador ambiental-cultural, após fazer diversos cursos e permacultura e afins, e também segue no Imargem.

O Imargem é, desde que passou a gozar de maior reconhecimento fora do Grajaú, um dos coletivos que mais possui visibilidade da região, tendo conquistado inclusive um espaço próprio para o desenvolvimento de várias das atividades do grupo, bem como de outros agentes culturais da região – o Ateliê da Margem. No que diz respeito às parcerias e financiamentos buscados e obtidos, é importante ressaltar que o coletivo tem acessado diversos editais desde seu surgimento, tendo feito diversas parcerias com instituições do porte

do Instituto Pólis e do *Red Bull Amaphiko*[72] -, dentre outras parcerias com as já citadas Leroy Merlin, Fundação Casas Bahia - Via Varejo, Zurich, Goethe Institut, Instituto Alana e o Instituto Tomie Ohtake. Vale lembrar que, basicamente, todos os editais acessados pela Casa Ecoativa, públicos e privados, tal como suas parcerias, foram divididos com, ou intermediados pelo Imargem, exemplificando a relação umbilical entre ambos. É importante também destacar que o Imargem ainda faz parte da UniGraja[73], uma iniciativa sociocultural conjunta de diversos grupos e associações da região do Grajaú, indicando a continuação de uma ampla rede de sujeitos e instituições. Atualmente, o Imargem é constituído como uma ONG, tendo reconhecimento jurídico que permite certas atuações e busca por financiamento.

1.5 – No Fundão do Ipiranga, a periferia na atividade

Cena III – Uma copa literária

"Tabelou, driblou dois zagueiros
Deu um toque, driblou o goleiro
Só não entrou com bola e tudo
Porque teve humildade em gol"
(Fio Maravilha, Jorge Ben, 1972)

Era dia dez de setembro, um sábado quente. Eu havia chegado em São Paulo na sexta, e ido para a casa de minha mãe, no Grajaú. Após um longo percurso entre ônibus, trem e metrô, eu cheguei na estação Sacomã do metrô por volta das 18h30min. Como combinado com Paulo, por volta das 19h00 ele e Ana (ambos são casados) passaram de carro pela estação para me pegar e de lá, irmos para o CDC (Clube da Comunidade) Parque Fongaro, onde aconteceria uma partida de futebol da Copa de Letras, entre o Grêmio Recreativo Turma do Baffô (Jardim Clímax) e o Millyanos Futebol Clube (Parque Bristol). A copa de letras foi um campeonato criado e organizado pelo coletivo Perifatividade, durante os meses de agosto e novembro, com o financiamento da lei de fomento às periferias. A copa, realizada

[72] De acordo com informações contidas na página da Redbull, "Amaphiko, que significa 'asas' em zulu, surgiu em 2014 na África do Sul e se transformou em plataforma global para empreendedores sociais. Existe com a missão de inspirar a sociedade a colaborar com esse movimento e fazer do mundo um lugar melhor pra se (con)viver. Apoia pessoas que têm projetos de impacto social que resolveram parar de apenas levantar uma bandeira e decidiram agir pelo coletivo e transformar suas realidades". Maiores informações em: https://www.redbull.com/br-pt/o-que-e-red-bull-amaphiko. Acesso em: 17/01/2024.

[73] Segundo o portal periferia em movimento, "[a] UniGraja é uma iniciativa da Associação Esporte Clube Vila Real (AECVR), Agência Cresce, Cooperpac, Ecoativa, Graja na Cena, Imargem, Meninos da Billings, Nois por Nois, Periferia em Movimento e Salve Selva, e está aberta para construção por outros grupos e pessoas. Suas atividades começam com apoio da Fundação Via Varejo por meio do projeto Casas Bahia na Comunidade". Maiores informações em: https://periferiaemmovimento.com.br/ate-10-de-agosto-ultimos-dias-para-se-inscrever-na-unigraja/. Acesso em: 17/01/2024.

integralmente nos bairros do fundão do Ipiranga (Parque Bristol, Jardim São Savério, Jardim Clímax e adjacências) na zona sudeste de São Paulo, contou com os times de várzea da região, onde os três primeiros lugares receberam uma premiação em dinheiro. A inscrição no campeonato era gratuita, mas como contrapartida todos os times inscritos deveriam participar de uma antologia literária sobre a copa, fosse com uma poesia, uma crônica ou apenas um depoimento.

Chegamos ao CDC Parque Fongaro por volta das 19h45. O jogo estava marcado para começar às 21h00. Ao entrar na quadra, logo encontramos com os outros integrantes do Perifatividade: Diego, Negro D, Gláucia, Felipe Rasta e Adriana. O CDC estava cheio. Nem parecia que estávamos em meio a uma pandemia. No bar do local, já se encontravam algumas pessoas, a maioria homens. Todos praticamente sem máscara. E aqueles que estavam de máscara, usavam abaixo do queixo. Na lateral do campo, a arquibancada com espaço para quase duzentas pessoas, já contava com alguns espectadores. Todos também sem máscara. E isso não parecia uma questão. De máscara mesmo, estávamos só nós, eu e o pessoal do Perifatividade. Após cumprimentar o pessoal com a modalidade oficial de cumprimento da pandemia, a troca de "soquinhos", fomos todos acertar os preparativos finais para o início do jogo. Depois, ficamos sentados um pouco na arquibancada, onde somente nós estávamos de máscaras.

Passado um tempo, o pessoal do coletivo começava a se organizar para ficar no campo: Ana, Adriana, Glaucia e Felipe, ficariam na lateral do campo, anotando eventuais acontecimentos como gols, faltas e discussões, buscando orientar os juízes e os bandeirinhas, além de registrar tais acontecimentos para controle do próprio coletivo. Paulo, Diego e Negro D, acompanhariam o jogo mais de perto, circulando entre as quatro linhas, para também fotografar e filmar os lances e postar nas redes sociais do coletivo em tempo real. Como auxiliares, estavam Terno Maciel, que ficou responsável pelo portão que dava para o campo, a fim de evitar a entrada de torcedores mais exaltados, e também dois gandulas, dois amigos do coletivo, que estavam trabalhando remuneradamente nesta função, tal qual Terno.

Nesse meio tempo, a arquibancada foi lotando, com gente até mesmo nas grades que cercavam o campo. Desta feita, Glaucia me chamou para sair da arquibancada e ficar com ela e as meninas, na outra lateral do campo, o que fiz sem pestanejar. Eis que então o jogo começou. As torcidas de ambos os times já estavam animadas, bebericando cerveja e

beliscando tira gostos como churrasco e amendoim. Os juízes se apresentaram aos times e a bola começou a rolar. Já na primeira penalidade do jogo, os juízes e suas respectivas mães foram citadas de forma não amistosa pelos torcedores. Citando uma panaceia de palavrões dirigidos aos juízes e suas genitoras, a torcida vociferava seu desgosto com a arbitragem. E o jogo não estava menos intenso: com uma marcação cerrada de ambos os times, vira e mexe aparecia um desentendimento entre estes. Um esbarrão, uma entrada mais forte, um puxão na camisa, uma rasteira… motivos eram o de menos nessa disputa.

Durante o jogo, Paulo e Ana me falaram que estavam torcendo pelo Turma do Baffô, que é um time tradicional da região e que o pessoal sempre está com eles nos eventos do Perifatividade. Já o Millyanos, segundo o casal, além de ser um time que não possui um elenco fixo, trabalhando com jogadores contratados, o famoso "catadão", o diretor do clube era um bolsonarista assumido. Isso já era motivo suficiente para o time conquistar a antipatia do casal Paulo e Ana, como estes me disseram. Após o intervalo, no segundo tempo, os ânimos não se resfriaram. A torcida alvoroçada, "com sangue no zóio", além de xingar os juízes e suas mães, agora xingavam os jogadores que não faziam gols ou erravam passes. *"Ô seu arrombado! Não tá vendo a bola não, viado?"* e *"Seu filha da puta! Olha a falta aí, cuzão do caralho!"* foram expressões que eu ouvi mais de uma vez e que, por vezes, pareciam ser gritadas em uníssono pela torcida.

Eis que às 23h00, o jogo terminou com um empate de um a um. Assim, após as discussões entre os jogadores e os juízes e o festival de palavrões vindos da arquibancada, além do enorme trabalho que Terno teve em conter as pessoas que tentavam invadir o campo, os times se preparam para a decisão nos pênaltis. Escolhido os jogadores de cada time que cobrariam os pênaltis, o primeiro time, o pessoal do Millyanos, se posicionou para cobrar o primeiro pênalti. O jogador se posicionou e o silêncio ocupou todo o campo. Era possível ouvir apenas a respiração das pessoas que estavam lá. O jogador tomou impulso e encheu o pé na bola, que entrou com vontade. Uma avalanche de palavrões, gritos de alívio e outras expressões ininteligíveis ecoaram pelo campo. Na sequência, foi a vez da Turma do Baffô bater seu primeiro pênalti. O silêncio retornou. Os olhos estavam voltados para a bola. O jogador pegou impulso e acertou a bola com gosto, rumo ao gol, balançando a rede e estimulando mais uma vez, a confluência de comemorações, palavrões e a mistura de euforia de um lado e angústia e raiva do outro. O Millyanos veio novamente para cobrar seu segundo pênalti. A torcida do time estava efusiva, a milhão, gritando e animando os jogadores. Então

a bola tomou um chute de cheio e voou rumo ao gol, entrando pela lateral esquerda, enquanto o goleiro foi para o lado contrário. A torcida do Baffô ficou contemplativa, enquanto a torcida adversária era só alegria.

Copa Jogo de Letras – Turma do Baffô x Millyanos. Foto cedida por Diego Soares (Setembro de 2021)

Após a turma do Baffô também fazer a rede tremer em sua segunda chance, seguiram mais dois pênaltis. A torcida estava frenética com a disputa acirrada, louca para ver o desempate. Os gritos, xingamentos e berros não cessavam, apesar dos curtos intervalos. Era o terceiro pênalti, e os dois times mantiveram o empate, testando a fé e o coração dos torcedores. Eis que chegou o quarto de cinco pênaltis. Com o empate e a dianteira do Millyanos nos chutes, esse tornou-se o pênalti decisivo. A apreensão tomou a torcida do Baffô. Os integrantes do Perifatividade também ficaram ansiosos e se aproximaram da pequena área. A torcida do Millyanos não disfarçava sua alegria, cantando e gritando. O jogador se posicionou. Respirou fundo e olhou para a bola, para o gol e para o goleiro e correu. Chutou a bola com vontade, e essa foi como um foguete em direção ao gol, só faltando atravessar a rede. De um lado, gritos, urros de alegria e uma enxurrada de palavrões e xingamentos aos juízes e elogios aos jogadores do Millyanos. Do outro, a torcida do Baffô e o pessoal do Perifatividade, inconformados com a vitória de quatro a três nos pênaltis. O jogo acabou e o pessoal já começou a arrumar as coisas para irem embora. Uma resenha aqui, outra acolá, Millyanos foi classificado para a fase das oitavas de final e a Turma do Baffô foi eliminada da Copa de Letras. Já passam das 23h45, quando Paulo, visivelmente

decepcionado, me chamou para entrar em seu carro para irmos embora, rumo à sua casa, onde faria uma entrevista com ele e Ana. Ao entrar no carro, Paulo comentou, se referindo aos Bolsonaristas: "Puta merda, a gente tá perdendo até no futebol pra esses caras".

1.6 – Sobre uma periferia em atividade

"Dos becos das favelas ao asfalto da cidade
Tô aqui, muito prazer, eu sou o Perifatividade!
Se não for nós, quem? Se não agora, quando?
Perifativo ativo, Perifativo!"
(Perifativo, Perifatividade, 2017)

Paulo Sérgio (vulgo Paulo Rams), homem indígena, cisgênero e heterossexual, 37 anos, então morador do Jardim Maristela, um dos bairros que integram o "Fundão do Ipiranga" na zona sudeste de São Paulo, era um jovem comum (em suas próprias palavras) de periferia, filho de retirantes cearenses, que cresceu jogando futebol nos campinhos da região. Em entrevista cedida para esta pesquisa, em setembro de 2021, Paulo afirmou que começou a se interessar por cultura em função do rap. Foi um frequentador da casa de cultura Chico Science, no bairro paulistano do Ipiranga, onde acompanhou diversas atividades e apresentações de rap/hip hop. Como o próprio diz, *"o rap tem um peso muito grande em minha vida"*. Como é comum em muitas famílias das periferias, Paulo começou a trabalhar desde cedo, para ajudar em casa. Em seu percurso como trabalhador já foi entregador de pizza, motoboy e também professor. No entanto, seu primeiro emprego com carteira assinada foi como auxiliar de produção na empresa Colgate-Palmolive, através do programa federal *Jovem Aprendiz*[74]. *"Ali eu me envolvi com o sindicato e comecei a vislumbrar a parada política. Das questões trabalhistas e tal"*, afirma Paulo.

Ao fim do ensino médio, Paulo conseguiu ingressar no ensino superior em uma universidade particular, no curso de História. Na época, trabalhava como cobrador numa empresa de transporte público local e conseguiu o financiamento de 50% do curso, tendo completado o restante do valor da mensalidade com bolsa de 50% que conseguiu pelo PROUNI (Programa Universidade para todos). É durante o curso de história que o interesse

[74] Segundo informações do portal Agência Brasil, "[f]ruto de uma lei em vigor há quase 21 anos, o Programa Jovem Aprendiz é uma iniciativa federal que visa estimular empresas e órgãos públicos a contratar jovens de 14 a 24 anos de idade, bem como pessoas com necessidades especiais, sem limite de idade". Maiores informações em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-10/agencia-brasil-explica-como-funciona-o-programa-jovem-aprendiz#:~:text=Fruto%20de%20uma%20lei%20em,especiais%2C%20sem%20limite%20de%20idade. Acesso em: 17/01/2024.

pela leitura aumentou e que Paulo também começou a ter contato com a cena literária das periferias, a partir dos saraus, que passou a frequentar. A partir do convite de um amigo do curso de história – Henrique Godoy, que morava na Brasilândia, bairro da zona norte de São Paulo –, ele foi conhecer o Sarau da Brasa, em 2008. Paulo conta que ficou encantado com a energia do sarau e começou frequentar outros saraus como a Cooperifa, o Sarau da Ademar e outros mais.

Nesse meio tempo, Paulo ainda também frequentava a casa de cultura Chico Science, onde se reunia com um pessoal da região para *"ouvir um som, trocar ideias e fumar"*, como recorda na entrevista dada para esta pesquisa. Num desses encontros com seus amigos, Paulo comentou, empolgado, sobre o Sarau da Brasa com seus camaradas, que, por sua vez, já estavam envolvidos com o fazer cultural das periferias na época, mas sem muita organização e sem muita ideia do que queriam fazer direito. Entre estes seus amigos havia rappers, grafiteiros e músicos. Um desses amigos era Vinão, que mais tarde integraria o Perifatividade com Paulo. E foi o próprio Vinão que sugeriu a Paulo que eles, juntamente com o pessoal que ficava na praça da casa de cultura Chico Science, organizassem um sarau também no CEU (Centro Educacional Unificado)[75] Parque Bristol, também no Fundão do Ipiranga. Nessa época, esse CEU ainda não estava totalmente construído, mas já estava aberto para algumas atividades. E é sob o nome de "Sarau Tudo Junto e Mixturado" que, em 2010, aconteceu a primeira atividade do coletivo que viria a se chamar Perifatividade. Nesse primeiro evento, a programação contou com apresentações musicais, malabares, batalha de MC's e declamação de poesia. As atividades voltadas para a apresentação de poesia ficaram por conta do Sarau da Brasa, cujos integrantes haviam sido convidados para participar neste dia.

De lá para cá, segundo Paulo, muitas coisas aconteceram: no mês seguinte, o coletivo já assumiu o nome de Perifatividade e seus integrantes começaram a organizar os saraus no Bar da Dona Maria, no Jardim Clímax, também no Fundão do Ipiranga. Depois, mudaram as atividades para o Bar do Boné, no Bosque da Saúde, ainda na zona sudeste de São Paulo, onde ficaram durante um bom tempo. É durante esse tempo que surgiram os projetos

[75] De acordo com informações do portal da prefeitura de São Paulo, "[o]s Centros Educacionais Unificados, mais conhecidos como CEUs, são equipamentos educacionais implantados em São Paulo pela primeira vez em 2002, como o resultado da reflexão e do desenvolvimento de diversas teses sobre educação no Brasil, desde o modelo das Escolas Parque proposto pelo educador Anísio Teixeira, até chegar ao conceito atual dos Centros Educacionais Unificados (CEUs) na cidade. Desde então, os CEUs consolidaram-se como referência na educação e articulação de políticas públicas no território". Maiores informações em: https://ceu.sme.prefeitura.sp.gov.br/. Acesso em: 17/01/2024.

"Perifatividade nas escolas" (que dentre outras coisas resultou em três livros de poesias autorais dos alunos das escolas que firmaram parceria com o coletivo) e *"Perifatividade nas favelas"* (que consiste em apresentar o sarau do coletivo nas ruas das favelas do Fundão do Ipiranga). Juntamente com outros coletivos e agentes culturais da região, os organizadores do Perifatividade também começaram a ocupar espaços públicos da região, como praças.

É neste momento, meados de 2014, que o coletivo abandonou o Bar do Boné e começou a desenvolver suas atividades no Telecentro Sacomã, onde permaneceu até 2017, quando através da Lei de Fomento às Periferias inaugurou o que seria a sede definitiva do coletivo, localizada no Parque Bristol, outro bairro que faz parte do Fundão do Ipiranga. No entanto, ao final do fomento, em dezembro de 2018, por não conseguirem manter o espaço financeiramente, a sede fechou as portas. Após uma profunda crise, ao ponto de o coletivo quase acabar, em 2020 o mesmo foi reformulado e passou a contar com novos integrantes. Deste modo, o coletivo voltou à ativa novamente no Telecentro Sacomã, e neste momento foi mais uma vez contemplado com a Lei de Fomento às Periferias. Este também é o momento em que teve início a pandemia de Covid-19 e o grupo passou centralizar suas atividades no modo virtual, como os próprios saraus e a promoção de diversos debates, através de suas "lives".

Perifatividade em campo na Copa Jogo de Letras – Foto cedida por Diego Soares (Setembro de 2021)

O Perifatividade já chegou a contar com quinze integrantes, de músicos a poetas, trabalhadores do audiovisual e grafiteiros, além de entusiastas da cultura periférica. Sempre foi um coletivo proeminentemente masculino, até a entrada de Ana Fonseca (companheira de Paulo) e Janaína Damasceno (que já não mais integra o coletivo), em 2013. No entanto, em 2020 a configuração do coletivo, especificamente em relação às dinâmicas de gênero, começou a se alterar substancialmente com a entrada de Adriana Dias e Glaucia Dantas, que passaram a integrar o coletivo, organizando com os demais integrantes as atividades do grupo. Junto a elas, também entraram para o coletivo o rapper Negro D e o grafiteiro Felipe Rasta. Tanto Adriana como Felipe foram oficineiros da antiga sede do Perifatividade. Adriana dava aulas de espanhol na sede e Felipe dava oficinas de graffiti. Negro D fazia parte do grupo de rap Pânico Brutal, que além de ter Diego Soares como um de seus integrantes, também contou com a presença de Terno Maciel, um antigo rapper militante do Fundão do Ipiranga. Terno também deu oficinas de MC na antiga sede do coletivo e treinou Negro D, que é quem dá as oficinas atualmente. Glaucia era uma antiga frequentadora do sarau e das demais atividades do Perifatividade, onde ia acompanhada de suas crianças e do ex-marido. Dessa forma, os novos integrantes do coletivo não eram exatamente desconhecidos do grupo quando passaram a integrá-lo formalmente. É com esse "sangue novo" que o coletivo se reestruturou após a saída dos integrantes Ruivo Lopes, João Cláudio e Vinão[76] (este que era um dos fundadores do coletivo, juntamente com Paulo).

Em 2020, com uma nova formação e tendo sido contemplados mais uma vez com a Lei de Fomento às Periferias, o Perifatividade retomou às atividades com a organização de diversos planos de atuação. Entretanto, como mencionado acima, logo veio a pandemia e o grupo, como a maioria dos coletivos culturais das periferias, se viu obrigado a repensar suas atividades presenciais e adaptá-las para o meio virtual. O que, de certa forma, não foi uma novidade nas estratégias adotadas para a promoção de diversos encontros, já que o coletivo antes da pandemia fazia diversas lives ao vivo, transmitindo parte de suas atividades pelos

[76] Ruivo Lopes é educador e militante dos direitos humanos, além de ter uma longa trajetória em movimentos sociais. Ruivo deixou o Perifatividade em 2019 por questões de divergências internas. João Cláudio é um morador da região do Fundão do Ipiranga, que após acompanhar uma edição do "Perifatividade nas Favelas", aceitou entrar para o coletivo, a convite de Paulo. Com a crise interna do coletivo, João também deixou o coletivo ao final de 2019. Vinão "Alôbrasil", como é mais conhecido, além de ser um dos fundadores do coletivo Perifatividade, é rapper, educador, assistente social e produtor musical. Para maiores informações sobre o trabalho destes sujeitos com os grupos mencionados indico o capítulo 2 de minha monografia intitulada de "O SISTEMA É A BOMBA E O PAVIO: O Projeto da Literatura Marginal/Periférica revisto a partir dos Coletivos Poesia na Brasa e Perifatividade em São Paulo", de 2019.

aplicativos de redes sociais Facebook e Instagram. Com a pandemia e com a imposição de dificuldades maiores para a promoção de encontros offline, o Perifatividade realizou diversas lives, mesclando apresentações musicais, poesia e debates nestes eventos, onde até eu participei de um debate em uma dessas lives. Estas lives foram organizadas com a supervisão de um técnico para operar a transmissão simultânea na página do grupo no Facebook e no canal do mesmo no Youtube. Esse técnico contratado ainda cuidava do sinal de transmissão de internet, como também da divisão de telas no momento dos debates. Os integrantes do Perifatividade sempre transmitiam de suas casas e não em grupo, sendo que Gláucia participava junto com Adriana, da casa desta última, Paulo e Ana de sua casa, e os demais integrantes de seus respectivos lares, assim como acontecia com os demais convidados. Vale dizer, ainda, que o público era contado por visualizações, o que não significa exatamente que as visualizações indicassem o número de pessoas que acompanhava o evento do começo ao fim da atividade. As parcas intervenções do público se davam por perguntas enviadas através de comentários tanto no Facebook como no Youtube.

Em relação às mudanças realizadas com o início da pandemia em 2020, é importante também ressaltar que o coletivo empenhou-se na arrecadação e na distribuição de cestas básicas, em virtude da fome e desemprego que a COVID-19 gerou nas periferias. Já em 2021, com a vacinação contra a COVID-19 dando seus primeiros passos, e com uma relativa flexibilização das medidas sanitárias de distanciamento, o coletivo começou a planejar e também organizar uma atividade presencial, chamada “Copa Jogo de Letras”, com os times do futebol de várzea locais. A copa durou de agosto até outubro de 2021 e contou com uma premiação em dinheiro para os três primeiros colocados. Tanto o recurso do pagamento dos prêmios, quanto a fabricação da camiseta da copa usada por integrantes do Perifatividade durante os jogos e também a publicação da antologia literária com os times, foram custeados com os recursos da Lei de Fomento às Periferias. Como resultado do campeonato, em novembro daquele ano foi lançado um livro com textos dos integrantes dos times que participaram da copa. Um ponto interessante da Copa de Letras, foi o método de inscrição dos times, para participarem do evento: ao invés de se cobrar uma quantia em dinheiro de cada time, foi cobrado que cada equipe escrevesse um texto literário de tema livre – que seria avaliado pelo Perifatividade – para compor o futuro livro do evento.

É interessante começar a assinalar a importância de uma análise sobre os financiamentos obtidos para as atividades de grupos como o Perifatividade. Além de sempre

terem feito uso de verbas públicas, o coletivo tem diversas parcerias com políticos locais do Partido dos Trabalhadores, a exemplo da relação estabelecida como a vereadora Juliana Cardoso[77], bem como apresenta uma trajetória de colaborações com movimentos sociais locais ligados à CMP (Central de Movimentos Populares)[78]. Atualmente, os integrantes do coletivo vêm pensando em se formalizar como uma organização da sociedade civil, com CNPJ – ainda está sendo debatido se é melhor que isso seja feito no formato OSCIP ou como ONG[79] - para granjear outros financiamentos e parcerias, inclusive privadas, como declarou Ana Fonseca, em setembro de 2021, para esta pesquisa. Tanto Paulo quanto Ana, afirmaram que esta questão já vem sendo discutida há muito tempo dentro do Perifatividade, mas que por conta da posição até então contrária, de Paulo e de outro ex-integrante, o coletivo nunca foi formalizado juridicamente. Dessa forma, muitas vezes o Perifatividade fez uso do CNPJ de coletivos parceiros, para conseguir acessar verbas públicas que implicam na necessidade de uma formalização jurídica do grupo, algo muito comum entre os coletivos culturais das periferias em São Paulo. Sobre a institucionalização do coletivo, Ana aponta a seguinte questão para reflexão:

> (...) Até quando a gente vai ficar pedindo nota [para prestação de contas] para os outros? Sem isso [a formalização jurídica] a gente não consegue contratações, como o Sesc, Secretaria de Cultura. Tem contratação que não tem jeito, é só CNPJ! E chega uma hora também, que edital para a pessoa física é muito limitado. É VAI e fomento, VAI e fomento, VAI e fomento, VAI e fomento, às vezes um Proac. É isso. A sua vida de produtor cultural fica limitada a três editais que é o que dá pra pessoa física concorrer. Aí tem uma infinidade de outros que você não consegue porque você não é... como que é? Uma pessoa sem fins lucrativos, um CNPJ. Ainda tem que ser na

[77] De acordo com informações do portal da Câmara Municipal de São Paulo, "[r]eeleita para o seu quarto mandato, Juliana Cardoso é a única mulher da bancada do PT na Câmara Municipal atualmente. De origem indígena, nasceu e foi criada na periferia da Zona Leste. Iniciou sua militância nas Comunidades Eclesiais de Base, na Pastoral da Juventude. Seu mandato é um instrumento da luta dos movimentos sociais e sindicais com a defesa dos interesses das trabalhadoras e dos trabalhadores. Juliana Cardoso tem atuado em várias frentes como o fortalecimento do SUS, a luta por moradia digna, a defesa dos direitos das mulheres, por exemplo". Maiores informações em: https://www.saopaulo.sp.leg.br/vereador/juliana-cardoso/. Acesso em: 17/01/2024.

[78] Segundo a página oficial da CMP, a "Central de Movimentos Populares (CMP) é uma organização presente em 19 estados brasileiros, que congrega diversos movimentos populares urbanos, como de moradia, saúde, mulheres, negros(as), juventude, economia solidária, defesa dos direitos das crianças e adolescentes e associações de moradores, dentre outros". Maiores informações em: https://cmpbrasil.org/about/. Acesso em: 17/01/2024.

[79] Segundo o portal da revista "Desafios do Desenvolvimento" do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), "[Oscip] [é] uma sigla que representa a expressão Organização da Sociedade Civil de Interesse Público. A expressão Oscip surgiu em 1998 quando o governo sentiu necessidade de distinguir, entre as milhares de Organizações Não-Governamentais (Ong) existentes no Brasil, quais são as que buscam o benefício público e têm representatividade junto a segmentos da sociedade civil. Para isso, foi criada uma lei que estipula uma série de normas que devem ser atendidas pelas ONGs que pretendem ser consideradas Oscip. Ao se transformar em Oscip, uma organização passa a ser considerada idônea para fazer parcerias com o governo". Maiores informações em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2054:catid=28&Itemid=23. Acesso em: 17/012024.

> pegada do terceiro setor. Por exemplo, edital de educação, é muito difícil não ser assim, nesse formato. Tanto que eu me cadastrei em várias centrais de editais que eu nem olho mais. Porque assim, eu fiquei tão desanimada... Porque você vê edital oferecendo 250 mil para organização sem fins lucrativos. Nem MEI (Microempreendedor Individual). Assim, esses editais não são pra MEI. É para associação. Porque eles querem dar o dinheiro, e eu acho que eles têm razão, para quem é comprometido com a área educacional, social, enfim. E não para uma pessoa, né?. (Ana Fonseca em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 11/09/2021).

É importante, por fim, fornece algumas informações biográficas de Ana Paula Rodrigues Fonseca: ela tem 44 anos, identifica-se como uma mulher afro-indígena, cisgênera e heterossexual, e é a integrante mulher mais antiga do Perifatividade. Oriunda do Ipiranga, Ana afirma que desde cedo se envolveu com cultura: primeiramente, com a prática da dança, onde começou na adolescência e chegou até mesmo a fazer parte de uma companhia de dança, e depois, com o Rap, meio em que se tornou produtora musical. Foi durante seu trabalho como produtora musical que conheceu Vinão Alôbrasil e Paulo Rams, com o qual, além de apresentar seu programa de Web Rádio – o Sessions Brasil[80] –, viria a namorar e se casar futuramente. Ana afirma que sofreu muito na escola, quando adolescente, por ser a única menina negra e indígena no ambiente escolar, que se tratava de uma instituição privada. E que o rap foi seu aliado para passar por estes momentos, até acabar se envolvendo com a produção cultural ligada ao estilo. Atualmente Ana mora no Cambuci, com Paulo e trabalha como educadora na Rede Sesc.

1.7 – Na Vila Brasilândia, um braseiro poético

Cena IV – Uma confraternização (em brasa!) nos tempos da pandemia

"Tambor, tambor, vai buscar quem mora longe…
Tambor, tambor, vai buscar quem mora longe…
Ô meu tambor, que é feito de couro e pau,
Vai buscar todos os poetas, pra falar no meu sarau"
(Tambores da Brasa, Poesia na Brasa, 2008)

[80] A Rádio Sessions Brasil foi um programa de Web Radio criado por Ana, com o apoio do VAI, que funcionava 24 horas e trazia uma programação musical e cultural ligada ao Rap e aos demais estilos musicais inseridos na movimentação cultural das periferias. Ademais, cobria eventos também relacionados com essa movimentação cultural. Maiores informações em: https://radiosessionsbrasil.blogspot.com/. Acesso em: 17/01/2024.

Fazia quase dois anos da pandemia. De fato, já faziam vinte e dois meses que eu não encontrava o pessoal do Poesia na Brasa, juntos, presencialmente. O fato do distrito da Brasilândia ser um dos mais afetados pela pandemia[81], com um alto índice de óbitos, deixava esse encontro de confraternização mais intenso, com diversos sentimentos. A ideia da confraternização era de encontrar ao menos as pessoas que participaram das lives e demais atividades virtuais ao longo desse tempo, além das pessoas que participaram das publicações do coletivo, *"Antologia Poética Vol. 5"* e *"Territórios Poéticos - Diálogos entre versos"*, além do primeiro livro infantil, de Samanta Biotti, intitulado *"O Boldo que queria ser melancia"*. Além de ter participado com um artigo no livro *"Territórios Poéticos"*, o motivo maior de ir até a Brasilândia era a saudade das pessoas e daquele que é *"um bom lugar"*, como diz a frase do banner do coletivo, sempre presente nas atividades do mesmo.

Apesar da flexibilização do momento, o encontro possuía algumas regras além do uso de máscaras. O evento não era aberto, se limitando a, no máximo, a presença de cinquenta pessoas, fora os artistas que iriam se apresentar. A distância entre as pessoas presentes também era uma questão: sem aglomerações e circulação pelo espaço, fora o necessário (banheiro, bebedouro e afins). Quem fosse permanecer sentado, com uma distância relativa de outras pessoas, se quisesse, poderia ficar sem máscara, sendo obrigatório o uso caso fosse se locomover. Diferentemente do usual, as apresentações aconteceram no fundo do pátio da sede do Samba do Congo[82], em frente à cozinha, a uma distância de uns cinco metros e onde estavam as cadeiras disponibilizadas para as pessoas se sentarem. Eu havia chegado em São Paulo no sábado anterior, e estava no Parque Residencial Cocaia, extremo sul, na casa de minha mãe. Depois de três horas de viagem, dois ônibus, e uma integração entre trem e metrô, cheguei na sede do Samba do Congo às 16h30. Por sorte, o ônibus da linha 917M-10 Morro Grande/Ana Rosa faz a parada final ao lado da sede.

---

[81] "No bairro campeão de mortes por covid-19 em São Paulo moradores isolam seus idosos à espera de um hospital". El País (05/05/20): https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-05-05/no-bairro-campeao-de-mortes-por-covid-19-em-sao-paulo-moradores-isolam-seus-idosos-a-espera-de-um-hospital.html#:~:text=S%C3%A3o%20cerca%20de%20300.000%20habitantes,confirmados%20ou%20suspeitos)%20por%20coronav%C3%ADrus. Acesso em: 17/01/2024.

[82] De acordo com a plataforma SP Cultura da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, "[a] Frente de Resistência Samba do Congo teve seu início em 09 de Abril de 2011, com objetivo de difundir, valorizar e incentivar a arte por meio da composição musical, em especial do samba considerado autêntico, resgatando a raiz do samba paulista e a cultura afro-brasileira, promovendo assim a inserção social e cultural por meio da história deste gênero genuinamente brasileiro". Maiores informações em: https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/agente/1552/%7B%7Brelation.agent.singleUrl%7D%7D. Acesso em: 17/01/2024.

Quando cheguei, o portão estava fechado. Bati uma vez e logo Stephânia abriu para mim e me cumprimentou com um forte abraço e um sorriso. Mais adiante, ao entrar, encontrei Vagner, Sidnei e Samanta, e com eles, também troco saudosos e calorosos abraços. Pergunto por Sonia, e Vagner me fala que ela está no fundo da sede, fazendo umas fotos e gravando alguns depoimentos para o futuro documentário do coletivo, previsto para ser lançado em 2022. Logo menos chegam Chellmí e Matheus Verne. Matheus foi um dos frequentadores do sarau da brasa, que entrevistei durante o mestrado. O conheci quando ainda fazia iniciação científica e ele era aluno de Chellmí, na fábrica de cultura da Vila Nova Cachoeirinha. Os cumprimentei com um grande abraço, sorrindo, relembrando a entrevista que fiz com os dois, na casa de Chellmí, cinco meses antes. Além de Vagner, que encontrei uma vez no centro, eles foram as únicas pessoas do sarau da brasa que encontrei pessoalmente durante a pandemia.

O tempo foi passando, e o pessoal foi terminando de montar o equipamento de som para as apresentações musicais, já que neste dia não haveria sarau e só uma programação musical, com as bandas Indaíz (Reggae), Luiza Akimoto (MPB), e o encerramento com o Samba do Congo e a Velha Guarda da Rosas de Ouro, na presença de seu Waldir Dicá e dona Maria Helena. A Rosas de Ouro é uma escola de samba fundada em 1971, na vila Brasilândia, onde tanto "seu" Waldir quanto dona Maria Helena viveram boa parte de suas vidas, se mudando em algum momento para o bairro da Vila Nova Cachoeirinha. Conforme os pessoal dava os toques finais nos equipamentos, as pessoas convidadas foram chegando. Dentre elas, Diego Arias, um dos fundadores do Poesia na Brasa, mas que hoje está afastado, por conta do trabalho como professor na região. Com ele estavam sua esposa e filha. Junto às pessoas, também foram chegando as "pessoinhas": a criançada que frequenta o sarau, com seus pais. O fato de as pessoas ficarem distantes do local onde as apresentações iriam acontecer se dava por conta da necessidade de as crianças poderem ter um espaço para brincar sem ficarem aglomeradas também.

Logo menos, Sidnei ligou o microfone e começou a introduzir as atividades. Já eram por volta das 17h30. Na sequência, Samanta e Sidney serviram um lanche para as pessoas presentes, inclusive com uma opção vegana. E assim, com as pessoas se alimentando, Luiza Akimoto se dirigiu até o local do "palco" (um lugar improvisado com um tapete, onde ficavam os instrumentos e equipamentos de som), se apresentou e iniciou seu show. Dessa vez, além do tradicional violão e voz, Luiza – a quem já vi se apresentar outras vezes no

Sarau – trouxe uma banda consigo, com teclado, contrabaixo e bateria. Com a influência das novas mulheres da MPB, Luiza foi do Blues ao Indie, sem abrir mão da brasilidade, numa apresentação ovacionada por todas as pessoas presentes. Na sequência, o pessoal do Indaíz foi ao palco para preparar sua apresentação. Nesse meio tempo, fui dar um abraço na Sonia, que estava tirando fotos das apresentações. Depois encontrei Célia Reis, uma escritora, antiga frequentadora do Sarau da Brasa e do Elo da Corrente[83], além de historiadora, professora da rede pública e uma amiga que já me ofereceu muitas caronas para ir ao sarau. Conversamos um pouco sobre seu livro de poesias, sobre seus filhos e sua mudança para o interior de São Paulo.

Público presente na confraternização do Sarau da Brasa, em dezembro de 2021- Foto cedida por Sonia Bischain

Nesse meio tempo, aproveitei para dar uma volta pelo espaço da sede do Samba do Congo. Lá é onde acontecem os ensaios do grupo e outras atividades como o encontro de sambistas e o ensaio do bloco de carnaval do Samba do Congo. O espaço é bem grande, e possui as paredes todas grafitadas por artistas locais, com o emblema dos anfitriões da sede e

[83] De acordo com informações de seu blog, "[o] Coletivo Literário Sarau Elo da Corrente foi fundado em 2007, no bairro de Pirituba em São Paulo, e tem como principal iniciativa um sarau, realizado no bar do Santista, encontro literário e comunitário que fomenta a produção de conhecimento oral e escrito". Maiores informações em: https://elo-da-corrente.blogspot.com/p/quem-somos.html. Acesso em: 22/02/2024.

demais figuras de sambistas locais, além de grafites antirracistas e de temáticas da negritude. Com a chegada do Sarau da Brasa, a biblioteca popular Carlos de Assunção, mantida pelo coletivo Poesia na Brasa, também chegou ao espaço com uma nova e maior estante que a que possuíam, com um acervo mais amplo. A biblioteca, que funcionou em todos os bares em que o Poesia na Brasa organizou suas atividades, desde o bar do Carlita até o Goiabeiras, atualmente ganhou maior destaque no ambiente da sede. Nela, se pode encontrar títulos de literatura em geral, em especial da literatura negra e marginal/periférica, e até mesmo títulos de história e das ciências sociais. E como sempre é dito nos saraus, a única condição para retirar livros na biblioteca é ir até a mesma e escolher um livro. E caso goste e queira, o leitor ainda pode ficar com o livro e também pode levar outro livro para deixar lá.

Nesse dia, apesar de não acontecer o tradicional sarau, o calor humano, também tradicional, se fazia presente. Principalmente nos olhares e nos abraços, que além de demonstrarem o afeto, diziam o que as palavras eram poucas para representar: a felicidade de todos e todas ali, de se reverem depois de tanto tempo e a felicidade em compartilhar a presença novamente, depois de tantas perdas causadas pela pandemia. Algo que as atividades online aliviaram, mas não deram conta de lidar totalmente. Por volta das 19h30, ao final da apresentação da Indaíz, fui me despedindo do pessoal. Eu tinha marcado uma carona de volta para as 20h30min na estação Tietê do metrô. E como estava difícil conseguir carona nesses dias, achei melhor não cancelar. Assim, após me despedir de todas as pessoas, peguei um Uber a convite de Matheus Verne, até a Barra Funda. De lá, segui rumo ao Tietê, aonde cheguei em cima da hora da carona e voltei para Campinas.

1.8 – Sobre o acender de um braseiro

"Não queremos mais seu tênis, seus celulares.
Não queremos mais ser mão de obra barata,
e nem consumidores que não questionam a propaganda.
Queremos conhecimento e transformações nas relações sociais.
A elite treme". (Nosso manifesto, Poesia na Brasa, 2008)

O Sarau da Brasa iniciou suas atividades em 2008, na Vila Brasilândia, zona norte de São Paulo. O coletivo surgiu como uma resposta aos anseios de um grupo de jovens, amigos de infância, já envolvidos, de diversas maneiras, com a cultura na região e que, ao acessarem a universidade, tiveram a ideia de retornarem ao bairro de origem e construírem um centro cultural na região. Infelizmente, como contaram – em entrevistas realizadas para esta

pesquisa –, a questão material não permitiu a esses jovens a realização de seu sonho. Assim, em 2008, Vagner Souza, Diego Arias, Sidnei das Neves e Samanta Biotti – influenciados pelo exemplo dado por grupos como Cooperifa e o Sarau do Binho[84], mas também por escritores como Sérgio Vaz[85] e Ferréz[86] – resolveram criar um coletivo literário no seu bairro, a Vila Brasilândia. Como se tornou estratégia comum no contexto dessa movimentação cultural das periferias, o sarau começou num bar, o Bar do Cardoso.

Após o segundo sarau organizado pelo coletivo literário Poesia na Brasa neste bar, Sonia foi convidada para integrar o coletivo. Sonia Regina Bischain, mulher branca, cisgênera e heterossexual, de 67 anos, possui um papel fundamental na criação do coletivo, apesar de não ser uma de suas fundadoras. Ela foi a principal incentivadora do hábito da leitura para estes, então à época, adolescentes. Todos os integrantes do Poesia na Brasa eram amigos de infância dos filhos de Sonia e frequentavam sua casa. Nessas idas e vindas à casa de Sonia, ela sempre sugeria e emprestava alguns livros para os futuros fundadores do Poesia na Brasa. Segundo depoimentos cedidos para esta pesquisa, foi esse hábito da leitura que os levou para a universidade e, depois, a planejar a criação do coletivo.

Vale citar que a história de Sonia se confunde com a própria história social e cultural da Vila Brasilândia, já que a mesma – influenciada pela Teologia da Libertação[87] - foi integrante das Comunidades Eclesiais de Base[88], nos anos 1980, e de lutas por moradia, saneamento básico, infraestrutura e por cultura na Vila Brasilândia, por muitos anos, além de

---

[84] O Sarau do Binho é um Coletivo Cultural da região do Campo Limpo, na zona Sul de São Paulo, fundado oficialmente em 2004, por Robson Padial, popularmente conhecido por "Binho". Para maiores detalhes ver (DUARTE, 2016) e (MINCHONI, 2019).

[85] Sérgio Vaz é poeta, autor de diversos livros como Colecionador de Pedras (Global, 2007), Literatura, pão e poesia (Global, 2011) e Flores de Alvenaria (2016), além de um dos idealizadores da Cooperifa (Cooperação Cultural da Periferia). Para maiores informações, ver os trabalhos de Nascimento (2009; 2011) e Vaz (2008).

[86] Nascido em 1975 no bairro do Capão Redondo, Reginaldo Ferreira da Silva resolveu forjar seu nome literário como uma síntese de suas origens sociais, semelhantes às dos moradores de seu bairro, além de evidenciar seus modelos de vida: negros e nordestinos, condensados no Ferre (Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião) e o Z, de Zumbi dos Palmares (SILVA, 2013).

[87] A Teologia da Libertação é um movimento sócio eclesial que surgiu dentro da Igreja Católica na década de 1960 e que, por meio de uma análise crítica da realidade social, buscou auxiliar a população pobre e oprimida na luta por direitos. Para maiores detalhes ver Camilo (2011).

[88] Segundo Oliveira, em verbete produzido para o CPDOC da FGV, "[as] CEBs nasceram numa conjuntura sociopolítica marcada pelo regime militar autoritário e pelo consequente fechamento dos canais de participação política. Reagindo contra ele em nome dos direitos humanos, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) deu cobertura institucional às CEBs e às pastorais (Indigenista, da Terra, Operária, da Juventude), mais sujeitas à repressão policial militar. Assim, nos anos 1970 e no início da década seguinte muitos setores sociais encontraram nas CEBs seu espaço de atuação política, embora elas não deixassem de ser espaços propriamente religiosos". Maiores informações em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/comunidades-eclesiais-de-base-cebs. Acesso em: 18/01/2024.

ter participado da fundação do PT (Partido dos Trabalhadores). Sonia não possui curso superior e estudou até o segundo grau (atual ensino médio). No entanto, desde muito cedo trabalhou no ramo de editoração, em editoras e jornais, onde aprendeu diagramação e revisão textual na prática, o que acabou lhe rendendo alguns trabalhos na área. Sonia, que inclusive é uma das principais pessoas responsáveis pelo trabalho de editoração e revisão das publicações da cena literária produzida nas periferias de São Paulo, também possui cursos de fotografia e de inglês. Atualmente aposentada, Sonia vive, desde 2021, em Itanhaém, após ter vivido 63 anos na Vila Brasilândia.

No ano seguinte ao início do sarau, em 2009, Michell da Silva, homem branco, cisgênero, heterossexual, de 39 anos – conhecido popularmente por Chellmí –, ficou sabendo de um sarau num bar próximo à sua casa e decidiu ir para conhecer essa atividade cultural, já que gostava de poesia e leitura. Chegando lá, encontrou diversos amigos como Sidnei e Vagner, que eram integrantes do sarau, como conta em entrevista para esta pesquisa, realizada em julho de 2021. Nesta ocasião, também encontrou Sonia, que era mãe de seu amigo Fernando – com quem andava de skate – e que lhe emprestava alguns livros, eventualmente. Chellmí, então, se sentindo representado pelo sarau, começou a frequentar as atividades do Poesia na Brasa. Ainda em 2009, foi convidado a entrar para o grupo, o que diz ter aceitado de prontidão. Ademais, nesse mesmo ano, o coletivo foi contemplado com o VAI e publicou diversos livros. Por divergências com o dono do Bar do Cardoso, seus integrantes pararam de realizar suas atividades neste local e passaram a ocupar o espaço do Bar do Carlita, também na Vila Brasilândia, onde permaneceram por um tempo significativo, até 2015.

Foi nessa época que o coletivo solidificou suas atividades na região e alcançou um momento de maior repercussão no circuito literário e cultural das periferias. As parcerias com outros coletivos culturais das periferias, tanto de fora como da própria Brasilândia, se fortaleceram neste período, assim como as atividades com os movimentos sociais da região se intensificaram. Em 2015, em função das obras do metrô da Linha 6 - Laranja, a região do Bar do Carlita foi desocupada e Carlita foi obrigado a fechar as portas. Neste momento, o coletivo se viu obrigado a procurar outro lugar para realizar suas atividades, permanecendo alguns meses sem de fato realizá-las. No entanto, seus organizadores logo encontram um lugar para retomar os encontros, próximo à casa de Chellmí, o Goiabeiras Bar, que se localizava numa rua paralela à avenida Parapuã, na Brasilândia. No Goiabeiras, o coletivo retomou mais uma

vez suas atividades, organizando para além do tradicional sarau, exposições fotográficas, de graffiti, apresentações de filmes e documentários e peças de teatro, tanto de artistas e atores locais, como de outras periferias.

O sarau aconteceu no Goiabeiras entre os anos de 2015 e 2018, até o momento da campanha do futuro presidente Bolsonaro, quando, segundo afirmou Vagner Souza, homem negro, cisgênero, heterossexual, de 36 anos, em entrevista cedida para essa pesquisa, em agosto de 2021: *"o clima começou a ficar pesado, chegando a rolar mesmo umas ameaças por frequentadores do bar que eram bolsonaristas"*. Vagner ainda contou que *"os frequentadores do sarau passaram a não se sentir seguros mais no bar, com as ameaças e discussões"*, como também reiterou Chellmí em entrevista para esta pesquisa. Em meio a discussões e ameaças de briga nos últimos saraus, em virtude da ascensão conservadora estimulada pelo fenômeno do bolsonarismo, o coletivo tornou-se obrigado, mais uma vez, a buscar um outro local para a realização de suas atividades.

Dessa vez, o local conseguido para a manutenção das atividades do Poesia na Brasa foi a sede do Samba do Congo, no Morro Grande, bairro vizinho à Vila Brasilândia. O Samba do Congo é um dos parceiros de longa data do Poesia na Brasa, tendo vários de seus integrantes se apresentado por diversas vezes no sarau e promovido ações conjuntas na região. Em março de 2019, o sarau passou a acontecer nesta sede, e diversos projetos foram repensados e também criados, como debates com escritores e produtores culturais das periferias e direitos humanos, sobre o genocídio da população preta e periférica, a memória social da Vila Brasilândia e outras questões políticas importantes neste contexto. Nesse mesmo ano, o coletivo depois de muito tempo sem acessar verbas públicas e autofinanciando suas atividades, foi contemplado com a Lei de Fomento às Periferias. No entanto, após o primeiro sarau de 2020, como lembrado acima, a pandemia de Covid-19 obrigou seus integrantes a realizar uma reformulação das estratégias de atuação deste e de outros coletivos, e o Poesia na Brasa se viu obrigado que adaptar suas atividades para o modo virtual – o que, na realidade, ampliou o alcance de atuação e de constituição de uma rede de colaboração.

Seus integrantes passaram então a realizar diversos encontros com escritores, poetas, artistas e militantes das periferias não só de São Paulo, mas também de outros estados, o que não era possível quando a maior parte dos encontros antes da pandemia era presencial. Os membros do coletivo elaboraram, ainda, a partir deste novo financiamento, a publicação de

mais três livros – duas antologias e uma publicação infantil, contabilizando assim o total de dezoito publicações desde sua fundação – bem como a produção de um documentário[89] sobre o próprio Poesia na Brasa. Este documentário foi lançado no dia 19 de março de 2022. Dentre os sonhos futuros, como relatados por seus integrantes em depoimentos dados no contexto desta pesquisa, o coletivo pretende organizar uma editora.

Sarau da Brasa abrindo os trabalhos da noite com seus tambores. Foto cedida por Sonia Bischain (Dezembro de 2021)

Para além das atividades do sarau e também por conta delas, muitos dos integrantes do Poesia na Brasa se tornaram educadores sociais e trabalharam com MSE's[90] (Medidas Socioeducativas) na região. Tanto que Vagner, um dos fundadores do coletivo, hoje segue como educador popular, além de colaborar com um grupo de psicólogos e educadores com formação para assistentes sociais que trabalham com jovens em conflitos com a lei. Sidnei se formou em psicologia e atua na área, trabalhando no CRAS (Centro de Referência da

[89] O documentário, intitulado "Verbo e Arte - Brilhos da Brasa", foi produzido pelo Coletivo Cultural Poesia na Brasa, com direção de Sonia Bischain e roteiro de Sidnei das Neves, e retrata os treze anos de existência do coletivo e também a própria cena cultural da Vila Brasilândia, Zona Norte de São Paulo, onde o coletivo atua.

[90] Segundo informações do portal da secretaria de desenvolvimento social de Goiás, "[d]e acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei Federal 8069/90), [as medidas socioeducativas] são medidas aplicáveis ao adolescente que pratica um ato infracional (a conduta descrita como crime ou contravenção penal). A medida somente é aplicada após o devido processo legal". Maiores informações em: https://www.social.go.gov.br/passe-livre-estudantil/28-a%C3%A7%C3%B5es/socioeducativo/74-medidas-socioeducativas.html. Acesso em: 18/01/24.

Assistência Social)[91] e no CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social)[92]. Diego se formou em história e se tornou professor da rede pública na região da Brasilândia. E Chellmí trabalha como arte educador, e é um dos principais responsáveis pela frequência do público jovem no Sarau da Brasa, feito nada insignificante. Nos saraus, muito dos jovens são ou foram alunos de Chellmí. Samanta, formada em pedagogia, trabalha com educação infantil e também no CRAS. A ideia de reverter o conhecimento conquistado em ações na sua própria comunidade de origem trouxe ao Poesia na Brasa uma organicidade importante. Organicidade que se apresenta também nas próprias escolhas individuais de trabalhar na mesma região onde o coletivo atua e onde vivem seus integrantes, e de não ter o Poesia na Brasa como trabalho ou fonte de renda. Essa é uma posição política defendida pelo coletivo.

À exceção de Sonia, todos os demais integrantes do Poesia na Brasa possuem formação universitária. Vagner por exemplo – cujo interesse por leitura e política surgiu dentro de uma metalúrgica, quando trabalhou lá –, cursou Ciências Sociais na UEL (Universidade Estadual de Londrina) e na Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), mas não chegou a se formar em nenhuma delas. No entanto, veio a se formar em Serviço Social pela PUC (Pontifícia Universidade Católica), em São Paulo. Samanta, que desde adolescente foi envolvida com cultura na região da Brasilândia, participando de grupos musicais e de peças de teatro, primeiro tentou fazer Nutrição na Uniban (Universidade Bandeirante de São Paulo), mas acabou desistindo por não se identificar com o curso, e foi fazer Pedagogia na Unifesp, em Guarulhos. Sidnei também teve acesso ao teatro, quando adolescente – participando do mesmo grupo que Samanta – e com o qual se envolveu profundamente,

[91] De acordo com informações do portal do Ministério da Cidadania, o "CRAS é o Centro de Referência da Assistência Social. É uma unidade pública da Assistência Social que oferece atendimentos individualizados (ou em grupos) a indivíduos e famílias. Nestes atendimentos, as pessoas podem compartilhar questões diversas relativas ao seu dia-a-dia em família e na comunidade, a exemplo das suas dificuldades de relacionamento, de sobrevivência, dos cuidados com os filhos e até situações mais delicadas como violência doméstica". Maiores informações em: https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acesso-a-informacao/carta-de-servicos/desenvolvimento-social/assistencia-social/cras-centro-de-referencia-em-assistencia-social-1. Acesso em: 18/01/24.

[92] De acordo com informações do portal do ministério da cidadania, "[o] Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) é uma unidade pública da Assistência Social que atende pessoas que vivenciam situações de violações de direitos ou de violências. Uma pessoa será atendida no CREAS, entre outras situações, por sofrer algum tipo de assédio, de discriminação, de abuso, de violência ou por demandar cuidados em razão da idade ou deficiência". Maiores informações em:https:/www.gov.br/cidadania/pt-br/acesso-a-informacao/carta-de-servicos/desenvolvimento-social/assistencia-social/creas-centro-de-referencia-especializado-em-assistencia-social-1. Acesso em: 18/01/24.

chegando até a escrever e dirigir algumas peças no grupo de teatro organizado por uma igreja local. Depois foi cursar Psicologia na Uninove (Universidade Nove de Julho) e atua na área desde 2011, trabalhando com crianças e adolescentes, no serviço de acolhimento de jovens em situação de violência. Chellmí por sua vez, sempre foi um entusiasta do rap e do hip hop e logo cedo desenvolveu o talento no graffiti e nas demais frentes da arte urbana como o trabalho com stencil, a produção de murais e até mesmo a pintura de quadros e telas. Quando adolescente, chegou a trabalhar numa biblioteca de uma universidade particular, onde ficou amigo dos professores e tomou conhecimento da universidade pública. Assim, decidiu prestar vestibular e acabou por entrar na USP (Universidade Estadual de São Paulo), no curso de Pedagogia, se formando em 2018.

No que diz respeito às parcerias e financiamentos, o Poesia na Brasa sempre fez uso de políticas públicas, em especial do VAI e, até recentemente, o coletivo vinha se autofinanciando, com parcerias entre outros atores culturais e amigos da região da Vila Brasilândia. No que tange às parcerias e financiamentos privados, o coletivo pontualmente se apresentou no SESC e seus integrantes e organizadores nunca se interessaram, até então, pelo financiamento estritamente privado. O coletivo chegou até mesmo a recusar propostas de financiamentos oferecidas pelo Criança Esperança[93] e pelo Instituto sou da Paz[94], como afirmou Vagner em entrevista para esta pesquisa, em agosto de 2021. Sobre esse momento, Vagner relembra que

[93] Segundo informações do portal da Unesco, "[o] Programa Criança Esperança, uma iniciativa da Rede Globo em parceria com a UNESCO desde 2004, compreende uma mobilização social que busca transformar o futuro de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. Todos os anos, uma grande campanha na mídia mobiliza os brasileiros a fazer doações para apoiar projetos sociais nas cinco regiões do Brasil. O Programa foi criado em 1986 pela TV Globo, o maior produtor audiovisual do Brasil, com alcance em praticamente todo o território nacional. São 5 emissoras e 117 afiliadas, em uma rede que fala todos os dias com 100 milhões de pessoas, em todas as telas. Beneficiando-se desse potencial, o Criança Esperança tem conseguido chamar atenção da sociedade para a causa da infância e aumentar a conscientização sobre os direitos das crianças e dos adolescentes, o que permite também que a UNESCO dissemine áreas importantes do seu mandato". Maiores informações em: https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasilia/projects/crianca-esperanca. Acesso em 18/01/24.

[94] De acordo com o portal do grupo, "[o] Instituto Sou da Paz nasceu para apresentar soluções eficientes, práticas e coletivas para quem sofre com a violência e a criminalidade todos os dias. Acreditamos que a segurança é um direito de todos, mas que nunca conseguirá ser usufruído de maneira individual – é um direito que se goza coletivamente! A missão do Instituto é contribuir para a implementação de políticas públicas de segurança que sejam eficientes e pautadas por valores democráticos e pelos direitos humanos. Buscamos mobilizar pessoas e instituições para coletivamente superarmos os desafios que impedem o Brasil de ter uma segurança pública democrática e que garanta a cidadania plena, além de implementar em parceria com governos e outras organizações ações que, comprovadamente, contribuam para diminuir a violência, oferecendo ao poder público metodologias capazes de auxiliar a implementação de políticas públicas de segurança mais eficientes". Maiores informações em: https://soudapaz.org/o-que-fazemos/. Acesso em 18/01/24.

> (...) [por] exemplo, Silvio, a primeira publicação que a gente fez foi em 2009. Naquele ano de 2008-2009, estava chegando no território Instituto Sou da Paz. Aí o primeiro livro que a gente lançou, eles chegaram. Chegou lá, uma pessoa com uma cara bem de filha da puta, e falou assim: "qual que é tiragem de vocês?" "a gente faz tiragem de 500 cópias", a gente falou. Eles falaram assim: "a gente passa pra 1500, só que vocês colocam logo do Sou da Paz". A gente falou: "mano pega as mil e quinhentas cópias de vocês, e dobra e sai andando, mano. Mas nem cola mais para trocar ideia com nóis. Porque vocês correm com polícia[95]. A gente não corre com polícia". Então já era. É poucas. Acabou conversa. Do ponto de vista. Se a gente fizesse 1500 livros, ia circular muito mais que 500, óbvio. Agora, não dá. Não dá pra receber dinheiro do lado de lá (Vagner Souza, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 12/08/2021).

O coletivo passou a se autofinanciar quando não conseguiram – durante a gestão de Fernando Haddad (PT) da prefeitura de São Paulo (2012 a 2016) – acessar nenhum dos editais em que se inscreveram. Na leitura do coletivo, tal fato aconteceu por divergência políticas com a gestão, que buscava amarrar os coletivos culturais das periferias à gestão do Partido dos Trabalhadores, onde houve um conflito interdito entre o coletivo e a citada gestão, como será apresentado adiante, no capítulo três.

Neste capítulo, apresentei os coletivos e seus atores, assim como suas questões, propostas, modos de organização e atuação, além de suas relações com os financiamentos públicos e privados, inserindo-os no contexto da produção cultural das periferias. Foram apresentados redes, discursos, interesses, motivações e, principalmente, as transformações ocorridas ao longo do tempo, tendo em conta o surgimento desses coletivos e suas propostas iniciais, até sua configuração atual. No próximo capítulo, apresentarei os elementos que constituem o supracitado projeto pedagógico, estético e político – acrescido de seu caráter ideológico – como também uma discussão sobre algumas reverberações deste projeto, para além daquelas celebradas e apontadas comummente por parte dos trabalhos acadêmicos sobre o tema e também pelos meios de comunicação.

---

[95] Aqui, Vagner se refere as premiações oferecidas pelo Instituto sou da Paz, como o premio "Polícia Cidadã". Maiores informações em: https://soudapaz.org/o-que-fazemos/desenvolver/sistema-de-justica-criminal-e-seguranca-publica/policia/premio-policia-cidada/. Acesso em: 18/01/24.

CAPÍTULO II

NOTAS SOBRE O PROJETO PEDAGÓGICO, ESTÉTICO, POLÍTICO E IDEOLÓGICO DA PRODUÇÃO CULTURAL DAS PERIFERIAS EM SÃO PAULO

"Acreditando que a mente é a mais farta munição,
Reféns da miséria, não; Essa sina pro meu povo, não.
Então, injustiças, ira, meu sangue sobe".
(Matemática na Prática, GOG, 1998)

Neste capítulo, pretendo apresentar e discutir algumas questões que considero importantes para entender não só o atual contexto da produção cultural das periferias, mas também os diversos desdobramentos daquilo que a antropóloga Érica Peçanha do Nascimento (2009) apontou como o *"projeto pedagógico, estético e político"* da produção literária das periferias. Apesar de tal enunciado da citada antropóloga se referir aos coletivos e autores de literatura nas periferias e sua pesquisa realizada com base nos anos 1990 a 2005, aplico tal categoria às demais produções culturais das periferias, exatamente por entender que é a partir dos saraus aí organizados que toda uma gama de produções artísticas e culturais ganha espaço e visibilidade. Tal entendimento é respaldado por diversas produções acadêmicas – entre artigos, dissertações e teses –, as quais é possível citar: para além dos próprios trabalhos de Nascimento (2009; 2011; 2016), é possível mencionar as reflexões de Reyes (2013), de Leite (2014a; 2014b), de Aderaldo (2014; 2017), de Tennina (2013; 2016; 2018) e de Silva (2013; 2016). Estas análises, que serão melhor apresentadas na sequência, reiteram minha proposição neste capítulo, assim como são a base do mesmo.

2.1 - O projeto pedagógico, estético e político da literatura marginal/periférica e sua reverberação "da ponte pra cá e da ponte pra lá"

Da ponte pra cá

"Da ponte pra cá, antes de tudo é uma escola".
(Da ponte pra cá, Racionais MC's, 2002)

Em 2006, a antropóloga Érica Peçanha do Nascimento defendeu sua dissertação de mestrado intitulada *"Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena"*, que foi publicada em livro com o título de *"Vozes marginais na literatura"*, na extinta coleção Tramas Urbanas, pela Editora Aeroplano, em 2009. Seu trabalho foi pioneiro ao analisar a então emergente produção literária e cultural das periferias em São Paulo, tendo como principais interlocutores os escritores Ferréz, Sérgio Vaz e Sacolinha[96], bem como os respectivos coletivos culturais liderados por estes escritores, *"Somos todos um pela dignidade da Zona Sul (1 da Sul)"*, *"Cooperifa"* e *"Literatura no Brasil"*. A autora teve por marco temporal para a sua análise toda a década de 1990 e a primeira metade dos anos 2000, a fim de reconstituir também o processo que desencadeou o surgimento dessa movimentação que se tornaria o embrião daquilo que conhecemos hoje por produção cultural das periferias.

Ao discorrer sobre a trajetória cultural destes sujeitos e suas movimentações coletivas, reconstituindo também o surgimento dessa efervescência cultural nas periferias, Nascimento mapeou as motivações e as temáticas gerais que norteavam essa movimentação cultural. Particularmente influenciados pelo hip hop/rap nacional da época, estes sujeitos e seus coletivos tinham, dentre os principais temas de interesse, a denúncia e o combate ao racismo, às desigualdades, ao preconceito contra os pobres, periféricos e favelados e à violência policial. Ou seja, tratava-se de uma dura crítica ao sistema, motivada pela experiência do cotidiano de marginalidade ao qual estavam sujeitas as periferias. Marginalidade não só social, política e econômica, mas também cultural. Dito de outra forma, o motivo das temáticas literárias destes escritores se dava na intenção de denunciar as violências sofridas e transformar seu entorno. Esse foi o lastro daquilo que Nascimento identificou como o *"projeto pedagógico, estético e político"* que pretendia dar voz aos marginalizados. Sobre os autores dessa movimentação literária, fazendo um contraponto com os escritores marginais da geração dos anos 1970 (como Paulo Leminski, Chacal e Cacaso, dentre outros) e dos escritores que tinham por tema a marginalidade (como Marçal Aquino e Fernando Bonassi, populares no início deste século)[97], Nascimento afirmou que

---

[96] Sacolinha é o apelido de infância que Ademiro Alves adotou como pseudônimo já nos seus primeiros textos produzidos em 2000. Cf. NASCIMENTO, 2009, p.216.

[97] Para uma discussão mais aprofundada sobre o assunto dos diferentes usos do termo marginal na literatura brasileira, recomendo a leitura do capítulo dois do livro de Érica Peçanha do Nascimento (2009), "Como os escritores da periferia entraram em cena".

> (...) os autores que publicaram nas edições especiais aqui abordadas se distinguem dos demais porque são também atores dos espaços retratados nos textos e, portanto, sujeitos marginais que estão inserindo suas experiências sociais no plano cultural. Não se tratando, no caso dos escritores estudados, apenas da representação de certa realidade de espaços e sujeitos na literatura, mas do modo como querem se autorrepresentar. (NASCIMENTO, 2009, p. 76)

Ao abordar o tema do projeto pedagógico, estético e político dos escritores da periferia, Nascimento analisou, ainda, seus desdobramentos tanto no meio social de origem dos autores, como em outros âmbitos. No que tange ao desdobramento pedagógico, ao discutir acerca da função social da literatura, da literatura engajada e do lugar que esta ocupa dentro da crítica literária, Nascimento reconheceu a literatura marginal/periférica como uma das afiliadas à literatura engajada. A autora enunciou também o conjunto de questões em torno do projeto estético, que é entendido como uma reverberação do cotidiano dos escritores e que foi mobilizado como mote nas suas produções literárias, como afirmado acima. Desta forma, o projeto estético dessa literatura não derivou de um sentido externo a seus autores, mas sim de uma reflexão política e poética de suas vidas como moradores das periferias. A estética neste caso não se tratou de uma representação, mas sim da expressão de uma realidade cotidiana e de uma experiência reconhecida por outros sujeitos nestes mesmos contextos. Desse cotidiano também resultou o projeto político dos escritores que, ao reivindicarem, em seus termos, uma identidade marginal para sua produção literária, demarcaram uma posição em relação aos demais escritores, de acordo com Nascimento.

Esse projeto político, segundo a autora, também poderia ser visto nas atuações dos escritores que se dava *"por meio do envolvimento com outros movimentos culturais ou sociais, ou do desenvolvimento de projetos pessoais voltados para a produção, circulação e consumo cultural em bairros periféricos"* (NASCIMENTO, 2009, p. 171). Outro sentido importante - ainda dentro do projeto político – dessa literatura foi que seus autores contribuíram para diversificar o discurso literário e o perfil social dos escritores brasileiros, ao reivindicar *"o lugar de grupos socialmente marginalizados na literatura brasileira"* (NASCIMENTO, 2009, p. 171). Outras possibilidades desse projeto político se referem à discussão sobre a redefinição da arte e sobre o papel da literatura na promoção dos direitos humanos.

Outro ponto interessante, levantado por Nascimento, que marcou essa movimentação a época de sua pesquisa e que, de modo ainda que indireto, também dizia respeito ao projeto pedagógico, estético e político dessa produção cultural, foi seu caráter coletivo. Ao retratar a atuação dos escritores no seu entorno local, a autora destaca o fato de que mesmo partindo de planos pessoais de seus idealizadores, tais projetos prezaram pela coletividade, buscando envolver diversos escritores, sejam eles estreantes, de outras periferias, ou sem espaço para mostrar seus trabalhos. Mas todos eram de periferia. Assim, a autora se insere na discussão sobre as ações protagonizadas por alguns escritores que iniciaram seu ativismo cultural a partir da falta de espaço no mercado editorial, logo após a participação no projeto da revista Literatura Marginal/Caros Amigos[98], como se depreende da seguinte passagem:

> (...) a maior parte dos escritores que entraram em cena de forma coletiva com as edições especiais da revista Caros Amigos/Literatura Marginal não encontrou espaço no mercado editorial oficial e seguiu inventando suas próprias formas de produção, circulação e consumo, desencadeando uma movimentação cultural após o lançamento dessas revistas. Foi desse modo que a periferia dos escritores que já aparecia como lócus da produção e cenário privilegiado dos textos se consolidou como alvo da circulação dos seus trabalhos. (NASCIMENTO, 2009, p. 140).

Nascimento fez interessantes apontamentos sobre algumas ações promovidas por seus interlocutores, como a arrecadação e doação de livros, a inauguração de bibliotecas, a promoção de palestras em escolas e demais ações que relacionavam a esfera da cultura e a da política, demonstrando também uma relativa organicidade destes grupos e indivíduos com suas comunidades. Essas atividades promovidas nas periferias por coletivos culturais, como os supracitados *"1 da Sul"*, *"Cooperifa"* e *"Literatura no Brasil"*, reiteraram o caráter diferencial da Literatura Marginal da Periferia em relação às outras vertentes que carregavam o selo de literatura marginal. Além disso, essa movimentação tomou para si o papel de *"porta voz da periferia"*, e se baseou nas experiências próprias e elaborações acerca de marginalidade na amplitude de seus significados, retomando e renovando a discussão sobre marginalidade, periferia e produção literária e cultural nas ciências humanas.

Por fim, mas não menos importante, um dos temas tratados na época por Nascimento, foi o impacto dessa literatura em seu suposto público-alvo: os moradores das periferias. A

[98] Projeto esse que foi idealizado e realizado pelo escritor Ferréz, em parceria com a revista Caros Amigos, e que foi o pontapé inicial para o que viria ser chamado mais adiante de "Literatura Marginal da Periferia" ou de "Literatura Periférica" (NASCIMENTO, 2009).

partir não só das produções literárias, mas também da organização de saraus, como os já citados Sarau da Cooperifa e Sarau do Binho, pioneiros dos saraus nas periferias, um dos principais impactos em seus frequentadores foi a constituição de um hábito da leitura. Junto ao gosto adquirido pela leitura, vieram o reconhecimento destas pessoas enquanto sujeitos de sua história, o reconhecimento de sua identidade racial e periférica (ou, nas palavras do sociólogo Tiarajú Pablo D'Andréa, seu reconhecimento enquanto *"Sujeito Periférico"*[99]), a busca de estudar ou retomar os estudos, bem como o ingresso em uma universidade e a busca por uma melhor colocação no mercado de trabalho.

Ao longo dos anos, acompanhando parte da produção cultural das periferias, em meu próprio trabalho de campo, presenciei o tamanho do poder de influência e transformação dos coletivos em parte do público de suas ações culturais. Vagner Souza, um dos interlocutores desta pesquisa, em depoimento, fala sobre alguns desses casos no Sarau da Brasa:

> A gente percebeu que algumas crianças ou adolescentes que chegaram no sarau, se desenvolveram, né? Se desenvolveram dentro dessa lógica artística. Então, por exemplo, a gente está ligado, mano, que teve aquela molecada que chegou muito jovem, que chegou criança igual a Clara e agora está editando livro junto com a gente. Mas teve a molecada que chegou mais adolescente que, por exemplo, não só, mas também pelas conversas no sarau, foi fazer graduação, mano! Isso para nós é uma coisa interessante. O Verne foi um deles, mas não só. O Felipe Augusto, o Rael, o outro menino que tá lá na Unesp, o Joel... Teve algumas pessoas que passaram pelo sarau e hoje fazem seus próprios saraus, fazem Slam, montaram banda, grupo de teatro, e não sei o quê. Então a gente conseguiu perceber que aquela coisa, que era uma preocupação nossa de 2008, foi se efetivando ao longo de dez, treze anos, tá ligado? E ao mesmo tempo, uma preocupação nossa, porque eu acho que a gente tem que ficar com um olho em cada lugar, né? Um olho na molecada que está chegando e um olho na galera que estava antes, né? Então, Maria Helena, seu Dicá, seu Mug... (...) e aí uma das coisa que foi possível fazer quando a gente mudou o sarau pra sede do Samba do Congo, foi fazer um projeto antigo nosso que a gente queria fazer e que não dava para fazer no bar, e foi possível fazer lá no Samba do Congo. Um projeto que a gente chama de Café Griot, que é chamar pessoas mais velhas do bairro para contar a história do bairro. Nessa, por exemplo, pô, a gente falou com seu Zé, mano, que faleceu, agora com 107 anos. E aí, por exemplo, é louco poder juntar o seu Zé falando numa mesma hora que vai estar a Clara, entendeu? Ou que vai estar Giovanna, por exemplo. É muito louco, porque Giovanna hoje está com 15 anos. Mas ela pira em escrever, quer fazer fotografia e tal, trabalhar com uma edição de vídeo e fotografia e tal. E no Café Griot, por exemplo, a gente sempre faz o encontro presencial, mas faz filmado para ter o registro. E quem faz os registros é a Giovanna. Então, por exemplo, o que que a gente combinou: a gente vai colocar uma pessoa de 107 anos para falar, por exemplo, como o seu Zé, e quem vai filmar e quem

[99] Tiarajú define o sujeito periférico a partir de três características: a) Assumir sua condição de periférico; b) Ter orgulho de sua condição de periférico; c) Agir politicamente a partir dessa condição. Para maiores detalhes ver D'ANDREA, 2022, págs. 229/230/231.

> vai editar o que acha mais importante, é a Giovanna. Então tem uma pessoa de 107 anos falando e uma pessoa de 15, falando "mano, o que é que chama a atenção para as novas gerações?" (Vagner Souza, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 12/08/2021).

Pude perceber, apesar do pouco tempo em campo, que tanto na Ecoativa como no Imargem, que partilham de muitas atividades em comum, além das parcerias, o poder persuasivo do projeto pedagógico estético e político que emana da produção cultural das periferias é, evidente, como se pode perceber não só na fala de Luciana, reproduzida no capítulo anterior, como também neste depoimento de Jai, ambos, integrantes da Ecoativa:

> (...) então o sarau [sarau de cordas] foi um mobilizador... Ele começou sem edital, funcionou por um tempo com edital e depois ficou um tempo sem edital. Um sarau com violeiros locais, poetas do Grajaú, com teatro... Um sarau conhecido muito pela musicalidade, não só pela poesia, pela fogueira e pelas comidas. A gente tava se organizando... comprando equipamento de som, ainda muitas vezes pegava emprestado... foi sempre, muito "roots!" muito, muito "roots!" Mas muito coração. Então a galera vinha e via que era um evento da hora... A comunidade colava, fazia um movimento para a criança ir, fazia atividade de xilogravura na escola... não ficava só pelo sarau. E aí era legal, porque tinha como o sarau pagar os artistas, manter uma exposição por mês da hora. E na escola levava as oficinas. (...) e oficinas na escola, xilogravura, literatura de cordel... porque a ideia era [trabalhar] a cultura popular. Foi muito massa! Fizemos muita coisa! Fizemos muita coisa, né? Resumidamente, a gente criou uma agenda absurda de visitação. A gente começou... num ano, a gente recebeu catorze nacionalidades diferentes. Então, assim, começa a criar uma brecha com a escola do Adrião, onde ela vai sendo conhecida como Adrião escola aberta. A escola que abriu para também olhar o território e começou a receber também muitas propostas". (Jaison Pongiluppi Lara, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 30/05/2021).

Não é diferente do que acontece no Perifatividade, apesar deste ter tido – ao longo de sua existência, e por diversos fatores como mudança de integrantes, locais de atuação e pela abrangência de diversos bairros no Fundão do Ipiranga – problemas em criar um público local constante em suas atividades. Principalmente fora do circuito cultural e político em que se encontram, onde seus frequentadores mais assíduos são pessoas já envolvidas com a produção cultural das periferias e/ou militantes de movimentos sociais e populares (SANTOS, 2019). Sobre os desdobramentos das ações praticadas pelo Perifatividade em seu território, Paulo, fundador do Perifatividade, afirma que

> (...) no começo, no início, a gente não tinha esse reconhecimento da quebrada. Mas pegando edital aqui, outro edital ali, tendo reconhecimento [pelo poder público], tendo a publicação de livros nas escolas, gravação de

> CD e por aí vai... E porra, hoje a Copa também, a gente tá movimentando cerca de mil pessoas, no mínimo. No mínimo. Ou mais, até por conta das torcidas, do Instagram, de gente que segue a gente e curte a página, porque quer acompanhar os jogos e começa a acompanhar as lives e começa a acompanhar o saraus, tá ligado? Houve uma diferença sim, de reconhecimento da quebrada, e aquilo que a gente falou na outra entrevista [em 2017][100] que a gente não tinha esse reconhecimento, um tal público da quebrada, a gente vai conquistando por persistência, tá ligado? Persistência. (Paulo "Rams" Sérgio, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 11/09/2021).

E sobre a questão do alcance e do reconhecimento do Perifatividade e dos demais coletivos culturais das periferias, Ana, do Perifatividade, acrescenta

> (...) a gente não tem essa pretensão que "nossa, a quebrada inteira conhece a gente". Acho muita pretensão. Qualquer coletivo que falar isso... Mesmo a Cooperifa, é muita pretensão. Porque eu duvido que todo mundo do Jardim Guarujá conheça a Cooperifa. Até porque lá vai muito mais gente de fora do que de dentro da quebrada, né? Mas se, pelo menos assim, eles conhecerem a Copa, que estão indo lá assistir, e quem realiza, poxa... É isso. Não dá para ter pretensão do tipo "nossa, toda essa galera que tá indo nos jogos vai comprar o livro!" Não vai gente, não vai. Mas sabe, vai pelo menos saber quem organiza. O intuito de fazer essa Copa é chegar nesse público. Nossa, a gente viu um monte de gente no aniversário da Brasa, mas meu, você vira ali na esquina da Brasilândia, tem um forró lotado também. Tem uma igreja cheia. Mobilizar quebrada no nível macro a gente ainda não consegue fazer pela questão cultural do Brasil, que não valoriza [a cultura]. Então, assim, eu acho que é muita pretensão de qualquer coletivo falar "nossa gente mobiliza a quebrada". Não mobiliza. Quem está, que frequenta o Perifatividade, são pessoas que são de algum movimento, ou são trabalhadores da educação ou é a galera da saúde, mas está ligada ao PT de alguma forma, sabe? E uma galera aleatória, pessoas que sempre entram [nas atividades do coletivo]. No telecentro tem sempre umas pessoas aleatórias que estão passando por lá, e entram". (Ana Fonseca em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 11/09/2021).

Da ponte pra lá: "Nóis é ponte e atravessa qualquer rio![101]"

"Sou meu próprio carcereiro e a chave, minha conduta".
(Matemática na prática, GOG, 1998)

Os exemplos dados acima, de organização e formação popular, de autodeterminação e de gana no enfrentamento das adversidades propiciados, juntamente com seu discurso

[100] Paulo se refere a primeira entrevista que realizei com ele, durante minha iniciação científica.

[101] "Porque Nóis é ponte e atravessa qualquer rio". Veja mais UOL ECOA (17/10/2019): https://marianabelmont.blogosfera.uol.com.br/2019/10/17/porque-nois-e-ponte-e-atravessa-qualquer-rio/. Acesso em: 21/01/2024.

político, podem ser entendidos como a base ideológica desta movimentação cultural. Denunciar e combater o racismo, as desigualdades, o genocídio da população negra e periférica, a falta de investimentos públicos de qualidade, bem como buscar elevar o sentimento de pertencimento à uma comunidade ou grupo – no caso as periferias –, a partir da cultura, é entendido e mobilizado por muitos agentes culturais como parte de suas ideias, de sua "ideologia". Tal qual a definição do dicionário gramsciano, descrita na introdução deste trabalho e que reproduzo novamente, aponta como *"visão ou concepção de mundo concebida num sentido mais amplo (...) cada camada social tem sua consciência e sua cultura, isto é, sua ideologia". (...) A ideologia identifica um grupo ou camada social. O termo se articula em uma família de lemas que é também uma família de conceitos: ideologia, filosofia, visão ou concepção de mundo, religião e fé (em sentido crociano), conformismo, senso comum, folclore, linguagem" (LIGUORI e VOZA, 2017, p. 401)*.

Como dito acima, não foi uma ou duas vezes que presenciei em campo – tal como também revelam outros trabalhos – relatos de diversas pessoas, agentes culturais e público frequentador, afirmando que foi a partir do seu contato com a produção cultural das periferias que tal pessoa se descobriu como negra, que voltou a estudar, que conseguiu um emprego, que parou de beber, que parou de fumar, que passou a tratar melhor sua esposa e sua família e que começou a respeitar mais seus iguais e seu entorno, ainda que os discursos sobre violência policial, sobre o racismo, o machismo e a LGBTfobia e demais desigualdades econômicas e sociais também se fizessem presentes. E foi justamente essa transformação orgânica, nascida de forma independente e autônoma, que mobilizou não só a própria opinião pública como também o poder público e privado, que *"colocou a periferia no centro de todas as coisas"*, como afirmou Sérgio Vaz (2008). É quando "o centro" começou a olhar para as margens.

No entanto, esse olhar do centro às suas margens, comumente vem carregado de todo tipo de violência material e simbólica, reproduzidas com naturalidade: preconceitos, estereótipos, muito exotismo e privilégios de classe. Uma naturalidade muito bem construída, sedimentada e reverberada ao longo de um pouco mais de 500 anos, no caso brasileiro. Ao refletir sobre a reprodução "dessa tradição familiar" das elites brasileiras, Reyes (2013 diz que

> (...) A maioria das crianças de classe média e alta cresce em um ambiente de medo, indiferença e intolerância, desenvolvendo uma incapacidade cada vez

> mais impermeável de ver o outro e de entender as formas de vida, lutas, sonhos e esperanças daqueles que estão do outro lado do muro. Mesmo aqueles que, por várias razões, conseguem sair do isolamento e ter um maior contato com o mundo à sua volta, raras vezes se relacionam com o outro e com as questões sociais de forma que não seja paternalista. São essas as crianças que, no futuro, ocuparão as posições de poder, reproduzindo assim as divisões que estão na base de boa parte da problemática social contemporânea. Daí a urgência de uma mediação capaz de quebrar esse ciclo de isolamento, preconceito e indiferença. Os ativistas culturais das periferias urbanas entendem essa urgência, por pertencerem às populações que mais sofrem os efeitos dessa divisão. Daí as muitas iniciativas que vão além das fronteiras da própria periferia: palestras, conferências, cursos, concertos e, sem dúvida, a produção literária, teatral e audiovisual, que tem um público duplo: a periferia e a classe média. Essa duplicidade do público-alvo das produções culturais resulta, em muitos casos, em linguagens e discursos conscientemente escorregadios, que transitam de um universo conceitual para o outro, em um movimento cadencioso de malandragem discursiva, desenhado para furar os muros da incompreensão. Ao mesmo tempo, conforme esses discursos atravessam as fronteiras da periferia, adentrando-se em territórios do sistema ideológico dominante, defrontam-se com reações que visam desarticular seu potencial subversivo e cooptar os mediadores. (REYES, p. 160/161, 2013)

Reyes afirma, assim, a importância do papel do mediador, tal qual suas dificuldades, justamente para fazer essa ponte entre o "o morro e o asfalto", essa travessia "da ponte pra cá e da ponte pra lá". E embora Nascimento (2009) e Silva (2013) já tenham apontado algumas questões em seus trabalhos seminais sobre o tema, sobre os interesses do mercado cultural (por conta da novidade e "exotismo" imbuídas na "marca" periferia) e a possibilidade de estes "rearranjarem" o caráter político e ideológico da literatura marginal periférica e das demais produções culturais das periferias, poucos trabalhos acadêmicos se propuseram a ir além do caráter celebratório e construir uma análise crítica tão robusta e qualificada quanto a de Reyes (2013). Tendo como ponto de partida a análise privilegiada de romances e contos surgidos no seio da Literatura Marginal/Periférica, o autor – que se debruça sobre o caráter de "movimento social e antissistêmico" intrínseco a produção cultural das periferias – aponta paradoxos interessantes para se refletir sobre os rumos e possibilidades da Literatura Marginal/Periférica e seus agentes, coletivos e individuais. A figura do mediador, é um dos elementos importantes discutidos por Reyes (2013) em suas análises críticas do fenômeno.

No entanto, um ano antes da publicação do trabalho de Reyes, no artigo *"Uma ação educativa? ou o modo ONG de encarar a vida"*, o Coletivo Zagaia[102] já apresentava certas

[102] Segundo o portal da Prefeitura de São Paulo, SP Cultura, "[o] Coletivo Zagaia é um grupo de crítica e experimentação estética. A pretensão é o exercício coletivo de criação e reflexão, onde ideias circulem livremente. Conseguiremos, enfim, fazer da Zagaia um espaço verdadeiramente público, sem pregar para convertidos? A esfera virtual possibilita que não nos

características do que eles chamavam de *"mediador cultural"*, ao fazerem críticas ao posicionamento do articulador cultural Eleilson Leite, um dos responsáveis pela Ação Educativa e pela promoção da cultura nas periferias de São Paulo (ADERALDO, 2017; DUARTE, 2015; MINCHONI, 2019; NASCIMENTO, 2009, 2011, 2016; SILVA, 2013, 2016; TENNINA, 2017; VAZ, 2008). Tal crítica se referia a um artigo[103] de Eleilson, sobre a questão do iminente fechamento do Bar do Binho, onde era realizado o sarau de mesmo nome. O bar não possuía alvará, embora Binho já houvesse solicitado o mesmo inúmeras vezes na prefeitura, sem conseguir resposta. Assim, a gestão municipal do então prefeito Gilberto Kassab – na época filiado ao DEM (Democratas) e atual PSD (Partido Social Democrático) – decidiu fechar o Bar do Binho[104], o que levou o mesmo a suspender o sarau por um tempo e perder sua fonte de renda à época. Tal fato causou uma enorme mobilização[105] de muitos agentes e produtores de cultura nas periferias e além delas, que além do fechamento do bar, questionavam também a indicação da prefeitura de diversos militares da reserva para ocuparem o posto de comando das subprefeituras[106] em São Paulo. Cultura e política, novamente, parecem ser mobilizadas simultaneamente neste contexto.

Em seu texto, Eleilson Leite fazia diversas reflexões sobre a situação de Binho e do Sarau. Sobre a burocracia da prefeitura, Eleilson chegou a afirmar que *"[o]s meandros da burocracia, no entanto, são impiedosos. E não é só com o proprietário de um boteco da periferia. Até a semana passada, a prefeitura não havia expedido o alvará de construção do estádio do Palmeiras"* (LEITE, Portal Outras Palavras, 05/06/2012), numa clara e desigual comparação. Também questiona o fato dos produtores culturais das periferias contrários ao fechamento do bar, elencarem a situação de Binho como *"criminalização dos movimentos*

---

limitemos ao gueto. Aqui participam pessoas de localidades diversas, culturas múltiplas, unidos na experiência de radicalizar e mobilizar pensamento". Maiores informações em: https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/agente/1189/, Acesso em 21/01/2024.

[103] "O Sarau do Binho e a resistência cultural pós-mitos". Outras Palavras (05/06/2012): https://outraspalavras.net/poeticas/o-sarau-do-binho-e-a-resistencia-cultural-pos-mitos/. Acesso em: 22/01/2024.

[104] "Prefeitura fecha bar que realiza Sarau do Binho na zona sul de SP". Folha de São Paulo (31/05/2012): https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2012/05/1098757-prefeitura-fecha-bar-que-realiza-sarau-do-binho-na-zona-sul-de-sp.shtml. Acesso em: 22/01/2024.

[105] "Artistas protestam contra fechamento do bar onde ocorria o Sarau do Binho". Folha de São Paulo (05/06/2012): https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2012/06/1100303-artistas-protestam-contra-fechamento-do-bar-onde-ocorria-o-sarau-do-binho.shtml. Acesso em: 22/01/2024.

[106] "Sem orçamento e com comando militar, subprefeituras em São Paulo são desmanteladas". Rede Brasil Atual (04/09/2012): https://www.redebrasilatual.com.br/politica/subprefeituras-sao-desmanteladas-1/. Acesso em: 22/01/2024.

sociais" ou um reflexo da *"militarização das subprefeituras"*, apontando que *"[é] verdade que o Sarau do Binho é um reduto de militantes de esquerda dotados de uma verve crítica bastante radical. Muitas vezes, a poesia, razão principal do encontro semanal, fica em segundo plano diante de tantos discursos, informes de ocupações, marchas, campanhas e outras ações políticas"*. Por fim, elabora uma crítica à "necessidade" de se fazer um sarau num bar. No entanto, o que chama a atenção é sua opinião sobre a gestão da cultura na prefeitura de Kassab:

> (...) Mas isso, em si, não faz do Sarau um inimigo da gestão Kassab. Pelo menos, a política municipal de cultura é muito apreciada nas conversas, principalmente os editais do VAI – Valorização de Iniciativas Culturais e o Edital de Fomento. É comum ver, apresentando seus trabalhos no Sarau, vários grupos contemplados nesses editais. E não é só literatura que tem vez. No Bar do Binho, rolam sessões de filmes, além de apresentações cênicas e musicais. É um cara maduro, lúcido. Não sai dando tiro para todo lado; aliás, não dá tiro. "Na hora de guerrear, eu Dalai Lama", diz ele no seu poema Na hora. Coerente com sua postura não-violenta, Binho contesta, argumenta, endurece, mas não perde a ternura. E assim deve ser. (LEITE, Portal Outras Palavras, 05/06/2012).

Talvez seja esse um dos motivos que resultaram no citado artigo do Coletivo Zagaia, que dentre outras coisas, o coletivo afirma:

> (...) Pois é na fala mansa que o personagem se cria. Na posição mediana de um (inter)mediador cultural, Eleilson procura ajustar as pontas: atar relações com o Binho, retirando dele qualquer imagem de homem fora-da-lei (o que de fato não é), ao mesmo tempo que desvaloriza todo o caráter político de apoio de diversos coletivos de cultura, considerando-os "apressados" ao considerar o fechamento do bar como um ato de criminalização da cultura de periferia pela prefeitura de Kassab. Recurso básico: dividir para conquistar. Afinal, entre os que apoiam o Binho, estariam os apressados que, num ato "paranoico", apenas repetiriam a ladainha de que o governo Kassab está contra eles. Imaginem?! Além do Binho, outros saraus entraram na dança, por motivos variados: coincidência??? (...) No front anti-Kassab, não se reconheceriam as "ações educativas" do prefeito. Pelo contrário, confundiriam o subprefeito "técnico" em administrar populações e seus anseios, com o passado militar dos mesmos. Antigos militares, hoje reservistas, nada teriam em comum com o seu passado. Aposentou, mudou de estatuto… é isto que os "inimigos do Kassab" confundem. O fato das subprefeituras de São Paulo serem quase em sua totalidade comandadas por militares da reserva é apenas uma escolha técnica de uma gestão contraditória. No modo ONG de encarar a vida, tudo é questão de gerenciamento: missão dada é missão cumprida. As ordens de despejo são prova de que, entre a técnica de gerenciamento das populações e a estratégia de um militar, a diferença é a farda. Ainda neste modo ONG de encarar a vida, não importa o partido, o importante é gerir a miséria e evitar os conflitos. (Coletivo Zagaia, 26/07/2012)

Grosso modo, a figura do mediador – a qual abordei também em meu artigo intitulado *"Pode a periferia falar? Uma releitura crítica da produção cultural das periferias"* (SANTOS, 2022) – é alguém importante, que circula entre diversos mundos, costurando relações; é aquele que faz a intermediação entre os produtores culturais das periferias e o financiamento necessário para suas produções; é a pessoa que faz a "ponte" entre a escassez de recursos nas periferias e a infraestrutura do acesso aos investimentos, que estão no centro. É similar, usando aqui uma expressão futebolística, ao olheiro, que busca novos craques para os times. Curiosamente, com a ascensão dos setores sociais das empresas, muitas ONG's, empresas e instituições filantrópicas e até mesmo setores de políticas públicas passaram a se referir também como times. Ainda sobre a personagem do mediador,

> (...) No caso em questão, se trata do mediador entre os produtores culturais das periferias e os editais de fomentos, públicos ou privados. De certo, se pode dizer também que se trata de um mediador entre dois mundos: o da produção periférica e sem recursos e o mundo do capital econômico e simbólico. Numa visão clássica marxista, poderíamos dizer ainda, que se trata de um mediador da relação entre a força de trabalho dos assalariados e os donos do capital. Ou ainda, numa visão mais interessante, na perspectiva de um país colonizado, consideradas as devidas proporções, tal situação pode remeter ainda, à mediação entre o colonizado e o colonizador, entre o atraso e o progresso, o incivilizado e a civilização, como bem discorreram Frantz Fanon (2020, 2022) e Albert Memmi (2007). (SANTOS, p. 243/244, 2022)

Retomando a discussão de Reyes (2013), para exemplificar a complexa figura do mediador, ele discorre sobre a relação do Rapper MV Bill e de Celso Athayde (ex-produtor cultural, ex-presidente da CUFA – Central Única das Favelas[107] e atual CEO da Favela Holding[108]) com a Rede Globo. Tal relação, de acordo com o autor, se oficializa durante a exibição do documentário Falcão – Meninos do Tráfico, resultante de uma pesquisa de anos, para o projeto de mesmo nome, e que resultou também em mais outros produtos culturais: os livros "Cabeça de Porco", "Falcão: Meninos do Tráfico" e "Falcão: As Mulheres do Tráfico",

---

[107] Segundo seu site, "[a] CUFA (Central Única das Favelas) é uma organização brasileira reconhecida nacional e internacionalmente nos âmbitos político, social, esportivo e cultural que existe há 20 anos". Maiores informações em: https://cufa.org.br/quem-somos/. Acesso em: 24/01/2024.

[108] De acordo com informações de seu site, "[a] Favela Holding é um conjunto de empresas que tem como objetivo central o desenvolvimento de favelas e de seus moradores. A FHolding nasce atuante junto a empreendedores comunitários, fomentando e promovendo novas oportunidades de negócios, empreendedorismo e empregabilidade". Maiores informações em: https://www.fholding.com.br/. Acesso em: 24/01/2024.

além do o álbum “Falcão o bagulho é doido” de MV Bill[109]. O documentário, veiculado em rede aberta em 2006, causou um furor social, principalmente nas classes médias e altas do país. A exibição de um cotidiano cruel e violento das crianças que trabalhavam no tráfico, suscitou debates, matérias de jornal e programas televisivos na rede Globo, como o próprio Reyes coloca, de forma “fantástica” e espetacularizada. Reyes analisa alguns desdobramentos dessa “parceria”, que resultou em algumas aparições de MV Bill no domingão do Faustão e até mesmo em um papel de MV Bill no seriado *teen* Malhação, que ia ao ar nas tardes durante a semana, na emissora.

Reyes ainda nos aponta diversos elementos interessantes para pensar o papel de mediador de MV Bill, como um “mensageiro” (da verdade) da periferia, e a infraestrutura simbólica e retórica organizada pela Rede Globo, notoriamente conhecida por apoiar o golpe militar de 64, subalternizar a população negra em suas telenovelas e de abrigar em seu rol de funcionários, racistas da estirpe de Ali Kamel[110]. No dia da apresentação do documentário “Falcão – Meninos do Tráfico” na Rede Globo, foi escolhida uma apresentadora negra (a única que a emissora possuía até então), e foram chamados algumas “pessoas “com olhar aguçado”, neste caso, são dois escritores de telenovelas da TV Globo, uma atriz, também da TV Globo, o escritor Luís Fernando Veríssimo e o cineasta Cacá Diegues” (REYES, 2013, p 183). Nas palavras de Reyes,

> (...) MV Bill e Celso Athayde apresentam um problema; os experts apresentam a solução. MV Bill repete uma e outra vez, tanto no estúdio com Glória Maria quanto em comentários nas favelas e no documentário, que ele não tem a solução, que ninguém tem a solução, que a solução implica uma “profunda reflexão” por parte de todos os setores da sociedade brasileira para repensar o sistema inteiro de valores que tem moldado a nação, sobretudo nas últimas décadas de capitalismo neoliberal. Com esta intervenção, os apresentadores da TV Globo jogam isso tudo fora e propõem soluções simples por um punhado de “especialistas”. Retiram-lhe a fala ao subalterno e entregam-na aos experts, aos mediadores da elite com um olhar aguçado, capazes de desvendar o significado oculto nessas falas incompreensíveis. (REYES, p. 183, 2013)

[109] Para maiores detalhes sobre o projeto falcão, os produtos culturais resultantes de sua pesquisa e afins, indico a leitura do capítulo “O Mediador” do livro “Vozes dos Porões – A Literatura Marginal/Periférica do Brasil” de Alejandro Reyes (2013)

[110] “Ali Kamel, do "Não Somos Racistas", encerra ciclo no comando do jornalismo da Globo; veja polêmicas”. Revista Fórum (29/8/2023): https://revistaforum.com.br/midia/2023/8/29/ali-kamel-do-no-somos-racistas-encerra-ciclo-no-comando-do-jornalismo-da-globo-veja-polmicas-143176.html. Acesso em 24/01/2024.

Da análise de Reyes, subentende-se que a parceria/mediação de MV Bill e Celso Athayde com a Globo é um exemplo *"(...) tanto da duplicidade escorregadia do discurso quanto das operações defensivas do sistema dominante"*(REYES, 2013). Em 2009, MV Bill faz mais uma aparição no programa do Faustão, na Rede Globo, que também é analisada por Reyes. Dessa vez, MV Bill é evocado a relatar sua experiência "como repórter do Faustão" no Haiti, com a "missão de paz" do exército brasileiro, enviadas ao país caribenho, notório pela fantástica história de sua independência, mas ao que parece, paga um preço até hoje por sua ousadia contra o mundo branco e ocidental. Sobre o depoimento do Rapper, produtor cultural e ativista, MV Bill, Reyes afirma:

> Trata-se de um depoimento completamente desprovido de contextualização histórica, completamente despolitizado, onde se fala de uma miséria que existe por si só, sem qualquer relação a causas estruturais; um depoimento cheio de imagens "comovedoras" de crianças, da irrestrita gratidão do povo haitiano pelo trabalho humanitário do exército brasileiro e de jovens haitianos "sem nenhuma estrutura, sem nenhuma perspectiva de vida, e ainda assim com o sonho de vir pro Brasil, onde eles tem condições de ascensão muito maiores do que no Haiti…" (REYES, p. 193, 2013).

Assim, é possível depreender que para além do projeto pedagógico, estético e político constituinte da produção cultural das periferias e do fato de que este possui um caráter ideológico de emancipação, autodeterminação e de orgulho de suas origens sociais e raciais/étnicas, há a necessidade de uma reverberação para além das fronteiras das periferias, na busca de um diálogo com outras realidades. Esse diálogo tem como finalidade enfrentar os problemas que afligem a população periférica, criados em larga escala pela concentração de terras e demais privilégios das camadas médias e altas, como fica evidente com a figura do mediador, apresentada por Reyes. No entanto, o autor se foca em algumas figuras específicas, individuais - o que não deixa de ser importante, inclusive para essa pesquisa. Mas uma das diversas questões que ficam é: Poderíamos pensar nas políticas públicas como uma mediação? E os financiamentos privados? E de fato, o que está sendo mediado nessas relações, para além do que se vê à primeira vista? Estas são questões que pretendemos analisar nos capítulos seguintes.

Para que estas questões fiquem mais claras, é possível informar que, das 17 crianças entrevistadas para o documentário "Falcão – Meninos do Tráfico", só uma sobreviveu[111], por estar presa. Encerro este capítulo reproduzindo o excerto de uma fala de Celso Athayde – também disponível no trabalho de Reyes (2013), sobre a parceria entre ele e o Rapper MV Bill com a Rede Globo para a exibição do documentário em questão. Em entrevista cedida à revista Carta Maior em 23 de março de 2006, Celso afirma:

> (...) A Globo tem os interesses dela e nós temos os nossos. Não estamos usando esse espaço por ser ingênuos. Não tem favor. Tem interesse. Para mim é um espaço que será usado em uma lógica que me atende. O documentário poderá ser visto por 135 milhões de telespectadores. (Celso Athayde, apud Reyes (2013))

Busquei discutir neste capítulo, o conjunto de ideias que compõe o projeto pedagógico, estético e político – ao qual acrescentei o caráter ideológico – da produção cultural das periferias de São Paulo. Partindo da discussão sobre esses elementos, apresentei a discussão sobre a ambiguidade e até mesmo a permissividade resultante da mobilização destes conceitos não só pelo poder público e privado, mas também pelos agentes culturais e suas redes e parcerias. Esta mobilização denota não só interesses políticos aquém daqueles enunciados pelo citado projeto da produção cultural das periferias, como também o uso desta produção mediante interesses das classes estabelecidas no poder, ou, como o próprio Ferrez dizia, *"o sistema"*. No próximo capítulo, apresentarei uma discussão mais teórica sobre esses paradoxos, mobilizando os conceitos de agência, identidade, representação e sobrevivência dos atores sociais em questão em relação com sua produção cultural e o neoliberalismo.

[111] "Único sobrevivente de 'Falcão - meninos do tráfico' começa aulas no circo de Beto Carrero". O Globo (10/04/2012): https://oglobo.globo.com/rio/unico-sobrevivente-de-falcaomeninos-do-trafico-comeca-aulas-no-circo-de-beto-carrero-4583340. Acesso em: 24/01/2024.24.

CAPÍTULO III

DOS PARADOXOS CULTURAIS: CULTURA, AGÊNCIA, IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO E SOBREVIVÊNCIA DOS "SUJEITOS PERIFÉRICOS NO "GIRO NEOLIBERAL""

"Joga os peixe na rede, comentário infeliz
Uns pede biz, povo sem diretriz, e seguem assim
(E a plateia aplaudindo pedindo biz!)
A gente vai se mantando e seguimos assim
(E a plateia aplaudindo pedindo biz!)
É tanto ódio no peito, que retorna pra mim
(E a plateia aplaudindo pedindo biz!)
Uns jogam os peixes na rede, olha o povo feliz
(E a plateia aplaudindo pedindo biz!)
Num mundo tão violento, tudo vira showbizz...
(A plateia só deseja ser feliz!)"
(Showbizz, Ba Kimbuta, 2017)

Como dito anteriormente, em meus anos de pesquisa entre a iniciação científica e a monografia, acompanhei em paralelo outros fatos relacionados a diferentes atores da produção cultural das periferias que não meus interlocutores privilegiados à época. Também os relacionei com meu trabalho de campo e algumas questões que se colocaram ao longo dos anos, especialmente tendo em vista rearranjos, contrastes e novos rumos do chamado projeto estético, político e pedagógico dos anos 1990 - início de 2000, que acabei de apresentar. Tais casos me chamaram a atenção por apresentarem situações conflitantes que, para além de revelarem uma complexidade em relação aos financiamentos da produção cultural das periferias, também apresentava uma complexidade referente aos modos de atuação, interesses e discursos – principalmente no que diz respeito a uma suposta unidade entre os produtores culturais das periferias. Nesse capítulo apresento algumas dessas questões, à luz de meu trabalho de campo, relacionando-os com os depoimentos colhidos de meus atuais interlocutores, bem como com reflexões que realizei em publicação recente de 2022, sob o *título de "Pode a periferia falar? Uma releitura crítica da produção cultural das periferias"*. Buscarei aprofundar estas análises neste capítulo, à luz de uma bibliografia pertinente ao tema.

Cultura e Agência

"Em troca de dinheiro e um cargo bom
Tem mano que rebola e usa até batom
Vários patrícios falam merda pra todo mundo rir
Haha, pra ver branquinho aplaudir!"
(Capítulo 4, Versículo 3, Racionais MC's, 1997)

No que concerne às situações controversas testemunhadas durante a realização da etnografia e da revisão da literatura sobre o tema desta dissertação, uma delas relatadas a mim informalmente por um interlocutor e que diz respeito ao desentendimento entre diversos coletivos sobre quem se apresentaria no palco central dos saraus da Virada Cultural[112] no ano de 2014, considero que estas devem ser analisadas aqui, tendo em vista justamente a importância das disputas que compõem o contexto de pesquisa (sejam estas políticas ou semânticas - frequentemente ambas ao mesmo tempo). Segundo esse interlocutor, a questão central do embate se dava em torno do surgimento de uma enorme quantidade de coletivos das periferias e do espaço limitado do palco central da Virada Cultural, destinado aos saraus das periferias. Numa das reuniões de organização da Virada Cultural para se decidir sobre essa questão, foi apresentada a seguinte proposta de resolução: os coletivos que já tivessem programação fechada com a rede SESC não se apresentariam nos palcos centrais da Virada Cultural e vice-versa, constituindo uma clivagem bem delimitada que, entretanto, expôs e criou tensões significativas entre os coletivos e sua relação com instituições de promoção de cultura. A controvérsia se instaurou quando "um pessoal das antigas" reivindicou para si o direito de estar em ambos os espaços, alegando que haviam sido eles que desbravaram muitos desses espaços e que criaram determinados circuitos, e não os coletivos mais novos, expondo fronteiras geracionais importantes. Tal situação denotava explicitamente, dentre outras questões, uma hierarquia sempre negada ou ocultada discursivamente por diversos atores dessa cena, pondo em xeque seus próprios discursos e afirmações bradadas em frases como *"É nóis por nóis"*[113] e *"Nóis é ponte e atravessa qualquer rio!"*, além de demonstrar

[112] Criada em 2005, "a Virada Cultural é um evento promovido pela Prefeitura de São Paulo que oferece atrações culturais para pessoas de todas as faixas etárias, classes sociais e gostos que ocupam, ao mesmo tempo, a mesma região da cidade." Maiores informações em: https://www.capital.sp.gov.br/turista/atracoes/eventos/virada-cultural. Acesso em: 24/01/2024.

[113] "Nóis por nóis" é uma expressão que se popularizou nas periferias de São Paulo, ao final da década de 1990. Parte do vocabulário do Rap/Hip Hop nacional, se tornou frase de efeito dentro da cena cultural das periferias de São Paulo, encontrada em poemas, poesias, crônicas e romances dessa cena, assim como em demais produções da mesma. De modo geral, significa que "só a união entre nós (o povo das periferias) pode transformar nossa realidade, já que ninguém mais é ou

concomitantemente a existência e o exercício de uma atitude meritocrática no que tange a visibilidade no campo cultural e também a partilha dos ganhos financeiros, já que tanto a Virada Cultural como o SESC remuneram os artistas contratados para os eventos organizados por ambos.

Outra situação, relatada em entrevista realizada em 2017, retrata a própria relação da prefeitura durante a gestão de Fernando Haddad (PT, 2012-2016) com um dos coletivos interlocutores de minha pesquisa naquele momento. Tal coletivo, identificado à esquerda politicamente, sempre prezou por sua autonomia perante a política institucional, mesmo numa gestão dita progressista como a do citado prefeito. Em 2016, o Partido dos Trabalhadores realizou um chamado aos indivíduos, coletivos e movimentos sociais das periferias de São Paulo para assinarem uma carta de apoio à então presidenta Dilma Rousseff (PT, 2010-2016), intitulada de *"periferias contra o golpe"*[114]. O coletivo do qual o interlocutor em questão fazia parte decidiu não assinar a carta, por não apoiar nenhum partido político enquanto coletivo, deixando em aberto para seus integrantes o fazerem ou não, individualmente. Ainda em 2016, a situação se repetiu e o coletivo voltou a não assinar a carta de apoio dos movimentos culturais, desta vez, à reeleição do prefeito Fernando Haddad, pelos mesmos motivos já citados. Segundo esse entrevistado, nesse mesmo ano, o coletivo teve seus projetos negados no VAI e foi excluído de outro programa que inclusive ajudou a criar, que é o Veia e Ventania[115]. Tal situação demonstra que, mesmo no campo progressista, a cultura é percebida como mobilizada segundo interesses partidários e não exatamente de acordo como interesse público. Na mesma entrevista de 2017, o interlocutor ainda afirmou que para além de todas suas benesses, os editais acabaram criando ainda certa comodidade nos coletivos, quando estes deixam de produzir caso não sejam contemplados com os editais, e uma competição, a priori interdita entre os coletivos, é criada neste clima de disputa por

---

foi capaz de fazê-lo", fazendo uma alusão direta ao abandono do Estado e demais instâncias de poder, além da auto-organização.

[114] "Pela democracia e contra o golpe, periferias lançam manifesto e preparam escudo antifascista". Periferia em Movimento (22/03/2016): https://periferiaemmovimento.com.br/pela-democracia-e-contra-o-golpe-periferias-lancam-manifesto-e-preparam-escudo-antifascista/. Acesso em: 24/01/2024.

[115] Segundo o edital do programa, "O PROGRAMA VEIA E VENTANIA tem por finalidade propiciar atividades artísticas relacionadas de forma direta com a literatura, em parceria com realizadores de Saraus prioritariamente em Equipamentos Públicos de responsabilidade da Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas, podendo se estender para Casas de Cultura, Centros Culturais ou outros espaços de responsabilidade direta da SMC ou ainda nos Centros Educacionais Unificados - CEUs, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação.". Maiores informações em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=21557. Acesso em: 24/01/2024.

recursos de financiamento. Essa última afirmação também foi corroborada tanto por outros entrevistados à época da realização da pesquisa de iniciação científica, como também nas entrevistas realizadas durante o mestrado.

De antemão, vale ressaltar que ao me referir sobre as controvérsias, polêmicas, contradições ou paradoxos, não busco por uma essência indelével daquilo que se convencionou chamar de produção cultural das periferias, ou ainda de uma identidade fixa e estável acerca das periferias. O que pretendo, ao discutir tais questões, é justamente refletir sobre a atuação destes agentes, suas proposições políticas, sociais e culturais, levando em conta os percursos e relações com as instâncias de poder, sejam públicas ou privadas, a fim de desenvolverem seus trabalhos ao longo dos anos, verificando, ainda, o que se acumulou em toda essa trajetória onde a cultura é o carro chefe – e por vezes lançado como motivo inquestionável – de inúmeras transformações, transações e mobilizações dentro e a partir das periferias.

Se anteriormente, no início dessa mobilização cultural nas periferias de São Paulo, que tem por marco o lançamento das três edições da revista *"Literatura Marginal: A Cultura da Periferia"* (2001; 2002 e 2004), a relação com o poder – ou como um dos precursores dessa movimentação cultural, o escritor Ferréz, dizia, *"o sistema"*[116] – era quase antagônica, num tom de crítica e denúncia desse mesmo sistema, com o decorrer do tempo, as relações se tornaram mais usuais, acríticas e complexas não só com o poder público, mas principalmente com o poder privado (sobretudo em sua inserção/assimilação pelo/com o mercado), ambos a partir de políticas e editais de financiamento destinado às diversas produções culturais das periferias. A relação atual sugere uma emancipação a partir da integração – ainda que por via da cultura e do consumo – com esse mesmo *"sistema"*. No entanto, o caráter antissistêmico (REYES, 2013; SANTOS, 2019) de embate com o capitalismo e com o *"establishment"* brasileiro, à época do surgimento da Literatura Marginal/Periférica, fica – ao menos

[116] Embora a noção de violência pelo sistema por vezes possa soar de maneira um tanto quanto abstrata, aqui ela pode ser entendida como a marginalização, a negligência social, o não acesso a políticas públicas, a violência policial, o extermínio da população negra e periférica e as demais mazelas que ainda permeiam a sociabilidade nas periferias de São Paulo. Enfim, sistema aqui é entendido não só como o capitalismo e o governo, mas como toda organização social baseada na exploração, na exclusão racial, social e na desigualdade a que estão sujeitos os habitantes das periferias, como se pode perceber no discurso de vários desses agentes culturais, presentes tanto na dissertação de mestrado de Érica Peçanha, que virou um livro em 2009, o Vozes Marginais na Literatura, quanto no livro de entrevistas elaborado e lançado por ela, juntamente com Mário Medeiros, Lucia Tennina e Ingrid Hapke, em 2016, intitulado Polifonias Marginais.

discursivamente – evidente neste excerto do texto "Terrorismo Literário", publicado por Ferréz em 2005:

> (...) O sonho não é seguir o padrão, não é ser o empregado que virou o patrão, não, isso não, aqui ninguém quer humilhar, pagar migalhas nem pensar, nós sabemos a dor por recebê-las. Somos contra sua opinião, não viveremos ou morreremos se não tivermos o selo da aceitação, na verdade tudo vai continuar, muitos querendo ou não. Um dia a chama capitalista fez mal a nossos avós, agora faz mal a nossos pais e no futuro vai fazer a nossos filhos, o ideal é mudar a fita, quebrar o ciclo da mentira dos "direitos iguais", da farsa do "todos são livres", a gente sabe que não é assim, vivemos isso nas ruas, sob os olhares dos novos capitães do mato, policiais que são pagos para nos lembrar que somos classificados por três letras classes: C,D,E. Literatura de rua com sentido, sim, com um princípio, sim, e com um ideal, sim, trazer melhoras para o povo que constrói esse país mas não recebe sua parte. (FERRÉZ, 2005, p. 9-10).

Segundo Eleilson Leite, "*[a] literatura da periferia de São Paulo se divide em dois períodos históricos: a) Literatura Marginal, de 2000 a 2005 e b) Literatura Periférica, a partir de 2005 até os dias atuais*" (LEITE, 2014). E é a partir dessa "segunda onda", marcada pelos saraus da Cooperifa e do Binho, que é possível delinear a mudança do sentido dos discursos e das práticas em relação à maneira como os sujeitos percebem e reagem à presença do poder a partir deste momento, justamente quando o mercado cultural de São Paulo começa a se abrir para os coletivos e indivíduos produtores de cultura das periferias. Ou seja, quando já não é mais possível ignorar a repercussão que tais produções alcançaram, principalmente a partir da literatura. Curiosamente, é quando a literatura marginal/periférica parece consolidar-se como um espaço artístico, mas que deixa de configurar-se, em sua constituição com outras esferas da vida social, como insular. A literatura marginal/periférica ganha destaque a partir dos saraus, mas abre caminho e traz consigo diversas outras produções artísticas e culturais, como o grafitti, as artes plásticas, o teatro e o audiovisual à atenção de outros agentes envolvidos no mundo da arte e da cultura em São Paulo – sejam como consumidores ou coprodutores.

É neste período que surgem então coleções de livros[117], editais públicos de fomento[118] e também as parcerias com instituições privadas[119]. Nesse momento, a discussão sobre a

[117] Em 2007, a Editora Global cria a "Coleção Literatura Periférica", publicando livros de autores como Sérgio Vaz, Sacolinha, Dinha, Allan da Rosa, Alessandro Buzo e outros mais. Foi a única editora de grande porte a fazer uma coleção dedicada à literatura periférica (LEITE, 2014).

cultura de periferia ganha destaque para além daqueles espaços em que surgiu e onde até então se mantinha mais restrita, e é mobilizada tanto pelos próprios produtores culturais das periferias, como também pela academia e por setores culturais públicos e privados. Aderaldo (2017) – ao pesquisar coletivos audiovisuais das periferias – aponta para o fato de que durante esse processo o conceito de *"cidadania cultural"*[120] ganha maior força e espaço na cidade de São Paulo, transformando as relações dos movimentos políticos e culturais das periferias – marcadas, até então, por um enorme descaso e pela tensão e enfrentamento – com o poder público. Segundo o autor,

> (...) o surgimento de uma série de coletivos e movimentos culturais em regiões periféricas e o investimento considerável em políticas – por parte dos órgãos gestores das esferas federal, estadual e municipal – orientadas pelo referido princípio da "cidadania cultural", no começo dos anos 2000, gerou importantes efeitos práticos, como uma sensível multiplicação do número de ONGs dedicadas ao ensino de atividades culturais junto a populações consideradas como social ou culturalmente "marginalizadas", a ampliação das oportunidades de criação e fruição artística da parte dessas mesmas populações e o fortalecimento de espaços "alternativos" de produção e consumo cultural, sobretudo nas regiões periféricas dos grandes centros urbanos. (ADERALDO, 2017, p. 22).

Como apresentado acima, durante os anos de iniciação científica, me deparei com diversas situações em que alguns pressupostos de unidade entre esses coletivos culturais e o enfrentamento destes com o sistema/poder entravam em conflito. Estas tensões sobre o alcance da atuação dos sujeitos e suas obras, bem como sobre a relação estabelecida com um poder considerado constituído e até então também alheio àquele universo periférico, que marcaram a forma como algumas mudanças foram percebidas por meus interlocutores de pesquisa, ficam ainda mais evidentes e significativas quando levamos em conta o projeto pedagógico, estético e político, identificado nessas produções, como afirmou Nascimento (2009), ao dizer que tal projeto

---

[118] Os editais em questão são o VAI e o PROAC. Para maiores detalhes sobre os editais, ver os trabalhos de Leite (2014), Aderaldo (2017) e Tennina (2018).

[119] A Cooperifa lança sua primeira antologia intitulada de "No Rastilho da Pólvora" em 2005, já em parceria com o Itaú Cultural. Dessa parceria ainda são frutos um CD (Compact Disc) de poesias lançado em 2006 e a organização da "Semana de Arte moderna da periferia" em 2007. Para maiores informações, ver Leite (2014), Nascimento (2011) e Vaz (2008).

[120] "Cidadania cultural" é um termo criado pela filósofa Marilena Chauí, em 2000, e disseminado com o trabalho social das ONGs e de setores progressistas da gestão pública a partir de então, tal como discutido no seu livro "Cidadania Cultural: O Direito à Cultura" (2006).

> (...) faz alusão ao uso da literatura como um ato político que visa dialogar com as populações das periferias urbanas brasileiras. Refere-se à construção de um discurso que pretende "ensinar" ou "ampliar" a capacidade crítica do público, por meio de textos com fundo moral e/ ou ético. (NASCIMENTO, 2009, p. 80).

Outra dessas situações – que mais uma vez coloca em xeque o pressuposto de unidade entre os vários sujeitos e coletivos, tal como suposto em frases como *"Nóis por nóis"* e *"Nóis é ponte que atravessa qualquer rio"*, repetidas por diversos desses agentes culturais –, a qual acompanhei via redes sociais, foi o desentendimento entre parte dos produtores culturais das periferias com a gestão do prefeito João Dória (PSDB, 2017-2018), que já assume a prefeitura criando uma enorme celeuma com os produtores de cultura das periferias. Prestes a assumir o cargo, o prefeito João Dória já havia começado a fazer afirmações contundentes prometendo que *"irá tirar a virada cultural do centro de SP"*, além de se dirigir à cultura da periferia e a fenômenos da mesma como o funk, como *"um câncer social"*[121], postura totalmente contrária à da gestão anterior do ex-prefeito Fernando Haddad. Haddad, não só construiu um diálogo direto com os produtores culturais das periferias, como promoveu diversos projetos e ações na área[122], além de aprovar diversos projetos e leis voltados para a produção cultural das periferias, como a ampliação do programa VAI[123], a criação do Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca (PMLLLB)[124] e a sanção[125] da Lei de Fomento às Periferias – a despeito da crítica de que tal política deixava de lado diversos coletivos. Esta última iniciativa, fruto da mobilização de coletivos culturais das periferias[126],

---

[121] "Dória transfere Virada Cultural para Interlagos e diz que SP é um 'lixo vivo'". Portal G1 (05/12/2016): https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/doria-transfere-virada-cultural-para-interlagos-e-diz-que-sp-e-um-lixo-vivo.ghtml. Acesso em: 26/01/2024.

[122] "Haddad defende apoio a iniciativas culturais da periferia". Portal da Prefeitura de São Paulo (13/04/2015): https://www.capital.sp.gov.br/noticia/haddad-defende-apoio-a-iniciativas-culturais-da. Acesso em: 26/01/2024.

[123] "Prefeito Fernando Haddad sanciona lei que amplia programa VAI". Portal da Prefeitura de São Paulo (08/11/2013): https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=13612. Acesso em: 26/01/2024.

[124] "Saiba porque o PMLLLB-SP incomoda tanto a atual gestão municipal". Portal Biblioo (20/04/2017): https://biblioo.info/voce-conhece-o-pmlllb-sp/. Acesso em: 26/01/2024.

[125] "Vereadores aprovam projeto de iniciativa popular de Fomento à Cultura da Periferia". Rede Brasil Atual (22/06/2016): https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/2016/06/vereadores-aprovam-projeto-de-iniciativa-popular-que-cria-fomento-as-periferias-8709/. Acesso em: 26/01/2024.

[126] "Coletivos se mobilizam para desenrolar lei de incentivo à cultura da periferia". Estadão (28/04/2016): https://mural.blogfolha.uol.com.br/2016/04/28/coletivos-se-mobilizam-para-desenrolar-lei-de-incentivo-a-cultura-da-periferia/. Acesso em 28/01/2024.

havia sido sancionada ainda ao final de seu último ano de mandato à frente da prefeitura da cidade.

Ao assumir a prefeitura de São Paulo, Dória executou uma política que é entendida como higienista, com a repressão da população da cracolândia[127], o apagamento dos grafites e pichações das vias públicas, e o congelamento da verba destinada à área de cultura[128], em especial para as periferias[129], o que tensionou mais ainda sua já abalada relação com os coletivos culturais das periferias. Estes, por sua vez, em maio de 2017, ocuparam a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo[130] exigindo o descongelamento da verba destinada à cultura e também pedindo a demissão do então secretário de cultura, André Sturm, que dias antes havia ameaçado um agente cultural das periferias, dizendo ao mesmo *"vou quebrar a sua cara"*[131].

Esse embate político entre parte dos produtores culturais das periferias e a gestão do prefeito João Dória e, mais especificamente com o então secretário de cultura André Sturm, gerou situações no mínimo peculiares. Uma delas foi uma campanha em defesa do referido secretário de cultura, em que, através de depoimentos gravados em vídeo, diversos produtores culturais da cidade de São Paulo se solidarizavam com Sturm, exaltando sua trajetória na cultura, em especial na área do audiovisual, e tecendo críticas aos *"grupos privilegiados que não querem se desfazer de seus privilégios"*, se referindo aos integrantes dos coletivos culturais das periferias, como apontava a fala do cientista político Christian Lohbauer[132].

---

[127] "Cracolândia: Dória, um prefeito que não entende de gente". El País (28/05/2017): https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/26/politica/1495830499_134676.html. Acesso em 28/01/2024.

[128] Artistas se mobilizam contra cortes de Dória no orçamento da cultura. Rede Brasil Atual (17/02/2017): https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/2017/02/artistas-se-mobilizam-contra-cortes-de-doria-no-orcamento-da-cultura/. Acesso em 28/01/2024.

[129] "Dória corta cursos de formação cultural para 4 mil alunos da periferia". CBN (31/03/2017): https://cbn.globoradio.globo.com/sao-paulo/2017/03/31/DORIA-CORTA-CURSOS-DE-FORMACAO-CULTURAL-PARA-4-MIL-ALUNOS-DA-PERIFERIA.htm. Acesso em 28/01/2024.

[130] "Manifestantes ocupam Secretaria de Cultura e pedem saída de André Sturm". O Globo (31/05/2017): https://oglobo.globo.com/brasil/manifestantes-ocupam-secretaria-de-cultura-pedem-saida-de-andre-sturm-21420277. Acesso em 28/01/2024.

[131] "'Vou quebrar a sua cara', diz secretário da cultura de Dória a ativista". Estadão (30/05/2017): https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,vou-quebrar-a-sua-cara-diz-secretario-da-cultura-de-doria-a-ativista,70001818838. Acesso em 28/01/2024.

[132] Christian Lohbauer é cientista político e professor da USP, ex-vice-candidato à presidência pelo Partido Novo (2018), o qual foi um dos fundadores e se desfiliou em 2021. Durante o governo de Bolsonaro foi defensor da política ambiental do governo. Atualmente, o cientista político é presidente da CropLife Brasil, que representa as empresas de agrotóxicos e transgênicos no Brasil. Maiores informações em: https://istoe.com.br/queremos-mostrar-para-greta-que-nao-somos-do-mal/ e em: https://croplifebrasil.org/sobre-croplife/christian-lohbauer/ . Acesso em: 28/01/2024.

Todos esses vídeos possuíam um fundo cinza, o que dava a entender que foram realizados no mesmo local, e os depoimentos colhidos eram, em sua grande maioria, de produtores culturais já estabelecidos no circuito de São Paulo e/ou ligados ao fazer cultural tido como pertencente à *"alta cultura"* da cidade. Estes sujeitos eram pessoas de famílias tradicionais do cenário cultural de São Paulo, em sua maioria brancas e de nível econômico médio/alto.

Contudo, em meio aos discursos veiculados nesses vídeos se encontravam duas figuras destoantes – não apenas esteticamente, mas principalmente no que diz respeito à suas origens sociais e étnico-raciais. Se tratava dos depoimentos de dois produtores culturais das periferias, homens negros (os únicos, vale frisar), rappers, integrantes da Casa Municipal de Hip Hop Sul, na zona sul de São Paulo. Algo que me chamou muito a atenção, foi o fato de que no vídeo do rapper Eazy Jay (do lendário grupo de Rap Comando DMC [133]), diferentemente dos outros depoentes, estavam presentes também um grupo de pessoas, dentre elas um adolescente e uma criança de aparentemente uns oito anos, caracterizado como um pequeno rapper. Eazy Jay afirmava insistentemente sobre a importância do diálogo com o então secretário e a importância de a periferia difundir sua cultura, apontando as qualidades e o compromisso do secretário André Sturm. Era notável que o depoente em questão parecia estar lendo seu depoimento. De acordo com a fala de Eazy Jay, *"a nossa cultura tem que ser difundida e enquanto ficarmos em confronto, ela [a cultura] fica parada. E tem pessoas esperando para ser inseridas na cultura. E isso depende de nós, que trabalhamos com a cultura, que somos vários. Então vamos buscar através do diálogo. É isso."* Nesse momento do vídeo, a criança ao seu lado concorda com a fala, acenando com a cabeça. Na época, não notei nenhuma repercussão sobre o ocorrido, ao menos nas redes sociais e entre meus interlocutores de pesquisa. Somente o portal Agenda Preta[134], através do jornalista Júnior Rocha, realizou uma matéria[135] crítica, questionando o cenário e toda a lógica que envolvia os depoimentos, inclusive destacando aquele elemento que parecia incomodar e desestabilizar as expectativas sobre as alianças e conflitos esperados a partir da atuação da prefeitura municipal naquele momento: a presença de dois produtores culturais negros e das periferias

---

[133] "Comando DMC está de volta". Bocada Forte (04/03/2015). Maiores informações em: https://www.bocadaforte.com.br/noticias/comando-dmc-esta-de-volta. Acesso em 28/01/2024.

[134] Segundo informações do portal, o "Agenda Preta é, basicamente, um calendário colaborativo da comunidade negra de SP.". Disponível em: https://agendapreta.com/sobre/. Acesso em 28/01/2024.

[135] "Por que todos os vídeos em apoio ao Sturm são iguais?". Agenda Preta (07/06/2017). Maiores informações em: https://agendapreta.com/videos-apoio-andre-sturm/. Acesso em: 28/01/2024.

ali, em defesa de um representante do "sistema" - sobretudo um não alinhado a partidos progressistas

Paralelamente a esta tensão entre a prefeitura e parte dos produtores culturais das periferias, tomei conhecimento de mais uma ocorrência curiosa. Enquanto realizava meu trabalho de campo na Brasilândia (com o Coletivo Cultural Poesia na Brasa) e no Fundão do Ipiranga (com o Coletivo Perifatividade): o grafiteiro e artista plástico Mauro Néri foi preso[136] do grafiteiro e artista plástico Mauro Néri. Mauro – como dito anteriormente – é um dos fundadores do Imargem, um dos responsáveis pelo Projeto Cartografitti e o criador e responsável pela intervenção visual/urbana "Veracidade"[137]. Mauro, que durante os primeiros meses da gestão de João Dória na prefeitura, interveio contra o apagamento de suas obras à mando da prefeitura, na Avenida 24 de Maio em São Paulo, foi detido por algumas horas, aumentando ainda mais as divergências entre a citada gestão da prefeitura e os produtores culturais das periferias (ao menos aqueles não estabelecidos ou alinhados com a então gestão municipal), especificamente, nesse caso, com os grafiteiros e pichadores, além de outros produtores culturais da cena urbana, não exatamente ligados às periferias – indicando o alcance da insatisfação que a gestão de Dória produziu com suas políticas à cultura na cidade.

A fim de amenizar sua situação frente à enxurrada de críticas que recebeu, o então prefeito João Dória, mais que rápido anunciou uma política voltada para os grafites[138], com a criação do MAR (Museu de Arte de Rua)[139], um lugar específico, escolhido pela prefeitura, onde artistas autorizados poderiam realizar seus trabalhos, mediante a definição da obra previamente disponibilizada para apreciação por parte dos gestores. A criação do museu

---

[136] "Grafiteiro é preso em SP após apagar tinta cinza sobre sua obra". Estadão (27/01/2017): https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,grafiteiro-e-detido-em-sp-apos-apagar-tinta-sobre-sua-obra,70001644099. Acesso em 28/01/2024.

[137] De acordo com a matéria na página do Itaú Cultural, "[e]ssa frase, [Ver a cidade] que pode ser lida em muitos muros na cidade de São Paulo, sempre acompanhada de uma casa amarela com telhado marrom, é o convite que o artista visual Mauro Neri nos faz para não deixarmos de perceber a beleza, a crueldade, a resistência e as possibilidades da nossa cidade". Maiores informações em: https://www.itaucultural.org.br/ver-a-cidade-e-suas-nuances-entrevista-com-mauro-neri. Acesso em 28/01/2024.

[138] "Depois de vaias e críticas, Dória diz que pagará cachê e tinta a grafiteiros". Folha de São Paulo (26/01/2017): https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/01/1853213-depois-de-vaias-e-criticas-doria-diz-que-pagara-cache-a-grafiteiros.shtml. Acesso em 30/01/2024.

[139] Segundo informações do site, "[o] MAR – Museu de Arte de Rua – é uma iniciativa da Prefeitura de São Paulo em parceria com as secretarias municipais de Cultura, Subprefeituras e Educação, que visa aprimorar a vocação da cidade para a produção de arte urbana e ampliar seu impacto positivo na cultura e identidade de São Paulo". Maiores informações em: https://www.mar360.art.br/pt/. Acesso em 30/01/2024.

causou mais controvérsia, dessa vez entre os grafiteiros/artistas plásticos e os pichadores[140], já que os primeiros acabaram por receber o título de artistas pelo poder público enquanto os segundos continuaram sendo considerados como vândalos e delinquentes. O museu de Dória também dividiu os próprios grafiteiros[141]: entre os que eram críticos ao projeto e os que se integraram ao mesmo, fazendo parte da comissão avaliadora do museu, como o próprio Mauro Neri[142], que por sua vez também teve um projeto aprovado pela prefeitura em 2019, para participar das exposições promovidas pelo MAR[143].

Por fim, cabe mencionar mais um exemplo dessas tensões e conflitos, também tornado público: a controvérsia – a cereja do bolo que me impeliu a debruçar sobre o tema desta pesquisa – foi veiculada na matéria da revista Veja[144], publicada no suplemento Veja São Paulo em junho de 2018. A matéria trazia a foto de diversos produtores culturais e artísticos do distrito do Grajaú, estampada na capa do suplemento, com os dizeres "*Empreendedores do Grajaú - A 35 quilômetros da Avenida Paulista, uma geração de músicos, cineastas e artistas escanteia dificuldades e se profissionaliza"*. Logo de cara, a matéria me chamou a atenção pelo uso do termo *"empreendedores"*, mobilizado juntamente com a evocação do universo da cultura produzida nas periferias. Foi uma das primeiras vezes que vi a produção cultural das periferias de São Paulo associada a uma ideia de empreendimento, atrelada a uma visão de negócios.

A matéria, em si, também não fugia dessa lógica. Era distribuída em blocos entre os produtores culturais que estampavam a capa da revista, onde cada bloco funcionava como uma espécie de mini portfólio individual, contendo uma minibiografia, os principais feitos de cada um, suas parcerias e os valores em dinheiro de financiamentos,, tal como mobilizados

---

[140] "Grafite ou pichação? Kobra evita polêmica e diz que seu trabalho 'não é superior ao de ninguém'". G1 (27/01/2017): https://g1.globo.com/tecnologia/campus-party/2017/noticia/grafite-ou-pichacao-kobra-evita-polemica-e-diz-que-seu-trabalho-nao-e-superior-ao-de-ninguem.ghtml. Acesso em 30/01/2024.

[141] "De crime a arte: a história do grafite nas ruas de São Paulo". BBC Brasil (28/01/2017): https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38766202. Acesso em 30/01/2024.

[142] "Grafiteiros aderem a projeto de arte urbana da gestão Dória 'para evitar novos equívocos'". Rede Brasil Atual (10/03/2017): https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/2017/03/grafiteiros-aderem-a-projeto-de-arte-urbana-da-gestao-doria-2018para-evitar-novos-equivocos2019/. Acesso em 30/01/2024.

[143] "Museu de Arte de Rua: São Paulo ganhará novas obras de arte urbana". Portal da prefeitura de São Paulo (10/12/2019): https://www.capital.sp.gov.br/noticia/museu-de-arte-de-rua-capital-ganhara-novas-obras-de-arte-urbana. Acesso em 30/01/2024.

[144] "Grajaú: um novo centro efervescente de artistas". Veja (22/06/2018): https://vejasp.abril.com.br/cidades/grajau-artistas-nova-geracao/. Acesso em 30/01/2024.

por esses jovens, caracterizados como empreendedores. Além disso, a reportagem era repleta de frases de efeito que remetiam a um imaginário associado à lógica meritocrática neoliberal. Ou seja, estruturada na ideia de superação individual das mazelas das periferias, não atrelando a cultura a uma mobilização política mais ampla e coletiva, como, ao menos em discurso, se caracterizava a produção cultural das periferias quase vinte anos antes deste período em questão. Inclusive, na referida matéria não havia nenhuma menção às desigualdades existentes nestes contextos, tal como enfrentadas pelos sujeitos que produziam *"arte e cultura periféricas"*. Ou seja, como problemas estruturais ou como sociais. A omissão era feita tanto por parte dos jornalistas, como por parte dos retratados no texto. Nem o tema do racismo, tão em evidência, e na verdade incontornável para entender tais dificuldades, como veremos nesta dissertação, chegava a aparecer na matéria. As injustiças, quando citadas, soavam como um detalhe natural, inatas àquele território e àquelas pessoas, mas que, por outro lado, poderiam ser superadas, com muito esforço. Um belo tratado inspirador, digno de um Coach, figura que parece representar o imaginário do empreendedor que conquista sucesso e autonomia por seus próprios méritos e esforços.

Longe de ser minha intenção subscrever a uma visão homogênea dos sujeitos que formam os coletivos, bem como da produção cultural das periferias, observar essas situações, ainda que à distância, era algo que destoava muito daquilo que eu acompanhava em campo, durante meus anos de iniciação científica até a elaboração da monografia, com os coletivos Perifatividade e Poesia na Brasa, e que passei a olhar com atenção no trabalho etnográfico realizado durante o mestrado. Tanto o Perifatividade como o Poesia na Brasa, apesar de partilharem alguns pressupostos comuns, como uma agenda política e cultural crítica, próxima aos movimentos sociais locais, já eram distintos entre si, tanto no seu fazer local, como nas estratégias, na organização, na relação com os financiamentos e com o poder público, bem como na constituição e enunciação de visões políticas próprias, apesar de se enquadrarem dentro do espectro político da esquerda nas periferias. Mesmo com as diferenças, a produção cultural destes coletivos era norteada pela crítica às desigualdades sociais e estruturais, no intuito de superá-las; e pelas ações políticas num campo mais próximo a uma ideia de poder popular, herdado das lutas políticas dos movimentos populares e de base em suas regiões nas décadas anteriores. A ideia de cultura, no contexto desses dois coletivos, era muito mais próxima de um projeto de autodeterminação das periferias, com acesso à e equipamentos públicos de qualidade, como também a escolas, postos de saúde,

creches e afins, tal qual contra o genocídio da população negra e periférica. Temas que, por mais de uma vez, presenciei serem discutidos para além de sua citação em poesias e afins, dentro das atividades desses coletivos.

Isso não quer dizer que os coletivos e sujeitos que participam da matéria da revista Veja não pensem ou atuem sobre tais temas. Mas seus discursos e práticas em relação a questões como dificuldade de apoio a seus projetos culturais apontam para um processo em curso, em que certos imaginários sociais associados às possibilidades de produção cultural em contextos de grande precariedade e reconhecido abandono por parte do poder público ou do interesse da sociedade civil, ou ainda em que o mercado está presente de outras formas que não no universo da arte e da cultura, parecem rearranjar algumas práticas e estabelecer novas tensões narrativas. A matéria de certa maneira sintetiza a percepção de que existem novas lógicas em jogo, redefinindo disputas e produzindo novas dinâmicas que acredito ser fundamental analisar. A priori, aquela matéria parece se alinhar com um discurso muito presente na esfera social atualmente, derivado de uma lógica empresarial em que pessoas e suas complexidades são recursos que precisam ser geridos para *"dar certo"*. Uma lógica em que o enfrentamento e a superação das desigualdades estruturais que fundaram a sociedade brasileira se dá no âmbito do sucesso individual, e dependem quase exclusivamente do esforço pessoal de cada sujeito. Uma lógica que busca silenciar – com todo um aparato material, estético e subjetivo – toda uma história coletiva de lutas, mobilizações e conquistas, transformando estas em valores meritocráticos ou mercadológicos. Ou ainda, transformando o desejo de dignidade e de qualidade de vida das pessoas em uma essência empreendedora, nos moldes do "homem ideal schumpeteriano"[145]. Estava em curso algo aparentemente muito diferente dos propósitos enunciados pelos produtores culturais das periferias no momento do surgimento destes coletivos como uma movimentação, há mais de vinte anos.

---

[145] Faço referência ao termo usado por Santiago (2009), ao discutir os referenciais teóricos em torno do empreendedorismo a partir das obras de Schumpeter, Weber e McLelland. Joseph A. Schumpeter foi um economista alemão, pioneiro na disseminação da ideia do empresário empreendedor – em que seu tipo ideal de empreendedor, aquele que levaria o desenvolvimento da economia capitalista adiante, se caracterizava em linhas gerais por um grande senso de inovação, por assumir os riscos econômicos e psicológicos de seu empreendimento, por romper com a tradição econômica e por combinar diferentes elementos no seu empreendimento e fazer econômico, além de privilegiar sua atuação individual. Para maiores detalhes recomendo a leitura do capítulo "O Fenômeno Fundamental do Desenvolvimento Econômico", do livro "Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico" (1997), de Schumpeter, além do artigo de Santiago, "Vertentes teóricas sobre empreendedorismo em Schumpeter, Weber e McClelland: novas referências para a sociologia do trabalho", de 2009.

Capa da revista Veja São Paulo, de junho de 2018. (Fonte: Facebook)

O uso do conceito de cultura, geralmente sempre de modo positivo, também permeia os interesses deste estudo. Como mencionado, uma lógica empresarial, de negócios, empreendedora e meritocrática, nitidamente neoliberal, mais do que nunca tem sido estimulada na atualidade. No entanto, o termo cultura nunca foi tão evocado a partir dessa lógica como agora, paradoxalmente em nome da inclusão, da diversidade e da representatividade, com a mobilização de processos relacionados à constituição de identidades a partir da própria cultura. Sobre o processo de representação, é interessante destacar a forma como Stuart Hall (2016) reflete sobre a relação entre cultura e poder, ao retomar a análise de Foucault do quadro *"Las Meninas"* de Diego Velázquez. Ao apresentar a discussão feita pelo filósofo francês em *"As Palavras e as Coisas"* (1999) em torno do sujeito e da representação, Hall também apresenta a problemática posta sobre o quadro, ao debater sobre quem está sendo representado na pintura, qual é o sujeito da pintura, uma vez que demonstra como é possível multiplicar os ângulos e perspectivas sobre que sujeitos estão sendo representados, ao acompanhar o jogo de espelhos e olhares na obra do pintor espanhol. No entanto, sugere Hall, o sujeito *"principal"* a ser representado na tela de Velázquez é o espectador. Ou, como Foucault diria, o *"sujeito-espectador"*. Segundo Hall, a pintura de Velázquez só tem sentido ao abandonar a noção de que ela tem uma posição fixa em si mesma. Este sentido é, *"portanto, construído no diálogo entre a pintura e o espectador"* (HALL, 2016, p. 106). O autor ainda aponta que:

> Nesse sentido, o discurso produz uma *posição de sujeito* para o espectador-sujeito. Para a pintura funcionar, o espectador, quem quer que ele seja, deve primeiro se sujeitar ao discurso dela e, dessa forma, tornar-se o espectador ideal da pintura, o produtor de seus sentidos – o seu sujeito. Isso é o que significa quando é dito que o discurso constrói o espectador como um sujeito – pelo que queremos dizer que ele constrói um lugar para o sujeito espectador, que está olhando e produzindo um sentido para a cena. (HALL, 2016, p. 107)

A partir desse enunciado, sobre representação, sujeito e discurso, tal como delineado por Hall, como podemos pensar o discurso do mercado e seu atual interesse pelas diversas identidades culturais não brancas/hegemônicas no contexto de minha pesquisa? Incluso, as identidades culturais periféricas? No que tange a representação dentro da lógica de mercado, este também sujeita as identidades que buscam representação e legitimidade ao seu discurso, primordialmente – mesmo quando consideradas à margem e não no *"centro da pintura"*? É evidente que as periferias também não estão fora dos interesses desta lógica. Muito pelo

contrário. Se algo tem sido mobilizado a partir das periferias pelo mercado, são suas identidades culturais. Em um dos subcapítulos do livro "Cultura e Representação" (o mesmo em que o intelectual jamaicano reflete sobre as leituras de Foucault do quadro de Velásquez), intitulado de *"O Racismo como bem comercial: o Império e o mundo doméstico"*, Hall discute acerca do racismo como um mobilizador social, subjetivo e econômico do Império. Será que hoje podemos entender certo aspecto do atual antirracismo e da promoção da diversidade cultural como um novo bem comercial do império? É igualmente interessante para esta dissertação discutir os aspectos dessa relação entre cultura e neoliberalismo e suas relações com a lógica colonial, considerando, tal como nos ensina Hall, a deslocar certos pressupostos e certezas ao considerar a política e o poder na produção e na análise da cultura.

Esta pesquisa, ainda, de certo modo, se alinha com aquilo que a antropóloga Lila Abu-Lughod denominou de *"a escrita contra a cultura"* (ABU-LUGHOD, 2018). Em seu artigo de mesmo nome, a partir de uma crítica ao influente livro "*A Escrita da Cultura: Poética e Política da Etnografia"* (CLIFFORD e MARCUS, 2017), em que notadamente o debate da antropologia feminista e suas contribuições não figuram como eixo de crítica à produção do conhecimento moderno, Abu-Lughod tece diversas questões interessantes sobre o fazer antropológico e seus imbróglios, referenciando diversos aportes não só da antropologia feminista, mas também da antropologia produzida por não brancos/as e não ocidentais para indicar certos pontos cegos de uma crítica que não volta a si mesma a reflexão sobre sua posição. Estes aportes, segundo a autora, problematizaram certos ditames da antropologia e de seus fazeres antropológicos, principalmente na constituição da alteridade e da diferença, ou da relação eu - outro, ocidente - oriente, em que mesmo com alguns esforços de antropólogos e antropólogas, críticos e reflexivos, a relação de poder se estabelece e/ou é preservada, uma vez que não endereçam a posicionalidade da produção do conhecimento. Uma das críticas mais interessantes no texto, para esta pesquisa, é a que se detém sobre a cultura, tema tão caro não só à antropologia, mas a todas as ciências humanas. Segundo Abu-Lughod,

> (...) O conceito de cultura é o termo oculto em tudo que já foi dito sobre antropologia. A maioria dos antropólogos/as americanos acredita ou age como se acreditasse que a "cultura", notoriamente difícil de definir e ambígua como referente, ainda assim fosse o verdadeiro objeto da investigação antropológica. Não obstante, poderíamos dizer que a cultura é importante para a antropologia graças à distinção antropológica entre eu e outro que nela subjaz. (...) Mas apesar de sua intenção anti-essencialista, o conceito de cultura mantém certas tendências a cristalizar diferenças, algo

> que conceitos como raça também fazem. Isso se torna mais evidente se observarmos um campo em que a mudança tenha se dado de um conceito para o outro. O orientalismo como discurso acadêmico (entre outras coisas) é, de acordo com Said (1978, p. 2), "um estilo de pensamento baseado em uma distinção lógica e epistemológica feita entre 'o Oriente' e (na maior parte das vezes) 'o Ocidente'". O que ele mostra é que, ao cartografar conjuntamente geografia, raça e cultura, o orientalismo fixa certas diferenças entre pessoas "do Ocidente" e pessoas "do Oriente" de maneiras tão rígidas que podem facilmente ser consideradas inatas. No século XX, foi a diferença cultural, e não a raça, que serviu de objeto básico para o intelectualismo orientalista, agora devotado a interpretar o fenômeno "cultura" (fundamentalmente religião e linguagem) ao qual se atribuíam as diferenças de desenvolvimento, desempenho econômico, governança, caráter e tantas outras. (ABU-LUGHOD, 2018, págs. 200/201)

Desta forma, tal como serve de alerta para a própria análise antropológica, é relevante para esta pesquisa não só entender como as agências de fomento e meus interlocutores mobilizam o conceito de cultura, mas interpretar que tipo de *"outro"* é construído a partir disso, discursivamente e subjetivamente, e como meus interlocutores compreendem e significam este processo. Assim, levando em conta nosso passado colonial-escravocrata e suas distinções e implicações no contexto das periferias, tal qual o modo como tem sido mobilizado o conceito de cultura em torno destas, esta pesquisa acata, de modo positivo, a indagação que Lila Abu-Lughod faz aos antropólogos e à antropologia, a partir de sua leitura de Edward Said. Este questiona, como lembra Abu-Lughod, se *"deveriam os/as antropólogos/as tratar 'cultura' e 'culturas' com a mesma suspeita, sendo estes termos chave num discurso em que outridade e diferença acabam por se tornar, como diz Said (1989, p. 213), 'qualidades talismânicas'?"* (ABU-LUGHOD, 2018). Dito de outra forma, a mobilização do termo cultura, por seus diferentes agentes, estará sob suspeição e será demarcada de acordo com os interesses em torno dela.

Reiterando ainda essa suspeição da cultura, que também infere diretamente sobre a alteridade antropológica, a antropóloga Luena Pereira, ao discutir sobre a formação da alteridade nas ciências sociais brasileiras (e em especial na antropologia), contribui de forma categórica para o debate, ao questionar sobre a constituição naturalizada acerca de quem é exatamente esse *"nós antropológico"*, naturalizado como universal, em relação aos *"outros nacionais"* (PEREIRA, 2020). No caso, os indígenas, negros e camponeses, "outros" por excelência na antropologia tal como constituída como disciplina, como citado pela própria autora em seu artigo *"Alteridade e raça entre África e Brasil: branquidade e descentramentos nas ciências sociais brasileiras"*. Dentre as diversas críticas elaboradas por

Pereira, que perpassam o tripé da interseccionalidade, situando o sujeito antropológico e os seus outros no que tange a gênero, raça e classe, é possível subentender de sua análise o caráter cultural dessas relações que, por mais que haja um esforço por parte dos antropólogos, ainda remetem e reiteram não só a desigualdade estrutural da sociedade brasileira, como também a sua origem colonial, uma vez que, de acordo com a autora, a antropologia brasileira também se orientou pelo projeto de modernidade iluminista, como se depreende da seguinte passagem:

> Um aspecto importante desta análise é a relação indissociável entre as ciências sociais, tradição onde se insere a antropologia brasileira, e o projeto de nation building que demanda a compreensão ou a definição do que seria o ethos nacional. Ciência social é aqui entendida como comprometida com o princípio da "modernidade iluminista" no qual a nação é abrangida enquanto realidade sui generis, ou seja, em sua singularidade. Isso se traduz por uma certa homogeneidade da construção de seu centro, o que supõe a existência de seus "outros" internos. É desse modo que é possível considerar índios como alteridade radical e camponeses e negros como "seus outros". (PEREIRA, 2020, p. 8).

Pereira aborda ainda a importância do debate pós-colonial para as ciências sociais, que deslocou a centralidade do discurso da modernidade iluminista, possibilitando a leitura de que este, por sua vez, é um projeto intrínseco ao colonialismo, servindo de terreno fértil para o surgimento do capitalismo e não ao contrário. Assim, é possível estimar, dentre outras coisas, o papel também da cultura dentro deste processo.

Vale ainda dizer que esta dissertação não se enquadra numa análise detida primordialmente sobre a produção artística dos coletivos e indivíduos interlocutores desta pesquisa – no caso, a literatura, as artes plásticas e a música, produzidos em espaços como os saraus – embora, é evidente, seja perpassada por essa produção artística e cultural. Essa escolha se dá em função da enorme quantidade de trabalhos que se debruçaram sobre o tema, tanto na sociologia, como na antropologia e também nos estudos literários, e até mesmo em estudos sobre a cidade e o espaço urbano. Parte dessa bibliografia é mobilizada aqui, como os trabalhos de Aderaldo (2014; 2017), Angileli e Sanderville (2013), D'Andrea (2021; 2022), Duarte (2015), Leite (2014a; 2014b), Minchoni (2019), Nascimento (2009; 2011; 2015; 2016; 2020), Reyes (2013), Silva (2013; 2016), Tennina (2013; 2016; 2017). Como dito, esses trabalhos, e outros, se detiveram, dentre outras questões, em procurar evidenciar as particularidades da cultura produzida nas periferias, anunciando suas novidades e contribuições, além de celebrar suas potências. E é por essas questões e outras já

apresentadas, que este trabalho privilegia, conforme o próprio título desta dissertação e de sua introdução sugere, uma investigação sobre *"as palavras de incentivo que o sistema dá"* (GOG, 2004) a tal produção e *"as encruzilhadas da cultura"* nas periferias.

As palavras de incentivo que o sistema dá: A "periferia neoliberal"

"Tira a bala, põe a bala, faz roleta russa e pá:
São as palavras de incentivo eu o sistema dá".
(Tira a bala, GOG e A Família, 2001)

Sobre as palavras de incentivo que o sistema dá, cabe aqui percorrer outros fatos na arena pública, que também possuem forte implicação no fazer cultural nas periferias e na agência dos atores sociais dessa produção, tal qual meus interlocutores. Um deles é a pesquisa realizada pelo NOPPE (Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos) da Fundação Perseu Abramo[146], intitulada *"Percepções e valores políticos nas periferias de São Paulo"*, que dentre outras questões "revelou" uma tendência conservadora e liberal nas periferias. A pesquisa, que de certa forma parece uma lamentação pelo fato de as periferias não terem reeleito o ex-prefeito Fernando Haddad e escolhido o ex-prefeito João Dória, revela também a incapacidade do principal partido progressista brasileiro (que tem sua origem em movimentos populares) de fazer uma autocrítica séria sobre sua atuação nos últimos quarenta anos. Publicada em 2017, a pesquisa teve uma grande repercussão na mídia e causou um debate intelectual interessante, em que parte das análises apontava a periferia como *liberal*, *conservadora* e até mesmo *anarquista*. Também houve muitas críticas à leitura feita pela pesquisa, apontando falta de profundidade, crise de representatividade, e a fetichização da pobreza por parte da *"esquerda"*[147], além do clima de polarização e a falta de um projeto de sociedade para além do acesso ao consumo. É curioso perceber que em muitas dessas matérias, como na própria pesquisa, além do tom essencialista e romântico sobre as

[146] De acordo com sua página, "[a] Fundação Perseu Abramo foi instituída pelo Partido dos Trabalhadores por decisão do seu Diretório Nacional no dia 5 de maio de 1996. Essa decisão abria o caminho para concretização de uma antiga aspiração do PT, que era a de constituir um espaço, fora das instâncias partidárias, para desenvolvimento de atividades como as de reflexão política e ideológica, de promoção de debates, estudos e pesquisas, com a abrangência, a pluralidade de opiniões que, dificilmente, podem ser encontradas nos embates do dia a dia de um partido político". Maiores informações em: https://fpabramo.org.br/fundacao-perseu-abramo/. Acesso em: 30/01/2024.

[147] "A periferia liberal e os riscos da disputa narrativa "dos pobres"". Carta Capital (20/04/2017): https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-periferia-liberal-e-os-riscos-da-disputa-narrativa-201cdos-pobres201d/. Acesso em: 02/02/2024.

periferias, há um tom de espanto com o aspecto conservador e liberal de boa parte das respostas. Como se a periferia e os pobres – mais uma vez – fossem um mundo à parte ou ainda o *"sujeito ideal"* do Lulopetismo e do progressismo, ou o *"sujeito revolucionário"* por excelência da esquerda brasileira.

Em meio à profusão de matérias derivadas da pesquisa da Fundação Perseu Abramo, duas chamam muito a atenção, por possuírem uma análise mais assertiva sobre o tal *"fenômeno"* do conservadorismo e do liberalismo nas periferias e favelas de São Paulo. A primeira, é uma entrevista[148] do sociólogo Gabriel Feltran cedida ao portal *"Pública – Agência de jornalismo investigativo"*, ainda em abril de 2017. Nessa entrevista, ao ser questionado sobre a dificuldade que a esquerda tem para compreender esse universo das periferias e sobre como a esquerda se distanciou tanto dos trabalhadores, Feltran afirma que:

> (...) Nas eleições municipais as periferias de São Paulo elegeram a Erundina, o Maluf, o Pitta, a Marta, o Kassab, o Haddad e o Dória. Mas, veja, elas votaram no Lula, majoritariamente, desde 1989. É evidente, então, que não é um voto ideológico, partidário, no sentido clássico direita X esquerda, que muita gente quis e quer ver. É um voto que concebe o mundo a partir da proximidade, da relação pessoal, da confiança na ética do candidato, um voto próximo e moral. Que por isso sempre esteve muito próximo das igrejas, espaços altamente politizados. E sabemos que a expansão pentecostal é muito mais conservadora que progressista, ao contrário das comunidades de base católicas. Há interesses imediatos que também influenciam o voto, como um emprego público, uma rede de benefícios sociais, uma associação de bairro ligada a um vereador que prometeu melhorias. Há aposta em mudanças, e em serviços que tragam mais bem-estar. Há respostas à mídia, à televisão, sobretudo. Mas que também tem um núcleo duro de identificação com o trabalhador, com um líder trabalhador, que não é desprezível. São muitos elementos diferentes, portanto, compondo um voto que, muitas vezes, se analisa no geral porque, ainda hoje, se pensa que as periferias são homogêneas. As esquerdas foram perdendo o voto nas periferias, nos últimos anos, quando deixaram de ser esquerdas. Ou seja, quando perderam proximidade com o que acontecia no mundo popular. E quando consideraram que essa proximidade, que as comunidades de base tinham, que as pastorais tinham, que os sindicatos tiveram, era menos importante eleitoralmente do que televisão e políticas populares, de melhora do bem-estar, como Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida etc. E ainda pior, quando perderam a imagem de mudança, de renovação. Quando se tornaram moralmente iguais aos demais políticos tradicionais. Não há espaço vazio em política. Outros grupos, como as polícias militares (que têm horas de programa diário na TV aberta, dentro das casas das periferias, com figuras carismáticas como apresentadores), os evangélicos (com suas ações midiáticas e de base), bem como o empreendedorismo do mercado de trabalho, têm estado bem mais perto. E estando perto, ganham eleição ali.

[148] "As esquerdas perderam votos na periferia quando deixaram de ser esquerdas", diz pesquisador. Pública (17/04/2017): https://apublica.org/2017/04/as-esquerdas-perderam-votos-na-periferia-quando-deixaram-de-ser-esquerdas-diz-pesquisador/. Acesso em: 02/02/2024.

> (Gabriel Feltran, em entrevista cedida para a Pública – Agência de Jornalismo Investigativo, em 17/04/2017).

Ainda no mesmo ano, outra entrevista[149] significativa e emblemática – em sintonia com a percepção política das periferias, principalmente em São Paulo – foi dada pelo Rapper Mano Brown, integrante dos Racionas MC's, tido como um representante fidedigno das periferias. Na entrevista, além de fazer um balanço histórico sobre sua trajetória e a dos Racionais, Brown também é inquirido sobre as transformações ocorrida nas periferias nos últimos anos e a relação disto com a conjuntura política em um nível nacional, tal qual a polarização entre esquerda versus direita, ao que pondera questões interessantes:

> Mano Brown: (...) O Tim Maia falava isso: no Brasil, pobre é de direita. O governo Lula deu uma condição de o povo ter algumas coisas, e depois desse governo o povo quer polícia para defender essas coisas. Ele se torna um cara de direita, que defende os valores que foderam ele. Isso refletiu contra o preto. Você vai ao Norte, Nordeste: Fortaleza, campeã de homicídio no país. Maceió, Salvador, Recife… Morre preto pra caralho. Se na época do Lula já era difícil, imagina agora? Aí os moleques viram facção mesmo. Você pega um cara que foi abandonado por todo mundo e acolhe, dá uma assistência, um nome, uma família…
>
> Jornalista: Status?
>
> Mano Brown: Status, não. Isso é um slogan. O cara dá família, proteção, honra e motivo para viver. Isso é status? Status é uma palavra chula perto disso tudo. Parece um nome que o branco inventou para ferrar com o preto. Não é status que a gente quer. A gente quer sobreviver, mano. (Mano Brown, em entrevista cedida para o Le Monde Diplomatique Brasil, em 08/01/2018)

Em ambas entrevistas, fica evidente que a maior questão nas periferias é e sempre foi a sobrevivência, a reprodução da vida. E isso foi e segue sendo mobilizado e disputado de diferentes formas, com a primazia de quem oferece respostas concretas para situações cotidianas. Mesmo que isso signifique mais repressão policial, ou como diria um antigo político conservador – sempre muito bem votado, inclusive nas periferias, cujo nome figura até na lista de procurados pela Interpol – *"a rota na rua"*. Ademais, longe de querer confirmar a afirmação do músico Tim Maia usada por Mano Brown, vale citar que *"dando*

---

[149] "Um sobrevivente do inferno". Le Monde Diplomatique Brasil (08/01/2028): https://diplomatique.org.br/um-sobrevivente-do-inferno/. Acesso em: 02/02/2024.

um Google" rapidamente, se pode perceber que foram poucas vezes que a população do município de São Paulo permitiu uma gestão progressista. O que dirá do Estado.

No entanto, o que é de interesse desta pesquisa é um outro fato que ambos entrevistados não discorreram sobre, mas que também está ligado à Fundação Perseu Abramo e ao Partido dos Trabalhadores que, no entanto, não entrou na parte da análise da referida pesquisa. Tal questão é o surgimento dos editais e da infraestrutura criada em torno deles para a capacitação dos jovens produtores culturais das periferias na captação de recursos para seus projetos. Esse momento, no contexto desta pesquisa, é fundamental para entender não só o contexto atual da produção cultural nas periferias, como também dar uma possível resposta à citada pesquisa da FPA (Fundação Perseu Abramo) e sua "visível decepção", ao nomear a periferia como neoliberal. A partir de sua pesquisa sobre os coletivos de audiovisual das periferias, Guilhermo Aderaldo (2017) aponta algo interessante. Segundo se depreende de seu trabalho, a partir do surgimento dos editais, paralelamente se cria uma infraestrutura técnica em torno dos coletivos e indivíduos produtores de cultura nas periferias, a fim de capacitá-los na elaboração de projetos e captação de recursos. Além de instruí-los nesse sentido, tal iniciativa fomentou nesses coletivos a busca por financiamento privado, já que muitos de seus editais eram provenientes da parceria com ONG'S e outras parcerias público-privadas. Ademais, municiou-os com todo o aparato semântico e subjetivo correspondente a tal meio de negócios.

Criou-se, então, um circuito que saiu das periferias e acessou os espaços da cultura hegemônica na cidade de São Paulo. A produção cultural das periferias ganhou espaço na Rede SESC, na Virada Cultural de São Paulo, no Itaú Cultural e em outras instituições e eventos de prestígio na cidade. Tratam-se de inúmeras benesses trazidas pelos editais que, por sua vez, também trouxeram outras questões. Como o próprio Aderaldo apresenta no capítulo três de seu livro *"Reinventando a cidade: uma etnografia das lutas simbólicas entre coletivos culturais vídeo-ativistas nas 'periferias' de São Paulo"*, ao acompanhar o surgimento, ascensão e término do CVP (Coletivo de Vídeo Popular), quando surge a possibilidade do citado coletivo se institucionalizar perante o Minc (Ministério da Cultura) e o SAV (Secretaria Municipal do Audiovisual), para angariar maior capital cultural e financeiro para suas produções, a heterogeneidade que compunha o grupo – que tinha princípios políticos mais alinhados com os movimentos populares e sociais e contra as regras do mercado audiovisual, se preocupando para além de suas produções com a formação de seus integrantes

e público – tomou proporções controversas. Em meio a discussões internas, interesses bem díspares daqueles que haviam originado o grupo, acabaram por se tornarem centrais, muitas vezes sendo justificados pela mobilização essencialista de uma noção de periferia, desprovida de maior amplitude política. Sobre esse momento, Aderaldo afirma que:

> Aos poucos a rede foi migrando de uma associação voltada à coordenação de eventos e ações públicas entre coletivos culturais especialmente dedicados à linguagem audiovisual na cidade, na direção de uma entidade responsável pela dinamização da distribuição e divulgação de filmes realizados por coletivos com propostas e posicionamentos radicalmente diversos, sendo que uma parte destes foi atraída somente pela oportunidade de partilha dos benefícios proporcionados pela eficiência do sistema de distribuição e exibição de filmes, promovido pela organização reticular do CVP. Deste modo, uma variedade de posturas e representações que haviam inicialmente incentivado a crítica por parte desta rede de coletivos, passaram a ser encontradas dentro dela própria, o que transparecia nos filmes que recebiam, nos textos que acabavam sendo publicados na revista que editavam e no esvaziamento das reuniões. (ADERALDO, 2017, pág.192)

Como alguns de meus interlocutores relataram em entrevistas realizadas para minha monografia (SANTOS, 2019), os editais também trouxeram uma disputa entre os coletivos, ao mesmo tempo que uma dependência deles. Tal questão vai de encontro ao que De Tommasi e Velazco (2016) descreveram, ao investigarem um projeto social destinado aos jovens de favela no Rio de Janeiro. Ademais, o acesso aos editais e a captação de recursos trazem consigo, discursos, subjetividades e visões de mundo específicas. Aqui, é interessante apontar a definição de subjetividade para a antropóloga Sherry Ortner:

> Por subjetividade eu sempre vou me referir a uma consciência cultural e historicamente específica. Ao usar a palavra consciência eu não tenho a intenção de excluir várias dinâmicas inconscientes, como visto, por exemplo, no inconsciente freudiano ou no habitus bourdiano. Mas o que quero dizer é que subjetividade é sempre maior que estas coisas, e de duas maneiras. No nível individual, vou supor, com Giddens, que os atores sempre são no mínimo parcialmente "sujeitos cognoscentes", que eles possuem algum grau de reflexividade sobre eles mesmos e seus desejos, e que eles possuem alguma "penetração" nos meios nos quais são formados por suas circunstâncias. Eles são, em resumo, conscientes no sentido psicológico convencional, algo que tem de ser enfatizado como um complemento, e não em substituição, à insistência de Bourdieu na inacessibilidade, para os atores, da lógica subjacente de suas práticas. No nível coletivo, uso a palavra consciência tal como é usada tanto por Marx como por Durkheim: como a sensibilidade coletiva de um conjunto de atores socialmente inter-relacionados. Consciência é, nesse sentido, sempre ambiguamente parte das subjetividades pessoais das pessoas e parte da cultura pública (...) (ORTNER, 2007, págs. 380/381)

Assim, de acordo com essa ambiguidade que compõe a subjetividade e a consciência, é interessante perceber, ainda segundo Aderaldo (2017), o que isso significou no contexto das infraestruturas em torno dos editais para a produção cultural das periferias. Se, por um lado, tal infraestrutura em torno dos editais possibilitou o financiamento e o desenvolvimento de diversas produções culturais nas periferias, tal qual sua visibilidade e a de seus agentes tanto nas periferias, como no circuito cultural além delas, por outro lado, também capacitou a especialização na captação de recursos para além dos editais públicos de cultura, como o fomento de empresas e instituições privadas, como também fomentou clivagens, hierarquias, disputas e uma massa de *"trabalhadores culturais de edital"* (DE TOMMASI & CORROCHANO, 2020; DE TOMMASI & SILVA 2020) precarizados. Para começar, no que tange a relação com o poder público e privado e a capacitação do uso de editais de fomento, há três depoimentos interessantes de lideranças – Marcio Batista, Rose Dórea e Sergio Vaz – do coletivo cultural das periferias de maior renome e que serviu de inspiração para vários outros, que é a Cooperifa, e que estão presentes no trabalho de Nascimento (2011), os quais reproduzo, em alguns excertos que ajudam a entender essa dinâmica. Começo pelo depoimento de Márcio Batista, que afirma:

> O VAI estar [nos] financiando é obrigação... nós participamos sim, porque é dinheiro público [...] E o dinheiro do Itaú Cultural, é do Itaú? Não é do Banco Itaú, aquele dinheiro também é dinheiro público que o governo, pra não ter essa responsabilidade que é do Minc de fazer a distribuição de verba pública, o que que ele faz? Ele dá isenção pro Banco Itaú e o Banco Itaú criou uma instituição. E o dinheiro, que é público, fica na mão de uma instituição cultural. Então o quê que nós fazemos? O jogo não funciona assim? Nós tamo no jogo, então... com o Itaú Cultural é essa relação de dinheiro público que eles estão lá administrando e enquanto funcionar assim, né, e se a gente achar que deve ir lá... Mas isso tudo é discutido também no grupo, tá? Por outro lado, por exemplo, nós já tivemos projetos que nós recusamos... nós tivemos um projeto praticamente pré-aprovado pra ser Ponto de Cultura e aí era uma coisa diferente... tá? Porque se a gente põe lá "ponto de cultura", por exemplo, aí o sarau é patrocinado? Não! Nós fazemos algumas ações e aí isso envolve os parceiros, tá? (...) (Márcio Batista em entrevista à pesquisadora [Érica Peçanha do Nascimento] em 25 de julho de 2011).

Rose Dorea acrescenta:

> Eu tenho muito medo, eu acho difícil, tanto que é uma coisa que eu sei que o Sérgio [Vaz] pilota muito bem e eu não manjo, e o que ele faz eu assino embaixo. Porque como eu venho de um meio de política, eu sei como funciona. Eu prefiro não me envolver, mas eu sei como funciona. Eu sei que se não tiver muito ligado, muito ligeiro, tudo isso muda de mão. E muda muito rápido, muito fácil e muito perigosamente, e começa a ser usado [...] Mas, que nem, quando o Itaú veio, da forma que o Itaú veio, eu achei muito

> bonito, veio de uma forma legal. Mas teve outros lugares... o VAI foi uma coisa que me preocupou um pouco... como que o VAI ia vir... mesmo sendo dinheiro público, porque a gente tem um negócio de ser meio autossustentável, né? E aí eu não sei como ia soar na cabeça de algumas pessoas o fato da Cooperifa ter aceitado essa grana, entendeu? Mas só por isso, não que... eu acho que sendo dinheiro público tem que se tomar muito cuidado pra não perder o foco, fazer o que muita gente faz, que é usar esse dinheiro em prol de si mesmo... porque, querendo ou não, mesmo a gente fazendo tudo o que a gente faz, muita gente acha que a gente faz isso, que a gente pega o dinheiro e usa em coisa pra gente, mas isso é uma coisa que não acontece, isso é uma coisa que me magoa bastante, esse é o tipo de comentário que acaba comigo (Rose Dorea em entrevista à pesquisadora [Érica Peçanha do Nascimento] em 25 de julho de 2011).

E por fim, Sérgio Vaz fala sobre a importância da principal parceria da Cooperifa, patrocinadora do coletivo desde 2004, que *"viabilizou" a antologia O rastilho da pólvora, de 2004, o CD de poesias "Sarau da Cooperifa", de 2006, e a "Revista Cooperifa", de 2011, bem como financiou, em parte, a Semana de Arte Moderna da Periferia e a Mostra Cultural da Cooperifa nas edições de 2009 e 2011"* (NASCIMENTO, 2011), e que ainda segue sendo uma parceria importante no financiamento da Mostra cultural da Cooperifa. Sobre esta parcerias, Vaz afirma:

> Eu acho que todos os nossos sonhos foram possíveis graças às parcerias. É como eu disse, há coisas que dá pra você fazer sem dinheiro e há coisas que não dá para fazer sem dinheiro. E há coisas que dá pra fazer com dinheiro, mas sem a parceria não dá, existe uma parceria afetiva também. Na minha concepção, o Itaú não é só o prédio, não é só um banco, eu conheço as pessoas que estão lá, eu almoço com elas, eu bebo cerveja com elas, então não é só a grana, então é uma parceria afetiva... assim como a gente já recusou outras parcerias, entendeu? Por incrível que pareça estamos facinho, mas não estamos muito facinho [risos]. A gente recusou algumas propostas, eu já recusei propostas, eu poderia estar bem de vida já, poderia ser um cara bem de vida, não vou dizer rico, mas muito bem de vida, poderia ter optado por isso e talvez você poderia não estar falando aqui comigo, seria o preço a se pagar, mas essas parcerias nos honram, nenhuma delas me envergonha, eu tenho muito orgulho e eu sou muito grato (Sérgio Vaz em entrevista à pesquisadora [Érica Peçanha do Nascimento] em 29 de julho de 2011).

Nestes depoimentos, é notável não só o tamanho da articulação em torno dos financiamentos, por parte da Cooperifa, como também a visão de seus integrantes sobre o que chamam de parcerias com o Itaú Cultural. Interessante também é o fato de como o VAI, um edital público, ao mesmo tempo que é uma obrigação, causa medo, sobre como *"virá"* e como será a percepção pública do uso deste edital pela Cooperifa, tal qual sua prestação de contas e a relação com a autossustentabilidade do grupo. Aqui, é interessante pensar como as subjetividades individuais e coletivas são mobilizadas para representar e justificar as ações a

que estes agentes se propõem, mobilizando seus anseios, vontades e desejos, dentro de um sistema cultural em que estão inseridos, como aponta Ortner (2007).

> Por subjetividade irei me referir ao conjunto de modos de percepção, afeto, pensamento, desejo, medo e assim por diante, que animam os sujeitos atuantes. Mas eu sempre me refiro, da mesma forma, às formações culturais e sociais que modelam, organizam e provocam aqueles modos de afeto, pensamento e etc. (ORTNER, 2007, pág. 376)

Em meu campo no Grajaú, durante as entrevistas, ao tratar dos temas de financiamento também me deparei com depoimentos interessantes, onde a percepção sobre financiamento público e privado apontava para uma visão crítica ao poder público – mesmo este sendo o principal provedor da estrutura básica do coletivo –, reconhecendo o financiamento privado como uma possibilidade mais efetiva para a realização das ações culturais de qualidade e para a valorização dos produtores culturais, como me afirmou Fifo, integrante do Imargem, ao retratar o processo de acesso tanto do Imargem como da Ecoativa aos editais de financiamento do setor privado:

> Acho que essa ideia de edital público e empresas privadas, faz um pouco a gente pensar assim, né, que o edital é ajuda de custo. Não é nenhum salário e não é nenhuma renda. É uma ajuda de custo e olhe lá! Às vezes bem, bem mínima. A gente tem que fazer três projetos com editais para ter uma renda legal, assim, pra você falar "pô, por mês, eu consigo me bancar". E o SESC trouxe uma ideia que não era essa, de ajuda de custo. Que a gente precisa, a gente precisa mesmo de ser custeado pelo trabalho que você faz remunerado. E aí veio essa ideia de que o edital é uma ajuda de custo, mas as empresas privadas é uma coisa remunerada, que é um trabalho mesmo, que tem um reconhecimento do que cada um faz, como educador, como artista, com o que cada um se identifica com o que é. (Vanilson Fifo, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 06/06/2021).

Ademais, para além da possibilidade de se produzir um trabalho com mais qualidade e com melhor remuneração, se pode depreender da fala de Fifo que o acesso ao financiamento privado simboliza uma espécie de ascensão dentro do mercado cultural e de reconhecimento no setor privado, a partir do acesso, execução e prestação de contas do financiamento público:

> Fifo: E o edital também não é uma coisa que é rentável, assim. A pessoa que acha que dá pra ganhar dinheiro, que vai ficar... Putz, a gente fazia três editais porque tinha que fazer, se não, não daria conta, né meu? Não é um valor suficiente pra pessoa fazer o que quer da vida, sabe? Então vamos fazer, escrever dois projetos para dois editais. E como é que foi? Foi essa ideia, o Vai não aceitava que um coletivo participasse mais de duas vezes do edital. Então foi uma coisa automática, do projeto ganhar visibilidade em

> outros lugares e outras pessoas falarem: “Olha, que legal! Tem um projeto tal que participou de tal e tal edital” Porque o edital dá visibilidade também, né? O projeto ganha visibilidade no edital também! Outras empresas também estão vendo vários projetos que estão acontecendo porque eles estão querendo sacar, porque o [setor] social tá querendo fazer também né? Todas as empresas têm o [setor] social, então... (Vanilson Fifo, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 06/06/2021).

Outro desdobramento não menos importante dos editais é o aspecto de concorrência que subjaz ao mesmo. Já em 2017, durante minha iniciação científica, essa foi uma questão que apareceu em mais de uma entrevista. Nas entrevistas durante esta pesquisa de mestrado, o tema voltou, principalmente por parte de meus antigos interlocutores. Em 2017, o Coletivo Poesia na Brasa, que até hoje nunca fez uso de financiamentos privados, além de pontuais atividades na Rede Sesc, fazia a leitura de que *“os editais além de amarrarem os coletivos a uma gestão, os tornaram uma espécie de reféns das verbas públicas. Isso porque muitos coletivos passaram a pautar suas atividades, mediante sua contemplação por algum edital”* (SANTOS, 2019, pág. 89). Ainda sobre esse fato e na mesma época, Sonia Bischain, do Poesia na Brasa, afirmou que o surgimento do VAI foi importante para possibilitar a realização e o desenvolvimento das atividades culturais nas periferias, mas também fez uma leitura crítica de certos aspectos dos editais:

> (...) Foi bom porque a gente conseguiu publicar vários livros, mas assim, não é a coisa mais importante. A gente também conseguiu publicar sem a verba, sabe? É lógico que teve casos em que as pessoas que pegaram a verba, ajudaram saraus que não tinham entrado no programa. Porque não podiam pegar, porque só podia pegar dois em seguida e o terceiro você já não pegava... Mas a gente conseguiu fazer também sem verba. Fizemos com outras parcerias, de outras maneiras... Então, eu acho assim, que pra muita gente foi importante, mas chegou uma hora em que só se faziam coisas em alguns grupos se tivesse verba pública. A gente foi em muitas escolas, em muitos lugares sem ganhar nada! Não tinha verba. (Sonia Bischain, em entrevista cedida em 04/07/2017)

Em conversa com Paulo e Ana do Perifatividade, sobre os aspectos e limites dos editais, Ana discorre sobre uma lógica implícita que as vagas limitadas dos editais impõem aos coletivos culturais, que mesmo que se possa fazer uma leitura de que tal condição incremente o esforço para escrever e executar um projeto, ainda assim não deixa de estimular uma lógica de competição entre os próprios produtores culturais das periferias. Ou seja, mais uma vez o acesso aos editais e suas infraestruturas correlatas também estão imbuídas de uma

subjetividade de disputa, uma subjetividade meritocrática, limitando a ação de quem tenta agir de outra maneira, como se percebe no depoimento de Ana:

> Agora eu fico pensando, até enquanto avaliador mesmo de projeto, qual é a inovação nesse coletivo, há dez anos fazendo sarau? O projeto deles é o que? Sarau? Isso aí eles já fazem. Eu não aprovaria o Perifatividade se eles fizessem um projeto de sarau e lançamento de livro. Meu, a vida inteira os caras fazem isso! O que eles estão fazendo de novo? A não ser que seja um edital de manutenção de ações, né? E é isso, o objetivo do edital é essa manutenção de ações culturais. Aí é isso, você faz sarau, você vai fazer a manutenção dele. Agora, um projeto como o fomento [lei e fomento às periferias] de dois anos de realização, você propor um negócio que você faz sempre... Eu não aprovaria o Perifatividade, se ele escrevesse, sabe, um projeto de sarau e lançamento de livro. Eu não aceitaria. Eu, se fosse avaliador, eu não aprovaria. Então, eu tento não ser aquela coisa condicionada, mas eu tento pensar, porque se eu não pensar com a cabeça de quem tá avaliando e escrever o que eu quero, aí é um escrito meu, pessoal. Eu posso guardar no armário. Não um projeto! É ruim pensar assim. Eu não me sinto bem, mas na verdade, é isso. Você está pra disputar com seus irmãos, aquela migalhinha. Então, você tem que ir *"pras cabeças"*, tipo o Millyanos [time de futebol] hoje. Eles foram para disputar, foram *"pras cabeças!"* Deram o melhor catado deles. Mas é isso! Meu, a gente está disputando com a gente do Ipiranga, no área dois [região de distribuição da lei de fomento]! Com gente do Heliópolis! Se a gente mandasse esse ano, a gente ia estar disputando com a Me Parió [Me Parió Revolução, um coletivo editorial de mulheres] que também tem gente do Perifatividade! Você imagina se a gente tivesse nesse mesmo ano concorrendo? Que chato? O que eu tô falando, é como o sistema público nos coloca em disputa! E a gente tem que, se quiser participar – porque podemos também falar "não queremos participar disso, ficar disputando com meus irmãos". Mas se a gente quer participar, então que a gente mande alguma coisa que vale a pena ser mandada, né? (Ana Fonseca, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 11/09/21).

Assim, fica posto que a estrutura em torno dos editais também germinou hierarquias, disputas, dependência e até mesmo a desarticulação política de uma verve mais radical e crítica, no que tange a participação popular para além das quatro linhas da democracia representativa. Ademais, pavimentou o caminho das iniciativas privadas dentro dos financiamentos na cultura das periferias, por vezes até mesmo inferindo na gestão pública. Dessa forma, levando em conta a desmobilização e o abandono dos quadros de base do Partido dos Trabalhadores nos anos 1990 (D'ANDREA, 2022; FELTRAN 2007, 2011), institucionalizando estes em aparelhos técnicos e burocratas para a disputa eleitoral em um nível federal, criando quadros nas esferas da *"alta política"*, como inferir às periferias o status de "liberais"? Como assinalar tal resultado, sem levar em conta que as políticas culturais e de juventude – destinadas ao então terceiro mundo –, foram e continuam sendo gestadas nos grandes salões do Banco Mundial e do FMI (DAVIS, 2006; REYES, 2012;

YÚDICE, 2006), para o controle desta população? Políticas que tiveram seu início no governo federal – de um renomado presidente sociólogo e de uma renomada primeira dama antropóloga –, conhecido por seu forte caráter privatista, que o Partido dos Trabalhadores abraçou sem pestanejar, e mais: ampliou e fez dessas políticas, sua marca registrada. Afinal de contas, quem é, onde está o (neo)liberal?

Ademais, embora não seja o foco desta pesquisa, cabe citar que a questão dos financiamentos ou parcerias feitas com os setores privados e até mesmo a filantropia não é exclusividade das periferias ou ainda do setor publico no campo da cultura. Em sua dissertação, Serafim (2021) revela uma curiosidade sobre a criação do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. Em um depoimento colhido para sua pesquisa, seu então interlocutor, o também antropólogo Luís Roberto Cardoso de Oliveira, fala sobre o surgimento do PPGAS do Museu Nacional. Reproduzo aqui o trecho da entrevista:

> Um pouco antes da criação do programa no Museu, esse antropólogo, que não estou lembrando o nome, tinha sido, não sei se enviado é o termo, tinha ido passar um período na Argentina, articulando pesquisa e projetos institucionais também, e a Ford queria que ele viabilizasse a criação de um programa de pós-graduação em antropologia na Argentina. Mas na Argentina deram muito pouco espaço para ele, porque ele era interpretado como agente da CIA. Por causa da ligação com a Ford não teve nenhum espaço. Ele foi visitar o Rio algumas vezes e ficou muito impressionado e, digamos, animado com a perspectiva do Museu Nacional, a partir do contato com o meu pai. Isso eu nunca soube através dele, isso eu soube através da Beatriz Heredia [...] O apoio da Ford tinha sido planejado inicialmente por essa documentação para servir para a Argentina, mas lá eles tiveram dificuldade de fazer [...] Ele teve esse contato no Rio, no Museu, e ficou bem impressionado com o que estava sendo gestado lá (Depoimento de Luís Roberto Cardoso de Oliveira à autora, Brasília, 15 de fevereiro de 2019, Apud Serafim, 2021)

Como se pode perceber, não só em relação a produção cultural das periferias ou ainda nas diversas produções culturais como um todo, os financiamentos revelam muitas coisas que, a priori, passam despercebidas, ou se colocam em letras miúdas. Vale lembrar que a parceria da Fundação Ford e demais instituições do gênero com a CIA é notória, como apontam os trabalhos de Chaves (2015; 2016).

Identidade, representação e sobrevivência no "Giro Neoliberal"

"Será que tu não percebes?
Acaba não conhecendo nem a ti
O espelho agora reflete
A imagem do que é pra destruir"
(A Imagem da face, Brado'm'Bando, 2008)

A discussão sobre o mercado cultural e a produção cultural das periferias acontece desde sempre. Mas ganhou centralidade, a partir de seu carro chefe, a Literatura Marginal/Periférica. Em seu trabalho seminal, Nascimento (2009) discorre sobre este tema, abordando diversas características e mobilizações dentro deste mercado, do adjetivo "Marginal" e/ou "Periférico". A autora afirma que *"[v]ale ponderar que a designação "literatura periférica" ou "literatura da periferia", e seus correlatos "escritor periférico" ou "escritor da periferia", são sinônimos utilizados pelos próprios escritores aqui estudados (sobretudo quando vão se apresentar em outros espaços sociais que não a periferia)"* (NASCIMENTO, 2009, pág.124). Assim, a autora apresenta o aspecto de que os significados da adjetivação que acompanham a literatura produzida nas periferias funcionam também como uma *"marca"* que *"pode ser usada como diferencial no mercado*" (NASCIMENTO, 2009, pág. 124). Uma marca que, ora acrescenta um *"valor da 'autenticidade'"* (NASCIMENTO, 2009, pág. 124) para as obras de determinados autores, interessante para o mercado editorial; ora interessa aos autores, exteriorizando *"certo desejo de marginalidade na escolha do tema ou do discurso assumido, de tal forma que a estigmatização passa ser o vetor das vendagens das obras e da carreira literária de moradores da periferia e presidiários"* (NASCIMENTO, 2009, pág. 124). Sobre essa questão, também é relevante a análise feita por Andrea Hossne à época – citada também por Nascimento –, a qual eu reproduzo aqui:

> Enquanto a polêmica ocorre no campo da crítica, no âmbito do mercado eles já foram incluídos, não são marginais coisa nenhuma e vendem muito bem. E não apenas a literatura marginal do contraventor, mas também a literatura marginal no sentido daquela voz do excluído, por exemplo, o Ferréz. Essa inclusão mercadológica pode ser reflexo de dois fenômenos. De um lado, temos uma classe média com um profundo mal-estar em relação à crise da sociedade brasileira, que, sem saber muito bem o que fazer, procura um aplacador de consumo (…) De outro, pode-se estar buscando nessas obras um novo exotismo, uma sensação, porque obviamente elas estão permeadas por violência, embora não gratuita, mas constitutiva da experiência da qual os textos dão conta. E aqui, como mero consumo, não há uma inserção de fato, mas uma exclusão às avessas (HOSSNE, 2005, p. 4 APUD NASCIMENTO, 2009, p. 126).

Em seu renomado trabalho sobre o tema, Silva (2013), ao retratar a literatura negra e periférica desde os anos 1960 até os anos 2000, aborda os encontros e desencontros entre as duas produções literárias, relacionando-as com seu momento histórico e apontando, além de possibilidades, encontros e confluências, também divergências, tensões e paradoxos. No que tange algumas das tensões, é interessante perceber a relação da literatura marginal periférica com a literatura negra, em que na primeira, a autora Carolina Maria de Jesus é uma das principais referências e na segunda, a autora – contemporânea de muito dos autores negros e de associações literárias e culturais de sua época – encontrou certa resistência por sua origem social, linguajar e aparência. Mas um dos depoimento do escritor Ferréz, contido nesta obra de Silva, é interessante para esta pesquisa, não só para reiterar a ambiguidade presente – à época – na Literatura Marginal/Periférica, no que tange sua diversidade de interesses e atores, mas também como tal identidade, ou marca, como vimos acima, é mobilizada:

> *Os caras têm o sonho, cara! De que vão andar lado a lado com a elite da Literatura, tá ligado? Tem muito cara que tá no gueto, que tem o falso discurso, que acha que vai ralar com os caras e que vai tá lado a lado ali, e vai conviver e não quer ser distinguido como Literatura Marginal, sabe?* Se você pegar o livro do Malcom [Malcom X, *Autobiografia*], no Harlem, tem os negros que são os negros mesmo e se assumem e tem os negros que já tão mais brancos, tão tomando uísque com os caras, que tão falando baixinho, querendo entrar na sociedade, cê tá entendendo? Então, tem muito cara desse também na periferia. Muito cara da periferia que quer ser elite. A maioria quer ser elite. Os caras não quer ser pobre. E eu também não quero ser pobre! Eu não fiz voto prá pobreza, tá ligado? Só que tem diferença! Até onde você vai pagar o preço prá ser desse jeito. *Então, o cara não se assume com uma coisa que pode fortificar a gente, com medo de ser rotulado. Mas ele já tá rotulado! Ele pode tá na alta elite da Literatura que os caras vão olhar: "Tá vendo aquele cara ali? Favelado. É ex-presidiário". Ele não vai ter boi. Quê que adianta, entendeu?* (Entrevista com Ferréz, concedida a Mário Augusto Medeiros da Silva, São Paulo, 16/05/2007 In SILVA, 2013 pág.634/635. Ênfase no original).

Dessa forma, se pode depreender como a questão da identidade é de vital importância na literatura como também nas demais produções culturais realizadas nas periferias, para além de seu projeto pedagógico, estético e político. Além de informar, formar, estimular o senso crítico, tal produção está intrinsecamente relacionada com a sobrevivência material de seus agentes. E é onde a identidade periférica talvez encontre seu maior lastro, o elo que une seus sujeitos desde sempre, que é a luta por sobrevivência em meio à precariedade estruturante. Em depoimento para esta pesquisa Sonia Bischain apresenta um fato curioso,

sobre a participação dos coletivos literários das periferias na Virada Cultural em São Paulo, que reitera a complexidade das proposições citadas:

> (...) Mas aí o que estava acontecendo, como tava entrando muito sarau... Vários grupos que não eram de sarau começaram a se inscrever enquanto sarau [na virada cultural]. E já começou um atritozinho aí, né? De um pessoal de sarau reclamando que todo mundo virou sarau pra poder acessar, para poder participar da Virada Cultural, porque tinha um valor lá pra receber. E aí, eles começaram a tentar baixar os valores que pagavam pra essas participações. E para alguns grupos aí conhecidos ou músicos mais renomados, era uma fortuna, né? E começaram a diminuir o valor que poderiam pagar para os saraus. Então, houve já uma discussão sobre isso. Depois, eles entram [a gestão Dória] falando que não ia mais chamar o pessoal das periferias, não ia mais chamar os saraus, e aí teve um corte, né? E aí foi que teve esse movimento, na Secretaria da Cultura e tal. Mas o que você vê o tempo todo são essas coisas que a gente já falou, as questões financeiras de vários grupos, de ficarem brigando, tanto quanto de quem tava falando que era sarau e não era, porque estavam totalmente sem verba, sem condições de sobreviver. Ou tem gente também que, sei lá, sempre entra para ganhar dinheiro de qualquer jeito, em qualquer lugar. Então essa é uma questão. A questão financeira mexeu bastante com as participações, com essa vontade de participar, até mesmo de gente se autodenominando um grupo que não era bem aquilo que eles estavam fazendo. Essa era uma questão (Sonia Bischain, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 27/09/2021).

Essa identidade foi ressignificada no aspecto artístico e subjetivo, que também foi responsável pela *"elevação da autoestima das periferias"* (D'ANDREA, 2021, 2022; DE TOMMASI 2013, 2014 NASCIMENTO, 2009, 2011, 2016; REYES, 2013; SILVA 2013, 2016; TENNINA 2017), como proclamado pela maioria dos trabalhos sobre o tema, ainda segue estritamente marcada pela precarização das condições dos agentes culturais – à exceção daqueles que passaram pelo buraco da agulha do mercado cultural, conseguindo alguma estabilidade –, como também das periferias. Retomando o conceito de agência, mobilizado diversas vezes nesta dissertação para se referir às possibilidades de ação desses e de outros sujeitos marginalizados/subalternizados frente a avalanche de desigualdades estruturais que pesam sobre os mesmos, cabe refletir sobre os limites desses conceitos para, quem sabe, aprofundar o debate e qualificar a discussão num terreno mais palpável e prático. Para Ortner (2006) "*a agência é, em certo sentido, uma capacidade de todos os seres humanos, ao passo que sua forma e, por assim dizer, sua distribuição sempre são construídas e mantidas culturalmente"* (ORTNER, 2006, pág. 58). No entanto, os antropólogos Jean e John Comaroff (2010) fazem uma leitura crítica deveras interessante sobre o conceito de agência e a atenção demasiada que a antropologia deu ao mesmo e aos seus desdobramentos. Segundo

os autores, *"muitos antropólogos têm desconfiado de ontologias que conferem primazia aos indivíduos em relação aos contextos. Isto porque estas se apoiam manifestamente em pressupostos ocidentais; entre eles, o de que os seres humanos podem triunfar sobre seus contextos com base apenas na força de vontade, o de que a economia, a cultura e a sociedade são o produto agregado da ação e da intenção individuais"* (COMAROFF & COMAROFF, 2010, pág. 12). Ainda sobre esta questão, os autores afirmam:

> Pois, a despeito de quão abertos sejam, os sistemas de significado têm suas determinações próprias. Eles não apenas se dobram à vontade de quem deseja conhecê-los e agir sobre eles; pelo contrário, têm um papel significativo na formação da subjetividade. Em outras palavras, a "motivação" da prática social sempre existe em dois níveis distintos, ainda que relacionados: em primeiro lugar, as necessidades e desejos (culturalmente configurados) dos seres humanos; em segundo lugar, a pulsação das forças coletivas que, adquirindo poder por caminhos complexos, operam através dos primeiros. Essa distinção informa a análise de todos os processos históricos, mas seu significado foi ressaltado pela virada humanista nas ciências sociais, que suscitou apelos em prol de uma maior preocupação com a agência. Essa ênfase adquire especial visibilidade quando examinamos movimentos de época como o colonialismo europeu, no qual a ação "heroica", resoluta, foi tema central e até mesmo força propulsora. De nosso ponto de vista, contudo, esse impulso não é suficiente para dar conta da determinação dos processos relacionados – ou mesmo para contar muito da história. Disso é testemunho, uma vez mais, a missão imperial, iniciativa motivada por forças contraditórias cujas consequências diferiram radicalmente dos motivos declarados pelos que nela se envolveram (COMAROFF & COMAROFF, 2010, pág. 44).

O que quero dizer, com tal discussão, é que o afã da celebração excessiva em torno das possibilidades advindas do reconhecimento e representação das identidades subalternizadas – principalmente pelo mercado cultural – não significa exatamente que questões irresolutas estão próximas de serem colocadas em xeque, ou menos ainda que caminhem para um desfecho minimamente digno. Ao longo das discussões deste trabalho, os depoimentos de meus interlocutores, tal qual dos outros exemplos usados, evidenciam esse aspecto que, a despeito de todos os ganhos, os *empoderamentos* e as *representatividades*, tais questões, pontos críticos – cuja origem remontam nosso passado colonial – permanecem uma constante no nosso cotidiano, aportadas de roupagens atuais. O acesso às políticas públicas e privadas no contexto da produção cultural das periferias, cuja potência transformadora é enorme, tem se limitado, muitas vezes, a ser mais um produto exótico – e portanto, com prazo

de validade – quando não, um afago na cabeça, enquanto a justiça de fato não vem. Numa percepção clara sobre o tema, Tennina (2017), afirma:

> As gestões do capital periférico por parte dos organismos estatais e governamentais, como podemos deduzir pelo que foi dito até aqui, embora tenham possibilitado ganhos indiscutíveis para os próprios artistas periféricos, terminaram funcionando também como programas preventivos que parecem substituir uma política de integração em longo prazo. Mais que de integração, portanto trata-se de políticas de inserção, o que se traduz, conforme explica João Camillo Penna (2009, p. 173), em uma medida que "teria um caráter transitório [...], um corretivo de emergência localizado, como substituto de políticas mais gerais, mas, por definição, mais caras, e que por agora até nova ordem o Estado se encontra incapacitado de oferecer". A cultura nesse sentido, assume um papel excessivo nas políticas públicas, já que assume condição de funcionar como solução social em grande escala (TENINNA, 2017, pág. 172)

Numa análise aprofundada e afiada, De Tommasi (2013, 2014a, 2014b, 2016a, 2016b, 2018) (DE TOMMASI & VELAZCO 2013, 2016) (DE TOMMASI & CORROCHANO, 2020) (DE TOMMASI & SILVA 2020) aponta como, a partir da *"cultura de periferia"*, toda uma infraestrutura subjetiva e material, que articula termos como *"representatividade"*, *"empoderamento"*, *"protagonismo"* e *"autonomia"* – ambos veiculados como subjacentes ao "existir" periférico –, em conjunto com a capacitação de indivíduos, a captação de recursos e o *"aproveitamento de oportunidades"* oferecidas pelo mercado e instituições privadas, mediadas pelo poder público, é mobilizada com o discurso de *"combate à pobreza"*. Para além de salientar a proeminência de programas e financiamentos privados, em sua grande maioria estrangeiros, a autora aponta ainda para a origem dos termos como *"empoderamento"*, que são típicos da linguagem empresarial, mas que foram naturalizadas na retórica das populações subalternizadas – como a periférica – e até mesmo no linguajar das esquerdas progressistas. Sobre esse aspecto, as análises da autora vão de encontro com o artigo de Arantes (2004), onde o filósofo faz uma análise crítica da ações do então chamado terceiro setor, discorrendo sobre sua penetração no Estado e na arena pública, tal qual suas sutilezas semânticas e subjetivas, como se pode depreender da seguinte passagem:

> À vista do atual cenário de devastação que o Partido da Ordem [a época, o PSDB] vai deixando no seu rastro, fica difícil não pensar que até a cooperação eventual, quando ocorre, só pode se dar por equívoco. Convergência antagônica? Pode até ser, mas nem por isso menos desnorteante. Daí também a permanente disputa acerca do sentido das palavras, em torno do qual se concentra boa parte da luta política. Não é para menos: de uma hora para a outra "direito" tornou-se privilégio, além do mais em detrimento dos "excluídos"; sujeito de direitos, usuário de serviços; destruição social virou sinônimo progressista de "reforma"; previdência

> social, um mal-entendido num país de imprevidentes crônicos; sindicalismo, crispação corporativista; "cidadania", mera participação numa comunidade qualquer; "solidariedade", filantropia, é claro; bem público, interesses agregados de grupos sociais; desempregado, indivíduo de baixa empregabilidade; "parceria", sempre que a iniciativa privada então com a iniciativa e o poder público com os fundos, etc. De fato, um "espantoso deslizamento semântico" – e a ele voltaremos mais adiante. Por agora reparemos – com perdão da insistência – que esse mundo realmente de ponta-cabeça não obstante é palco de batalhas de interpretação justamente porque os contendores estão empregando as mesmas palavras: se acrescentarmos que com sentidos opostos, estaremos apenas constatando que então o pastiche objetivo da saudosa Dialética – outrora a lógica mesma da emancipação – afinal se completou. Pois então: o novo acervo de noções normativas comuns aos dois campos que se defrontam, alternando implicação mútua e pressão desagregadora sobre os de baixo, permite que o polo dominante – para dar um nome antigo à expressão atual das "classes confortáveis" – se faça literalmente de desentendido, no caso, quanto à referência dos termos cujo sentido está em disputa. O militante da causa perdida das camadas supérfluas fará assim, nessa desconexão entre as palavras e as coisas, a experiência da famigerada arrogância dos atuais donos do mundo. Quem não ouviu essa voz diária da razão: vocês não estão entendendo nada quando falamos de "direitos", "reformas", etc., fomos mal compreendidos, o que é natural, dada a complexidade da nova ordem mundial, por isso vamos, didaticamente, explicar tudo de novo, até que vocês compreendam o que de qualquer forma lhes irá suceder, queiram ou não. Nessas condições, como orientar o pensamento e a vontade política na direção de uma "articulação democrática entre poder e direito", se no outro campo também se utiliza a argamassa dos "direitos da cidadania" para cimentar a aliança entre poder e dinheiro? (ARANTES, 2004, p. 178/179).

Cabe aqui assinalar que, dentro da análise dos dois autores, toda essa readequação tanto semântica como subjetiva que inferem enormemente na materialidade – e que também fazem parte do lastro da agência, como vimos anteriormente – só pode acontecer a partir do Estado. É este que vai se encarregar da *"organização e da articulação das massas"* para as ações cidadãs das empresas e demais agentes filantrópicos preocupados com *"o social"*; que vai *"organizar os fundos públicos para as iniciativas privadas"* em nome da cidadania e da gestão do social. Mais uma vez, fazendo uma analogia ao futebol, *o Estado é o armador, enquanto a iniciativa privada é o artilheiro, que faz o gol*. No entanto, tal qual o futebol moderno, quem ganha não é o time como um todo, mas sim o artilheiro de destaque, que cada vez mais aumenta seu passe.

Desta forma, faço aqui um paralelo com a comunicação (que em breve se tornará um artigo) de Déus e Bendo, intitulada *"Políticas de ações afirmativas e combate ao racismo estrutural à luz do debate sobre 'antirracismos'"* (2023). Realizo tal relação, não só porque a mesma pode nos ensinar algo valioso, mas também por entender que no contexto brasileiro, as relações raciais e as periferias estão imbricadas desde o início. E mais: as periferias são

herdeiras diretas dos quilombos. Afinal, como dizia a canção, *Antigamente Quilombos, hoje Periferias* (Z'AFRICA BRASIL, 2002). Na comunicação, os autores fazem um levantamento bibliográfico sobre a construção de raça, seus desdobramentos e o surgimento do antirracismo. Assim, relacionam tais questões com a particularidade brasileira e o momento atual, em que, como vimos, o neoliberalismo busca ressignificar tudo de acordo com seus interesses. E os autores não têm ilusões: demonstram muito bem os limites liberais das ações afirmativas, tal qual o imperativo de suas implementações. No entanto, nos deixam uma ressalva:

> As ações afirmativas podem contribuir no combate do racismo estrutural, mas por si só não vai combatê-lo. Para que elas continuem a produzir efeitos positivos rumo ao desmantelamento do racismo estrutural, precisam ter vigilância ética e comprometimento político para limitar a possibilidade de que elas passem a ser transformadas em políticas (neo)liberais acentuadas apenas na competitividade e representatividade. Tal vigilância possibilitará também perceber como o racismo muda de fisionomia conforme avançamos nas críticas e nas políticas de combate ao racismo. Frantz Fanon (2001 [1964]), em racismo e cultura, já alertava sobre o dinamismo e a mudança constante da fisionomia do racismo. Não se pode limitar a observar e contemplar apenas as mudanças positivas individuais e/ou coletivos propiciados pelas ações afirmativas, mas também é necessário observar como essas ações transformam o próprio racismo para assegurar sua permanência. O racismo numa sociedade racista quando é expulso pela porta, volta pela janela (DÉUS & BENDO, 2023, pág. 15)

Por fim, mas não menos importante, muito pelo contrário, há um ponto que não fica totalmente evidente nas análises anteriores. O Estado ora imputa à produção cultural das periferias papéis que este deveria cumprir (TENNINA, 2017), ora capacita os jovens produtores culturais das periferias, também para gerir a pobreza (DE TOMMASI & VELAZCO, 2016) e lançar esses jovens à precarização (DE TOMMASI, 2016a; 2016b), ou, ainda, envolve esses produtores culturais num campo escorregadio da semântica neoliberal, ao importar e inserir no cotidiano conceitos empresariais aplicados à arena pública e ao *self* (ARANTES, 2004), (DE TOMMASI & VELAZCO 2013, 2016). Loïc Wacquant aporta um ponto crucial para esta pesquisa. Ao analisar o que denomina como *"'neoliberalismo' realmente existente"* (WACQUANT, 2012, pág. 505), o autor discorre sobre aquilo que diferencia o neoliberalismo do liberalismo e como a *"antropologia do neoliberalismo se polarizou entre um modelo econômico hegemônico, ancorado por variantes do domínio de mercado, e uma abordagem rebelde, alimentada por derivações da noção foucaultiana de governamentalidade"* (WACQUANT, 2012, p. 505). Segundo o autor, *"essas duas*

concepções convergem para obscurecer o que é 'neo' no neoliberalismo, a saber, a reengenharia e a reestruturação do Estado como principal agência que conforma ativamente as subjetividades, as relações sociais e as representações coletivas apropriadas a tornar a ficção dos mercados real e relevante" (WACQUANT, 2012, p. 507). Dito isto, o autor propõe:

> (...) traçar uma via média entre esses dois polos, uma via que reconheça – desde a sua incubação intelectual pelo Colóquio Lippman em Paris, em 1938, e o "coletivo de pensamento" transnacional ancorado pela Société du Mont-Pélerin após 1947 (Denord, 2007), até suas várias encarnações históricas durante as últimas décadas do século XX, e a sua reafirmação paradoxal após a crise financeira de 2008 – que o "neoliberalismo sempre foi um projeto em aberto, plural e adaptável" (Peck, 2008, p. 3), mas que, todavia, possui um núcleo institucional que o torna distinto e reconhecível. Esse núcleo consiste numa articulação entre Estado, mercado e cidadania que aparelha o primeiro para impor a marca do segundo à terceira. São essas três instituições que devem ser consideradas no nosso âmbito analítico. Discordo das concepções de neoliberalismo centradas no mercado, pois priorizo meios (políticos) sobre fins (econômicos), mas renuncio à perspectiva da governamentalidade, pois priorizo a reestruturação do Estado às tecnologias e à lógica não estatal; meu foco é saber como o Estado efetivamente redesenha as fronteiras e o caráter da cidadania através de suas políticas adaptadas ao mercado (WACQUANT, 2012, p. 509/510).

De tal perspectiva, é possível entender então que o Estado não foi corroído pelo neoliberalismo, mas sim que o Estado é parte ativa do projeto neoliberal. Dito isto, o autor elenca três teses para explanar sua proposta: a) *O neoliberalismo não é um projeto econômico, mas sim político; ele envolve não o desmantelamento do Estado, mas a sua reengenharia;* b) *O neoliberalismo implica uma propensão para a direita do campo burocrático e engendra um Estado-centauro;* e c) *O crescimento e a glorificação do braço penal do Estado constituem um componente essencial do Leviatã neoliberal*. Não cabe aqui discorrer sobre cada uma delas, mas no âmbito desta pesquisa a segunda tese, de que o neoliberalismo é propenso à direita e cria um Estado sob essas determinações, vale a pena ser discutida. Lançando mão do conceito de *campo burocrático* de Bourdieu (1994), o autor afirma que:

> (...) "o Estado" não é um monólito, um ator coerente (opere ele autonomamente ou como um servo diligente dos dominantes), nem uma alavanca única, sujeita a ser capturada por interesses específicos ou movimentos emergentes da sociedade civil. Pelo contrário, ele é um espaço de forças e de lutas sobre o contorno, as prerrogativas e as prioridades da autoridade pública, e, em particular, sobre os "problemas sociais" que merecem sua atenção e como eles devem ser tratados (WACQUANT, 2012, p. 511/512).

Ademais, ainda a partir de Bourdieu (1994), Wacquant reitera que a formação do Estado contemporâneo é perpassada por duas batalhas internas, correspondentes às tensões e disputas existentes no corpo social: uma é a *batalha vertical*, entre opressores e oprimidos, que antagoniza o alto escalação do Estado – composto de entusiastas das políticas neoliberais e da *mercatização* da vida – ao baixo escalão estatal, o executivo – estes, que advogam a preservação da burocracia pública; a outra é a *batalha horizontal*, que envolve a disputa entre duas variantes de capital, que competem pela hegemonia interna, a saber, *a econômica e a cultural*. A primeira, representando a *mão direita do Estado*, se responsabiliza pelas restrições fiscais e a imposição do mercado; a segunda, defende as minorias despossuídas de capital econômico e cultural, simbolizando a ala social, a *mão esquerda do Estado*. O autor então afirma que *"[u]sando esse esquema, pode-se fazer um diagrama do neoliberalismo como o vaivém sistemático das prioridades e ações estatais da mão esquerda para a mão direita, isto é, do polo protetor (feminino e coletivizante) para o polo disciplinador (masculino e individualizante) do campo burocrático"* (WACQUANT, 2012, pág. 512). E é desse vaivém sistemático que deriva a predisposição *direitizante* do Estado, segundo Wacquant (2012). Para o autor, isso acontece sistematicamente de duas maneiras complementares que, no entender desta pesquisa, revela o caráter político e ideológico do Estado:

> (i) a transferência de recursos, programas e populações da ala social para a ala penal do Estado (como ocorre quando pacientes doentes são "desinstitucionalizados" com o fechamento de hospitais e "reinstitucionalizados" em cadeias e prisões depois de transitarem como sem-teto); (ii) a colonização da assistência social, da saúde, da educação, da habitação de baixa renda, dos serviços de assistência à infância, etc. por técnicas panópticas e disciplinares e pelos tropos da mão direita (como ocorre quando os hospitais privilegiam as preocupações orçamentárias sobre as médicas em sua organização interna e quando as escolas colocam a redução da evasão juvenil e da violência em sala de aula à frente da pedagogia, contratando seguranças em vez de psicólogos). Essa dupla inclinação direitizante da estrutura e das políticas do Estado não é, enfaticamente, produto de algum imperativo sistêmico misterioso ou de necessidade funcional irresistível; trata-se do resultado (estruturalmente condicionado, mas historicamente contingente) de lutas materiais e simbólicas, travadas dentro e fora do campo burocrático, sobre as responsabilidades e modalidades de operação da autoridade pública (WACQUANT, 2012, p. 512).

Busquei, neste capítulo, refletir sobre o, provavelmente, tema mais candente desta pesquisa, que é entender o meio em que a produção cultural das periferias se encontra, refletindo sobre seus paradoxos, contextos, dinâmicas, modos e possibilidades de ação. Para tanto, a fim de trazer uma perspectiva mais ampla, lancei mão não só de eventos e depoimentos que colhi em campo, como também de situações que acompanhei – ainda que virtualmente – relacionadas ao fazer cultural, político e ideológico nas periferias de São Paulo. Entre essencializações por vezes positivas, celebradas em diversos trabalhos acadêmicos e em diversas parcerias públicas e privadas, mercadológicas de antemão, que evidenciam o progresso, o poder de agência e transformação das periferias, como se a justiça social estivesse à um projeto, à uma apresentação, à um financiamento de distância; e essencializações negativas, que mais uma vez, punem os pobres, os marginais e toda sorte de condenados da terra, como os únicos e principais responsáveis pela sua miséria, optei por uma análise mais realista e menos dissimulada disso que, em tom de brincadeira com o *"giro decolonial"*, chamei de *"giro neoliberal"* nas periferias. Ainda que esta análise possa encontrar um tom um tanto pessimista em algumas leituras, afirmo que se trata apenas de um caso de *"pessimismo da inteligência, otimismo da vontade"* (GRAMSCI, 1920, sem paginação). Longe de propor uma análise definitiva para compreender todas as nuances desta questão, tentei contribuir para o debate, que está longe de ter um fim. Por fim, finalizo este capítulo com um excerto do livro *Planeta Favela*, de Mike Davis (2006), onde podemos perceber a amplitude das questões tratadas aqui, num nível internacional:

> Em um influente artigo intitulado "Geopolitics and Urban Armed Conflict in Latin America" [Geopolítica e conflito armado urbano na América Latina], escrito em meados da década de 1990, Geoffrey Demarest, importante pesquisador de Fort Leavenworth, propôs um estranho elenco de "atores anti-Estado", como "anarquistas psicopatas", criminosos, oportunistas cínicos, lunáticos revolucionários líderes trabalhistas, nativos étnicos e especuladores imobiliários. No fim, contudo, acabou ficando com os "despossuídos" em geral e o "crime organizado" em particular. Além de defender o uso de ferramentas de pesquisa emprestadas da arquitetura e do urbanismo para ajudar a prever a subversão futura, Demarest acrescentou que "as forças de segurança deveriam abordar o fenômeno sociológico das populações excluídas". Estava especialmente preocupado com "a psicologia da criança abandonada", já que acredita, junto com muitos defensores da teoria do crime chamada de "inchaço da juventude", que as crianças faveladas são a arma secreta das forças antiestatais". Em resumo, as melhores cabeças do Pentágono ousaram aventurar-se aonde a maioria dos personagens das Nações Unidas, do Banco Mundial e do Departamento de Estado tem medo de ir: descendo a estrada que parte logicamente da abdicação da reforma urbana. Como no passado, essa é uma "rua sem alegria" e, com efeito, os combatentes adolescentes desempregados do Exército Mahdi da Cidade Sadr de Bagdá, uma das maiores favelas do mundo, provocam os ocupantes norte-americanos com a promessa de que

> sua principal avenida será a “rua Vietnã”. Mas os projetistas da guerra não recuam. Com o sangue-frio da lucidez, afirmam hoje que as “cidades fracassadas e ferozes” do Terceiro Mundo, principalmente os seus arredores favelados, serão o campo de batalha que distinguirá o século XXI. A doutrina do Pentágono está sendo reconfigurada nessa linha para sustentar uma guerra mundial de baixa intensidade e duração limitada contra segmentos criminalizados dos pobres urbanos. Esse é o verdadeiro “choque de civilizações”. (DAVIS, 2006, pág. 204/205)

CAPÍTULO IV

A ECONOMIA DA CULTURA E A CULTURA DA ECONOMIA NA PRODUÇÃO CULTURAL DAS PERIFERIAS

"Como pode a propaganda ser a alma do negócio, (diz)
Se esse negócio que engana não tem alma? (é)
Vendam, comprem
Você é a alma do negócio".
(Propaganda, Nação Zumbi, 2002)

Neste capítulo pretendo desdobrar questões anunciadas no capítulo anterior e discutir a polissemia de interpretações sobre empreendedorismo e mercado cultural, seus sentidos e impactos, a partir da visão de meus interlocutores, relacionando-as com uma bibliografia pertinente, a fim de entender como estes termos e seus sentidos estão sendo mobilizados nas periferias. O interesse em discutir tais temas diz respeito ao atual momento das periferias onde – tanto por conta de uma desestruturação do mundo do trabalho, com faltas de oportunidades de emprego, como por uma promoção no mercado de bens simbólicos da cultura de periferia – muitos de seus produtores culturais vêm agregando, em seus discursos, uma visão empreendedora, de negócio, em que, como venho tentando mostrar, essa visão vem substituindo o caráter antissistêmico de boa parte dessa mobilização das periferias. Em São Paulo, tal visão alcançou ainda mais visibilidade e repercussão durante a pandemia da COVID-19 a partir da atuação de grupos como o G10 Favelas, CUFA e Gerando Falcões. No entanto, como aponta De Tommasi (2013; 2014a; 2014b; 2016a; 2016b; 2016c; 2020a; 2020b), a lógica empreendedora aplicada às políticas públicas nas periferias – inclusive na área da cultura – precede a pandemia em muito, em especial no Rio de Janeiro, e remete à criação de políticas públicas destinadas para as populações pobres e periféricas da África e da América Latina, gestadas pelo FMI e o Banco Mundial. Tal tese também é apontada por Davis (2006), Reyes (2013) e Yúdice (2006). Nesse aspecto, o citado bairro do Grajaú

apresenta um exemplo interessante, com as atividades de impacto social realizadas por coletivos locais[150].

Como dito no capítulo anterior, foi a citada matéria da revista Veja que me despertou o interesse em entender as dinâmicas do empreendedorismo cultural nas periferias. A partir dessa matéria, comecei não só a buscar por mais referências nas redes sociais sobre o tema, como passei a seguir diversos produtores culturais das periferias, além dos que já acompanhava, em redes sociais como Facebook, Youtube, Instagram, X (antigo Tweeter) e Threads (no caso destes dois últimos, abri uma conta por incentivo de uma professora – Ana Claudia Chaves Teixeira, da Ciência Política –, e de uma colega, também da Ciência Política, Juliana Lobo). Em meio a tantas matérias que envolviam o protagonismo das periferias, principalmente na área da cultura, desde o final dos anos 2010, o empreendedorismo vem ganhando rapidamente as manchetes. Surgiram grupos e indivíduos relacionando sua produção cultural ao termo como também o oposto, iniciativas comerciais locais, como bares, cafés, grifes e salões de beleza, que agregaram a seus produtos um viés cultural sob o adjetivo-logomarca *"periferia"* (COSTA, 2022). Parte significativa dessas iniciativas estão ligadas a figuras envolvidas com a cultura de alguma maneira, como é o caso do *Graja Beer Pub*[151], localizado no distrito do Grajaú, onde um de seus sócios fundadores, além de rapper e músico, é arte-educador e articulador cultural; e o próprio Café da Mata, capitaneado por Jai e sua família, em articulação com os produtores de orgânicos locais e ativistas culturais.

Dentre as matérias nas redes sociais que eu acompanhava, muitas delas (disponíveis em notas de rodapé na introdução e nos capítulos da dissertação) tratavam tanto a Ecoativa como o Imargem (ambos coletivos culturais do Grajaú) como exemplos de empreendedorismo. No entanto, durante as entrevistas realizadas com integrantes desses grupos, senti certa resistência em tratar do tema, e mais ainda em aprofundá-lo. Ainda assim, pude apreender algo. A identificação destes coletivos com um processo de associação de liberalismo e cultura, por si só já significa muitas coisas importantes de considerar. Entretanto, estas questões pareciam que que ficariam sem lastro etnográfico, já que por conta

---

[150] "GRAJAIMPACTO - Conheça o Salve Selva e o Nóis por Nóis e saiba mais sobre os negócios de impacto no Grajaú". Aupa (19/02/2020): https://aupa.com.br/grajaimpacto/. Acesso em: 02/02/2024.

[151] "Negócios da quebrada fortalecem setor de cervejas artesanais nas periferias". Desenrola e não me enrola (30/03/2023): https://desenrolaenaomenrola.com.br/territorios-criativos/negocios-da-quebrada-fortalecem-setor-de-cervejas-artesanais-nas-periferias/. Acesso em: 18/02/2024.

da pandemia, pude acompanhar apenas uma atividade do *turismo de base comunitária* realizada por ambos os coletivos, ademais de uma atividade gratuita, destinada ao público local. Assim, meu campo se limitou a um evento de três dias, gratuito, com a comunidade local e um evento turístico mais básico – um passeio de bicicleta, até o Mirante do Bororé – com o Balsaturismo. Dito isto, no caso especial destes dois grupos – sobre os quais possuo menos material e tempo de acompanhamento – minha reflexão se dará sobretudo partir destes outros materiais midiáticos. Por outro lado, algo poderá ser discutido À partir das minhas pesquisas com meus antigos interlocutores –, os coletivos Perifatividade e Poesia na Brasa – que já acompanho desde 2016.

Com meus antigos interlocutores a discussão sobre empreendedorismo e cultura como geração de renda, possui uma dinâmica particular. Apesar da produção de bens materiais destes grupos – em que a publicação e circulação de livros possui maior destaque, seguido por camisetas e bonés com seus respectivos logotipos –, a preocupação com a geração de renda não se coloca como um dos elementos centrais de sua atuação. Tanto para o Perifatividade como para o Poesia da Brasa, sua organicidade e construção política e cultural, e também ideológica, mais alinhada aos movimentos populares de base, se coloca como mais importante. Ainda assim, a questão da distribuição de recursos financeiros se coloca, como veremos, de distintas maneiras, seja na distribuição e circulação de mercadorias, seja na distribuição de renda local, através dos financiamentos granjeados por estes grupos. Começarei com uma discussão em torno dos coletivos Ecoativa e Imargem, por estarem interligados diretamente e no mesmo território, para depois abordar o tema no caso do Perifatividade e, por fim, no caso do Poesia na Brasa.

Cabe frisar, ainda, que a pandemia de Covid-19 teve um impacto importante na questão da geração de renda e da sobrevivência nas periferias. Nesse momento, o discurso do empreendedorismo alcança um auge até então nunca visto nas periferias de São Paulo, com matérias sobre o tema, trabalhos acadêmicos que tratam do assunto e o crescimento da atuação de grupos dedicados aos negócios de impacto social nas periferias e favelas como o G10 Favelas, o Gerando Falcões e a já citada CUFA, trazendo novos contornos para a questão do empreendedorismo cultural.

O turismo Ecoativo na Imargem

Iniciarei a discussão por um ponto *sui generis* – como diria um professor de sociologia com quem tive aula na universidade – que percebi em campo, a partir de um depoimento em entrevista. Jai, da Ecoativa, ao ser questionado sobre sua opinião acerca do empreendedorismo, me elencou uma série de afirmações, sempre reiterando que o coletivo não era uma fonte de renda e sim um fomentador de renda comunitária e popular. No entanto, nem na entrevista e muito menos nas atividades que acompanhei, pude perceber outras pessoas, além do círculo de pessoas ao redor da Ecoativa, que se beneficiassem da renda gerada ali, naquele passeio. Não que isso por si só, já não configurasse uma distribuição de renda local, mas não consegui identificar se os recursos gerados das atividades do grupo eram destinados para algo além da manutenção do mesmo, atingindo também a população para além do coletivo, ou para algum projeto com a escola, ou então para alguma horta comunitária ou algum outro projeto local que não aquele coordenado pela Ecoativa. É importante lembrar que durante boa parte do mestrado a casa estava fechada em razão da pandemia. Mesmo assim, em diversas ações citadas em entrevistas o sujeito final, se assim podemos dizer, não aparecia. Ou seja, o público-alvo da renda permanecia relativamente pouco definido. Muito genericamente – durante a entrevista realizada no Café da Mata, como citado, em meio a uma tarde movimentada, onde Jai e sua companheira estavam trabalhando –, este me respondeu que com o dinheiro de visitações pagas, geralmente por parte de instituições privadas como a rede Sesc e escolas particulares, a Ecoativa cobria atividades com escolas públicas que não podiam pagar. Tal fato é corroborado por Tim, do Imargem.

> A gente já recebeu trinta molecada colhendo mandioca da horta, ralando a mandioca e fazendo a própria tapioca! Escola construtivista, já veio Escola da Vila, Colégio Ítaca, Equipe, CEP [Colégio Evangélico Panambi] Panambi... escolas particulares. E da rede de escolas públicas, muitas! EMEI [Escolas Municipais de Educação Infantil], EMEF [Escolas Municipais de Ensino Fundamental], CEI [Centros de Educação Infantil], CEMEI [Centros Municipais de Educação Infantil], CCA [Centros para Crianças e Adolescentes] ... O público, escola pública, universidade pública, não paga nada. A gente conseguia receber. E fazia os *"jobs"*[trabalhos], quando era remunerado, pra poder receber [essas escolas]. SESC que pagava, escola que... Escola que gera receita, a gente quer receber. Se você mercantiliza educação, a gente também mercantiliza. Escola pública, a gente recebe [gratuitamente]. É só marcar. (Jaison Pongiluppi Lara, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 30/05/2021)

> (...) a gente, desde o princípio, seja no Imargem ou na Ecoativa, acho que a gente teve uma coisa assim, que era de fazer... *"Meu, beleza a gente recebeu a escola Lourenço Castanho, que é particular, e eles pagaram, a gente vai deixar um caixa para a gente poder receber a escola aqui da comunidade, ou pra gente fazer um Ecoativa de Férias"*. A gente começou a estabelecer, a fazer caixas, né? Sei lá, algumas pessoas podem até entender como caixa dois, né? Mas era isso. Mas isso é uma coisa curiosa, interessante. Muitas pessoas acham *"ah, vocês estão recebendo mó grana!"* Mano, a gente deixava de receber às vezes, pra deixar o dinheiro em caixa, pra poder fazer uma outra atividade e bancar a alimentação e tal... Então a gente começou a fazer economia; pensar a ideia de economia. *"Meu, esse projeto tem recurso e o outro não tem recurso? Então vamo pegar desse dinheiro que tem recurso e vamos fazer com que aconteça o que não tem recurso"*. Isso eu acho que foi uma jogada inteligente. Foi uma visão, eu acho, que foi muito inteligente. A gente falou *"meu, a gente tem que fazer* [receber as escolas públicas] *de qualquer jeito!"* (Wellington "Tim" Neri em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 06/06/2021).

Ainda assim, durante meu trabalho de campo, não foi possível compreender *in loco* os impactos dessas proposições dos coletivos de modo mais substancial, e nem como a renda era distribuída entre os próprios integrantes. Entretanto, ao mesmo tempo, Jai se referia ao turismo de base comunitária que tem diversos roteiros – educacionais, culturais, gastronômicos, náuticos, relativos à atividades de trekking e afins – como resultado das parcerias com o SESC. Em sua narrativa, era como se a partir desse momento, com o primeiro projeto, eles percebessem o potencial da região para o turismo. Daí, a busca por parcerias nesse sentido e a organização das vivências e visitações para pessoas de fora da região, principalmente. Para tanto, houve uma necessidade de se especializar e diversificar e articular as parcerias, como manter o diálogo com os setores públicos, privados e a sociedade civil, como aponta Jai:

> (...) Rola mais editais na linha da cultura. É muito difícil conseguir na linha de meio ambiente, que a gente tem uma forte atuação. Então o FEMA nem foi a Ecoativa que conseguiu, foi o Imargem [que conseguiu] um tempo atrás. [Então] a gente consegue poucos editais do meio ambiente e mais na cena cultural. Mais PROAC, VAI, e poderia ser mais mano, poderia ser mais. Parece que a gente tem um poder muito grande nessa coisa de sistematizar projetos, escrever, que é novo para todo mundo. Imagina, a gente junta, começa a escrever, passa em alguns, não é em todos... Então tem lá uma média pra escrever uns três pra passar um. Mas como a gente intensificou muito os projetos, começou a virar mesmo, mano! Virou uma "produça!" A Ecoativa virou um lugar dos coletivos se encontrarem, de ter projetos. Ter coisas com a escola, ter sarau... E a gente não era difícil tocar dois projetos, dois editais juntos. Então a gente já pegou PROAC e VAI e Lei de Fomento. Já teve anos com dois projetos. E recebia, e tinha doze pessoas no projeto. Era muito rico mano, irradiava coisas... A gente brigava com a programação do Centro Cultural Grajaú, que tem verba. (...) Então as

> ocupas culturais fazem muita coisa... Fazem muita coisa com o orçamento baixo. Então.... aí conseguia os "Jobs" [trabalhos], conseguia, projetos de aceleração, essa coisa do empreendedorismo... Tem que tomar muito cuidado com essa cena do empreendedorismo, que o capitalismo, ele coopta, pinta de verde, pinta... Você sai dele... É muito louco, né? Porque é um braço, né? Você sai dele, fica bonitinho, e é quando ele exatamente quer isso mesmo, que ele te pega de novo! Dá a rasteira. Mas temos um projeto de aceleração e a gente tudo, sempre se questionou. A Ecoativa não é um negócio social, não é um negócio. A Ecoativa é um movimento social... (Jaison Pongiluppi Lara, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 30/05/2021).

Vale lembrar que durante a existência do sarau de cordas na Ecoativa – projeto que não existe mais – comerciantes locais, em sua maioria também produtores culturais, montavam tendas para a venda de produtos artesanais, de vestuário e alimentícios, como dito por Luciana, no capítulo 1 (Item 2). Entretanto, é preciso dizer que isso era insuficiente, como a própria Luciana aponta em seu depoimento, ao afirmar que fazia muita coisa e na maioria das vezes, *não tinha nem cinco reais no bolso*. Ao mesmo tempo, é peculiar perceber que embora haja um discurso de representatividade, de empoderamento, sustentabilidade e autossuficiência, os integrantes da casa parecem sempre estarem circulando em outros grupos, com outros projetos e a Casa Ecoativa fica funcionando mesmo como um centro aglutinador, mas que segue se situando na precariedade – embora diferente daquela de seu início – em que a realização de cada atividade parece acontecer mediante a proposição de Jai, o principal articulador e liderança da casa, com uma participação mais efêmera dos outros integrantes.

Ainda sobre a reverberação econômica no bairro, muitas coisas aconteceram e acontecem em paralelo à Ecoativa. Principalmente enquanto a casa se manteve fechada. Como os moradores locais sempre tiveram a ilha como uma espécie de espaço de lazer, levando as famílias para pescar e até mesmo nadar na represa, as margens da ilha foram tomadas com o tempo, por uma estrutura informal de ambulantes, tanto "nômades" – circulando pela balsa e pelas margens da represa, vendendo desde água, até bebidas alcoólicas e alimentos – como "fixos" – estes, com pequenas biroscas nas margens dos últimos 500 metros antes da travessia da balsa. Vale lembrar que, nesse meio de biroscas, há grandes bares que margeiam a represa, numa grande extensão de área, com estacionamento e atrações musicais como forró, tecnobrega, pisadinha, funk e afins. É curioso perceber também que, diferentemente dos bares onde circulei, acompanhando os saraus, esses públicos não se misturam, o que denota que tal qual outros coletivos que acompanhei, a Ecoativa

dialoga com um perfil específico dentro da periferia. Daí, minha suspeição de que a renda gerada circule também num meio mais restrito a essas pessoas, já envolvidas com a cultura.

Dito isto, se pode depreender que já existia um circuito local de turismo, ou ao menos de circulação de pessoas consumindo bens e cultura locais, e que o turismo de base comunitária realizado pelos coletivos Imargem e Ecoativa, além de ser mais um, e que abrange uma parte mais intelectualizada na região, também é um rearranjo das possibilidades locais já existentes. Um rearranjo sob a recém visibilidade da marca da *"cultura de periferia"* no mercado cultural, que se acoplou ao circuito local, também fazendo uso da linguagem da representatividade oriunda do mundo dos negócios, como já dito anteriormente. A esta ascensão do empreendedorismo, soma-se também o fato de que o ex-prefeito João Dória, cuja campanha eleitoral o enaltecia como "um gestor e não um político"[152] e como um grande empresário, propulsor da difusão do empreendedorismo[153], tornou-se também personagem importante desta trama, neste contexto, representando o poder público, mas também o setor "empreendedor" nesta nova política.

[152] "João Doria promete ser 'gestor' para São Paulo em sua posse" Portal G1 (02/01/2017): https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2017/01/joao-doria-promete-ser-gestor-para-sao-paulo-em-sua-posse.html. Acesso em: 18/02/2024.

[153] "As promessas de João Doria para o empreendedorismo em SP". Exame (03/10/2016): https://exame.com/pme/as-promessas-de-joao-doria-para-o-empreendedorismo-em-sp/. Acesso em: 18/02/2024.

Divulgação de curso oferecido na Ecoativa. Fonte: Facebook

Como citado anteriormente, apesar da caracterização dos coletivos Ecoativa e Imargem como empreendedores por parte da imprensa e como denominados em redes sociais do gênero, além das respostas um tanto evasivas (ou mesmo expressando negação quanto à possibilidade de caracterizar suas atividades como empreendedorismo) nas entrevistas para esta pesquisa, é interessante perceber como estes atores formulam estas questões a partir dessa ambiguidade. Luciana, por exemplo, foi a única entrevistada que não hesitou em falar sobre o tema, já se assumindo como empreendedora, como citado no item dois do capítulo I.

Em suas palavras, o empreendedorismo no Grajaú acontece principalmente, por algumas razões:

> É uma efervescência, sabe? Acho que a gente pode usar esse termo. Essa questão do empreendedorismo, acho que o que empurra muito o Graja pra empreender é a questão de sobrevivência. Acho que é isso. O que a gente aprendeu, por exemplo, na Unigraja – vou usar isso como exemplo nessa resposta. A gente saiu na rua com uma pesquisa do Periferia em Movimento e perguntou para as pessoas. Saímos em vários grupos e perguntamos, os alunos [perguntaram] o que você sabe fazer? "Ah, não sei fazer nada. Eu não tenho nem a quarta série, não sei o que..." Isso, com algumas pessoas mais idosas. Só que essas pessoas, elas não tinha um certificado de uma escola, de uma universidade... Mas, mano, tinha uma vivência de quebrada - que era manicure, cabeleireiro, chaveiro - que eles eram autodidatas, várias coisas que eles faziam por eles mesmos, já desenrolavam. Fora as expertises! Confeiteiro, boleiro... E que a gente conseguiu com essa pesquisa, fazer eles entenderem, é... que a vivência de quebrada que eles tinham, a experiência, ela conta tanto quanto um certificado, quanto um diploma. Acho que andar dentro da sua quebrada... (...) Acho que todo esse processo de enxergar a quebrada, e hoje, quando você me pergunta da questão do empreendedorismo, eu posso te falar que é uma questão de sobrevivência com as suas próprias expertises. Por exemplo, tem um bairro aqui chamado Monte Verde, que é uma Paraisópolis, mano. (...) Então eu posso te falar que o Grajaú, ele tem uma independência, uma autonomia de se gerir sabe dentro do que ele faz. Ali [no Jardim Monte Verde], as pessoas não saem dali, as pessoas têm tudo! Ali tem tudo! (...) Ali em baixo tem tudo! Os preços das casas de aluguel ali, elas são maiores do que no Grajaú, perto do Extra [localização mais centralizada, na região], porque ali tem tudo. As pessoas, não querem sair de lá. Lá tem tudo. Que louco, né meu? Que visão que a galera tem de favela! Tem uma parte mais carente sim, mas meu, tem gente que tem muita visão, muita gente trabalhadora... E lá, é o seguinte: cada rua tem um dono. Se aprontou, você já nem desce mais lá. Então, eu acho que é muita essa questão da ordem que tem no lugar, da evolução, que os comerciantes sabe que não vai ficar sendo assaltados. Acho que tudo isso faz o bairro evoluir e as pessoas empreenderem (Luciana Aparecida dos Santos, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 27/01/2022).

É interessante observar que, no mesmo período em que a pesquisa citada por Luciana era realizada, em 2019, no mesmo Jardim Monte Verde, acontecia a remoção de 400 famílias[154] pela prefeitura de São Paulo, contrastando com certo aspecto do depoimento de Luciana, ao apresentar as deficiências gritantes do bairro em questão. À época nenhum grupo ou coletivo cultural da região se posicionou ou noticiou o caso, nem mesmo as mídias independentes locais e periféricas, como a Periferia em Movimento[155] e a Agência Mural de

[154] "400 famílias de baixa renda perdem suas casas em ação da Prefeitura de São Paulo". Disparada (02/10/2019): https://disparada.com.br/400-familias-expulsas-bruno-covas/. Acesso em:22/02/2024.

[155] Segundo informações contidas no portal do grupo, "[a] Periferia em Movimento é uma produtora independente de Jornalismo de Quebrada que gera e distribui informação dos extremos ao centro. Fundada em 2009 por jovens jornalistas das periferias da Zona Sul de São Paulo (Aline Rodrigues, Sueli Reis Carneiro e Thiago Borges), a Periferia em Movimento tem

Jornalismo das Periferias [156]. Cito este fato porque o evento, no mínimo, causa um estranhamento às afirmações feitas em entrevistas, sobre a atuação e preocupação com o território, tal qual o fato que ocorreu em minha primeira entrevista com Tim, no Jardim Gaivotas, durante as obras de ampliação do Parque Linear do Cantinho do Céu[157] (bairro também do distrito do Grajaú, vizinho ao Jardim Gaivotas), onde questionado informalmente por mim sobre as remoções feitas para a implementação do parque linear, obtive a resposta de que a prefeitura já estava resolvendo esta questão.

Por fim, mesmo que as relações destes coletivos com o empreendedorismo cultural na região tenham ficado borradas pela ambiguidade das respostas e pelo campo mais voltado para a atuação interna do coletivo, a dissertação de Cecchini (2020) apontou uma ligação direta, em especial no caso da Ecoativa, com uma associação dedicada aos negócios de impacto social. Os negócios de impacto social que, por sua vez, foram criticado por Tim em entrevista para esta pesquisa, tal como apontado neste capítulo, e que Jai, em depoimento, disse que a questão do empreendedorismo é algo que se tem que tomar muito cuidado. Entretanto ele não menciona que a Ecoativa tem seu projeto de aceleração fomentado por uma agência do ramo. A agência em questão é a ANIP (Articuladora de Negócios de Impacto da Periferia) [158] que, segundo matéria do portal Aupa [159] – que é dedicado aos

---

como missão fazer um jornalismo sobre, para e a partir das periferias, em nossa complexidade, para ocupar espaços que sempre nos negaram e garantir o acesso a direitos". Maiores informações em: https://periferiaemmovimento.com.br/quem-somos/. Acesso em:22/02/2024.

[156] De acordo com informações de seu site, a Agência Mural de Jornalismo das Periferias – fundada em 2010 – é "uma agência de notícias, de informação e de inteligência sobre as periferias das cidades da Grande São Paulo, periferias que entendemos como essa área geográfica estendida além do "centro" do poder político-econômico paulistano e que alcança os 38 outros municípios da região metropolitana". Maiores informações em: https://www.agenciamural.org.br/institucional/nossa-historia/. Acesso em:22/02/2024.

[157] "Novo parque linear esbarra em problema habitacional no Grajaú". Agência Mural de Jornalismo das Periferias (27/06/2022): https://www.agenciamural.org.br/novo-parque-linear-no-grajau-esbarra-em-problema-habitacional/. Acesso em: 22/02/2024.

[158] De acordo com informações de seu portal "[a] ANIP - Articuladora de Negócios de Impacto da Periferia vem com a intenção de compreender, articular e mobilizar os atores estratégicos para a consolidação do ecossistema de negócio de impacto da periferia, apoiando uma nova geração de empreendedoras e empreendedores das periferias em estágios diferentes de desenvolvimento. Queremos com essa estratégia proporcionar nos próximos anos diferentes formas de atuar com as empreendedoras e empreendedores das periferias nas mais diversas regiões do Brasil". Maiores informações em: https://www.articuladoranip.com/. Acesso em: 22/02/2024.

[159] De acordo com informações do portal, "[a] Aupa nasceu como veículo jornalístico segmentado em maio de 2018. Sua missão foi produzir uma cobertura crítica do ecossistema de impacto socioambiental e trazer à tona conteúdos relacionados às ações, soluções e transformações socioambientais no Brasil e no mundo. Suas reportagens abriram espaço para diferentes representantes do setor e deram visibilidade a emergente agenda de negócios de impacto". Maiores informações em: https://aupa.com.br/sobre-aupa/. Acesso em: 22/02/2024.

empreendedorismo e a aos negócios de impacto social – é uma junção do coletivo A Banca[160], a Artemísia[161] e FGVcenn (Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios)[162], mas que funciona como um braço da Fundação Artemísia nas periferias. De acordo com a matéria, e com a pesquisa de Cecchini (2020), a Ecoativa participou da primeira turma de aceleração da ANIP, juntamente com outros empreendedores, como o escritor Ferréz. Como exemplo da complexidade desta questão, cabe aqui replicar o trecho da matéria, que conta com o depoimento de Jai, sobre sua participação no projeto de aceleração da ANIP, publicada pela AUPA. A matéria é intitulada *Aceleradora Negócios de Impacto Periférico: a parceria que fez nascer a ANIP*:

> (...) Para o permacultor e educador, Jaison Pongiluppi, articulador cultural da Ecoativa, o processo foi bastante intenso e cada processo da aceleração fez muito sentido para o momento que a equipe estava vivendo. "Tivemos o envolvimento de todos no grupo. Nós nos debruçamos nos exercícios que tínhamos para fazer, pensamos nos modelos de negócio e participamos 100% de todas as atividades", recorda. ("Aceleradora Negócios de Impacto Periférico: a parceria que fez nascer a ANIP". AUPA, 13/08/2018)

A economia perifativa

O Perifatividade no que tange a economia, tem como seu principal produto a produção de livros. Ao longo de seus 14 anos de existência, o coletivo já publicou oito livros: três antologias do sarau, quatro antologias do projeto Perifatividade nas escolas (com alunos do ensino médio das escolas públicas do fundão do Ipiranga) e, recentemente, foi produzida a quarta antologia, intitulada *Jogo de Letras*, com os times de várzea da região que

[160] De acordo com informações de seu site, a Banca é "um negócio social que acredita na força e potência que existe na periferia. Realizamos projetos, fazemos negócios com propósito social, fomentamos o ecossistema da música, cultura Hip Hop e do empreendedorismo social da periferia. Temos paixão pelo que fazemos e sempre trazemos nossos sonhos e lutas como premissa para ações dentro e fora da periferia". Maiores informações em: https://www.abanca.org/quemsomos. Acesso em: 22/02/2024.

[161] De acordo com informações de seu site, "[a] Artemisia é uma organização pioneira na disseminação e no fomento de negócios de impacto social no Brasil". Maiores informações em: https://artemisia.org.br/quemsomos/. Acesso em: 22/02/2024.

[162] De acordo com informações de seu site, "[o] FGVcenn tem a missão de desenvolver uma cultura empreendedora na FGV EAESP, reunindo ao redor do tema pessoas para estudar, gerar e propagar conhecimento multidisciplinar sobre empreendedorismo. Para atingir sua missão, o FGVcenn promove a geração de conhecimento brasileiro sobre empreendedorismo, realizando eventos, workshops, competições sobre plano de negócios, concursos de casos, publicações, cursos, congressos e pesquisas. O FGVcenn parte do princípio de que o empreendedor é o agente da inovação. A inovação exige transformação, tanto da própria empresa, como dos mercados e de todas as pessoas envolvidas". Maiores informações em: https://pesquisa-eaesp.fgv.br/centros-de-estudos/fgvcenn-centro-de-empreendedorismo-e-novos-negocios. Acesso em: 22/02/2024.

participaram da copa organizada pelo coletivo. Ademais, o coletivo de tempos em tempos lança camisetas, moletons e bonés, fazendo referência a sua identificação com o Rap. Tal produção de vestuário, aconteceu principalmente durante o momento em que o coletivo foi contemplado com a primeira edição da Lei de fomento às periferias, no final da gestão do ex-prefeito Haddad (PT), com duração de dois anos (de 2017 a 2019), momento em que também alugaram um espaço, que funcionou como sua sede. Na sede, foi montada uma lojinha na entrada, como antessala do espaço, com um expositor de livros, uma estufa de salgados, uma geladeira com cervejas e refrigerantes e uma arara com camisetas, moletons e bonés. Nas noites de sarau, sempre convidavam Gláucia Dantas (atualmente integrante do coletivo), que sempre estava presente nas atividades do grupo desde antes da existência desta sede, para vender doces e salgados, a fim de ajudá-la com sua renda familiar. No entanto, a geração de renda e muito menos o empreendedorismo, faziam parte do arcabouço discursivo e/ou subjetivo do coletivo. Pelo menos, não de maneira direta.

Cabe dizer, ainda assim, que tais produtos, principalmente a produção de roupas, tinha o intuito de gerar uma renda que os auxiliasse a manter o espaço, após a finalização do fomento, como aconteceu com a venda de livros. As publicações por sua vez, eram feitas em tiragens relativamente altas, pagas por editais como os citados PROAC, VAI e Lei de Fomento às Periferias. Mais do que vendidos, eram distribuídos em equipamentos públicos da região, como CEU's, escolas, telecentros e até para outros coletivos culturais e movimentos sociais. Isso ocorria não de forma intencional, mas também pela dificuldade que o coletivo tinha em fazer circular seus produtos culturais, principalmente na região.

Para além disso, ao acessar os financiamentos, após os gastos com as atividades e seus correlatos – organização de atividades, produção e afins – o grupo fazia uma espécie de partilha do dinheiro recebido, primeiramente entre os integrantes e depois, utilizando-o para a contratação de serviços para as atividades, sobretudo de moradores locais e conhecidos que estivessem desempregados ou precisando de uma ajuda financeira, a fim de que também pudessem *fortalecer o corre* dessas pessoas. Assim o foi durante o funcionamento da sede, onde foram contratados alguns educadores locais para ministrar as aulas de grafitti, de idiomas (inglês e espanhol), de audiovisual, de MC e de defesa pessoal. O mesmo ocorreu durante a Copa de Letras, em que um de seus principais parceiros e ex-integrante, Terno Maciel, líder comunitário do Parque Bristol, extremamente articulado, estava desempregado e foi contratado para fazer o controle da arquibancada e auxiliar os juízes, também contratados

para as partidas de futebol. Terno trouxe consigo um vizinho e seu cunhado, ambos também desempregados, para trabalharem como gandulas durante as partidas de futebol. Cabe reiterar que nada disto me foi dito em entrevistas, mas sobretudo em conversas informais com as próprias pessoas contratadas, durante meu campo e ao longo do tempo em que acompanhei o coletivo.

Livros publicados pelo coletivo Perifatividade. Fonte Facebook

A distribuição de renda dentro do coletivo, com seus integrantes, como ouvi em conversas informais, parece seguir uma hierarquia interna: os proponentes dos projetos recebem um valor maior, como os que escrevem os editais – em ambos os casos Paulo e Ana –, seguindo então para quem realiza alguma oficina ou algo do tipo dentro do âmbito do projeto e, por fim, quem apenas realiza as ações, que recebe menos. Essa estrutura, apesar de se tratar de um coletivo cultural, denota, ainda que indiretamente, não só uma lógica meritocrática, como também uma distinção similar à burocracia estatal ou empresarial, distinguido seus integrantes através de *cargos* dentro do coletivo e criando um tensionamento entre os mesmos, ainda que interdito. Para além da constatação de que o discurso empreendedor, até então, não fazia parte direta da subjetividade e da atuação do Perifatividade, é interessante perceber até onde isso vai, de distintas formas. Uma delas, se exemplifica na perda da sede, após o fim do fomento em 2019. Apesar de estarem conectados

com os editais, os movimentos sociais, a cultura hip hop e até mesmo aos partidos políticos, essa conexão não existia de forma afinada entre os integrantes e nem possuía tanta capilaridade a ponto de formar um público frequentador da sede, impossibilitando que a sede continuasse funcionando após o final do fomento. Muito pelo contrário: a sede permanecia fechada durante a maior parte do tempo, mesmo com um integrante morando nos fundos da casa. Outros integrantes não cumpriam o esquema de revezamento para abrir o espaço e o coletivo como um todo não se mobilizou para fazer os moradores do entorno compreenderem que aquele lugar, era um espaço cultural público, e não privado, como contaram Paulo e Ana:

> Paulo: (...) era isso, né? Seis pessoas que estavam ali, administrando fielmente o espaço do coletivo Perifatividade. Tínhamos o fomento, que conquistamos em 2017, com a luta que nós travamos junto com o movimento cultural das periferias, do qual a gente também estava à frente disso, participando de audiências públicas e lutando por essa política pública, né? E aí assim, a mudança foi um choque pelo fato de a gente querer aquele espaço que alugamos. O espaço demanda dinheiro, tempo, trabalho das pessoas, efetivamente. A gente já tinha uma trajetória de fazer várias ações nas escolas, a qual a gente não conseguiu dar conta, tá ligado - por conta do espaço -, de fazer uma ação a escola mais fudida, mais da hora, mais presencial, porque a gente tinha que estar dando conta do espaço. E a gente se revezava, mano. Só que também tínhamos nossa vida. Porque o fomento apenas nos garantia uma ajuda de custo pela ação cultural que a gente realizava, porque as outras coisas também demandavam a maior parte do recurso: pagamento de aluguel, pagamento das oficinas que a gente tinha, pagamento de divulgação... O pagamento de muita coisa ali que eu, como proponente, eu sempre batia na tecla "Vamos conquistar outros editais! Vamos investir, vamos procurar outras alternativas para manter o espaço e a gente ficar aqui". O que não houve muito de outras pessoas. A Ana sempre bateu na tecla de que "vamos ser institucionalizados", sabe? "Vamos oficializar um CNPJ, seja como OSCIP, como associação, instituição, o caralho, vamo fazer alguma coisa!". E os outros não estavam na mesma pegada. Não tava e tipo...
>
> Ana: Na verdade, sabe o que que eu acho? Que também o espaço começou a gerar conflitos entre a gente. Essa coisa da escala, sabe? Essa coisa de tipo assim, por exemplo, já aconteceu escalado do Ruivo e a porta estar fechada, sendo que a porta devia estar aberta. A gente não sabia por ele, a gente sabia pelas pessoas, que ficavam nos mandando mensagem do tipo "Ô, não era pro espaço estar aberto? Porque eu passei lá e tava fechado...". Eram estudantes que faziam oficina lá, e queriam usar a biblioteca, pô! Tinha as meninas que frequentavam lá pra dançar, porque tinha uma sala de espelho... (...) Mas então, a gente ficava sabendo e isso ficava desgastando.
>
> Paulo: (...) Aí, nas reuniões, saia faísca, mano. Foram duas pessoas, que assim, mais... O fulano problematizava muito as coisas, o porquê... Mano, muita teoria, teoria... "Mas a gente está na prática, mano! Você não está abrindo o portão, caraio! A gente está num círculo de cultura, deixa o pessoal circular!" "Ah, mas eu tenho que fazer minhas coisas!" "Mano, tem, mas a gente tá na escala está na escala, e a escala é a sua, caraio!". Aí, a gente se digladiava nas reuniões, e aí saiu treta. Teve um dia que até saímos na mão, que eu dei um soco nele. (...) a onda tava muito pesada, tava tipo... E o outro fulano também ramelou pra caraio no espaço, né?

> Ana: (...) o João Cláudio também teve essa fita, que tipo não desceu para ninguém e ele não gosta de ser cobrado. Só que tem coisa que não dá, né? A menina tinha vinte e dois anos, mas era uma aluna das aulas dele. "Mano, cadê sua ética, sendo que você é um cara casado?". Ele era um professor que tava trabalhando técnicas de defesa pessoal pras mulheres. Voltadas pras mulheres. E aí rolou essas paradas meio chatas.
>
> Paulo: E mano, no final, que a gente teve que entregar, a casa, não conseguiu recurso, não se institucionalizou, não criou um CNPJ, ninguém tava na pegada, e tava a Ana cobrando, e eu de cabeça quente e aí veio a questão política, da eleição do Bolsonaro... Foi tudo acontecendo em 2018. (...) Então, esse bagulho de institucionalizar, fazer uma associação, se depende de pessoas, mano. Mas se você não tem essas pessoas que estão pensando no mesmo ritmo que você, e tipo querem, e compram a ideia... É um compromisso... Esse não tem mano... é impossível, tá ligado? (Paulo Rams e Ana Fonseca, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 11/09/2021).

A economia em brasa

No Poesia na Brasa, com maior predominância do que no Perifatividade, além da poesia declamada, o produto cultural de maior apelo são os livros. Principalmente as antologias. Em seus dois primeiros anos de existência, o coletivo publicou nove livros, com o primeiro edital do VAI que conseguiu. Depois, mesmo sem nenhum tipo de financiamento público ou privado, seguiu com seu sarau e publicou mais duas antologias, bem como os livros individuais de alguns de seus integrantes, até 2019. Com a contemplação da Lei de fomento às periferias, o coletivo publicou mais três livros: uma nova antologia, um livro de comemoração de treze anos do coletivo e um livro infantil, com ilustração de uma hoje adolescente que, basicamente, cresceu no sarau. Cabe citar que tanto a antologia quanto o livro de comemoração aos treze anos, são de capa dura, *"estilo Cosac & Naify"*, como afirmou Vagner Souza em entrevista para esta pesquisa. No total, o coletivo tem dezoito publicações. Sobre a questão dos financiamentos e as publicações de livros, é interessante refletir sobre o que Vagner diz, nesse trecho:

> Então, no final de 2019, a gente aprovou, na quarta edição da Lei de Fomento das Periferias. Mas o que muda objetivamente? Uma coisa: a gente trampa sem grana? Lógico que a gente trampa. A gente trampa a vida inteira sem grana. Agora com grana, qual que foi a diferença? A gente consegue, por exemplo, remunerar as pessoas melhor. Remunera melhor, não, né? Remunerar! (risos) Quando não tem dinheiro, você faz na raça. Há uma diferença... A gente já fez várias antologias, várias mano. Essa aqui é a quinta [Vagner mostra a recém-lançada antologia do coletivo], mas a gente nunca fez uma antologia com uma qualidade gráfica igual essa aqui, cara! (..) Fazer a porra de um livro de capa dura faz diferença. Esse livro aqui vai durar para um caralho! E aí você fala assim, "mano, só foi possível fazer porque a gente tinha o fomento por trás. Porque a gente sabe que é caro

> ainda fazer essa porra, né? É muito caro fazer. E mais, né? E aí assim, qual que é a brisa que eu acho, é em torno de, por exemplo, do fomento ou quando a gente consegue algum outro tipo de financiamento público. O sarau da Brasa teve três, mano: dois VAI e esse fomento agora. Foi isso que a gente teve. No mais, são coisas pontuais. Fazer um trabalho no Centro Cultural, fazer um trabalho na biblioteca, fazer uma virada cultural... é isso, pontual. Agora, de acesso a editais foram três. Dois VAI e a Lei de fomento. Mas aí, por exemplo, tem uma coisa. Além de poder pagar as pessoas que trabalham, poder pagar também alguém que vai revisar o livro. (...) Mas é isso. Teve duas pessoas que foram pagas para fazer revisão. E outra coisa, mano: a gente vai meter um livro bonitão, de capa dura, não sei o quê, pá, com várias referência foda, para mim é emocionante! (...) Agora, aí é poder remunerar bem as pessoas, mas esse livro aqui, irmão, vai chegar na mão da galera, a vinte reais. Esse não é nem o preço de custo. Mas é isso, porque não adianta, pra nóis... Inclusive tem debate. Então voltando além de poder remunerar, as pessoas têm debate até com outros parceiros que editam livro, que estão putos da vida porque estamos vendendo isso aqui por vinte reais. Já teve parceiros falando assim: "mano como vocês fazem um livro desse e vende a vinte reais? Vocês estão desvalorizando a obra!" Eu falei "desvalorizando sob qual perspectiva? A do mercado?" Porque aí você tem que se perguntar: "A gente trabalha na lógica do mercado irmão? Porque se for assim, foda-se! Mete cinquenta conto e manda pra Amazon, mano!" E é isso. Ao longo desses treze anos fazendo livro, eu não sei onde esse livro vai chegar. Mas eu sei onde eu quero que ele chegue! Tá ligado? E aí, assim, eu sei que se eu vender ele a vinte reais, pode ser que o moleque na quebrada compre. Se eu vender ele a cinquenta.... Assim, é claro, se eu for em qualquer livraria e pegar um livro nessa qualidade estética não é menos que cinquenta, sessenta paus. (...) Isso aqui é aquelas estéticas da Cosac [Naify] lembra, mano? É isso aqui, tio! A mesma qualidade de impressão. Agora, cada livro desses saiu na nossa mão a trinta e três reais. A gente vende a vinte. Com tudo, né? Impressão, bláblábla e tudo mais, saiu a trinta e três reais. A gente vende a vinte. Mas meu irmão, a gente não trabalha na lógica do mercado. Isso aqui já está pago com dinheiro público, tio! Se eu vender a dez, tá normal. Esse livro já está pago, tio! E por quê que a gente vende e não deu, os quinhentos livros? Porque a gente entende também que isso é um jeito de movimentar outras coisas. Então, por exemplo, um dos projetos que a gente quer fazer agora, que é lançar um outro livro, esse livro aqui já está pagando! Porque a gente vai fazer outro livro fora do fomento, que já está sendo pago por esse livro aqui. Então a gente só vende pra isso, para poder fazer a manutenção de outros projetos que não estão fomentados. (...) isso aqui tem intencionalidade política, não de mercado. (Vagner Souza, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 12/08/2021).

O coletivo, eventualmente, além dos livros produz outros artefatos para venda, como camisetas. Ao longo de seus dezesseis anos de existência, seus integrantes fizeram isso no máximo umas três vezes, para arrecadar fundos para o coletivo, durante as tradicionais e estupendas festas de aniversário do Poesia na Brasa. Como afirmado em entrevista, também por Vagner, o coletivo nunca teve a função de gerar renda para seus integrantes. Não que isso não possa acontecer, mas essa não é sua finalidade. *"Tem uma coisa que a gente fala desde*

2008, que é que a gente não vai depender financeiramente [de editais], nem para fazer as nossas coisas e nem para a nossa sobrevivência. Pagar aluguel, comer e tal. O sarau da brasa não é nossa fonte de renda. Então, as pessoas aqui trabalham como educador, como várias coisas", afirmou Vagner, do Poesia na Brasa, em entrevista para esta pesquisa. Apesar de não se reconhecer como um movimento social – ao menos nos moldes tradicionais – o coletivo é muito focado na formação política e social de seu público. Não a partir de uma rigidez disciplinar, mas de um modo pedagógico e, principalmente, a partir de sua postura, de como se colocam ante este público. Como exemplo, é possível mencionar as suspensões infligidas nos saraus, para alguns sujeitos que tenham cometido alguma violência simbólica, para que então, se possa discutir temas como a redução da maioridade penal, o genocídio da população preta e periférica e, até mesmo, casos de machismo ocorridos no momento do sarau, como comprovei algumas vezes (SANTOS, 2019).

Últimos livros lançados pelo coletivo Poesia na Brasa. Fonte: Sonia Bischain

Durante todos esses anos que acompanho o Poesia na Brasa, a geração de renda em si nunca foi um ponto de discussão ou uma proposta verbalizada pelo grupo. Em outras palavras, geração de renda, empreendedorismo nunca fizeram parte da subjetividade que o coletivo estava preocupado em criar. Não que o coletivo não fomente a necessidade de se conseguir um emprego razoável, em que a pessoa possa minimamente ter uma condição digna de vida e fazer algo significativo, tanto pessoalmente, como coletivamente. Para tanto, seus integrantes buscaram se tornar referências também nesse sentido, já que todos, à exceção de Sonia, são educadores populares, de certa forma, atuando para além do sarau, na Vila

Brasilândia e adjacências, como se pode perceber no item quatro do capítulo um, desta dissertação, bem como em Santos (2019). Sonia não deixa de ser compreendida como uma educadora popular informal, sobretudo se considerarmos o Poesia na Brasa como um espaço de formação. Além disso, como já mencionado anteriormente, Sonia sempre estimulou a leitura e o pensamento crítico nos jovens que frequentavam sua casa.

Primeiros livros lançados pelo coletivo Poesia na Brasa – Fonte: Sonia Bischain

Ainda no que tange a redistribuição ou geração de renda, no Poesia na Brasa, vale citar dois aspectos interessantes. O primeiro é que, quando seus integrantes ficaram sem acessar editais públicos, continuaram fazendo seus trabalhos e lançando livros a partir da articulação em torno do sarau com outros coletivos, como o Elo da Corrente, em Pirituba, e indivíduos ligados à cena cultural das periferias, além do aporte financeiro – mediante suas possibilidades – de cada integrante do coletivo. Nesse meio tempo foram lançados os primeiros livros autorais de Vagner Souza e Chellmí Jep, além de três livros de Sonia. O segundo aspecto diz respeito diretamente à circulação do dinheiro dos editais no âmbito da

comunidade que frequenta as atividades do coletivo. Vagner cita, por exemplo, o pagamento para a ilustradora do livro infantil de Samanta, Clara, que é uma adolescente que, desde criança, frequenta o sarau promovido pelo Poesia na Brasa. O mesmo acontece com o caso da já citada Giovanna, que é uma jovem poetisa do sarau, de quinze anos, filha de Fernando Ripol, um dos fundadores do Samba do Congo e que, dentre outras coisas, recebeu uma remuneração para ser a responsável pela captação e edição de imagens do documentário sobre o Poesia na Brasa. Assim o é com Sonia, que é integrante do coletivo, desempregada por acidente de trabalho, mas que atua como editora e revisora literária, além de fotógrafa. Ela recebe por estes trabalhos dentro do coletivo, como aponta Vagner: "*Eu prefiro que a Sonia Bischain, por exemplo, faz dois anos mano, que a renda dela é o fomento. Eu prefiro que a Sonia fique assim, do que ela fique, sei lá, fazendo outros trampos que não tem nada a ver*. (Vagner Souza, em entrevista cedida para esta pesquisa no dia 12/08/2021).

Ademais, o coletivo não tem interesse na área do empreendedorismo cultural. No entanto, está sim, muito mais empenhado em fortalecer algo que, de acordo com Vagner, "*foi criado por nós mesmos* [os coletivos literários das periferias] *e que mal demos atenção"*, que é a circulação de vendas de livros nos saraus que, indiretamente, criou um mercado – um mercado distinto do tradicional. Trata-se de um mercado que vende livros e produtos, mas cujo foco principal é minimamente tornar o livro acessível para as pessoas dos bairros e que, ao mesmo tempo, pode ajudar a fortalecer outros coletivos culturais e políticos. Sobre mercado e empreendedorismo, mais uma vez, Vagner faz comentários interessantes:

> O Sarau da Brasa vem discutindo da gente se assumir, de vez. Que a gente embora faça a publicação do livro, a gente nunca se assumiu como uma editora mesmo. A gente vem discutindo isso agora. Pensar um projeto estético, projeto literário... né? Assumir isso como uma frente de trabalho do sarau da brasa, virar uma editora de fato, né? Aí, se a gente vira de fato uma editora, a gente vai trabalhar na mesma lógica de qualquer editora comercial? Se você age de uma outra forma, você sobrevive ao mercado? Mas aí volta aquela conversa que eu tenho com o Ruivo, de milianos. Eu acho que a gente já criou um outro mercado. Um outro caminho de circulação de mercadoria livro, que é isso que gira em torno dos saraus, mano! Você fala assim, cara, um poeta, que eu sempre uso de exemplo, que eu acho que ele é impressionante, é o Akins Kintê[163]. O Akins Kintê faz um

[163] Segundo informações do portal Literafro, "[n]ascido e residente da cidade de São Paulo, Akins Kintê é poeta, contista, músico, roteirista, diretor e educador. O escritor se destacou primeiro no campo da poesia, mais especificamente na cena dos saraus periféricos e do Slam paulista, chegando a vencer, com o poema "Duro não é o cabelo", o 1° Festival de Poesia de São Paulo em 2014". Já de acordo com o autor desta dissertação, Akins Kintê é o maior poeta e produtor cultural negro e vivo, de sua geração. Busque por suas obras. Maiores informações em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/1368-akins-kinte. Acesso em: 23/02/2024.

> livro sozinho, e o cara gira mil livros, mano! E aí você fala "esse cara que, ele não se constitui como uma editora também, ele publica os próprios livros e ele sozinho gira mil livros numa edição!" E aí você fala assim, sem ter por trás a Amazon, sem ter por trás a estrutura do mercado mais hegemônico, do mercado editorial. Então você fala assim, cara, eu acho que a gente já criou uma rede de circulação quando a gente pensa só em livros, que já tá pronta. Obviamente que o mercado hegemônico vai tentando absorver isso e se apropriar disso. E aí taca publicar todo mundo, né, pela Companhia das Letras... Tá publicando todo mundo, de Carlos de Assunção à Ferréz, tá ligado? E descobriu que vende! Mas descobriu em parte, porque a gente fez uma circulação. Agora eu fico pensando com o que é mais que dá para a gente fazer. Então, por exemplo, a gente pode pautar, por exemplo, a construção dos nossos cursos. A gente tem um acúmulo de conhecimento hoje que a gente consegue criar ciclos formativos. E aí a gente fala assim: "agora a gente vai vender, por exemplo, desse ponto de vista". Vai vender esses cursos como qualquer outro espaço de formação, na mesma lógica? Ou a gente consegue criar uma lógica diferente? Então, eu acho que esse é o ponto, o que eu tô querendo dizer. Porque eu acho que quando entra nessa lógica, nessa conversa, do empreendedorismo social, do empreendedorismo periférico, do empreendedorismo preto... Essa ideia, para mim, está atrelada diretamente com a absorção pelo mercado. Tudo se transforma em mercadoria, para entrar dentro da mesma lógica. O que a gente está se questionando é uma coisa, que é o seguinte: é possível criar uma rede de circulação de produtos e serviços fora dessa lógica? Que opera em outras lógicas, inclusive de preço? Agora é possível? A gente está entendendo que é. (Vagner Souza, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 12/08/2021).

Economia, pandemia e futuro

Durante os anos de pesquisa, como citado, acontecia a pandemia de Covid-19. Do nada, vieram o isolamento social, as regras de higiene com o corpo e com a alimentação e com tudo, de certa forma. Álcool gel, máscaras, home office pra quem podia e um sentimento de impotência geral. Mas para a periferia, que não tinha condições de isolamento, por viver em famílias de oito ou mais pessoas, além de tudo, veio o desemprego e a fome. O distrito da Brasilândia foi apontado em pesquisas – como já citado – como a região com maiores índices de óbito por COVID-19 em São Paulo. Com o distrito do Grajaú, não foi diferente[164], ficando no terceiro lugar. Assim, não só nestas duas periferias, mas basicamente em todas Brasil afora, se organizaram comitês e demais mobilizações para arrecadar cestas básicas e kits de higiene para a população, no intuito de amenizar a situação dessa crise humanitária que impactou fortemente as periferias. Deste modo, diversos coletivos e demais produtores

[164] "Periferia das Zonas Norte e Sul de SP lideram ranking de bairros com mais mortes por Covid-19". Portal G1(16/06/2020): https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/06/10/periferia-das-zonas-norte-e-sul-de-sp-lideram-ranking-de-bairros-com-mais-mortes-por-covid-19.ghtml. Acesso em: 23/02/2024.

culturais das periferias também se organizaram para tanto, tal qual algumas associações e empresas de impacto social. Assim, se configurou uma enorme rede em prol do combate aos danos causados pela pandemia nas periferias.

Arrecadação e entrega e cestas de alimentos orgânicos na AMIB/Ecoativa – Fonte: Facebook

Como dito, uma pluralidade de coletivos se organizou em seus territórios, numa rede de solidariedade, para mitigar os impactos da Covid-19. Foram mobilizadas também ONG's e associações como a Ação Educativa, que doou cestas básicas para diversos coletivos culturais das periferias distribuírem em seus bairros. Até mesmo *"grupos em conflito com a lei"* se organizaram e fizeram doações de cestas em algumas regiões, como me foi relatado em depoimentos informais. Muitos dos coletivos culturais das periferias, como o Poesia na Brasa e o Perifatividade, para além de sua articulação interna e parcerias com a Ação Educativa, se

uniram aos movimentos sociais locais, com militantes das esquerdas locais, com associação de bairros, com agremiações de samba, com times de futebol de várzea e outras coletividades, remetendo à lógica de organização popular do século passado, processo que hoje muitos negócios de impacto social insistem em chamar de empreendedorismo.

Entrega de cestas básicas pelo Perifatividade no Telecentro Sacomã – Fonte: Facebook

Foi muito comum, nos kits e cestas arrecadados e doados por coletivos culturais, serem incluídos livros e outros produtos culturais. Assim também foi no caso dos coletivos Poesia na Brasa e Perifatividade. Alguns de seus integrantes chegaram até mesmo a ficarem em isolamento, por suspeita de Covid, por conta de sua atuação social, como foi o caso de Paulo Rams. Na Ecoativa, sem a possibilidade de encontros presenciais, a casa acabou servindo de entreposto, juntamente com a sede da AMIB, para a arrecadação e distribuição de cestas básicas e de alimentos, muitos deles orgânicos, doados por produtores locais e outras entidades. O Imargem, além de se somar à Ecoativa na ação, também realizou atividades de conscientização, com falas públicas e a distribuição de informativos, junto à distribuição de cestas básicas e de kits de higiene. Politicamente, apesar da calamidade, as periferias não

dormiram no ponto, como sempre, sem esperar que o poder público, municipal, estadual ou federal resolvesse fazer algo. Sobre as cestas básicas com livros, Sonia comenta:

> (..) é uma coisa interessante, porque mesmo com os outros grupos [além do Poesia na Brasa] a gente pensava em mandar um folheto explicativo, alguma coisa, uma coisa a mais, mesmo. E também para as pessoas entenderem o que está acontecendo, porque as informações que a gente tem são todas confusas, né? As oficiais e as fake news. Então, você mandar um folheto, mandar um livro, uma coisa que explica, que fala "olha, a gente vê dessa maneira, está acontecendo assim e assim..." Eu acho que é outra realidade quando você consegue atingir as pessoas dessa maneira, né? Pelo menos ela tem... Se ela pensa em alguma coisa, se ela percebe esses discursos, ela sente que, pelo menos, não está sozinha. Que tem mais gente pensando igual, que tem gente apoiando. E para quem não estava percebendo, começa a pensar... Eu acho que isso é fundamental, essa questão, né? Porque o livro é uma coisa muito importante para a gente. Tão importante que eles ficam tentando cortar [de nós], taxar, para que as pessoas da periferia não tenham acesso, né? Fizeram isso, né, o ano passado. Aumentando impostos sobre os livros, e este ano também, achando que a gente não lê mesmo, então não precisa, né [dos livros]? (Sonia Bischain, em entrevista para esta pesquisa, em 27/07/2021)

Para além de tudo, o futuro se apresentava como algo mais nebuloso do que já vinha se mostrando, desde a eleição do ex-presidente Jair Bolsonaro. A pandemia trouxe algo novo até mesmo para as periferias: a incerteza sobre se um sujeito estaria vivo no dia seguinte. Foram dois anos em suspenso, cuja preocupação maior era quando haveria uma vacina e quando estaria acessível para todos. O que no Brasil, mediante ao governo negacionista e fascista do sujeito citado, tomou proporções mais calamitosas ainda. Nas palavras de Sonia, à época "*nunca o futuro foi tão nebuloso. O que dá pra fazer e o que vai dar pra fazer ou não"* (Sonia Bischain, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 27/09/2021). No campo da produção cultural das periferias, as pessoas se desdobravam nas ações solidárias e, com o tempo, passaram a retomar suas atividades, formatando as mesmas para o formato virtual, com a apreensão sobre a volta da "normalidade". Fazia parte dessa apreensão pensar sobre o futuro, algo que também foi imposto pela pandemia. Pensar sobre o que se pode fazer ante tais calamidades naturais, que são amplificadas pelos abismos e estruturas sociais, como aponta, mais uma vez, Sonia:

> Então, eu acho que é essa falta de perspectiva de futuro, porque eu acho que é isso que está pegando, né? Não dá pra fazer planos para amanhã. Você tava perguntando do fomento, isso e aquilo, né? A gente não tem ideia de como vai que vai ser. O que vai acontecer mês que vem, o ano que vem, né? Parece que ficou sem perspectiva, né? Nesse momento, você acaba quando meio paralisado, por que tem todas as questões econômicas, psicológicas. Várias questões do meio que faz você ficar meio estagnado, né? Sem ter pra

> onde correr. E chega uma hora que a pessoa fica amortecida, de tanta cacetada, uma atrás da outra. Dá até pra entender isso. Algumas pessoas teimosas ficam lá (risos)... A gente fica aí, brigando. Mas tem gente que desanimou também. Porque não sabe o que fazer. Não tem como fazer. Pode até querer, mas às vezes não tem como. Enquanto isso, eles nos atacam de todos os lados, porque sabem que a gente não tem como reagir (Sonia Bischain, em entrevista para esta pesquisa, em 27/07/2021).

Já na Ecoativa, Jai comenta sobre como foi a articulação local e suas perspectivas para o futuro:

> (...) a gente está em redes de coletivos, atuando com coletivos, com a ocupação Nove de Julho.... Mais com esses movimentos de ocupa cultural, e com os coletivos locais e pessoas locais para esse movimento das redes de solidariedade, assim. Então, tem a articulação com a [agência] Solano Trindade que consegue bastante benefício quando tem as entregas; com a cidade solidária... Enquanto movimentos sociais é isso: tem o MAB, que é o Movimentos Atingidos por Barragens, que uma galera moradora da Ilha do Bororé faz parte, então sempre estamos abertos a essas interlocuções. Acho que de movimento é isso. Não estamos no momento, super articulados de fazer reuniões nem entre a gente, quanto mais tocar uma pauta coletiva com outros grupos. Então a gente está no momento da pandemia, entendendo que é difícil fazer outros projetos, embora alguma coisa tenha sido feita. Alguns editais... agora o grupo psicoterapêutico para as mulheres. A gente escreveu um... A Gabriela escreveu um projeto para um edital do Canadá, para o Fundo do Canadá... Enfim, está difícil. Também, a gente está conseguindo escrever poucos editais. Pouco, quase nada dos editais, pra conseguir alguma coisa nesse sentido. De perspectiva de futuro, a gente quer manter esse espaço, devolver ele pra comunidade e terminar a cessão do espaço com a Secretaria do Verde e com a EMAE (Jaison Pongiluppi Lara, em entrevista cedida para esta pesquisa, no dia 30/05/2021).

Por fim, Ana também fala sobre suas perspectivas de futuro, para o Perifatividade:

> Eu queria dizer assim, que tipo, eu tenho muitas ideias pro Perifatividade crescer, Eu queria muito assim, o meu sonho mesmo é viver disso. Mas hoje eu não tô sonhando muito não. Não é que eu não ache possível. E outra, a gente tem nossos trampos. Eu gosto do meu trabalho, o Paulo gosta do trabalho dele... Mas, claro, ainda tenho essa coisa de sonho meu. Só que aí eu penso: a que custo? Vou virar um funcionária da Gerando Falcões? Pra poder viver disso? A que preço é esse viver disso, sabe? Hoje eu penso muito nesse sentido, assim. “Será que pra eu viver do trabalho que o Perifatividade faz, eu vou ter autonomia?”. Porque hoje a gente tem autonomia. Quando você faz essas amarras, principalmente quando envolve dinheiro, você perde autonomia. Então... enfim. Mas eu ainda tenho muitas vontades, assim do Perifatividade... Eu acho que o Perifatividade tem potência para ser mais do que ele é. E essa é minha grande luta, em que rola aquele ponto de discordância com Paulo. Eu insisto nessas coisas, porque eu acho que a gente pode ser mais do que a gente é hoje. Aí é questão de não se acomodar. Não quero fazer papo de Coach aqui não, porque eu detesto. Mas acho que a gente tem um potencial e não é a questão de habilidades e competências, e sim do nosso corre, que a gente sempre fez (Ana Fonseca, em entrevista para esta pesquisa no dia 11/09/2021).

Em ambos os depoimentos deste capítulo se pode perceber, acima de tudo, aquilo que Gago (2022) identifica como *pragmatismo vitalista*, isto é, uma força popular com enorme capacidade em desenvolver estratégias de sobrevivência, geralmente atreladas a camadas populares ou subalternizadas. A autora também nos informa, sobre como esse pragmatismo popular, encontrado nos comerciantes de La Salada, também integra outras manifestações populares, como nas comunidades aymaras da Bolívia. Muito do que a autora elenca, para fundamentar sua análise, é facilmente reconhecível em qualquer periferia no Brasil, de norte a sul. Tal reflexão ergue-se sobre uma articulação de autonomia, economia popular e auto empreendedorismo, muito similar ao que apresentei aqui e que se vê disseminado na sociedade brasileira como um todo. No entanto, a autora parte do pressuposto de que é preciso entender o *"neoliberalismo de baixo pra cima"* (GAGO, 2018, pág. 19), o que apresenta muitos pontos interessantes, mas dá a entender que o neoliberalismo é um constituinte também dessas pragmáticas. Vale lembrar que a autora parte do conceito foucaultiano de governamentalidade, que Wacquant (2012), já mencionado na dissertação, criticou de forma instigante, apontando – para além de suas contribuições – seus limites, através da reflexão que realiza sobre o que chama de *"neoliberalismo realmente existente"* (WACQUANT, 2012, pág.505).

Doação de cestas básicas na aldeia Tekoa Itakupé, no Jaraguá, pelo coletivo Poesia na Brasa - Foto: Sonia Bischain

Como dito no capítulo três, tal leitura foucaultiana, parece deixar de desvendar o impacto das atuações das forças públicas (Estado), em permissividade com o poder privado, no engendramento de suas políticas destinadas, em especial à população subalterna do cone sul. Ou, para as pessoas mais velhas que leem este texto, do então chamado terceiro mundo. Acredito ser esse um ponto fundamental, como explanei anteriormente, para entender a disputa sobre a população pobre, seu controle e sua financeirização, que gera dividendos interessantíssimos para grupos e empresas, mundo afora, a custo da desarticulação popular e manutenção da pobreza como um recurso econômico. Ademais, vale apontar a confluência, entrevista nas reflexões de Gago e também de Wacquant, sobre a relação entre Estado e Neoliberalismo. Para a primeira autora, o Neoliberalismo na América Latina nunca deixou de existir, nem mesmo durante a "onda progressista na américa latina", como se proclamou. Para Wacquant, o Estado é também um instrumento do Neoliberalismo, desde o surgimento deste último, ocasionando o rearranjo do próprio Estado.

Dito isto, de acordo com meu trabalho de campo e os depoimentos colhidos em entrevistas, meus interlocutores apresentaram discursos e pensamentos distintos entre si. A maioria, notadamente já marcados pela assunção de que os financiamentos e até mesmo o empreendedorismo ou lógicas de mercado, não só cultural, mas atrelado também a negócios de impacto social, além de serem o modelo corrente, são a possibilidade mais viável de atuarem, como foi possível ver neste capítulo, com os coletivos Ecoativa e Imargem. Estes ainda afirmam as possibilidades propiciadas pela apropriação das tecnologias do capital, para hackeá-lo, como afirmou Tim, alguns parágrafos acima. O Perifatividade, embora tenha uma aproximação forte com movimentos sociais e afins, parece estar numa fronteira entre fazer do coletivo uma instituição, capaz de ser uma fonte de renda para seus integrantes, mediante sua potência, como evidenciou Ana, em seu depoimento, ou seguir atuando de modo mais autônomo, com a precarização resultante também, dos editais públicos e limitando sua atuação a estes financiamentos. Por fim, o Poesia na Brasa, parece continuar pensando sua atuação sem ter o financiamento como ponto de partida, mas buscando estratégias baseados em princípios ainda presentes em sua organização e que são constantemente discutidos, repensados e rearticulados, mas sem ter o mercado cultural estabelecido como referência e pensando além do poder público e privado. Ou seja, para além do Estado e das opções Neoliberais. Algo que, na análise desta pesquisa, parece ser o mais próximo das propostas antissistêmicas que tal produção cultural se propôs um dia.

CONCLUSÃO

A ARTE QUE LIBERTA NÃO PODE VIR DA MÃO QUE ESCRAVIZA[165]? - REFLEXÕES SOBRE CULTURA, CIDADANIA E A FAVELA COMO POTÊNCIA.

"Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção. Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha. A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza". (Manifesto da Antropofagia Periférica, Sérgio Vaz, 2008)

Ao longo desta dissertação, busquei discutir temas relativos ao fazer político atual nas periferias, sob o pressuposto de que o *projeto pedagógico, estético, político e ideológico da produção cultural das periferias em São Paulo*, está em disputa. Para tal, tomei como ponto de partida o enunciado de Nascimento (2009) que identificou, à época de sua pesquisa, uma característica fundamental da produção literária das periferias, a qual denominou como *projeto pedagógico, estético e político*. Eu acrescentei o caráter *ideológico*, entendendo este como o conjunto de ideias e princípios que norteiam essa produção. Estas são ideias e princípios herdados de movimentos sociais considerados mais à esquerda, como as movimentações populares por direitos básicos e os movimentos culturais como o Rap/Hip Hop, geralmente vinculados a setores progressistas ou de esquerda.

A partir desta movimentação, inicia-se o processo de profusão de tudo aquilo que conhecemos hoje por produção cultural das periferias. Os saraus promovidos pelos diversos coletivos literários das periferias, por sua vez, também foram palco de diversas outras produções artísticas e culturais (NASCIMENTO, 2009; 2011), (SILVA, 2013; 2016), (TENNINA, 2013; 2016; 2017), como o teatro, o audiovisual e as artes plásticas. Tal produção colocou novos sujeitos na cena cultural e foi responsável pela criação de políticas destinadas ao financiamento de suas produções (ADERALDO, 2017), (RAIMUNDO, 2017), (TENNINA, 2017), como tratado nos capítulos anteriores.

---

[165] Aqui faço referência ao "Manifesto da Antropofagia periférica" do poeta Sergio Vaz (2008), questionando uma afirmação do autor. O poema-manifesto pode ser lido aqui: https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/sergio-vaz-manifesto-da-antropofagia-periferica/.

No entanto, tal efervescência cultural – coetânea à uma gestão *"mais democrática"* no âmbito municipal, com a gestão de Martha Suplicy (PT, 2000 – 2004) em São Paulo, bem como no âmbito federal, com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva (PT, 2002 – 2010) – resultava não só do esforço e *"das boas intenções"* (DAGNINO, 2004), mas também de interesses externos, como vimos anteriormente (DAVIS, 2006; REYES, 2013; YÚDICE, 2006), onde a reestruturação do Estado pelo Neoliberalismo predicou novas formas de controle e exploração, ao mesmo tempo que promovia políticas de *inclusão social*, *protagonismo juvenil*, *cidadania*, *empoderamento* e *representatividade*. Trata-se, de fato, de uma estratégia digna do duplipensar totalitário orwelliano, que redefine – através da intersecção entre subjetividade e materialidade – interesses, desejos, afetos e medos que, como vimos com Ortner (2006, 2007, 2011), são também a base do conceito de agência, tal como empregado nas Ciências Sociais. É interessante perceber também, que tal conceito, como a própria autora deixa a entender, tem sua profusão durante os anos 1970. Justamente quando o neoliberalismo começa a reconfigurar a noção de Estado no mundo (CHAMAYOU, 2020; WACQUANT, 2012). Aqui, podemos considerar se não numa mera coincidência, numa *"confluência perversa"* (DAGNINO, 2004), em que,

> (...) de um lado, o projeto neoliberal que se instala em nossos países ao longo das últimas décadas e, de outro, um projeto democratizante, participativo, que emerge a partir das crises dos regimes autoritários e dos diferentes esforços nacionais de aprofundamento democrático. Essa confluência e a crise que dela se origina são particularmente visíveis no Brasil, embora me pareça possível defender a ideia de que, com diferenças de intensidade, considerando os diferentes ritmos e modos de implementação das medidas neoliberais e dos processos democratizantes nacionais, este cenário é compartilhado por muitos dos países da América Latina. (DAGNINO, 2004, pág.140).

Mesmo não sendo o foco das reflexões de Dagnino, é interessante notar como a autora detalha a importância da mobilização dos conceitos de identidade e representação no contexto de reformulação da arena pública. Da mesma forma, é relevante considerar como o uso dos mesmos, tal como feito pelas instâncias de poder, reconfigura o campo das disputas políticas entre a sociedade civil e o Estado. Este processo também pode ser compreendido, de modo mais amplo e complexo a partir das leituras anticoloniais, na disputa entre os subalternizados e o poder instituído, entre os opressores e os oprimidos, ou ainda, segundo uma leitura classista, como o embate entre operários e patrões, proletariado e burguesia, ricos e pobres. Esta é uma leitura que também reflete outra confluência perversa: a inaptidão das esquerdas

em tratar de outros marcadores sociais que relacionam-se de formas complexas junto à identidade de classe (como por exemplo, gênero, raça e religiosidade) tais como mobilizadas no contexto neoliberal (HAIDER, 2019). Dito isto, a partir da supracitada questão da visibilidade que a produção cultural passou a ter no mercado cultural, discutirei alguns de seus desdobramentos, tangenciando a disputa em torno do referido projeto pedagógico, estético e político, que emana da produção cultural das periferias, bem como o seu caráter ideológico.

Peri, feria. Não fere mais[166]? – Coletivos culturais das periferias, financiamentos e empreendedorismo.

"Periferia, Periferia…
Peri feria,
Não fere mais
Peri não causa mais azia
Na burguesia
Quando essa ouve Racionais
Quando essa mente ainda mais
Ao dizer que todos os conflitos
Raciais, classiais, sociais
Foram deixados lá, pra trás
No século que nem me viu"
(Canto Periférico, Rodrigo Ciríaco, 2012)

Se considero relevantes as ponderações de Dagnino (2004) sobre *confluência perversa*, é fundamental também, considerar a discussão que a autora propõe, sobre a transição das periferias e favelas, que passam de classes perigosas à uma representação de carência, de necessidade de ajuda e filantropia. Mas jamais como sujeitos de direito. Este debate é também corroborado por De Tommasi & Velazco (2016), sobretudo acerca do fenômeno tal como observado, em meados dos anos 1990. Trata-se, no caso destas representações sobre essas populações periféricas, de imaginários sobre falta e precariedade, mas sem nunca fazer valer os direitos básicos, garantidos por lei, destas populações. Ainda segundo Dagnino (2004), é neste contexto que deve-se compreender o supracitado programa Comunidade Solidária. No entanto, em De Tommasi & Velazco (2016), se vê outra movimentação nesse tabuleiro, onde, mais uma vez, as periferias e favelas são ressignificadas, agregando ao seu rol de qualidades – interessantes principalmente para elementos externos a ela – o adjetivo de lugar de potência (DE TOMMASI & VELAZCO).

[166] Aqui, faço referência ao poema "Canto periférico" de Rodrigo Ciríaco, publicado no livro "Mães de Maio, Mães do Cárcere – A Periferia Grita" (2012). O poema pode ser visto e ouvido aqui: https://vaiserrimando.com.br/escritor-rodrigo-ciriaco-clipe-poetico-violencia-periferias/.

Assim, em concomitância com o que acontece no (terceiro) mundo, a pobreza, a miséria, as favelas e suas gentes, se tornam alvo de políticas sociais economicamente rentáveis, sustentáveis e que empoderam seus atores, tornando-os não mais parte do problema, mas sim das soluções das desigualdades que essa mesma estrutura que os empoderou, criou.

> Se o medo das "classes perigosas" é a forma como a hegemonia política manteve o controle sobre as favelas, hoje essa representação se combina com outra: a de que os pobres são também um segmento social estratégico para a cidade, graças às suas capacidades criativas, resilientes, empreendedoras. Uma cidade que está se reinventando em função dos investimentos realizados no âmbito dos megaeventos. Uma cidade-empresa, nas palavras do Carlos Vainer, onde a aplicação de recursos em cultura como investimento econômico é central (ver ARANTES, MARICATO e VAINER, 2002). Assim, o imaginário do medo (MALAGUTI, 2003) é em parte substituído pelo imaginário da celebração, da valorização. E novas fronteiras são erguidas entre os jovens que são engajados e conectados em "rede" e os que não são, entre gerações distintas de moradores politicamente atuantes. O controle é exercido não somente por meio da repressão, da segregação, da criminalização, mas também pelo incentivo à "autonomia", à implicação. Agarrar as oportunidades e tornar realidade o "sonho", o desejo. Como observa Foucault, o poder, no âmbito da racionalidade neoliberal, se exerce não somente contra e sim por meio da liberdade (FOUCAULT, 2008). O poder não é somente repressor, e sim produtor, incentivador, liberador (DE TOMMASI & VELAZCO, 2016, pág. 551/552).

Feltran (2014), aponta ainda uma questão interessante sobre aquilo que entende como o principal fator de coesão entre os distintos grupos que formam a heterogeneidade das periferias – as quais o senso comum insiste em retratar em identidades essencialistas como "traficante", "evangélico", "trabalhador", ou no caso, "produtor cultural", para serem exemplos fidedignos de "sujeitos periféricos". De acordo com o autor, o dinheiro e sua circulação nas periferias, seja licito ou ilícito, tem sido usado como ferramenta para não só para criar uma moralidade comum entre esses grupos, mas também para exercer controle social nesses territórios e em suas gentes, principalmente através de ações focais destinadas a determinados grupos. O sociólogo reitera que as ações sociais para o combate à pobreza, por exemplo, desmobilizam a luta por direitos mais amplos, dando lugar a ações destinadas ao combate à pobreza, à prevenção às drogas e a violência urbana. E que o dinheiro é o grande mediador dessas relações, impondo uma moralidade mercantil, e porque não, neoliberal, como forma de resolução dos conflitos urbanos.

> Quando nem a lei, nem o que é considerado certo podem mediar a relação entre cortes populacionais e seus modos progressivamente autônomos de conceberem a si e aos outros, é o dinheiro que aparece como único modo objetivo de mediar suas relações. Ao invés de politizar a questão social ou os pilares da vida comunitária, portanto, parece-me que o híbrido dessas

> equações de mediação – o dinheiro – tem, ao contrário, elevado em muito a intensidade do conflito latente entre as formas de vida que, hoje, se elaboram nos cortes biopolíticos que esquadrinham as cidades brasileiras. Valores, costumes e crenças comuns não se apresentam mais como fundamento de coesão de grupos sociais; o dinheiro parece ser a aposta para ocupar esse lugar. Dinheiro suficiente para a mediação entre esses recortes pode inibir as manifestações violentas do conflito que os cinde, segrega, separa. Um momento de crise econômica nos faria ver a violência de sua expressão não mediada. (FELTRAN, 2014, pág. 508).

Desta forma, fica evidente tanto o que Aderaldo (2017) quanto a própria De Tommasi – no trabalho citado acima, como em outros (DE TOMMASI, 2013; 2014a; 2016a; 2016b) – apontam, sobre os aspectos de controle de territórios e sujeitos a partir da gestão de projetos culturais, tal qual seus elementos neoliberais e coloniais da discursividade em torno das periferias e dos programas sociais destinados ao protagonismo juvenil nas periferias de São Paulo, Rio de Janeiro, no Peru, na Índia ou na África. Um dos pontos interessantes durante meu campo no mestrado, foi a conversa sobre empreendedorismo cultural, como apontado nos capítulos anteriores desta dissertação. Com meus antigos interlocutores, essa questão apareceu de modo contrastante. Os integrantes do Poesia na Brasa, na verdade, tinham amplo conhecimento de tal ideia, até mesmo achavam legal para quem buscava empreender cultura, mas a questão não era um de seus interesses. Isso ficou evidente em entrevistas com diferentes integrantes, como busquei mostrar com os depoimentos acima reproduzidos. Por exemplo, durante uma entrevista cedida a mim, um dos integrantes do coletivo afirmou que, ao invés de se inserir no mercado cultural convencional ou no empreendedorismo, preferia-se investir esforço no mercado informal que os próprios saraus organizaram de maneira inconsciente, justamente fazendo seus livros circularem em outros saraus e espaços populares, até mesmo em outros estados do país, fortalecendo bibliotecas populares e outros movimentos sociais e culturais.

Já com o Perifatividade, a questão situa-se num ponto de inflexão que o coletivo parece estar passando nesse sentido: era possível entrever uma certa resistência em se tornar uma empresa cultural, mas com certo vislumbre que parecia significar *"precisamos nos apropriar desta questão"*, como foi dito em entrevista por um integrante. Ademais, os integrantes mais velhos do coletivo parecem entender que para o *crescimento* do grupo, para que este alcance sua *potência*, e *supere* suas dificuldades, mantendo a continuidade de suas atividades – para além da ideia de que o coletivo *possa viver disso* e os financiamentos tornem-se uma fonte de renda –, são necessários a formalização jurídica para o aporte do financiamento privado, como Ana ponderou, em entrevista mencionada anteriormente. No

entanto, publicamente, em suas redes, não há nenhuma referência sobre o assunto. Ainda assim, atualmente, mesmo com alguns reveses, tais coletivos – em especial o Perifatividade, que não conseguiu manter sua sede e nem criar um público frequente em suas atividades ao longo de sua existência – ainda têm optado por seguir a senda da cultura periférica com maior reflexo da tradição política dos movimentos sociais de seus bairros e sem se reconhecer enquanto coletivos empreendedores.

Entretanto, entre meus interlocutores mais recentes, a história ganhou outros contornos. No coletivo Ecoativa, apesar deste ter sua origem num movimento social local, tal lógica não perdurou. Aparentemente, não há mais um vínculo direto com demandas dos movimentos sociais locais. Mesmo assim, seus integrantes buscaram manter uma organicidade local, participando da Associação de Moradores de Bairro, realizando atividades com a escola e atividades de férias para as crianças e adolescentes do entorno. Ademais, também organizam passeios turísticos e educacionais de barco ao redor da Ilha do Bororé. Tais passeios são pagos e destinados principalmente a pessoas de fora da região. Algumas destas atividades, inclusive, são feitas em parceria com o SESC e outras redes, inclusive internacionais. Ainda como parte de suas atividades, os membros do Ecoativa organizam a "visitação" de escolas particulares, empresas, universidades e outros grupos em sua sede, para terem uma "vivência" na ilha. Tal atividade implica em conhecer a casa, que fica na margem de uma represa, participar de oficinas de tinta orgânica, de permacultura e de grafitti. Também há um circuito gastronômico local e os passeios turísticos ao ar livre, já citados.

Print de tela do título de um artigo do portal do Instituto Artemísia. Fonte: https://artemisia.org.br/potencia-empreendedora-faz-periferia-criar-solucoes-nao-ser-so-beneficiaria/

Muitas dessas atividades acontecem em parcerias com a Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente e com alguns grupos e entidades particulares. Também há uma parceria com professores e alguns estudantes da FAU-USP. Sobre o tema do empreendedorismo, a liderança principal desse coletivo me confidenciou não gostar do termo e não partilhar da ideia. No entanto, na maioria das entrevistas realizadas e das matérias consultadas nas mídias eletrônicas, além de seu *projeto de aceleração* tal como apontado no capítulo anterior, o coletivo é tido como uma *potência*, uma referência na área do empreendedorismo cultural, ecológico e sustentável nas periferias. O coletivo Imargem, que também promove atividades ligadas à ecologia, lançando mão das artes plásticas, e que foi o principal articulador da retomada da casa Ecoativa, também reforçou a ambiguidade das respostas dos integrantes deste último coletivo. O grupo foi um dos primeiros coletivos da região do Grajaú a acessar um edital público e também se tornou o com maior visibilidade. Tal fato se deve a um histórico de muitas intervenções na cidade, além de um profundo envolvimento com a cena mais estabelecida do grafitti, circulando por galerias de arte na Vila Madalena e outros espaços do gênero, bem estabelecidos na cena artística paulistana.

Sobre os financiamentos e parcerias, ambos coletivos começaram acessando os editais públicos mais comuns em São Paulo, fazendo parcerias com a Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente e afins. Eventualmente, também realizam parcerias com instituições privadas de ensino e com fundações sociais de empresas privadas, como a Via Varejo, das Casas Bahia. Tal parceria, por exemplo, rendeu a criação de uma *"universidade de portas abertas"* – UniGraja –, que articula os saberes locais e tem como salas de aula o espaço geográfico da periferia onde se encontram. Em relação ao financiamento público e privado, o Imargem entende que o primeiro é de extrema importância, pois foi este que estruturou os coletivos culturais das periferias, mas que funciona como ajuda de custo. Já o financiamento privado, além de garantir melhor estrutura e a profissionalização dos coletivos, "*é um reconhecimento pelo nosso trabalho"*, relatou Tim, em entrevista cedida a esta pesquisa. Sobre a questão do empreendedorismo, apesar de inúmeras matérias sobre o coletivo retratarem seus integrantes como empreendedores, tal qual a Ecoativa, o coletivo tem algumas ressalvas ao tema, pois se trata de *mais um produto da lógica capitalista*, segundo Tim afirmou em entrevista para esta pesquisa. Entretanto, ao mesmo tempo, estes afirmam que esta é uma possibilidade e que a periferia, como Tim resumiu em entrevista para esta pesquisa, *"sempre se virou como pôde pra sobreviver, mas se estão chamando isso de*

empreendedorismo, ok". Ainda sobre o investimento do setor privado em questões ecológicas e em grupos nas periferias, tal liderança ainda afirmou que *"é interessante essa coisa do capitalismo verde. É melhor do que não ter investimento nenhum. E a gente pode entrar no sistema e hackeá-lo por dentro ou pelo menos tentar"* (Tim, em entrevista para esta pesquisa).

Dois pontos ainda chamam atenção na interlocução com estes coletivos. Um diz respeito à defesa de pautas como o combate ao machismo, que apareceu em uma conversa informal. Mas em nenhum momento se comentou sobre o caso de violência sexual e pedofilia[167] envolvendo o fundador, já falecido, das Casas Bahias – com o qual o grupo tem uma parceria – e da continuidade destas violências pelo filho, herdeiro da citada empresa. Outro, foi durante minha primeira visita ao ateliê do coletivo, quando demos uma volta pelo bairro, no momento em que estavam sendo realizadas obras de ampliação no parque linear nas margens da represa, mediante a remoção das famílias que lá moravam. Quando questionei meu interlocutor sobre como estava ocorrendo esse processo, ele me respondeu prontamente que a *prefeitura estava cuidando disso* e que o *parque ia ficar muito lindo, sendo possível dar inúmeras oficinas ao ar livre ali, futuramente*, evidenciando, no mínimo, que tal situação era algo sem importância, enquanto a matéria da Agência Mural de Jornalismo Periférico, citada no capítulo anterior, aponta para uma maior complexidade em relação à situação.

Tal ambiguidade, que percebi em relação a estas e algumas outras questões com estes grupos, especificamente – Ecoativa e Imargem –, me remeteram a uma questão que Aderaldo (2017) percebeu em campo, ao acompanhar alguns coletivos audiovisuais nas periferias. O autor apontou que alguns desses grupos eram constituídos por moradores das periferias e pessoas dos estratos médios/baixos, que acessaram universidades públicas. Dito isto, o autor argumentou que os termos *periferia* e *centro* eram mobilizados de modos diferentes em distintos espaços. Nos espaços formais, os integrantes com formação acadêmica tomavam a dianteira no discurso, mobilizando elementos de caráter homogêneo e essencialista para se referir às periferias, enquanto nos espaços periféricos, quem tomava a dianteira da

[167] "As acusações não reveladas de crimes sexuais de Samuel Klein, fundador da Casas Bahia". A Pública (15/04/2021): https://apublica.org/2021/04/as-acusacoes-nao-reveladas-de-crimes-sexuais-de-samuel-klein-fundador-da-casas-bahia/. Acesso em: 25/02/2024.

interlocuções eram os integrantes periféricos de tais coletivos. Sobre isso, Aderaldo afirma que:

> Tal condição (ambivalente) foi o que permitiu-me perceber que o significado que termos como "centro" ou "periferia" ganhavam, variava de acordo com o ambiente interacional no qual eu os acompanhava. Em certos eventos institucionais dos quais participavam com o objetivo de adquirirem certos benefícios (econômicos ou políticos), era comum que o termo "periferia" fosse empregado como um modo de demarcar a "identidade" de populações residentes de certas áreas urbanas caracterizadas por processos de precarização. Em outros momentos, quando a palavra era partilhada em espaços não determinados pelos interesses administrativos do chamado "terceiro setor", como num evento promovido em algum espaço público (praça, rua, viela, terreno baldio), numa "ocupação" urbana, num sarau ou na sede de um movimento social, por exemplo, o termo costumava ser empregado com a finalidade de traduzir a "identificação" entre núcleos heterogêneos de pessoas igualmente motivadas pela crítica à economia política responsável pela manutenção da desigualdade no campo do acesso aos direitos (à cultura, à moradia, à justiça, etc.) (ADERALDO, 2017, p.26).

Desta forma, imaginei se algo parecido não poderia estar acontecendo, nos contextos em que realizei meu trabalho de campo, mediante ao fato de que, por mais que eu fosse um pesquisador oriundo do Grajaú, estava sendo compreendido mais como, justamente um pesquisador, do que por exemplo, um jornalista de algum portal sobre periferias, ou ainda, de alguma instituição empreendedora. E como essa ambiguidade, comumente atrelada a palavras como resiliência e resistência, também poderia ser mobilizadas para justificar questões controversas relacionadas às formas de financiamento, como por exemplo, as referentes ao caso envolvendo o falecido dono – e seu filho – das Casas Bahia e a própria situação decorrente das obras de ampliação do parque linear no Cantinho do Céu, território do Imargem. Os agenciamentos destas ambiguidades, dados certos imaginários ainda fortes sobre as origens contestadoras e mesmo antissistêmicas de vários coletivos, em contextos em que formas de obtenção de recursos presumem certas parcerias públicas e privadas, ainda carecem de maior aprofundamento etnográfico, mas que não cabe dentro dos atuais interesses desta pesquisa, ficando para futuros trabalhos. Resta ressaltar, com essas breves reflexões, que este tema inquieta profundamente este pesquisador. Afinal, se *cada maloqueiro tem um saber empírico* (CRIOLO, 2014), qual é nossa responsabilidade – como produtores de conhecimento e cultura nas periferias – frente a essa situação, mesmo com a premência da reprodução da vida, que sempre nos assolou?

A potência da "Favela S.A".

"As Ong's vem pagando de filosofia
Invade a favela, falsa teoria
Amenizando a luta e a rebeldia
Cumprindo o papel que o Estado queria!"
(Reflexo cru, Ba Kimbuta, 2012)

Com a visibilidade das periferias a partir de sua produção cultural, o debate sobre representatividade tomou uma centralidade que interessa refletir. Tanto a partir das periferias como também no espaço público, inclusive na academia, essa discussão – sobre a importância da diversidade nos espaços de poder e decisão – reacendeu o debate sobre temas como o racismo, o machismo, a violência policial, a marginalidade e falta de acesso a que as periferias e seus sujeitos e sujeitas estão submetidas, bem como sobre o *protagonismo* das pessoas que sofrem essas violências. Essas são discussões que – no âmbito das Ciências Sociais – remetem à formação da sociedade brasileira, sua origem colonial, sua cultura social e política; todas elas fundamentais tanto no campo da sociologia como na antropologia. Nesse âmbito, há ainda a interpretação crítica sobre como a *questão identitária* e a *representatividade* têm sido apropriadas pelo neoliberalismo (HAIDER, 2019; POLESE, 2020). No entanto, nenhum grupo se apropriou tão bem dessas questões como os setores sociais das empresas e dos negócios de impacto social.

Como busquei tratar neste trabalho, após alguns anos de transformações e intervenções de ONG's nas periferias, grupos, coletivos culturais e movimentos sociais se constituíram enquanto ONGs, OSCs ou OSCIPs, a fim de ampliar as parcerias públicas e privadas e, assim, aumentar também sua captação de recursos. Paralelamente a isso, a intensa precarização do trabalho e a ascensão do empreendedorismo também encontraram seu lugar nas periferias, como resposta à situação de vulnerabilidade em que estas ainda se encontram, e que foi potencializada pelos anos de governo Bolsonaro e da pandemia de COVID 19. Foi durante estes anos – enquanto fazia esta pesquisa – que participei de dois projetos de pesquisa[168] sobre os impactos da pandemia nas periferias do Brasil. Como já pesquisava em

[168] Coordenado pelas professoras Taniele Rui (UNICAMP) e Camila Pierobon (CEBRAP) os projetos de pesquisa "Efeitos das políticas de isolamento e distanciamento social relacionadas ao COVID-19 na vida de famílias vulneráveis no Brasil" e "Implementation of COVID-19 related policies: Implications for household inequalities across five countries" tinham por objetivo, respectivamente, "compreender os efeitos das políticas relacionadas ao COVID-19 na vida de famílias vulneráveis no Brasil" e "examinar como as desigualdades sociais, econômicas e de saúde afetam as capacidades dos agregados familiares para seguirem regulamentos que possam ser necessários para reduzir a propagação de infecções".

três periferias da cidade de São Paulo (Fundão do Ipiranga, Grajaú e Vila Brasilândia) optei por seguir investigando esse tema a partir delas. Parte de meu método de pesquisa era acompanhar o noticiário e as redes sociais sobre a questão da pandemia nas periferias. Nesse momento – como citado anteriormente –, tanto os coletivos culturais interlocutores desta pesquisa, quanto diversos outros movimentos sociais e culturais das periferias, se organizaram para prestar assistência à população das periferias, cujos sujeitos, por conta do desemprego resultante do isolamento social, não tinham condições de comprar alimentos básicos e kits de higiene. Assim, uma rede de solidariedade se construiu, muito organicamente, a partir destes grupos e seus territórios. Mas, ao mesmo tempo, outros grupos também passaram a realizar a entrega de cestas básicas e kits de higiene, além de oferecer alguma infraestrutura mínima para as famílias periféricas, num momento em que a fome havia voltado à realidade brasileira dos milhares de pretos, pobres e periféricos que compõem este país[169]. Os grupos em questão eram o G10 Favelas[170], o Gerando Falcões[171] e a supracitada CUFA Brasil, e foi assim que tomei maior conhecimento da existência destes grupos. Vale dizer que tais grupos, diferentemente de meus interlocutores, ganharam muita visibilidade na imprensa oficial e nas redes sociais.

É a partir desse contexto – em que a pandemia reafirmou a vigência das desigualdades estruturais nas periferias – que os grupos G10 Favelas, Gerando Falcões e CUFA Brasil – os quais chamarei aqui de Favela S.A. – se firmaram de fato, principalmente em São Paulo, mas também no Brasil. Num primeiro momento, estes grupos atuaram na contenção dos efeitos secundários da pandemia causados pelo isolamento social e o

---

[169] "Em meio à pandemia, fome volta para a mesa dos brasileiros". Observatório do Terceiro Setor (16/10/2020). https://observatorio3setor.org.br/noticias/em-meio-a-pandemia-fome-volta-para-a-mesa-dos-brasileiros/. Acesso em: 13/07/2023.

[170] De acordo com informações de seu site: "[o] G10 das Favelas é um bloco de Líderes e Empreendedores de Impacto Social das Favelas que, assim como os países ricos (Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido) do G-7, uniu forças em prol do desenvolvimento econômico e protagonismo das Comunidades, visando o desenvolvimento econômico e social dessas áreas urbanas." Maiores informações em: https://www.g10favelas.org/#business. Acesso em: 25/02/2024.

[171] Segundo informações de seu site, a Rede Gerando Falcões é "(...) um ecossistema de desenvolvimento social que atua por meio da estratégia de rede em periferias e favelas de todo o Brasil. Através da Falcons University, Unidades Aceleradas, Oficinas e o Redesenho de Favelas, baseamos nossas ações em análise de dados e gestão eficiente, para interromper o ciclo de pobreza e transformar a pobreza em item de museu." Mais informações em: https://doe.gerandofalcoes.com/?utm_source=google&utm_medium=search&utm_campaign=branding&utm_content=647221848155&utm_term=gerando%20falcoes&gad=1&gclid=CjwKCAjwwb6lBhBJEiwAbuVUSh8C02qmjxzQaBc-mQSXJa-A7vHoC7QLPuHs4aJOCi5WIpyEaJTN9BoCE8kQAvD_BwE. Acesso em: 25/02/2024.

desemprego, entregando cestas básicas e kits de higiene. Vale acrescentar que, embora dois desses grupos tenham mais de dez anos de existência, é na pandemia que eles alcançam um crescimento em todo o Brasil, além de visibilidade internacional. A CUFA, por exemplo, cresceu exponencialmente em São Paulo, onde tinha pouca expressão, e trouxe todo um aparato de negócios às atividades que desenvolvia. O Gerando Falcões, apesar de seus dez anos, também cresce e ganha uma visibilidade enorme a partir de sua atuação na pandemia. O mesmo se repete com o G10 Favelas, o mais novo dos três, que passa a repercutir enormemente na mídia, inclusive internacionalmente, nos últimos anos.

É importante destacar aqui, o fato de que estes grupos se constituíram, se articularam e cresceram, mobilizando não só as estratégias daquilo que Dagnino (2004) identificou como *confluência perversa*, como também mobilizando o arcabouço do *projeto pedagógico, estético e político*, identificado por Nascimento (2009), da *cultura de periferia* discutida por Aderaldo (2017) e também dos elementos do *sujeito periférico*, cunhado por D'Andrea (2022). Não quero dizer com isso, que tais termos contivessem em si, elementos do neoliberalismo em suas faces empreendedoras, mas que também pavimentaram a estrada para o surgimento das periferias como um negócio de alta rentabilidade, ao dispensarem uma agenda popular, crítica e autocrítica em troca dos espaços de representatividade - ou, mesmo, unindo as duas coisas. Ou seja, tais grupos elevaram a ideia de periferias como uma *marca*, uma *branding* a outros níveis, usando o mesmo arcabouço discursivo que os movimentos culturais das periferias, dando maior ênfase em suas *potências*. Esse arcabouço, como vimos, foi gestado na reconfiguração e na confluência do Estado e do setor privado no contexto neoliberal (WAQUANT, 2012; CHAMAYOU, 2020; DARDOT ET LAVAL, 2016).

A CUFA, diferentemente dos outros dois grupos acima mencionados, se originou no ano de 1998 no Rio de Janeiro, sob a coordenação de Celso Athayde e dos Rappers MV Bill e Nega Gizza, da Cidade de Deus. A partir de uma atuação dentro do Rap e do esporte nas favelas, eles constroem sua identidade e começam a crescer dentro do Rio de Janeiro. Em 2000, a CUFA produziu o Hutúz [172] Rap Festival, que ganhou visibilidade nacional e internacional dentro dessa cultura de rua. Nesse mesmo ano, investiu pesado na cultura e nos esportes dentro das periferias. Hoje, a taça das favelas é um dos grandes eventos esportivos

[172] Criado em 2000, o festival Hutúz nasceu "com a intenção de premiar os melhores trabalhos do ano na cena hopper nacional" (TURENKO, 2009).

organizados pela entidade, chegando mesmo a ter transmissão televisiva de alguns de seus jogos pela Rede Globo. Desde o início, seus integrantes estabeleceram algumas parcerias de muita visibilidade, como com a maior rede televisiva brasileira, acima citada, e com figuras públicas como o apresentador Luciano Huck. Dentre as parcerias realizadas também se encontram algumas outras interessantes, como a realizada com as Unidades de Polícia Pacificadora (UPP's)[173] e a parceria com o Instituto Capitalismo Consciente (ICC)[174].

Em 2013, Edu Lyra, nascido numa favela em Guarulhos, fundou em Poá (Zona Leste de São Paulo) o Instituto Gerando Falcões. A partir das parcerias com empresários, empresas, investidores e instituições financeiras, o Gerando Falcões busca *transformar as favelas em peças de museu*, como diz o slogan do grupo. Assim, com o apoio da empresária Patrícia Villela Marino[175] – que se tornou a madrinha do instituto – e de seu esposo, Ricardo Villela Marino – que é herdeiro do banco Itaú – o instituto começou a desenvolver suas ações. Atuando nas frentes de educação, profissionalização e geração de renda, o Gerando Falcões implementou o modelo de gestão empresarial inspirado na Ambev para gerir seu trabalho junto às favelas e maximizar os resultados de seus projetos. Tal gestão, buscou *oferecer excelência* nas ofertas das ações sociais desenvolvidas pelo grupo no intuito de apresentar tais resultados para futuros investidores. Desta forma, chamou a atenção de empresários como Jorge Lemann[176] (Fundação Lemann), Carlos Wizard[177] (Wizard).

---

[173] "Cufa e PM trabalham juntas para integrar policiais e comunidade". Extra (10/08/2010) https://extra.globo.com/noticias/rio/cufa-pm-trabalham-juntas-para-integrar-policiais-comunidade-366263.html. Acesso em: 25/02/2024..

[174] "Instituto Capitalismo Consciente assina parceria social com CUFA, G10 Favelas e Plan International". Bahia Jornal (13/01/2022). https://www.bahiajornal.com.br/noticia/35714/instituto-capitalismo-consciente-assina-parceria-social-com-cufa-g10-favelas-e-plan-international. De acordo com informações de seu site "[o] Capitalismo Consciente é um movimento global que se originou nos Estados Unidos e que tem como objetivo elevar a consciência das lideranças para práticas empresariais baseadas na geração de valor para todos os stakeholders." Maiores informações em: https://ccbrasil.cc/sobre/#quem-somos. Acesso em: 25/02/2024.

[175] "Edu Lyra, criador do Gerando Falcões, é o empreendedor das comunidades" Versatille (14/04/2020): https://versatille.com/edu-lyra-empreendedor-das-comunidades/. Acesso em: 25/02/2024.

[176] Jorge Lemann é o fundador da Fundação Lemann, uma das principais instituições responsáveis pela precarização do ensino público fundamental no Brasil, juntamente a outras instituições privadas. Para maiores informações, ver os trabalhos de Carolina Catini (2020; 2021a; 2021b) e a matéria do jornal GGN "A reforma do ensino médio e a "nova geração de negócios"", publicada em março de 2023, disponível em: https://jornalggn.com.br/artigos/a-reforma-do-ensino-medio-e-a-nova-geracao-de-negocios-por-carolina-catini/.

[177] "Carlos Wizard: Dos braços de Dória ao berço do bolsonarismo". Veja (03/06/2020). https://veja.abril.com.br/economia/carlos-wizard-dos-bracos-de-doria-ao-berco-do-bolsonarismo. Acesso em: 25/02/2024.

O G10 Favelas é um grupo, ou melhor, um *bloco econômico das favelas* inspirado no G7 (grupo dos sete países mais desenvolvidos do mundo), que engloba as 10 maiores favelas do Brasil e que atua nestes espaços com a ideia de *[...] inspirar o Brasil inteiro a olhar para a favela, tornando as Comunidades grandes Polos de Negócios, atrativo para Investimentos, de forma a "transformar a exclusão em Startups e Empreendimentos de Impacto Social de sucesso*[178]*"*. Presidida por Gilson Rodrigues, popularmente conhecido como *o prefeito de Paraisópolis*, o G10 Favelas iniciou suas atividades no ano de 2019, no bairro de Paraisópolis, zona sul de São Paulo. Com base no empreendedorismo, o grupo mobiliza o conceito de favela como potência econômica, a partir da lógica de que *juntas, as mais de 13 mil favelas do Brasil movimentam R$180 bilhões*. Daí a lógica de um bloco econômico das favelas.

Em 2021, durante o segundo ano de pandemia e em meio as ações para combater o desemprego e a fome nas periferias, foi anunciada uma parceria[179] entre o G10 Favelas e a empresa de mídia Brasil Paralelo. O Brasil Paralelo é uma produtora de conteúdo – principalmente audiovisual – conservadora, influenciada pelo guru da nova direita brasileira, Olavo de Carvalho, que tem por missão *"[r]esgatar bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros*[180]*"*. Na parceria com o G10 Favelas foram ofertadas 500 assinaturas do BP Select[181] para famílias de Paraisópolis escolhidas por Gilson Rodrigues. Questionado algumas vezes sobre o porquê desta parceria, Gilson afirmou que a *"periferia precisa de informação para formar opinião própria"* e que *"[e]ssa briga de negacionismo, direita, esquerda, não nos interessa. Nos interessa acabar com a fome. Nos interessa formar pessoas da favela capazes de discutir tudo o que aconteceu na história do Brasil e do mundo"*[182].

---

[178] "O que é o G10 Favelas?" Disponível em: https://www.g10favelas.org/#canalg10. Acesso em: 25/02/2024.

[179] "Parceria entre Brasil Paralelo e G10 Favelas une propósitos e desperta esperança" (13/10/2021): https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gabriel-kanner/2021/10/parceria-entre-brasil-paralelo-e-g10-favelas-une-propositos-e-desperta-esperanca.shtml. Acesso em: 25/02/2024.

[180] "Tudo começa com uma missão". Disponível em: https://www.brasilparalelo.com.br/sobre. Acesso em: 25/02/2024.

[181] BP Select é o Canal de streaming do Brasil Paralelo com filmes do circuito comercial e documentários de orientação conservadora, produzidos pelo grupo. Maiores informações em: https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/o-que-e-a-bp-select. Acesso em: 25/02/2024.

[182] "Favela precisa de informação para formar opinião própria, diz presidente do G10 Favelas sobre parceria com Brasil Paralelo" (18/10/2021): https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2021/10/favela-precisa-de-informacao-para-formar-opiniao-propria-diz-presidente-do-g10-favelas-sobre-parceria-com-brasil-paralelo.shtml. Acesso em: 25/02/2024.

Estes grupos têm buscado atuar a partir do que chamam de *"favela como potência"*. Tal afirmação busca mobilizar as periferias como um espaço de potência econômica e de soluções para seus próprios problemas. Algo que não acontece porque há um abandono por parte do poder público e não há investimento do setor privado, segundo o entendimento desses grupos. Assim, tem sido comum por parte dessas entidades mobilizar a ideia de periferias/favelas como um local de alto consumo, um campo fértil de possibilidades para investimentos de impacto social. De certa forma, a periferia é mobilizada como uma mercadoria, uma *commodity*.

Personalismo, representatividade, a favela como negócio e a mentalidade empreendedora: Um novo colonialismo? Algumas questões.

"É o objetivo! É o método!
Mudar a alma! Mudar a alma!"
(11 de setembro, Dead Fish, 2024)

Uma das questões que ficaram evidentes durante essa primeira imersão virtual sobre a *Favela S.A.* é a mobilização da desigualdade como negócio de alta rentabilidade. Isso parece ser verdade especificamente a partir da promoção das favelas/periferias como marca de potente valor comercial e econômico a partir dos auspícios gloriosos da cultura. A lógica de organização desses grupos é não mais a partir do modelo tradicional dos movimentos sociais nas periferias, em torno da mobilização política por moradia, creche, trabalho e saneamento básico e demais políticas públicas, descrita por uma importante literatura (cf. Sales, Teles, Caldeira, Feltran). Em lugar disso, a tônica dos novos grupos e indivíduos que têm atuado nas favelas/periferias Brasil afora se constitui através da financeirização e do mercado econômico, capitalizando as expressões possíveis que remetem à ideia de periferia ou de favela. Ainda mais recentemente, a avalanche de digital influencers e demais personas virtuais e presenciais que trabalham a financeirização da vida a partir das identidades de raça, classe e gênero, desde que a direita mundial entrou em ascensão nos últimos anos, tem crescido sobremaneira.

A ideia de que a transformação social e a superação das desigualdades sociais se dão no âmbito do esforço individual, em um contexto em que o sujeito se torna o empreendedor de si mesmo e responsável, portanto, por sua miséria e sua bonança, choca-se com a história de lutas em torno de trabalho e vida digna e a responsabilidade de quem sempre lucrou e segue lucrando com as desigualdades e injustiças estruturais. Latifundiários, empresários,

políticos e toda a classe de pessoas que ergueram seus impérios econômicos e sua riqueza a partir da exploração do trabalho, da concentração de terras e de renda, da grilagem, do desvio de verbas públicas e toda gama de injustiças que têm no capitalismo seu principal propulsor, hoje se tornam heróis ou empresários socialmente conscientes, mobilizando o ideário popular e os ressignificando de acordo com seus interesses – como o caso das figuras dos Zumbis na África do Sul, tais como analisadas por John e Jean Commaroff (2002; 2014) que, no contexto pós colonial, está diretamente relacionado com a precarização do trabalho, estimulando a xenofobia e a violência étnica. Ou ainda, com a valorização, empoderamento e inclusão social das classes marginalizadas a partir do mercado (DE TOMMASI & VELASCO, 2016), através do setor social de suas empresas, principalmente nos países que sofreram colonização. É como se o próprio capitalismo, em suas distintas faces, alimentado pela própria condição de miséria que se encontram as favelas e suas gentes, fosse a solução para os próprios males que engendrou. É fundamental levar em conta essas nuances, onde os interesses das grandes potencias econômicas se impõem a priori, não como força bélica e ocupação geográfica dos territórios, mas principalmente como subjetividades que circulam a partir da cultura, do consumo e da estética (cf. ABU-LUGHOD, 2018; DÉUS, 2021; NKRUMAH, 1967; SAID, 2008; 2011).

Dessa forma, se pode depreender que as formas mais recentes de mobilização social nas periferias, seja através de coletivos culturais, ativismos individuais e até mesmo nos movimentos sociais que ainda atuam neste espaço, tem sido caracterizada cada vez mais por uma dinâmica que predica a captação de recursos, o investimento de capital (especialmente) de instituições privadas – em detrimento da reivindicação por vias públicas – e a mobilização da representatividade das parcelas marginalizadas e oprimidas da sociedade, desprovida de radicalidade e enfrentamento das estruturas colonialistas/neoliberais/capitalistas que geram tais desigualdades. No que tange ainda aos valores democráticos, estes também passaram a ser mediados pelos investimentos financeiros, já que parcerias são realizadas a partir de um discurso de *empoderamento* de determinadas camadas subalternizadas. Mas como aponta Wacquant (2012), *sem abrir mão [d]o vaivém sistemático das prioridades e ações estatais da mão esquerda para a mão direita* (WACQUANT, 2012, pág.512) por parte do *Estado-Centauro* (WACQAUNT, Idem).

A radicalidade no caso – antes apontada para as classes populares pobres, as periferias, que queimavam ônibus, paravam o trânsito, ocupavam órgãos públicos em prol de

suas demandas de vida digna – parece ficar por conta das políticas neoliberais e dos costumes conservadores que, cada vez mais se apropriam não só das subjetividades do cidadão comum e dos *sujeitos periféricos,* agindo na raiz destes, como também das políticas públicas (FARIA et PASTORINI, 2020) e culturais, tradicionalmente caracterizadas por um viés progressista mais voltado à esquerda.

Dardot e Laval (2016) discorrem sobre o neoliberalismo como uma racionalidade. Trata-se, segundo os autores, de uma racionalidade que carece de uma infraestrutura cultural e que predica um modelo mental, uma cognição específica. No contexto dos embates anticoloniais da África, autores como Frantz Fanon (2020; 2022) e Albert Memmi (2007) se debruçaram sobre os efeitos nefastos do colonialismo, enfatizando não só seus tentáculos políticos e econômicos, como também os impactos de seus aspectos psicológicos e patológicos. Em Pele Negra, Máscaras Brancas (2020), Fanon falava do negro que, para superar sua condição no mundo branco, buscava negar sua humanidade e se parecer o mais que pudesse com o branco. O sonho de todo colonizado é se tornar colonizador, afirmava o autor em *Os Condenados da Terra* (FANON, 2022). Memmi traçou o retrato do colonizado e do colonizador, esmiuçando com detalhes o condicionamento cultural e psicológico de um, e o racismo, violência e a permissividade dos agentes da modernidade do outro, e como esse sistema torcia os sentidos dos nativos, para impor ao mundo a civilização europeia. Ou seja, o processo de dominação, em qualquer esfera, nunca é só material, mas também subjetivo, cognitivo. É também, em outras palavras, cultural, como tentei demonstrar ao longo desta pesquisa.

Esse aspecto cognitivo vem sendo muito explorado nas redes sociais, como bem apontaram os trabalhos de Letícia Cesarino (2020; 2022), Débora Messenberg (2017) e Jair de Souza Ramos (2015). A mobilização dos sentimentos e afetos pelas redes, feitas pela nova direita mundialmente, é um reflexo do próprio momento do capitalismo digital (Morozov, 2018), que coleta dados não só para a incrementar a infraestrutura da sociedade de controle, como também para refinar, direcionar e sugerir o consumo de determinados bens e produtos. Ou em muitos casos, criar desejos, tais quais os desejos coloniais, como apontam De Tommasi & Velazco (2016). Assim, se pode formar uma conexão entre o estímulo do individualismo, o controle social, a mobilização dos afetos e a manipulação dos desejos como algumas das bases da infraestrutura das redes sociais, que privilegiam uma ótica neoliberal,

como aponta Cesarino (2022), também modelando um modo específico de imaginar e entender o mundo.

Dentre outras coisas é o que permite também a normatização do inverossímil; da manipulação dos fatos e daquilo que se convencionou a chamar de pós-verdade. Vimos no capítulo três como essas questões se colocam, através da reflexão sobre as mudanças semânticas no *campo do social* e da disputa política. Este é um aspecto, como vimos até aqui, fundamental para explicar dentre outras coisas, a imaginação empreendedora que acredita superar as desigualdades enquanto reforça as estruturas econômicas e políticas que geram tais desigualdades. Outra questão relevante que encontra eco com o que Cesarino (2020) define por Populismo Digital, é a própria representação tanto dos exemplos de empoderamento periférico, como dos CEO's da Favela S.A. Segundo Cesarino, *"[p]opulismo digital, neste sentido, refere-se tanto a um aparato midiático (digital) quanto a um mecanismo discursivo (de mobilização) e uma tática (política) de construção de hegemonia"* (CESARINO, 2020, p. 95).

Apesar dessas entidades (CUFA Brasil, Gerando Falcões e G10 Favelas) serem compostas por várias pessoas, em suas próprias redes são raríssimas as vezes em que aparece algum outro integrante além de suas lideranças. Por vezes, as redes sociais destes grupos, parecem ser uma extensão das redes sociais de suas lideranças, já que todas as postagens são sobre elas. São as lideranças que aparecem em nome do grupo, recebem as visitas e os convites dos apoiadores e parceiros, ganham prêmios em nome das entidades, fazem as viagens internacionais. Quando um "nós" é referenciado nas redes sociais são sempre as lideranças que aparecem, geralmente sozinhas ou acompanhadas de alguma "personalidade importante". Dessa forma, é como se fossem a própria encarnação de seus grupos. Seus discursos, que mobilizam principalmente os futuros investidores e parceiros, parecem ser hegemônicos dentro destas organizações.

Apesar de tais discursos denunciarem as desigualdades que marcam as periferias e favelas – estes sujeitos fazem questão de ressaltar em suas narrativas sobre a importância da atuação de seus grupos e do setor privado frente ao descaso do Estado – é justamente a miséria do espaço periférico que se apresenta como seu maior produto de venda. É justamente essa escassez que fomenta doações, parcerias e o sucesso não só de suas lideranças, mas das *parcerias de sucesso* que a Favela S.A. estabelece, por exemplo. O que

não fica totalmente esclarecido é o que significa o sucesso de tais parcerias e para quem exatamente é esse sucesso, já que as desigualdades estruturais nesses espaços seguem bem alimentadas, firmes e fortes. E as favelas e periferias continuam marcadas por elas.

São muitas as questões em torno da Favela S.A. e da lógica neoliberal (ou neocolonial, ou ainda neoimperial, a investigar) que permeiam as periferias (e não só) e que remodelam o modo de pensar e agir política e socialmente frente às desigualdades. As respostas ofertadas pela financeirização da vida e pelo empreendedorismo, soam, a priori, como uma novidade aos ouvidos da maior parte dos condenados da terra, mas se estruturam como um mecanismo de retroalimentação muito eficaz entre a miséria, os miseráveis e aqueles que enriquecem com essa situação. No entanto, a diferença parece residir no fato de que agora, nessa atual gestão da pobreza, os miseráveis têm maior protagonismo, maior agência, como diriam alguns de meus colegas de trabalho, já que esta tem se tornado sinônimo de resistência e libertação, grosso modo (cf. MAHMOOD, 2019; ORTNER, 2006; 2007; 2011). Ainda assim, quem sempre ganha no mundo dos negócios é quem mais tem capital de giro, pode investir mais e administra melhor seus recursos. Essas são questões que necessitam de maior aprofundamento numa pesquisa futura.

Trouxe esses elementos que caracterizam o que chamo aqui de Favela S.A., justamente para ilustrar que, para além do uso do fazer político e cultural das periferias – entrevistos nas estratégias que estes sujeitos foram obrigados a desenvolver para sobreviver à toda sorte de desigualdades e injustiças que lhes foram impostas – pelo neoliberalismo, há também uma disputa ocorrendo sobre o que chamei aqui de projeto ideológico das produções culturais das periferias. Tal disputa, se evidencia não só pelo caráter neoliberal do Estado e do poder mundial como um todo, mas também no contexto mais ínfimo, onde cada vez mais a relação com os financiamentos, que se apresenta como parte da financeirização da vida, predica parcerias com figuras políticas e econômicas vinculadas à direita e suas políticas conservadoras, como vimos ao longo deste trabalho e principalmente neste capítulo. Em um diálogo informal, na época de minha iniciação científica, com uma produtora cultural das periferias, sobre a mercantilização da produção cultural das periferias, ela me disse a seguinte frase: *"as coisas foram acontecendo, muita visibilidade e demanda de participação em vários espaços e até 2014, a gente nunca se sentou junto pra conversar sobre um monte de coisas que estavam acontecendo. Daí, começou a ir cada um pra um lado, fazer suas coisas e ficamos assim"*.

A poucos dias de terminar essa dissertação, a escola de Samba Vai Vai sofreu ataques[183] tanto do *prefeito periférico* Ricardo Nunes (MDB - Movimento Democrático Brasileiro), quanto pelo governador do Estado, Tarcísio de Freitas (Republicanos). Ambos alegaram que a escola ofendeu policiais ao retratá-los como demônios durante o desfile da escola, no carnaval de São Paulo. Um dia após o citado prefeito enviar o ofício[184] em que pede a punição da Vai Vai à liga das Escolas de Samba de São Paulo, Nunes foi recebido por carnavalescos da CUFA Heliópolis em seu pavilhão, como divulgado no perfil do Instagram[185] do grupo. No início de fevereiro, dando largada no ano eleitoral, uma parceria[186] entre o prefeito Ricardo Nunes e uma das maiores produtoras de Funk e São Paulo, a GR6, foi anunciada, mesmo com uma enxurrada de críticas por parte de representantes deste movimento cultural. Vale lembrar que tanto o prefeito como o governador são Bolsonaristas assumidos, que o então prefeito Ricardo Nunes, criou uma enorme polêmica com parte do movimento cultural de São Paulo, ao tentar terceirizar as casas de cultura do município[187].

Por fim, mas não menos importante, finalizo este trabalho, complexificando a questão que fiz no início deste capítulo, que é a pergunta que me faço como pesquisador, como pessoa pobre, nascida numa das maiores periferias de São Paulo e como ator social, produtor também de conhecimento e cultura: Qual é nosso papel, enquanto povo, frente a este *Jogo Sujo*, em que fomos implicados? Jogar o jogo conforme as regras, humanizando instituições como o Itaú Cultural, ligada ao banco que mais lucrou durante a pandemia[188] e o primeiro a

---

[183] "PL pede a Tarcísio e Nunes que Vai-Vai não receba recursos públicos..." Poder 360 (13/02/2024): https://www.poder360.com.br/brasil/pl-pede-a-tarcisio-e-nunes-que-vai-vai-nao-receba-recursos-publicos/. Acesso em: 25/02/2024.

[184] "Nunes envia à Liga ofício de deputados que pede punição à Vai-Vai". Metrópoles (15/02/2024): https://www.metropoles.com/sao-paulo/nunes-envia-a-liga-oficio-de-deputados-que-pede-punicao-a-vai-vai. Acesso em: 26/0/2024.

[185] Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C3a-Ig4uIfD/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==. Acesso em 26/02/2024.

[186] "Parceria entre produtora de funk GR6 e Prefeitura de São Paulo é alvo de críticas". Alma Preta Jornalismo (02/02/2024): https://almapreta.com.br/sessao/cultura/parceria-entre-produtora-de-funk-gr6-e-prefeitura-de-sao-paulo-e-alvo-de-criticas/

[187] "Prefeitura de SP pretende dividir gestão das Casas de Cultura com organizações da sociedade civil". Folha de São Paulo (16/02/2022): https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2022/02/prefeitura-de-sp-pretende-dividir-gestao-das-casas-de-cultura-com-organizacoes-da-sociedade-civil.shtml. Acesso em: 26/04/2024.

[188] "Enquanto o país afunda, lucros de Itaú e Santander disparam no 3º trimestre; entenda cenário". Brasil de Fato (04/11/2021): https://www.brasildefato.com.br/2021/11/04/enquanto-o-pais-afunda-lucros-de-itau-e-santander-disparam-no-3-trimestre-entenda-cenario. Acesso em: 26/02/2024.

emitir uma nota de boas-vindas[189] ao ex-presidente Jair Bolsonaro? Ou há outra possibilidade de existir e atuar? Deixo o depoimento de Vagner Sousa, do coletivo cultural Poesia na Brasa, como uma possível resposta:

> É possível uma outra lógica de circulação de mercadorias e serviços que não seja essa? Eu acho que é. Agora estamos tentando, estamos fazendo, estamos experimentando e vamos fazer um monte de merda no caminho. E é isso. Agora, a nossa questão é, é possível criar... Eu lembro a primeira vez que eu fui no Fórum Social Mundial, em dois mil e três, lá em Porto Alegre, a gente construiu a ideia de que um outro mundo é possível. Era isso que a gente falava em dois mil e três. Foi o primeiro fórum que eu fui, lá em Porto Alegre. Foi muito louco. O tema era isso. *Outro*, não era uma pergunta, era uma afirmação! Um outro mundo é possível. E aí você fala assim, mas parece que perdeu de perspectiva isso! Parece que agora, o lance é: é possível, se inserir dentro do mundo que já existe? E perde-se de perspectiva a construção de um outro mundo. Aí, a gente conversa muito nisso aqui em casa, eu e a Stephânia [integrante do Poesia na Brasa, ambos vivem juntos] e eu. Eu falo assim, não sei se um outro mundo é possível, sei que ele é necessário! Porque o que está aí vai acabar. O que está aí, vai acabar com as nossas condições de existência, enquanto a vida humana. Então, eu não sei se ele vai ser possível. Sinceramente, eu acho que acho que não vai. Acho que nós, enquanto espécie, humana, vamos acabar antes. Sinceramente, eu acho isso. Agora, eu não sei se ele é possível, mas que é extremamente necessário e urgente criar uma outra lógica de se relacionar. Inclusive de circulação de mercadorias e serviços, mas também de relação entre as pessoas. Porque eu acho que essa tendência, do que nós estávamos falando, do chamado empreendedorismo, propõe uma disputa acirrada entre nós. Eu acho uma injustiça, e eu acho assim: se a gente entra nessa lógica de empreendedores, eu vou começar a olhar para a Quilombaque não mais como nossos parceiros históricos; eu vou começar a olhar para a Quilombaque como o nosso adversário no campo do mercado. Porque é isso que está sendo colocado. Porque na lógica do capitalismo não cabe todo mundo (Vagner Souza, em entrevista cedida para esta pesquisa, em 12/08/2021).

[189] "Relatório do Itaú sobre Bolsonaro e investimentos causa críticas nas redes..." – UOL Economia (30/10/2018): https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2018/10/30/bolsonaro-itau-investimentos-bolsa.htm. Acesso em 26/02/2024.

BIBLIOGRAFIA:

ABU-LUGHOD, L.; REGO, F. C. V. S. DO; DURAZZO, L. A Escrita contra a cultura. Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, v. 5, n. 8, p. 193-226, 23 nov. 2018.

ADERALDO, Guilhermo. Entre Imagens e Imaginários: Estética e Política nas intervenções visuais/audiovisuais de coletivos culturais paulistanos. In: KOWARICK, Lúcio; FRÚGOLI JR., Heitor (Orgs.). Pluralidade Urbana em São Paulo: Vulnerabilidade, marginalidade, ativismos. São Paulo, Editora 34, 2015.

_____. Reinventando a cidade – Uma etnografia das lutas simbólicas entre coletivos culturais vídeo ativistas nas "periferias" de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2017.

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (Org.). Antropologia e Colonialismo: etnografias periféricas em Moçambique, Quênia, Sudão e Brasil / Riccardo Rella, Ítala Tuanny Rodrigues Nepomuceno, Vinícius Cosmos Benvegnú, Rosa Elizabeth Acevedo Marin, Suellen Precinotto; Organizado por Alfredo Wagner Berno de Almeida. – São Luís: UEMA Edições / PNCSA, 2021. Disponível em: http://novacartografiasocial.com.br/download/antropologia-e-colonialismo-etnografias-perifericas-em-mocambique-quenia-sudao-e-brasil/.

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos do Estado: Notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ARANTES, Paulo Eduardo. Esquerda e Direita no Espelho das Ongs. In Zero à esquerda. São Paulo, Conrad Editora do Brasil, 2004.

BALBINO, Jéssica. Pelas margens: vozes femininas na literatura periférica. 2016. 1 recurso online (358 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Campinas, SP.

Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/321220>. Acesso em: 31 ago.

BALANDIER, Georges. Antropologia Política. São Paulo: Difel, 1969.

BERNARDELLI JUNIOR, J. M.; RUIZ, M. S.; FIGUEIREDO GALLARDO, A. L. C. Conflitos Socioambientais na APA Bororé-Colônia: Dos Preexistentes aos Novos Associados ao Licenciamento Ambiental do Trecho Sul do Rodoanel de São Paulo. Desenvolvimento em Questão, [S. l.], v. 15, n. 40, p. 104–139, 2017. DOI: 10.21527/2237-6453.2017.40.104-139. Disponível em: https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/5706. Acesso em: 8 mar. 2022.

BIOTTI, Samanta. O boldo que queria ser melancia. São Paulo: SB Edições, 2021.

BISCHAIN, Sonia Regina. Território Poético: Diálogo entre versos. São Paulo: SB Edições, 2021.

BITTENCOURT, João Batista de Menezes. 2015. Sóbrios, firmes e convictos: uma etnografia dos straightedges em São Paulo. São Paulo: Annablume, 2014.

BOURDIEU, Pierre. Rethinking the state: on the genesis and structure of the bureaucratic field. Sociological Theory, [S.l.], Wiley-Blackwell, v.12, n.1, mar. p.1-19. [1993] 1994.

BRASA, Coletivo Cultural Poesia na Brasa. Antologia 5. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2020.

BROWN, Wendy. Nas ruínas do neoliberalismo: A ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

CALDEIRA, Teresa. Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CÂMARA PERIFÉRICA DO LIVRO. Editoras e Selos Editoriais das periferias de SP. Coordenação: Fernando Ruivo Lopes. Curadoria: Ação Educativa. São Paulo: Ação Educativa, 2020.

CAROS AMIGOS ESPECIAL. Literatura Marginal: a cultura da periferia: ato I. São Paulo, agosto de 2001.

_____. Literatura Marginal: a cultura da periferia: ato II. São Paulo, junho de 2002.

_____. Literatura Marginal: a cultura da periferia: ato III. São Paulo, abril de 2004.

CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CATINI, C. Empreendedorismo, privatização e o trabalho sujo da educação. Revista USP, [S. l.], n. 127, p. 53-68, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.i127p53-68. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/180045. Acesso em: 29 nov. 2023.

_____. A educação bancária, "com um Itaú de vantagens". Germinal: marxismo e educação em debate, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 90–118, 2021. DOI: 10.9771/gmed.v13i1.43748. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/43748. Acesso em: 29 nov. 2023.

_____. Pedagogia da Catástrofe. Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 99–128, 2021. DOI: 10.26512/rfmc.v9i3.43009. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/43009. Acesso em: 29 nov. 2023.

CECCHINI, Valéria Kabzas. A rede de Negócios de Impacto da Periferia: construindo conexões a partir do propósito. 2020. 134 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

CESARINO, L. Identidade e representação no bolsonarismo. Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. Revista de Antropologia, [S. l.], v. 62, n. 3, p. 530 - 557, 2019. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2019.165232. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/165232. Acesso em: 25 ago. 2023.

_____. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. Internet & Sociedade, 2020.

_____. O mundo do avesso: verdade e política na era digital. SP: Ubu, 2022.

CHAMAYOU, Grégoire. A sociedade ingovernável: Uma genealogia do liberalismo autoritário. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

CHAUÍ, Marilena. Cidadania Cultural: O Direito à Cultura / Marilena Chauí – 2. ed. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021.

CHAVES, Wanderson. A Fundação Ford e o Departamento de Estado Norte-Americano: a montagem de um modelo de operações no pós-guerra. Revista Crítica Histórica, [S. l.], v. 6, n. 11, 2015. DOI: 10.28998/rchvl6n11.2015.0012. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/2977. Acesso em: 5 maio. 2024.

_____. As agendas culturais da Guerra Fria e o "Programa Ideológico": a CIA e a Fundação Ford na atração às elites intelectuais. Revista Angelus Novus, [S. l.], n. 9, p. 123–152, 2016. DOI: 10.11606/ran.v0i9.98864. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ran/article/view/98864.. Acesso em: 5 maio. 2024.

COMAROFF, Jean, and John L. COMAROFF. "Alien-Nation: Zombies, Immigrants, and Millennial Capitalism." The South Atlantic Quarterly 101, no. 4 (2002): 779-805. muse.jhu.edu/article/39105.

COMAROF, J.; COMAROF, J. Etnografia e imaginação histórica. Proa: Revista de Antropologia e Arte, [S. l.], v. 1, n. 2, 2010. Disponível em: https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/proa/article/view/2360. Acesso em: 16 fev. 2024.

_____. O retorno de Khulekani Khumalo, cativo de zumbis: impostura, lei, e paradoxos da noção de pessoa na África do Sul pós-colonial Significação: revista de cultura audiovisual, vol. 41, núm. 42, dezembro, 2014, pp. 186- 211. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=609765996011. Acesso em 01/12/2023.

COSTA, Henrique Bosso da. Um lugar ao sol: utopia e sofrimento no empreendedorismo popular paulistano. 2022. 1 recurso online (278 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/4431. Acesso em: 26 fev. 2024.

DAGNINO, E. (2004). Construção democrática, neoliberalismo e participação: os dilemas da confluência perversa. *Política & Sociedade*, 5,139-164. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1983. Acessado em: 24/02/2024

DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S. l.], n. 26, p. 13–71, 2011. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077. Acesso em: 29 nov. 2023.

_____. Literatura Brasileira Contemporânea – Um Território Contestado. Vinhedo, Editora Novo Horizonte/Rio de Janeiro, Editora da Uerj, 2012.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. 40 ideias de periferia. São Paulo: Dandara, 2021

_____. A Formação das Sujeitas e dos Sujeitos Periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. São Paulo: Dandara, 2022.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE TOMMASI, Lívia. Culturas de Periferia: entre o mercado, os dispositivos de gestão e o agir político. Política e Sociedade, Florianópolis, vol. 12, pp. 11-34, 2013.

_____. Tubarões e peixinhos: histórias de jovens protagonistas. Educação e Pesquisa (USP. Impresso), v. 40, p. 533-548, 2014.

_____. Juventude, projetos sociais, empreendedorismo e criatividade: dispositivos, artefatos e agentes para o governo da população jovem. Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica. 6, p. 287-311, 2014.

_____. Cultura da Performance e Performance da Cultura. CRÍTICA E SOCIEDADE: revista de cultura política, v. 5, p. 100-126, 2016.

_____. Jovens produtores culturais de favela. Linhas Crí-ticas, [S. l.], v. 22, n. 47, p. 41–62, 2016. DOI: 10.26512/lc.v22i47.4766. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4766. Acesso em: 8 mar. 2022.

_____. Empreendedorismo e ativismo cultural nas periferias brasileiras. H-ermes, v. 1, n. 13, p. 167- 196, 2018. https://doi.org/10.1285/i22840753n13p167

DE TOMMASI, L.; VELAZCO, D. A produção de um novo regime discursivo sobre as favelas cariocas e as muitas faces do empreendedorismo de base comunitária. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 56, p. 15–42, jun. 2013.

_____. (2016). O governo dos jovens e as favelas cariocas. Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, 9(3), 531-556. Recuperado de https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7737. Acesso em: 29 nov. 2023.

DE TOMMASI, LIVIA e CORROCHANO, MARIA CARLA. Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. Estudos Avançados [online]. 2020, v. 34, n. 99 [Acessado 8 Março 2022], pp. 353-372. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.021>. Epub 10 Jul 2020. ISSN 1806-9592. https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.021.

DE TOMMASI, L.; MORENO DA SILVA, G. EMPREENDEDOR E PRECÁRIO: a carreira "correria" dos trabalhadores da cultura entre sonhos, precariedades e resistências. REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - POLÍTICA & TRABALHO, [S. l.], v. 1, n. 52, p. 196–211, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1517-5901.2020v1n52.51018. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/51018. Acesso em: 8 mar. 2022.

DÉUS, Frantz Rousseau. Paradoxo haitiano: identidade negra e "branqueamento" na contemporaneidade. Curitiba: Appris, 2021.

DÉUS, Frantz Rousseau & BENDO, Margarida Duete. L. Políticas de ações afirmativas e combate ao racismo estrutural a luz do debate sobre antirracismo. 9 º Seminário Salvador e suas cores, Salvador, 2023 (Comunicação).

DUARTE, Diego Elias Santana. Sarau do Binho vive! Identidades alteradas e o sarau como processo de identificação periférica. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.8.2016.tde-08032016-141025. Acesso em: 2022-04-10.

FANON, Frantz. Pele Negra, Máscaras Brancas. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

_____. Por uma revolução africana - Textos Políticos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

_____. Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FARIA, Gabriele Gomes; PASTORINI, Alejandra. AS POLÍTICAS PÚBLICAS E O AVANÇO DO CONSERVADORISMO NO BRASIL: protagonistas e estratégias. Rev. Plaza Pública, Nº 23 (13): Estado, políticas sociais e Serviço Social: lógicas, tensões e resistências na América Latina recente, Jul. 2020, p. 5-22. Disponível em: https://ojs2.fch.unicen.edu.ar/ojs-3.1.0/index.php/plaza-publica/article/view/843.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Vinte anos depois: a construção democrática brasileira vista da periferia de São Paulo. Lua Nova, São Paulo, n. 72, p. 83-114, 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452007000300004&lng=en&nrm=iso>. access on 20 Jan. 2022. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452007000300004.

_____. Introdução. In: Fronteiras de Tensão – Política e Violência nas Periferias de São Paulo. São Paulo, CEM/CEBRAP/Editora Unesp, 2011.

_____. Valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo. Cad. CRH, Salvador, v. 27, n. 72, p. 495-512, dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792014000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 fev. 2022. http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792014000300004. 21.

FERRÉZ (org.). Literatura Marginal: Talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro, Editora Agir, 2005.

FOUCAULT, Michel. Segurança, Território, População. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. Ditos e Escritos Vol. V: Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2012.

FRANCO, Marielle. UPP A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

FREDERICO, C. Da periferia ao centro: cultura e política em tempos pós-modernos. Estudos Avançados, v. 27, n. 79, p. 239-255, 1 jan. 2013.

FREDERICO, Graziele, MOLLO, Lúcia Tormin e DUTRA, Paula Queiroz. “Escrevo para que meu povo não morra mais nas mãos da polícia”: entrevista com Dinha. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea [online]. 2017, n. 51 [Acessado 30 Maio 2022] , pp.

263-270. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-40185116>. Epub May-Aug 2017. ISSN 2316-4018. https://doi.org/10.1590/2316-40185116.

FREIRE, Ralyanara Moreira. Cerzindo o tecido social: ressignificações do Bordado Arpillera e a vida de atingidas por Belo Monstro. 2021. 1 recurso online (400 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/54. Acesso em: 8 fev. 2024.

FREITAS, Sara. Nos labirintos da participação: um estudo de caso de uma ONG do campo democrático participativo. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/D.8.2009.tde-22022010-173717. Acesso em: 2022-02-18.

_____. Em cena os empresários: luta política e gestão social. 2016. 1 recurso online (191 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/1628664. Acesso em: 18 fev. 2022.

FREITAS, Sara da Silva; Pinho, Carlos Eduardo Santos. Empresariado e poder político no Brasil: Uma perspectiva multidimensional. São Paulo: Editora Alameda, 2020.

GAGO, Veronica. A razão neoliberal: Economias barrocas e pragmática popular. São Paulo: Editora Elefante, 2018.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Cento de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

GONÇALVES. Genival Oliveira. A Rima Denuncia. São Paulo: Global, 2010.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GRAMSCI, Antonio. Discorso agli anarchici (L'Ordine Nuovo, 3-10 aprile 1920, I, n.43) (tratto da raccolta L'Ordine Nuovo 1919-1920, ed. Einaudi pag. 396-401). Disponível em: http://www.nuovopci.it/classic/gramsci/dianarc.htm. Acesso em: 18/02/2024

GUIMARAES, Alberto Passos. As classes perigosas: banditismo urbano e rural. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

HAIDER, Asad. A Armadilha da Identidade: Raça e classe nos dias de hoje. São Paulo: Veneta, 2019.

HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

_____. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Apicuri, 2016.

HOLSTON, James. Cidadania insurgente. Disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo - Diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2021.

KRENAK, Ailton; SANTOS, Boaventura Souza; SILVESTRE, Helena. Sistema e o Antissistema: Três ensaios, três mundos, no mesmo mundo. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LEITÃO, D. K.; GOMES, L. G. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia, v. 1, n. 42, 11 maio de 2018.

LEITE, Antonio Eleilson. Mesmo céu, mesmo CEP: produção literária na periferia de São Paulo. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.100.2014.tde-12112014-085405. Acesso em: 2022-05-09.

_____. Marcos fundamentais da Literatura Periférica em São Paulo. Revista Estudos Culturais, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1-20, 2014. DOI: 10.11606/issn.2446-7693i1p1-20. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/98368. Acesso em: 25 fev. 2022.

LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale. Dicionário Gramsciano (1926-1937). São Paulo: Boitempo, 2017.

LINS, B. A.; PARREIRAS, C.; FREITAS, E. T. de. Estratégias para pensar o digital . Cadernos de Campo (São Paulo - 1991), [S. l.], v. 29, n. 2, p. e181821, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe181821. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181821. Acesso em: 3 jun. 2022.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, June 2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200002&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Jan. 2022. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002.

MARX, Karl. A ideologia alemã: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, Bruno Bauer e Stirner e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845 -1846). São Paulo: Boitempo, 2007.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

_____. Sair da grande noite: Ensaio sobre a África descolonizada. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

MEMMI, Albert. Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MESSENBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. Sociedade e Estado [online]. 2017, v. 32, n. 03 [Acessado 29 Novembro 2023], pp. 621-648. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203004>. ISSN 0102-6992. https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203004.

MINCHONI, Tatiana. Coletivo Sarau do Binho: insurgência (po)ética nas tramas afetivas do território / Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/219301?show=full. Acesso em 15/03/2022.

MONTEIRO, E. M. Antropologia e Colonialismo: Os casos inglês, francês e português. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, *[S. l.]*, v. 32, n. 1-4, 2021. Disponível em: https://ojs.letras.up.pt/index.php/tae/article/view/10840. Acesso em: 26 fev. 2024.

MONTENEGRO, Marina; CONTEL, Fabio. Financeirização do território e novos nexos entre pobreza e consumo na metrópole de São Paulo. EURE (Santiago), Santiago, v. 43, n. 130, p. 115-139, sept. 2017. Disponible en <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71612017000300115&lng=es&nrm=iso>. accedido en 29 nov. 2023. http://dx.doi.org/10.4067/s0250-71612017000300115.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Vozes Marginais na Literatura. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

_____. É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponíveis/8/8134/tde-12112012-092647/>. Acesso em: 2022-02-09.

_____. A periferia de São Paulo: revendo discursos, atualizando o debate. RUA, Campinas, SP, v. 16, n. 2, p. 112–127, 2015. DOI: 10.20396/rua. v16i2.8638822. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638822. Acesso em: 18 fev. 2022.

N'KRUMAH, Kwame. Neocolonialismo: Último estágio do imperialismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

OGG, Alex. Dead Kennedys: Fresh Fruit for Rotten Vegetables (Os primeiros anos). Sao Paulo: Edições Ideal, 2014.

OLIVIERI, Cristiane Garcia. Cultura Neoliberal - Leis de incentivo como política pública de cultura. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

ORTNER, S. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. in Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas. Org: Grossi M. P.; Eckert C.; Fry P. H. – Goiania: Nova Letra, 2006

_____. Subjetividade e crítica cultural. Horizontes Antropológicos, v. 13, n. 28, p. 375–405, jul. 2007.

_____. Teoria na antropologia desde os anos 60. Mana, vol.17, n.2, 2011.

PATTO, M. H. S. "Escolas cheias, cadeias vazias" nota sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileiro. Estudos Avançados, v. 21, n. 61, p. 243–266, set. 2007.

PELIANO, A. M. T. M.; RESENDE, L. F. de L.; BEGHIN, N. O COMUNIDADE SOLIDÁRIA: UMA ESTRATÉGIA DE COMBATE À FOME E À POBREZA. Planejamento e Políticas Públicas, [S. l.], n. 12, 2022. Disponível em: //www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/139. Acesso em: 10 jan. 2024.

PINSKY, Jaime e Carla Bassanezi. História da cidadania. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

POLESE, Pablo. Machismo, Racismo, Capitalismo Identitário: As estratégias das empresas para as questões de gênero, raça e sexualidade. São Paulo: Editora Hedra, 2020.

RAIMUNDO, Sílvia Lopes. Território, cultura e política: movimento cultural das periferias, resistência e cidade desejada. 2017. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.8.2017.tde-17042017-104001. Acesso em: 2023-11-29.

RAMOS, J. de S. Subjetivação e poder no ciberespaço. Da experimentação à convergência identitária na era das redes sociais / Subjectivity and power in cyberspace. From experimenting to identity convergence in the age of social networks. Vivência: Revista de Antropologia, [S. l.], v. 1, n. 45, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/8251. Acesso em: 29 nov. 2

REINHARDT, Bruno; CESARINO, Letícia. Antropologia e crítica pós-colonial. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 009–035, 2018. DOI: 10.5007/2175-8034.2017v19n2p9. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2017v19n2p9. Acesso em: 26 fev. 2024.

REIS, Susana Azevedo; MUSSE, Christina Ferraz. Entre livros e memórias: a web como lugar de nostalgia do Círculo do Livro. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 13, n. 34, e0205, set./dez. 2021.

REYES, Alejandro. Vozes dos Porões: literatura periférica/marginal no Brasil. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

RIBEIRO, Eduardo. Uma História Oral do Movimento Anarcopunk em São Paulo 1988-2001. Rio de Janeiro: Rizoma, 2019.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Post-imperialismo: para una discusión después del post-colonialismo y Multiculturalismo. Estudios Latinoamericanos sobre cultura y transformaciones sociales en tiempos de globalización. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001. Págs. 160/183.

_____. Outras globalizações: cosmopolíticas pós-imperialistas. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.

ROSA, N. P.; GUEDES, M. de Q. de P.; LEITE, M. A. A literatura marginal periférica e o cânone literário. Navegações, [S. l.], v. 12, n. 2, p. e35099, 2020. DOI: 10.15448/1983-4276.2019.2.35099. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/35099. Acesso em: 29 nov. 2023.

SAID, Edward. Cultura e Política. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTIAGO, Eduardo Girão. Vertentes teóricas sobre empreendedorismo em Schumpeter, Weber e McClelland: novas referências para a sociologia do trabalho. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 40, n. 2, 2009, p. 87-103. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/764. Acesso em 12/02/2022.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura? São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

SANTOS, K. L. dos. Uma nova pobreza urbana? A financeirização do consumo na periferia de São Paulo. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 153, 2014. DOI: 10.22296/2317-1529.2014v16n1p153. Disponível em: https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/4117. Acesso em: 29 nov. 2023.

SANTOS, Silvio Rogério dos. O Sistema é a bomba e o pavio: o projeto da Literatura Marginal/Periférica revisto à partir dos Coletivos Poesia na Brasa e Perifatividade em São

Paulo / Silvio Rogério dos Santos. – Campinas, SP: [s.n.], 2019. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1161981. Acesso em 29/11/2023.

_____. Nos “embrasos”de sábado à noite: Uma noite fria, mas com poesia na brasa. In: Grupo de Trabajo CLACSO Reinvenciones de lo común - Boletín Composiciones de lo común. Año 3, Número #3: Espacios sociales y economías de lo común, Octubre 2023, p. 35–59. Disponible en: https://www.clacso.org/boletin-3-composiciones-de-lo-comun/. Consultado el: 29/11/2023.

SILVIO ROGÉRIO DOS SANTOS. Pode a periferia falar? Uma releitura crítica da produção cultural das periferias. Geografares, [S. l.], v. 2, n. 35, p. 225–251, 2022. DOI: 10.47456/geo.v2i35.39219. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/39219. Acesso em: 01 dez. 2023.

SAROUTE, Renata Roquetti. A captação de recursos de empreendimentos socioculturais no Estado de São Paulo. 2018. Dissertação (Mestrado em Empreendedorismo) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/D.12.2018.tde-24082018-122910. Acesso em: 2023-12-01.

SERAFIM, Amanda Gonçalves. "Abraços do Velho": Roberto Cardoso de Oliveira e a construção de um projeto de antropologia. 2021. 1 recurso online (241 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/1640951. Acesso em: 5 mai. 2024.

SCHUMPETER, Joseph A. O Fenômeno Fundamental do Desenvolvimento Econômico. In A Teoria do Desenvolvimento Econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SILVA, Debora Maria da (ET AL). Mães de Maio, Mães do Cárcere – A Periferia Grita! Antologia Literária. São Paulo: Mães de Maio. 2012.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. A Descoberta do Insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000). Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o Subalterno Falar? - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TELLES, Vera da Silva. Ilegalismos urbanos e a cidade. Novos estudos CEBRAP [online]. 2009, n. 84 [Acessado 18 Fevereiro 2022], pp. 153-173. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002009000200009>. Epub 07 Dez 2009. ISSN 1980-5403. https://doi.org/10.1590/S0101-33002009000200009.

TENNINA, Lucía. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S.l.], n. 42, p. 11-28, dez. 2013. ISSN 2316-4018. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9989>. Acesso em: 17 jan. 2022.

_____, MEDEIROS, Mário, PEÇANHA, Érica e HAPKE, Ingrid. Polifonias Marginais. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2016.

_____. Cuidado com os Poetas! Literatura e periferia na cidade de São Paulo. Porto Alegre, RS: Zouk, 2017.

TROUILLOT, Michel-Rolph. Silenciando o passado: poder e a produção da história Curitiba: huya, 2016.

TURENKO, Aleksei Santana. Central Única das Favelas e política cultural / Aleksei Turenko. - 2009. 136 f. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31693.

VALLADARES, Lícia do Prado. A Invenção da Favela: Do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005.

VAZ, Sérgio. Cooperifa: Antropofagia Periférica. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

WAGNER, Roy. A Invenção da Cultura. São Paulo, Cosac Naify, 2010.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo e Literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

WACQUANT, L.. Três etapas para uma antropologia histórica do neoliberalismo realmente existente. Caderno CRH, v. 25, n. 66, p. 505–518, set. 2012.

WOLF, Eric R. Figurar el poder: ideologias de dominación y crisis. México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropologia Social, 2001.

YÚDICE, George. A conveniência da cultura: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006

ZAGAIA, Coletivo. Uma ação educativa? ou o modo ONG de encarar a vida. Revista Zagaia, São Paulo, 2013. Disponível em: https://cordaodamentira.milharal.org/2012/07/26/uma-acao-educativa-ou-o-modo-ong-de-encarar-a-vida/. Acesso em: 01/12/2023.

ANEXO - MODELOS DE ENTREVISTAS APLICADOS AOS INTERLOCUTORES DE PESQUISA

I – Modelos de entrevistas realizadas com o coletivo Ecoativa

A) Entrevista com um dos fundadores da Casa Ecoativa

1. Olá, Eduardo, tudo bem? Gostaria que você se apresentasse, dizendo seu nome completo, seu grau de escolaridade, sua origem (onde nasceu etc.), como se identifica racialmente e quanto a gênero, e que contasse um pouco do seu percurso até chegar na Ecoativa.
2. O que motivou na época, a criação de um espaço como a Ecoativa? E quem estava envolvido?
3. Você poderia nos dar um panorama cultural da região do Grajaú, na época da Ecoativa?
4. Você acompanha a movimentação cultural das periferias ainda? Seja em SP ou no RS? Quais suas impressões sobre a mesma?
5. Tendo em conta sua experiência com movimentos culturais nas periferias, como você enxerga a atual produção destas, tendo em conta os financiamentos públicos e privados?
6. Você tem contato ou conhecimento acerca do empreendedorismo cultural nas periferias? Se sim, qual sua opinião?
7. Por fim, gostaria de propor uma reflexão: Nos últimos anos, se notou uma profusão enorme das produções culturais das periferias, seja na literatura, no cinema, no teatro, nas artes plásticas como na música. É comum que inúmeros desses artistas e produtores reivindiquem certo empoderamento, autonomia e emancipação, inclusive econômica. Nunca antes na história das periferias paulistanas, houve um momento assim, sendo que, em boa parte, esse momento foi propiciado por políticas públicas e privadas resultantes dos governos federais e estadual do PT. No entanto, após três mandatos e meio do PT no governo federal e dois mandatos do PT na Prefeitura de SP, se instaurou uma crise de representatividade política que culminou numa escalada do conservadorismo, inclusive nas periferias. Como você entende esse contraste? E qual o papel da produção cultural das periferias nesse contexto?
8. Agradecimentos e considerações finais

B) Entrevista com integrante da Casa Ecoativa e da AMIB

1. Olá, tudo bem? Pra começar, gostaria que você se apresentasse, dizendo seu nome, idade, grau de escolaridade, sua identidade de gênero e raça, onde nasceu e onde mora atualmente.
2. Como a cultura surgiu na sua vida? O que lhe levou a se envolver com a cultura? E qual foi sua trajetória até chegar a casa Ecoativa? Como foi esse encontro com a casa e as atividades que aconteciam lá? Como foi seu percurso até se tornar um integrante da casa?
3. Você também faz parte da AMIB, certo? Fale um pouco sobre sua trajetória e atividades junto à AMIB também.
4. Faça um balanço histórico da época em que você começou a se interessar por cultura até os dias de hoje, no Grajaú e demais periferias.
5. Quais são as principais atividades da Ecoativa? O Grupo possui algum estatuto ou carta de princípios? E como é a relação da casa com o entorno local, como bairro?
6. Como a pandemia tem impactado nas ações da casa Ecoativa?
7. Aproveitando, nos últimos anos, vimos uma escalada do neoliberalismo, do conservadorismo e autoritarismo - inclusive nas periferias - que culminaram na eleição do Presidente Jair Bolsonaro. Qual leitura você faz destes fatos? Você acredita que a produção cultural das periferias desempenha algum papel nesse contexto? Qual?
8. Atualmente a cultura produzida nas periferias, seja por coletivos ou por indivíduos, possui certo destaque não só no circuito cultural de São Paulo, mas também nas mídias especializadas sobre o tema, como a revista Veja, os jornais Estado de São Paulo e Folha de São Paulo e etc. Para além disso, ao longo de sua caminhada, esta produção cultural alcançou os mais diversos tipos de financiamentos, públicos e privados. A Ecoativa possui alguma parceria deste tipo? Com quem? E como você a representação dos coletivos culturais nos meios de comunicação hoje?
9. Acompanhando as redes sociais de coletivos e de comércios, em especial aqueles ligados à alimentação saudável e os coletivos culturais, a ideia de empreendedorismo parece ser algo muito presente na região do Grajaú. Onde a Ecoativa se encontra

nesse meio? Há algum diálogo ou parceria com estes grupos coletivos? O que você pensa sobre a ideia de empreendedorismo cultural periférico?

10. A Ecoativa é próxima ou mantém relações com algum movimento social?
11. Quais são os planos da Ecoativa para o futuro?
12. Para finalizar, agradeço a disponibilidade em me ceder esta entrevista e fique à vontade para fazer suas considerações finais.

C) Entrevista com pessoa que acompanha as atividades da Casa Ecoativa

1. Olá, tudo bem? Qual o seu nome completo, idade, formação escolar, como se identifica racialmente, qual seu gênero, onde nasceu e onde mora atualmente?
2. Você faz parte de algum coletivo cultural ou faz parte de algum movimento social? Ou desenvolve alguma ação cultural ou política a nível pessoal?
3. Qual seu envolvimento com a produção Cultural das Periferias, em especial, com o Sarau da Brasa? Como você conheceu esse grupo?
4. O que acha das ações desenvolvidas pelo Sarau da Brasa? Cite algumas ações que acompanhou/participou e o nos fale sobre o impacto das mesmas para você.
5. Qual a importância e o impacto da cultura e da cultura produzida nas periferias na sua vida?
6. Você acompanha a movimentação cultural das periferias atualmente? O que pensa sobre sua produção? Se possível, faça uma breve análise sobre o momento em que você se envolveu com a produção cultural das periferias até o momento atual, segundo seu entendimento.
7. Atualmente, diversas novas produções culturais e artísticas das periferias estão reivindicando para si a ideia de empreendedorismo cultural periférico. Ou seja, têm buscado viabilizar seus projetos como produtos dentro do mercado cultural. Geralmente, essa produção reivindica uma identidade periférica, negra e cultural como seus antecessores, mas, diferentemente de antes, tem mobilizado um discurso mais individual e de assimilação pelo mercado cultural, deixando de lado um aparente enfrentamento das desigualdades sociais, das quais esse mercado cultural também faz parte. Como você tem visto esse aspecto da produção cultural das periferias? Como você vê a ideia de empreendedorismo cultural negro-periférico?

8. Qual sua opinião sobre o empreendedorismo social, praticado por empresas, através de financiamentos de coletivos e produtores culturais nas periferias, além de programas culturais organizados por estas empresas?
9. Ainda sobre a relação aos financiamentos e parcerias das produções culturais das periferias, gostaria de propor uma reflexão a partir desse trecho de entrevista com um produtor cultural das periferias. Em relação às parcerias privadas ele fala: "Eu acho que todos os nossos sonhos foram possíveis graças às parcerias. É como eu disse, há coisas que dá pra você fazer sem dinheiro e há coisas que não dá para fazer sem dinheiro. E há coisas que dá pra fazer com dinheiro, mas sem a parceria não dá, existe uma parceria afetiva também. Na minha concepção, o Itaú não é só o prédio, não é só um banco, eu conheço as pessoas que estão lá, eu almoço com elas, eu bebo cerveja com elas, então não é só a grana, então é uma parceria afetiva... assim como a gente já recusou outras parcerias, entendeu? Por incrível que pareça estamos facinho, mas não estamos muito facinho [risos] A gente recusou algumas propostas, eu já recusei propostas, eu poderia estar bem de vida já, poderia ser um cara bem de vida, não vou dizer rico, mas muito bem de vida, poderia ter optado por isso e talvez você poderia não estar falando aqui comigo, seria o preço a se pagar, mas essas parcerias nos honram, nenhuma delas me envergonha, eu tenho muito orgulho e eu sou muito grato."
10. A pesquisadora Érica Peçanha do Nascimento, num trabalho pioneiro sobre a literatura marginal periférica ao discorrer sobre uma afirmação do pesquisador Marco Zibordi, afirma que ""projeto pedagógico" da produção literária das periferias, faz alusão ao uso da literatura como um ato político que visa dialogar com as populações das periferias urbanas brasileiras. Refere-se à construção de um discurso que pretende "ensinar" ou "ampliar" a capacidade crítica do público, por meio de textos com fundo moral e/ ou ético. (NASCIMENTO, 2009, p. 80). O que você pensa sobre essa afirmação? Você identifica um projeto estético-político-pedagógico e ideológico na Ecoativa ou nas demais produções culturais das periferias atualmente?
11. Por fim, agradeço a disposição em me ceder esta entrevista e por participar desta pesquisa. Fique à vontade para fazer suas considerações finais.

II – Modelos de entrevistas realizadas com o coletivo Imargem

A) Entrevista com Artista Plástico, Produtor Cultural e Integrante do Coletivos Ecoativa e fundador do Imargem.

1. Olá, tudo bem? Pra começar, gostaria de saber seu nome completo, idade, identificação racial, grau de escolarização, local de nascimento e que contasse também como foi seu trajeto até chegar na Ecoativa e no Imargem.
2. O que motivou você a participar da retomada da casa Ecoativa, em 2014? Aliás, me conte como foi esse processo.
3. Hoje há uma profusão sobre as nomenclaturas dadas aos atores/artistas/produtores culturais nas periferias, em especial no que tange aos grafiteiros. Com qual nomenclatura você se identifica? Grafiteiro ou artista plástico? E por quê?
4. Qual o panorama você faz da época em que era frequentador da Ecoativa, da época em que vocês retomaram a casa e das atividades recentes da Ecoativa, levando em conta o contexto político cultural do Grajaú?
5. Como a pandemia tem afetado as atividades da Ecoativa e do Imargem? Nos conte um pouco também sobre os princípios que norteiam as ações da Ecoativa e do Ateliê Imargem.
6. Em Janeiro de 2017, a gestão municipal de João Dória teve embates diretos com a produção cultural das periferias. Mauro, integrante do Imargem, foi uma das figuras da região do Grajaú que teve um episódio com a gestão do Prefeito João Dória. Como foi esse processo e como vocês da Ecoativa e do Imargem enfrentaram esse momento de recrudescimento à produção cultural das periferias por parte de tal gestão, na época?
7. Meses depois, Mauro participou da inauguração do Museu de Arte Urbana, um local criado pela prefeitura, onde os grafites poderiam ser realizados. Como foi esse processo? Houve alguma represália por parte de outros grafiteiros contrários a essa iniciativa? Você poderia nos dizer o que motivou a participação de Mauro?

8. Levando em conta a época em que você começou a atuar culturalmente na região do Grajaú, qual quadro você faz hoje da produção cultural desta região? E como você enxerga o empreendedorismo cultural periférico e suas questões?
9. É comum no meio cultural o debate entre arte e política. O que você pensa sobre esse tema? Ainda mais levando em conta que, no início dessa mobilização cultural nas periferias, em especial na literatura de escritores como Ferréz, Sérgio Vaz e Binho, além de todo o Rap/Hip Hop nacional da década de 90, a postura política era uma constante ao menos no discurso desses artistas.
10. Em junho de 2018, você e outros artistas/produtores culturais do Grajaú, estamparam a capa da Revista Veja São Paulo, cujo título era "Empreendedores Culturais do Grajaú". Como foi participar dessa matéria e o que lhe motivou na época? Quais foram os desdobramentos desse episódio?
11. O novo momento da produção cultural da periferia, onde a ideia do empreendedorismo tem se tornado mais forte, desde as produções culturais, como também na criação de comércios, turismo, alimentação saudável, moda, bares temáticos etc., tem levantado diversas questões. Uma delas, diz respeito à lógica do capitalismo colonial/neoliberal de individualizar os problemas, retirando o foco das desigualdades estruturais e tratando as mesmas como falta de esforço individual ante suas dificuldades. O que você pensa sobre isso? Você acha que dentro desta lógica há alguma possibilidade de emancipação para a população periférica, mesmo que a nível pessoal?
12. Nessa matéria da Veja, é citado que vocês fizeram algumas parcerias públicas e privadas na Ecoativa. Poderia nos dizer quais foram? E vocês tinham conhecimento da atuação dessas empresas na sociedade? E atualmente? A Ecoativa possui alguma parceria ou possui algum tipo de financiamento público ou privado?
13. Fique à vontade para fazer as considerações finais e muito obrigado pela entrevista!

B) Entrevista com indivíduo que acompanha as atividades do coletivo Imargem

1. Olá, tudo bem? Qual o seu nome completo, idade, formação escolar, como se identifica racialmente, qual seu gênero, onde nasceu e onde mora atualmente?

2. Você faz parte de algum coletivo cultural ou faz parte de algum movimento social? Ou desenvolve alguma ação cultural ou política a nível pessoal?
3. Qual seu envolvimento com a produção Cultural das Periferias, em especial, com o Sarau da Brasa? Como você conheceu esse grupo?
4. O que acha das ações desenvolvidas pelo Sarau da Brasa? Cite algumas ações que acompanhou/participou e o nos fale sobre o impacto das mesmas para você.
5. Qual a importância e o impacto da cultura e da cultura produzida nas periferias na sua vida?
6. Você acompanha a movimentação cultural das periferias atualmente? O que pensa sobre sua produção? Se possível, faça uma breve análise sobre o momento em que você se envolveu com a produção cultural das periferias até o momento atual, segundo seu entendimento.
7. Atualmente, diversas novas produções culturais e artísticas das periferias estão reivindicando para si a ideia de empreendedorismo cultural periférico. Ou seja, têm buscado viabilizar seus projetos como produtos dentro do mercado cultural. Geralmente, essa produção reivindica uma identidade periférica, negra e cultural como seus antecessores, mas, diferentemente de antes, tem mobilizado um discurso mais individual e de assimilação pelo mercado cultural, deixando de lado um aparente enfrentamento das desigualdades sociais, das quais esse mercado cultural também faz parte. Como você tem visto esse aspecto da produção cultural das periferias? Como você vê a ideia de empreendedorismo cultural negro-periférico?
8. Qual sua opinião sobre o empreendedorismo social, praticado por empresas, através de financiamentos de coletivos e produtores culturais nas periferias, além de programas culturais organizados por estas empresas?
9. Ainda sobre a relação aos financiamentos e parcerias das produções culturais das periferias, gostaria de propor uma reflexão a partir desse trecho de entrevista com um produtor cultural das periferias. Em relação às parcerias privadas ele fala: “Eu acho que todos os nossos sonhos foram possíveis graças às parcerias. É como eu disse, há coisas que dá pra você fazer sem dinheiro e há coisas que não dá para fazer sem dinheiro. E há coisas que dá pra fazer com dinheiro, mas sem a parceria não dá, existe uma parceria afetiva também. Na minha concepção, o Itaú não é só o prédio, não é só um banco, eu conheço as pessoas que estão lá, eu almoço com elas, eu bebo cerveja

com elas, então não é só a grana, então é uma parceria afetiva... assim como a gente já recusou outras parcerias, entendeu? Por incrível que pareça estamos facinho, mas não estamos muito facinho [risos] A gente recusou algumas propostas, eu já recusei propostas, eu poderia estar bem de vida já, poderia ser um cara bem de vida, não vou dizer rico, mas muito bem de vida, poderia ter optado por isso e talvez você poderia não estar falando aqui comigo, seria o preço a se pagar, mas essas parcerias nos honram, nenhuma delas me envergonha, eu tenho muito orgulho e eu sou muito grato."

10. A pesquisadora Érica Peçanha do Nascimento, num trabalho pioneiro sobre a literatura marginal periférica ao discorrer sobre uma afirmação do pesquisador Marco Zibordi, afirma que ""projeto pedagógico" da produção literária das periferias, faz alusão ao uso da literatura como um ato político que visa dialogar com as populações das periferias urbanas brasileiras. Refere-se à construção de um discurso que pretende "ensinar" ou "ampliar" a capacidade crítica do público, por meio de textos com fundo moral e/ ou ético. (NASCIMENTO, 2009, p. 80). O que você pensa sobre essa afirmação? Você identifica um projeto estético-político-pedagógico e ideológico na Ecoativa/Imargem ou nas demais produções culturais das periferias atualmente?
11. Por fim, agradeço a disposição em me ceder esta entrevista e por participar desta pesquisa. Fique à vontade para fazer suas considerações finais.

III – Modelo de entrevistas com o coletivo Perifatividade

A) Entrevista com fundador do Coletivo Perifatividade

1. E aí, tudo bem? Pra começar, gostaria de saber seu nome completo, idade, identificação racial, grau de escolarização, local de nascimento e que contasse também como foi sua trajetória, até chegar no Perifatividade
2. Desde a última vez em que conversamos, em 2016, algumas coisas mudaram no Perifatividade. Pode nos falar um pouco dessas mudanças? Quem está no coletivo atualmente? E vocês também mudaram de lugar, não? Como foi esse processo?
3. Hoje em dia é mais comum as pessoas que produzem cultura e arte nas periferias se entenderem como artistas, seja nas mais variadas formas. O Coletivo Perifatividade se entende como um coletivo de artistas também? E como é lidar com isso?

4. Qual o panorama você faz da produção cultural das periferias levando em conta o início do Perifatividade até os dias de hoje? O que você acredita que mudou? Tanto para melhor, como pior?
5. O que motivou você, juntamente com outras pessoas, a criar o Perifatividade, em 2010? E o que mudou ao longo desses 11 anos? Tanto ideologicamente, quanto nas práticas.
6. Em 2020, o Perifatividade foi contemplado mais uma vez com a lei de fomento às periferias, certo? Como foi pra vocês, serem contemplados com a lei mais uma vez? Que diferenças vocês perceberam da primeira para agora?
7. A Pandemia impactou diretamente a vida das pessoas que vivem nas periferias, em especial as famílias pobres e pretas. Desta forma, muitos coletivos culturais das periferias se mobilizaram em prestar alguma solidariedade a essas famílias, organizando arrecadação e distribuição de alimentos e afins. Como foi isso no Fundão do Ipiranga? O Perifatividade participou de atividades desse porte?
8. Como tem sido para você, ser um escritor, educador e ativista cultural em tempos de pandemia? E o que você tem lido ultimamente?
9. O Perifatividade, este ano, fez onze anos. Vocês vem de uma geração na produção cultural das periferias, onde o sarau era a principal atividade dos coletivos culturais das periferias. Acompanharam outras diversas manifestações culturais das periferias, que foram suas contemporâneas, como os coletivos audiovisuais de periferia, o funk e mais recentemente os Slams. Como você enxerga atualmente a produção cultural das periferias? Que balanço você faz dessa produção, do momento em que vocês começaram, até agora?
10. Como foram os preparativos para comemoração de onze anos, levando em conta que este foi um aniversário comemorado virtualmente, através de uma programação de três dias, mais a copa de letras?? Aliás, de onde surgiu a ideia da copa de letras? E como funciona?
11. Vocês são um coletivo que tem referências muito fortes no Rap/Hip Hop. É comum vocês afirmarem isso em muitos momentos. Qual o impacto disso no público que acompanha vocês? E qual o perfil do público que geralmente acompanha vocês?
12. A pesquisadora Érica Peçanha do Nascimento, num trabalho pioneiro sobre a literatura marginal periférica ao discorrer sobre uma afirmação do pesquisador Marco

Zibordi, afirma que ““projeto pedagógico” da produção literária das periferias, faz alusão ao uso da literatura como um ato político que visa dialogar com as populações das periferias urbanas brasileiras. Refere-se à construção de um discurso que pretende “ensinar” ou “ampliar” a capacidade crítica do público, por meio de textos com fundo moral e/ ou ético. (NASCIMENTO, 2009, p. 80). O que você pensa sobre essa afirmação? Você identifica um projeto estético-político-pedagógico e ideológico no Coletivo Poesia na Brasa e nas demais produções culturais das periferias atualmente?

13. É comum no meio cultural o debate entre arte e política. O que você pensa sobre esse tema? Ainda mais levando em conta que, no início dessa mobilização cultural nas periferias, em especial na literatura de escritores como Ferréz, Sérgio Vaz e Binho, além de todo o Rap/Hip Hop nacional da década de 90, a postura política era uma constante ao menos no discurso desses artistas?
14. Como você vê a questão dos financiamentos hoje, dentro da produção cultural das periferias? Digo, antes a produção cultural das periferias se limitava aos editais como o VAI, o Proac e afins, além de algumas parcerias com projetos da prefeitura ou de equipamentos culturais público-privados, como o Sesc. Já hoje, além de uma política pública como a Lei de Fomento às Periferias, também há uma diversidade de parcerias com empresas privadas e seus setores sociais ou ONGs, na maioria das vezes ligadas a estas empresas, dentro da produção cultural das periferias. Como vocês enxergam isso dentro do Perifatividade?
15. Atualmente, diversas novas produções culturais e artísticas das periferias estão atrelando suas propostas ao chamado empreendedorismo cultural periférico. Ou seja, têm buscado viabilizar seus projetos a partir de uma noção de mercantilização de suas produções, como um produto dentro do mercado cultural. Como em momentos anteriores, essa produção reivindica uma identidade periférica, negra e cultural específicas. Mas, diferentemente de antes, tem mobilizado mais fortemente um discurso estético individual, sobre empoderamento e representatividade, em busca de assimilação pelo mercado cultural, deixando de lado, aparentemente, o enfrentamento das desigualdades sociais, das quais esse mercado cultural também faz parte. Como vocês têm visto esse aspecto da produção cultural das periferias? A periferia virou uma marca que legitima a produção cultural e artística? Quais os impactos políticos disto?

16. O novo momento da produção cultural da periferia, onde a ideia do empreendedorismo tem se tornado mais forte, desde as produções culturais, como também na criação de comércios, turismo, alimentação saudável, moda, bares temáticos etc., tem levantado diversas questões. Uma delas, diz respeito à lógica do capitalismo colonial/neoliberal de individualizar os problemas, retirando o foco das desigualdades estruturais e tratando as mesmas como falta de esforço individual ante suas dificuldades. O que você pensa sobre isso? Você acha que dentro desta lógica há alguma possibilidade de emancipação para a população periférica, mesmo que a nível pessoal?
17. Ainda sobre a relação aos financiamentos e parcerias das produções culturais das periferias, gostaria de propor uma reflexão a partir desse trecho de entrevista com um produtor cultural das periferias. Em relação às parcerias privadas ele fala: "Eu acho que todos os nossos sonhos foram possíveis graças às parcerias. É como eu disse, há coisas que dá pra você fazer sem dinheiro e há coisas que não dá para fazer sem dinheiro. E há coisas que dá pra fazer com dinheiro, mas sem a parceria não dá, existe uma parceria afetiva também. Na minha concepção, o Itaú não é só o prédio, não é só um banco, eu conheço as pessoas que estão lá, eu almoço com elas, eu bebo cerveja com elas, então não é só a grana, então é uma parceria afetiva... assim como a gente já recusou outras parcerias, entendeu? Por incrível que pareça estamos facinho, mas não estamos muito facinho [risos] A gente recusou algumas propostas, eu já recusei propostas, eu poderia estar bem de vida já, poderia ser um cara bem de vida, não vou dizer rico, mas muito bem de vida, poderia ter optado por isso e talvez você poderia não estar falando aqui comigo, seria o preço a se pagar, mas essas parcerias nos honram, nenhuma delas me envergonha, eu tenho muito orgulho e eu sou muito grato."
18. Quais são os projetos futuros do Perifatividade?? Temos livros ou outras novidades vindo por aí?

B) Entrevista com novo integrante do Coletivo Perifatividade

1. Oi, tudo bem? Pra começar, gostaria que você se apresentasse, dizendo seu nome, idade, formação escolar, gênero, raça, onde nasceu e onde mora atualmente.
2. Como foi sua trajetória até chegar no Perifatividade? Você já acompanhava o grupo anteriormente?

3. Você faz ou fez parte de algum outro coletivo cultural ou movimento social? Fale um pouco sobre.
4. Como foi seu contato com a produção cultural das periferias?
5. O que lhe motivou a fazer parte do Perifatividade?
6. Como foi para você e para o Coletivo, terem sido contemplados com a Lei de fomento às Periferias no ano de 2020? Qual sua opinião sobre a Lei de Fomento às Periferias e demais políticas públicas voltadas para a cultura nas periferias? E os financiamentos privados, o que pensa sobre eles?
7. A Pandemia impactou diretamente a vida das pessoas que vivem nas periferias, em especial as famílias pobres e pretas. Desta forma, muitos coletivos culturais das periferias se mobilizaram em prestar alguma solidariedade a essas famílias, organizando arrecadação e distribuição de alimentos e afins. Como foi isso no Fundão do Ipiranga? O Perifatividade participou de atividades desse porte?
8. Como tem sido para você, ser uma ativista cultural em tempos de pandemia? E o que você tem lido, ultimamente?
9. O Perifatividade, este ano, fez onze anos. O coletivo vem de uma geração na produção cultural das periferias, onde o sarau era a principal atividade dos coletivos culturais das periferias. Acompanharam outras diversas manifestações culturais das periferias, que foram suas contemporâneas, como os coletivos audiovisuais de periferia, o funk e mais recentemente os Slams. Como você enxerga atualmente a produção cultural das periferias? Como é pra você, ter sido parte do público do Perifatividade e hoje fazer parte do coletivo? Como é estar presente como público e hoje acompanhar os debates e pensar as atividades do coletivo?
10. Como foram os preparativos para a comemoração de onze anos, levando em conta que este foi um aniversário comemorado virtualmente, através de uma programação de três dias, mais a copa de letras?? Aliás, de onde surgiu a ideia da copa de letras? E como funciona?
11. Vocês são um coletivo que tem referências muito fortes no Rap/Hip Hop. É comum vocês afirmarem isso em muitos momentos. Qual o impacto disso no público que acompanha vocês? E qual o perfil do público que geralmente acompanha vocês? Como você enxerga essa influência do Rap, que ainda é um espaço majoritariamente masculino, sendo uma mulher?
12. A pesquisadora Érica Peçanha do Nascimento, num trabalho pioneiro sobre a literatura marginal periférica ao discorrer sobre uma afirmação do pesquisador Marco Zibordi, afirma que ““projeto pedagógico” da produção literária das periferias, faz alusão ao uso

da literatura como um ato político que visa dialogar com as populações das periferias urbanas brasileiras. Refere-se à construção de um discurso que pretende "ensinar" ou "ampliar" a capacidade crítica do público, por meio de textos com fundo moral e/ ou ético. (NASCIMENTO, 2009, p. 80). O que você pensa sobre essa afirmação? Você identifica um projeto estético-político-pedagógico e ideológico no Coletivo Poesia na Brasa e nas demais produções culturais das periferias atualmente?

13. É comum no meio cultural o debate entre arte e política. O que você pensa sobre esse tema? Ainda mais levando em conta que, no início dessa mobilização cultural nas periferias, em especial na literatura de escritores como Ferréz, Sérgio Vaz e Binho, além de todo o Rap/Hip Hop nacional da década de 90, a postura política era uma constante ao menos no discurso desses artistas?
14. Como você vê a questão dos financiamentos hoje, dentro da produção cultural das periferias? Digo, antes a produção cultural das periferias se limitava aos editais como o VAI, o Proac e afins, além de algumas parcerias com projetos da prefeitura ou de equipamentos culturais público-privados, como o Sesc. Já hoje, além de uma política pública como a Lei de Fomento às Periferias, também há uma diversidade de parcerias com empresas privadas e seus setores sociais ou ONGs, na maioria das vezes ligadas a estas empresas, dentro da produção cultural das periferias. Como vocês enxergam isso dentro do Perifatividade?
15. Atualmente, diversas novas produções culturais e artísticas das periferias estão atrelando suas propostas ao chamado empreendedorismo cultural periférico. Ou seja, têm buscado viabilizar seus projetos a partir de uma noção de mercantilização de suas produções, como um produto dentro do mercado cultural. Como em momentos anteriores, essa produção reivindica uma identidade periférica, negra e cultural específicas. Mas, diferentemente de antes, tem mobilizado mais fortemente um discurso estético individual, sobre empoderamento e representatividade, em busca de assimilação pelo mercado cultural, deixando de lado, aparentemente, o enfrentamento das desigualdades sociais, das quais esse mercado cultural também faz parte. Como vocês têm visto esse aspecto da produção cultural das periferias? A periferia virou uma marca que legitima a produção cultural e artística? Quais os impactos políticos disto?
16. O novo momento da produção cultural da periferia, onde a ideia do empreendedorismo tem se tornado mais forte, desde as produções culturais, como também na criação de comércios, turismo, alimentação saudável, moda, bares temáticos e etc, tem levantado diversas questões. Uma delas, diz respeito à lógica do capitalismo colonial/neoliberal de individualizar os problemas, retirando o foco das desigualdades estruturais e tratando as

mesmas como falta de esforço individual ante suas dificuldades. O que você pensa sobre isso? Você acha que dentro desta lógica há alguma possibilidade de emancipação para a população periférica, mesmo que a nível pessoal?

17. Ainda sobre a relação aos financiamentos e parcerias das produções culturais das periferias, gostaria de propor uma reflexão a partir desse trecho de entrevista com um produtor cultural das periferias. Em relação às parcerias privadas ele fala: “Eu acho que todos os nossos sonhos foram possíveis graças às parcerias. É como eu disse, há coisas que dá pra você fazer sem dinheiro e há coisas que não dá para fazer sem dinheiro. E há coisas que dá pra fazer com dinheiro, mas sem a parceria não dá, existe uma parceria afetiva também. Na minha concepção, o Itaú não é só o prédio, não é só um banco, eu conheço as pessoas que estão lá, eu almoço com elas, eu bebo cerveja com elas, então não é só a grana, então é uma parceria afetiva... assim como a gente já recusou outras parcerias, entendeu? Por incrível que pareça estamos facinho, mas não estamos muito facinho [risos] A gente recusou algumas propostas, eu já recusei propostas, eu poderia estar bem de vida já, poderia ser um cara bem de vida, não vou dizer rico, mas muito bem de vida, poderia ter optado por isso e talvez você poderia não estar falando aqui comigo, seria o preço a se pagar, mas essas parcerias nos honram, nenhuma delas me envergonha, eu tenho muito orgulho e eu sou muito grato.”

18. Quais são os projetos futuros do Perifatividade?? Temos livros ou outras novidades vindo por aí?

C) Entrevista com integrante do público do Perifatividade

1. Olá, tudo bem? Qual o seu nome completo, idade, formação escolar, como se identifica racialmente, qual seu gênero, onde nasceu e onde mora atualmente?
2. Você faz parte de algum coletivo cultural ou faz parte de algum movimento social? Ou desenvolve alguma ação cultural ou política a nível pessoal?
3. Qual seu envolvimento com a produção Cultural das Periferias, em especial, com o Perifatividade? Como você conheceu esse grupo?
4. O que acha das ações desenvolvidas pelo Sarau da Brasa? Cite algumas ações que acompanhou/participou e o nos fale sobre o impacto das mesmas para você.
5. Qual a importância e o impacto da cultura e da cultura produzida nas periferias na sua vida?
6. O que você tem lido atualmente?
7. Você acompanha a movimentação cultural das periferias atualmente? O que pensa sobre sua produção? Se possível, faça uma breve análise sobre o momento em que

você se envolveu com a produção cultural das periferias até o momento atual, segundo seu entendimento.

8. Atualmente, diversas novas produções culturais e artísticas das periferias estão reivindicando para si a ideia de empreendedorismo cultural periférico. Ou seja, têm buscado viabilizar seus projetos como produtos dentro do mercado cultural. Geralmente, essa produção reivindica uma identidade periférica, negra e cultural como seus antecessores, mas, diferentemente de antes, tem mobilizado um discurso mais individual e de assimilação pelo mercado cultural, deixando de lado um aparente enfrentamento das desigualdades sociais, das quais esse mercado cultural também faz parte. Como você tem visto esse aspecto da produção cultural das periferias? Como você vê a ideia de empreendedorismo cultural negro-periférico?
9. Qual sua opinião sobre o empreendedorismo social, praticado por empresas, através de financiamentos de coletivos e produtores culturais nas periferias, além de programas culturais organizados por estas empresas?
10. Ainda sobre a relação aos financiamentos e parcerias das produções culturais das periferias, gostaria de propor uma reflexão a partir desse trecho de entrevista com um produtor cultural das periferias. Em relação às parcerias privadas ele fala: “Eu acho que todos os nossos sonhos foram possíveis graças às parcerias. É como eu disse, há coisas que dá pra você fazer sem dinheiro e há coisas que não dá para fazer sem dinheiro. E há coisas que dá pra fazer com dinheiro, mas sem a parceria não dá, existe uma parceria afetiva também. Na minha concepção, o Itaú não é só o prédio, não é só um banco, eu conheço as pessoas que estão lá, eu almoço com elas, eu bebo cerveja com elas, então não é só a grana, então é uma parceria afetiva... assim como a gente já recusou outras parcerias, entendeu? Por incrível que pareça estamos facinho, mas não estamos muito facinho [risos] A gente recusou algumas propostas, eu já recusei propostas, eu poderia estar bem de vida já, poderia ser um cara bem de vida, não vou dizer rico, mas muito bem de vida, poderia ter optado por isso e talvez você poderia não estar falando aqui comigo, seria o preço a se pagar, mas essas parcerias nos honram, nenhuma delas me envergonha, eu tenho muito orgulho e eu sou muito grato.”
11. A pesquisadora Érica Peçanha do Nascimento, num trabalho pioneiro sobre a literatura marginal periférica ao discorrer sobre uma afirmação do pesquisador Marco

Zibordi, afirma que ““projeto pedagógico” da produção literária das periferias, faz alusão ao uso da literatura como um ato político que visa dialogar com as populações das periferias urbanas brasileiras. Refere-se à construção de um discurso que pretende “ensinar” ou “ampliar” a capacidade crítica do público, por meio de textos com fundo moral e/ ou ético. (NASCIMENTO, 2009, p. 80). O que você pensa sobre essa afirmação? Você identifica um projeto estético-político-pedagógico e ideológico na Perifatividade ou nas demais produções culturais das periferias atualmente?

12. Por fim, agradeço a disposição em me ceder esta entrevista e por participar desta pesquisa. Fique à vontade para fazer suas considerações finais.

IV - Modelos de entrevistas realizadas com o coletivo Poesia na Brasa

A) Entrevista com fundador do coletivo Poesia na Brasa

1. Oi, tudo bem? Pra começar, gostaria que você se apresentasse, dizendo seu nome completo, escolaridade, como se identifica racialmente onde mora atualmente, e em que trabalha.

2. Desde a última vez em que conversamos, em 2016, algumas coisas mudaram no Coletivo Poesia na Brasa. Pode nos falar um pouco dessas mudanças? Quem está no coletivo atualmente?

3. Vocês também mudaram de local nesse meio tempo, não foi? Como foi esse processo de sair do Goiabeira’s bar e ir para a sede do Samba do Congo? Quais foram os impactos dessa mudança?

4. Vocês foram contemplados com a lei de fomento às periferias, em 2020, certo? Como foi esse processo? E o que você pode nos falar sobre a lei de Fomento às periferias? Como foi conseguir um financiamento público depois de tanto tempo?

5. E vocês acessaram esse financiamento público bem no ano da pandemia, certo? Como foi isso para vocês, de acessar o financiamento, com um projeto e, de repente, lidar com o isolamento e as demais questões da Covid? Como vocês lidaram com a questão da pandemia e a suspensão das atividades presenciais?

6. A Pandemia impactou diretamente a vida das pessoas que vivem nas periferias, em especial as famílias pobres e pretas. Desta forma, muitos coletivos culturais das periferias se mobilizaram em prestar alguma solidariedade a essas famílias,

organizando arrecadação e distribuição de alimentos e afins. Como foi isso na Vila Brasilândia? O Sarau da Brasa participou de atividades desse porte?

7. Como tem sido para você, Vagner, ser um escritor, educador e ativista cultural em tempos de pandemia?

8. O Coletivo Poesia na Brasa, este ano faz treze anos. Vocês vem de uma geração na produção cultural das periferias, onde o sarau era a principal atividade dos coletivos culturais das periferias. Acompanharam outras diversas manifestações culturais das periferias, que foram suas contemporâneas, como os coletivos audiovisuais de periferia, o funk e mais recentemente os Slams. Como você enxerga atualmente a produção cultural das periferias? Que balanço você faz dessa produção, do momento em que vocês começaram, até agora?

9. Como foram os preparativos para comemoração de treze anos, levando em conta que este foi o primeiro aniversário comemorado virtualmente, através de uma programação semanal?

10. A pesquisadora Érica Peçanha do Nascimento, num trabalho pioneiro sobre a literatura marginal periférica ao discorrer sobre uma afirmação do pesquisador Marco Zibordi, afirma que ""projeto pedagógico" da produção literária das periferias, faz alusão ao uso da literatura como um ato político que visa dialogar com as populações das periferias urbanas brasileiras. Refere-se à construção de um discurso que pretende "ensinar" ou "ampliar" a capacidade crítica do público, por meio de textos com fundo moral e/ ou ético. (NASCIMENTO, 2009, p. 80). O que você pensa sobre essa afirmação? Você identifica um projeto estético-político-pedagógico e ideológico no Coletivo Poesia na Brasa e nas demais produções culturais das periferias atualmente?

11. Nos últimos anos, vocês lançaram livros autorais de alguns autores do Sarau, como Chellmí, Sônia e você mesmo, Vagner - de modo autônomo. Este ano vocês voltaram a lançar uma antologia, depois de muito tempo. Por quê? Isso tem a ver com o financiamento público ou a falta dele?

12. Como você vê a questão dos financiamentos hoje, dentro da produção cultural das periferias? Digo, antes a produção cultural das periferias se limitava aos editais como o VAI, o Proac e afins, além de algumas parcerias com projetos da prefeitura ou de equipamentos culturais público-privados, como o Sesc. Já hoje, além de uma política pública como a Lei de Fomento às Periferias, também há uma diversidade de

parcerias com empresas privadas e seus setores sociais ou ONGs, na maioria das vezes ligadas a estas empresas, dentro da produção cultural das periferias. Como vocês enxergam isso, dentro do Coletivo Poesia na Brasa?

13. Atualmente, diversas novas produções culturais e artísticas das periferias estão atrelando suas propostas ao chamado empreendedorismo cultural periférico. Ou seja, têm buscado viabilizar seus projetos a partir de uma noção de mercantilização de suas produções, como um produto dentro do mercado cultural. Geralmente, essa produção reivindica uma identidade periférica, negra e cultural específicas e diferentemente de antes, tem mobilizado um discurso estético mais individual e de assimilação pelo mercado cultural, deixando de lado um aparente enfrentamento das desigualdades sociais, das quais esse mercado cultural também faz parte. Como vocês têm visto esse aspecto da produção cultural das periferias?

14. Ainda sobre a relação aos financiamentos e parcerias das produções culturais das periferias, gostaria de propor uma reflexão a partir desse trecho de entrevista com um produtor cultural das periferias. Em relação às parcerias privadas ele fala: "Eu acho que todos os nossos sonhos foram possíveis graças às parcerias. É como eu disse, há coisas que dá pra você fazer sem dinheiro e há coisas que não dá para fazer sem dinheiro. E há coisas que dá pra fazer com dinheiro, mas sem a parceria não dá, existe uma parceria afetiva também. Na minha concepção, o Itaú não é só o prédio, não é só um banco, eu conheço as pessoas que estão lá, eu almoço com elas, eu bebo cerveja com elas, então não é só a grana, então é uma parceria afetiva... assim como a gente já recusou outras parcerias, entendeu? Por incrível que pareça estamos facinho, mas não estamos muito facinho [risos] A gente recusou algumas propostas, eu já recusei propostas, eu poderia estar bem de vida já, poderia ser um cara bem de vida, não vou dizer rico, mas muito bem de vida, poderia ter optado por isso e talvez você poderia não estar falando aqui comigo, seria o preço a se pagar, mas essas parcerias nos honram, nenhuma delas me envergonha, eu tenho muito orgulho e eu sou muito grato."

15. Quais são os projetos futuros do Sarau da Brasa? Temos livros ou outras novidades vindo por aí?

B) Entrevista com educador, grafiteiro, escritor e integrante do coletivo Poesia na Brasa.

1. Oi, tudo bem? Para começar, gostaria que você se apresentasse, dizendo seu nome completo, escolaridade, onde mora atualmente, e em que trabalha.
2. Desde a última vez em que conversamos, em 2016, algumas coisas mudaram no Coletivo Poesia na Brasa. Pode nos falar um pouco dessas mudanças? Quem esta no coletivo atualmente?
3. Vocês também mudaram de local nesse meio tempo, não foi? Como foi esse processo de sair do Goiabeira's bar e ir para a sede do Samba do Congo? Quais foram os impactos dessa mudança?
4. Vocês foram contemplados com a lei de fomento às periferias, em 2020, certo? Como foi esse processo? E o que você pode nos falar sobre a lei de Fomento às periferias? Como foi conseguir um financiamento público depois de tanto tempo?
5. E vocês acessaram esse financiamento público bem no ano da pandemia, certo? Como foi isso para vocês, de acessar o financiamento, com um projeto e, de repente, lidar com o isolamento e as demais questões da Covid? Como vocês lidaram com a questão da pandemia e a suspensão das atividades presenciais?
6. A Pandemia impactou diretamente a vida das pessoas que vivem nas periferias, em especial as famílias pobres e pretas. Desta forma, muitos coletivos culturais das periferias se mobilizaram em prestar alguma solidariedade a essas famílias, organizando arrecadação e distribuição de alimentos e afins. Como foi isso na Vila Brasilândia? O Sarau da Brasa participou de atividades desse porte?
7. Como tem sido pra você, ser um escritor, produtor cultural e educador social nos tempos de pandemia?
8. Você foi um dos principais responsáveis pela safra de novos frequentadores do Sarau da Brasa, nos anos de 2014 até 2018, que foi quando fiquei acompanhando mais de perto as atividades de vocês. Muito disso se deve ao fato de você ter sido arte educador na fábrica de cultura da na Vila Brasilândia. Você ainda tem contato com essa molecada, para além do sarau da brasa?
9. O Coletivo Poesia na Brasa, este ano faz treze anos. Vocês vem de uma geração na produção cultural das periferias, onde o sarau era a principal atividade dos coletivos

culturais das periferias. Acompanharam outras diversas manifestações culturais das periferias, que foram suas contemporâneas, como os coletivos audiovisuais de periferia, o funk e mais recentemente os Slams. Como você enxerga atualmente a produção cultural das periferias? Que balanço você faz dessa produção, do momento em que vocês começaram, até agora?

10. Como foram os preparativos para a comemoração de treze anos, levando em conta que este foi o primeiro aniversário comemorado virtualmente, através de uma programação semanal?

11. A pesquisadora Érica Peçanha do Nascimento, num trabalho pioneiro sobre a literatura marginal periférica ao discorrer sobre uma afirmação do pesquisador Marco Zibordi, afirma que ""projeto pedagógico" da produção literária das periferias, faz alusão ao uso da literatura como um ato político que visa dialogar com as populações das periferias urbanas brasileiras. Refere-se à construção de um discurso que pretende "ensinar" ou "ampliar" a capacidade crítica do público, por meio de textos com fundo moral e/ ou ético. (NASCIMENTO, 2009, p. 80). O que você pensa sobre essa afirmação? Você identifica um projeto estético-político-pedagógico e ideológico no Coletivo Poesia na Brasa e nas demais produções culturais das periferias atualmente?

12. Nos últimos anos, vocês lançaram livros autorais de alguns autores do Sarau, como o seu mesmo, de modo autônomo. Este ano vocês voltaram a lançar uma antologia, depois de muito tempo. Por quê? Isso tem a ver com o financiamento público ou a falta dele?

13. Como você vê a questão dos financiamentos hoje, dentro da produção cultural das periferias? Anteriormente, a produção cultural das periferias se limitava aos editais como o VAI, o Proac e afins, além de algumas parcerias com projetos da prefeitura ou de equipamentos culturais público-privados, como o Sesc. Já hoje, além de uma política pública como a Lei de Fomento às Periferias, também há uma diversidade de parcerias com empresas privadas e seus setores sociais ou ONGs, na maioria das vezes ligadas a estas empresas, dentro da produção cultural das periferias. Como vocês enxergam isso, dentro do Coletivo Poesia na Brasa?

14. Atualmente, diversas novas produções culturais e artísticas das periferias estão reivindicando para si a ideia de empreendedorismo cultural periférico. Ou seja, têm buscado viabilizar seus projetos como produtos dentro do mercado cultural.

Geralmente, essa produção reivindica uma identidade periférica, negra e cultural como seus antecessores, mas, diferentemente de antes, tem mobilizado um discurso mais individual e de assimilação pelo mercado cultural, deixando de lado um aparente enfrentamento das desigualdades sociais, das quais esse mercado cultural também faz parte. Como vocês têm visto esse aspecto da produção cultural das periferias?

15. Ainda sobre a relação aos financiamentos e parcerias das produções culturais das periferias, gostaria de propor uma reflexão a partir desse trecho de entrevista com um produtor cultural das periferias. Em relação às parcerias privadas ele fala: "Eu acho que todos os nossos sonhos foram possíveis graças às parcerias. É como eu disse, há coisas que dá pra você fazer sem dinheiro e há coisas que não dá para fazer sem dinheiro. E há coisas que dá pra fazer com dinheiro, mas sem a parceria não dá, existe uma parceria afetiva também. Na minha concepção, o Itaú não é só o prédio, não é só um banco, eu conheço as pessoas que estão lá, eu almoço com elas, eu bebo cerveja com elas, então não é só a grana, então é uma parceria afetiva... assim como a gente já recusou outras parcerias, entendeu? Por incrível que pareça estamos facinho, mas não estamos muito facinho [risos] A gente recusou algumas propostas, eu já recusei propostas, eu poderia estar bem de vida já, poderia ser um cara bem de vida, não vou dizer rico, mas muito bem de vida, poderia ter optado por isso e talvez você poderia não estar falando aqui comigo, seria o preço a se pagar, mas essas parcerias nos honram, nenhuma delas me envergonha, eu tenho muito orgulho e eu sou muito grato."

16. Quais são os projetos futuros do Sarau da Brasa? Teremos novos livros ou outras novidades vindo por aí?

C) Entrevista com integrante do público do coletivo Poesia na Brasa

1. Olá, tudo bem? Qual o seu nome completo, idade, formação escolar, como se identifica racialmente, qual seu gênero, onde nasceu e onde mora atualmente?

2. Você faz parte de algum coletivo cultural ou faz parte de algum movimento social? Ou desenvolve alguma ação cultural ou política a nível pessoal?

3. Qual seu envolvimento com a produção Cultural das Periferias, em especial, com o Sarau da Brasa? Como você conheceu esse grupo?

4. O que acha das ações desenvolvidas por este grupo? Cite algumas ações que acompanhou/participou e o nos fale sobre o impacto das mesmas para você.
5. Qual a importância e o impacto da cultura e da cultura produzida nas periferias na sua vida?
6. Você acompanha a movimentação cultural das periferias atualmente? O que pensa sobre sua produção? Se possível, faça uma breve análise sobre o momento em que você tomou conhecimento sobre a produção cultural das periferias até o momento atual, segundo sua visão.
7. Atualmente, diversas novas produções culturais e artísticas das periferias estão reivindicando para si a ideia de empreendedorismo cultural periférico. Ou seja, têm buscado viabilizar seus projetos como produtos dentro do mercado cultural. Geralmente, essa produção reivindica uma identidade periférica, negra e cultural como seus antecessores, mas, diferentemente de antes, tem mobilizado um discurso mais individual e de assimilação pelo mercado cultural, deixando de lado um aparente enfrentamento das desigualdades sociais, das quais esse mercado cultural também faz parte. Como vocês têm visto esse aspecto da produção cultural das periferias? Como você vê a ideia de empreendedorismo cultural negro-periférico? E qual sua opinião sobre o empreendedorismo social, praticado por empresas, através de financiamentos de coletivos e produtores culturais nas periferias, além de programas culturais organizados por estas empresas?
8. Ainda sobre a relação aos financiamentos e parcerias das produções culturais das periferias, gostaria de propor uma reflexão a partir desse trecho de entrevista com um produtor cultural das periferias. Em relação às parcerias privadas ele fala: “Eu acho que todos os nossos sonhos foram possíveis graças às parcerias. É como eu disse, há coisas que dá pra você fazer sem dinheiro e há coisas que não dá para fazer sem dinheiro. E há coisas que dá pra fazer com dinheiro, mas sem a parceria não dá, existe uma parceria afetiva também. Na minha concepção, o Itaú não é só o prédio, não é só um banco, eu conheço as pessoas que estão lá, eu almoço com elas, eu bebo cerveja com elas, então não é só a grana, então é uma parceria afetiva... assim como a gente já recusou outras parcerias, entendeu? Por incrível que pareça estamos facinho, mas não estamos muito facinho [risos] A gente recusou algumas propostas, eu já recusei propostas, eu poderia estar bem de vida já, poderia ser um cara bem de vida, não vou

dizer rico, mas muito bem de vida, poderia ter optado por isso e talvez você poderia não estar falando aqui comigo, seria o preço a se pagar, mas essas parcerias nos honram, nenhuma delas me envergonha, eu tenho muito orgulho e eu sou muito grato."

9. A pesquisadora Érica Peçanha do Nascimento, num trabalho pioneiro sobre a literatura marginal periférica ao discorrer sobre uma afirmação do pesquisador Marco Zibordi, afirma que ""projeto pedagógico" da produção literária das periferias, faz alusão ao uso da literatura como um ato político que visa dialogar com as populações das periferias urbanas brasileiras. Refere-se à construção de um discurso que pretende "ensinar" ou "ampliar" a capacidade crítica do público, por meio de textos com fundo moral e/ ou ético. (NASCIMENTO, 2009, p. 80). O que você pensa sobre essa afirmação? Você identifica um projeto estético-político-pedagógico e ideológico no Sarau da Brasa ou nas demais produções culturais das periferias atualmente?

10. Por fim, agradeço a disposição em me ceder esta entrevista e por participar desta pesquisa. Fique à vontade para fazer suas considerações finais.